
LAUREN
OLIVER
DELIRIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LAUREN OLIVER

DELÍRIO

Tradução de Rita Sussekind








You
Tube




intrínseca

Para todas as pessoas que no passado me infectaram com amor deliria nervosa — *vocês sabem quem são.*

Para as pessoas que me infectarão no futuro — mal posso esperar para ver quem serão.

E em ambos os casos:

Obrigada.

um

As doenças mais perigosas são aquelas que nos fazem pensar que estamos bem.

— Provérbio 42, *Shhh.*

Há sessenta e quatro anos o presidente e o Consórcio identificaram o amor como uma doença, e faz quarenta e três anos que os cientistas descobriram uma cura. Todas as outras pessoas de minha família já passaram pela intervenção. Minha irmã mais velha, Rachel, está livre da doença há nove anos. Está protegida do amor há tanto tempo que diz que nem consegue se lembrar dos sintomas. Minha intervenção está agendada para daqui a exatos noventa e cinco dias: três de setembro. Meu aniversário.

Muitas pessoas temem a intervenção. Algumas até resistem. Mas eu não estou com medo. Mal posso esperar. Faria amanhã, se pudesse, mas é preciso completar dezoito anos, às vezes um pouco mais, antes de ser curado pelos cientistas. Do contrário, a intervenção não funciona corretamente: as pessoas acabam sofrendo danos cerebrais, paralisia parcial, cegueira ou consequências piores.

Não gosto de pensar que continuo andando por aí com a doença em meu sangue. Às vezes sou capaz de jurar que posso senti-la se movendo por minhas veias como algo estragado, tipo leite azedo. Isso faz com que me sinta suja, me faz pensar em crianças pirracentas, em resistência, em meninas doentes raspando o chão com as unhas, arrancando os cabelos, babando.

E, é claro, faz com que eu me lembre de minha mãe.

Depois da intervenção, ficarei feliz e segura para sempre. É o que todos dizem: os cientistas, minha irmã e tia Carol. Passarei por esse procedimento e em seguida serei pareada a um menino que os avaliadores escolherão para mim. Em alguns anos, nós nos casaremos. Recentemente comecei a sonhar com a cerimônia. Estou sob uma tenda branca, usando flores nos cabelos. Estou de mãos dadas com alguém, mas, sempre que me viro para olhar, seu rosto fica embaçado, como se estivesse fora de foco, e não consigo distinguir seus traços. Mas suas mãos estão frias e secas, e meu coração bate compassado no peito — e no sonho eu sei que ele sempre vai bater nesse ritmo, sem falhar, saltar, girar ou acelerar; apenas *tum*, *tum*, *tum*, até que eu morra.

Segura e livre de dor.

Nem sempre tudo foi bom como é agora. Na escola, aprendemos que antigamente, nos tempos sombrios, as pessoas não percebiam quão mortal era a doença do amor. Durante muito tempo ela era inclusive encarada como um sentimento *bom*, a ser celebrado e buscado. Claro que essa é uma das razões que o tornam tão perigoso: *afeta nossa mente, impedindo-nos de pensar com clareza ou tomar decisões racionais sobre nosso próprio bem-estar*

(esse é o sintoma número doze, listado na seção "Amor deliria nervosa" da décima segunda edição da *Suma de hábitos, higiene e harmonia*, ou *Shhh*, como a chamamos). Naquela época, as pessoas identificaram outras doenças, como estresse, problemas cardíacos, ansiedade, depressão, hipertensão, insônia, transtorno bipolar, sem perceber que eram, na verdade, apenas sintomas que, na maioria dos casos, resultavam do *amor deliria nervosa*.

É claro que ainda não estamos completamente livres do *deliria* nos Estados Unidos. Até que a intervenção seja aperfeiçoada, até que seja segura para menores de dezoito anos, jamais estaremos totalmente protegidos. A doença ainda ronda, sufocando-nos com vastos tentáculos invisíveis. Já vi inúmeras pessoas não curadas sendo arrastadas para a intervenção, tão torturadas e devastadas pelo amor que prefeririam arrancar os próprios olhos ou se atirar no arame farpado que cerca o laboratório a ficar sem ele.

Há muitos anos, no dia de sua intervenção, uma menina conseguiu se soltar das amarras e chegar ao telhado do laboratório. Atirou-se de lá rapidamente, sem gritar. Durante dias após o ocorrido a imagem de seu rosto foi exibida para nos lembrar dos perigos do *deliria*. Seus olhos estavam abertos, e o pescoço, retorcido em um ângulo anormal, mas, pelo jeito como a bochecha estava apoiada na calçada, dava para pensar que ela se deitara para tirar um cochilo. Surpreendentemente, havia bem pouco sangue — apenas um fio escuro escorrendo dos cantos da boca.

Noventa e cinco dias, e então estarei segura. Estou nervosa, é claro. Fico imaginando se a intervenção vai doer. Quero acabar logo com isso. É difícil ter paciência. É difícil não sentir medo sabendo que ainda não fui curada, apesar de até agora eu não ter sido acometida pelo *deliria*.

Mesmo assim me preocupo. Dizem que antigamente o amor levava as pessoas à loucura. Isso é ruim o bastante. A *Shhh* também conta histórias sobre aqueles que morreram por causa de amores perdidos ou nunca encontrados, e isso é o que mais me assusta.

É o mais mortal entre todos os males: você pode morrer de amor ou da falta dele.

dois

Devemos estar sempre em guarda contra a doença; a saúde de nossa nação, de nosso povo, de nossas famílias e de nossas mentes depende de vigilância constante.

— "Medidas básicas de saúde", *Shhh*, 12ª edição.

O cheiro de laranja sempre me fez pensar em funerais. Na manhã de minha avaliação, é esse o cheiro que me acorda. Olho para o relógio na mesinha de cabeceira. São seis horas.

A luz está cinzenta, o brilho do sol se intensificando nas paredes do quarto que divido com as duas filhas de minha prima Marcia. Grace, a mais nova, está sentada em sua bicama e, já vestida, me observa. Tem uma laranja inteira em uma das mãos. Está tentando mordê-la, como se fosse uma maçã, com seus dentinhos infantis. Meu estômago se revira, e preciso fechar os olhos novamente para afastar as lembranças do vestido quente e desconfortável que fui forçada a usar quando minha mãe morreu, do murmúrio de vozes e da mão grande e áspera me passando laranjas e mais laranjas para chupar, a fim de que eu ficasse quieta. Comi quatro laranjas no enterro, pedaço por pedaço, e quando sobrou apenas um montinho de cascas em meu colo comecei a chupá-las também, usando o gosto amargo para ajudar a afastar as lágrimas.

Abro os olhos e Grace se inclina para a frente, com a laranja acomodada na mão estendida.

— Não, Gracie. — Empurro as cobertas e me levanto. Meu estômago está se fechando e se abrindo como um punho. — Não é para comer a casca, sabia?

Ela continua piscando para mim, com seus grandes olhos cinzentos, sem dizer nada. Suspiro e me sento a seu lado.

— Aqui — digo.

Mostro como descascar a fruta com a unha, desenrolando espirais de um tom alaranjado vivo e deixando-as cair no colo de Grace, enquanto tento prender a respiração para não sentir o cheiro. Ela me observa em silêncio. Quando termino, ela segura a laranja descascada com as duas mãos, como se fosse uma bola de vidro que temesse quebrar.

Eu a cutuco.

— Vá em frente. Pode comer agora. — Ela simplesmente encara a laranja. Eu suspiro e começo a separar os gomos para ela, um a um. Enquanto isso, sussurro no tom mais gentil possível: — Sabe, as outras pessoas seriam mais legais com você se você falasse às vezes.

Ela não responde. Não que eu realmente esperasse uma resposta. Minha tia Carol

nunca a ouviu falar uma palavra sequer em todos os seus seis anos e três meses de vida — nem uma única sílaba. Carol acha que há algo errado com o cérebro dela, mas os médicos ainda não encontraram nada.

Ela é burra como uma porta, afirmou Carol categoricamente outro dia, observando Grace virar diversas vezes um bloco colorido nas mãos, como se fosse algo lindo e milagroso, como se esperasse que de repente ele se transformasse em outra coisa.

Levanto-me e caminho em direção à janela, afastando-me de Grace, de seus olhos grandes que me encaram e de seus dedos finos e ágeis. Sinto pena dela.

Marcia, mãe de Grace, está morta. Ela sempre disse que nunca quis ter filhos. É um dos pontos negativos da intervenção; na ausência do *delíria nervosa*, algumas pessoas acham de mau gosto ter filhos. Por sorte, são poucos os casos de distanciamento completo — em que uma mãe ou um pai não consegue estabelecer um vínculo *normal*, *apropriado* e *responsável* com os filhos e acaba afogando-os, sufocando-os ou espancando-os até a morte quando choram.

Mas foi dois o número de filhos que os avaliadores decidiram para Marcia. Na época, pareceu uma boa escolha. Sua família havia obtido altos índices de estabilidade na análise anual. O marido, cientista, era muito respeitado. Eles moravam em uma casa enorme na rua Winter. Marcia preparava todas as refeições e dava aulas de piano para ocupar o tempo livre.

Mas, quando surgiu a suspeita de que o marido de Marcia era um simpatizante, é claro que tudo mudou. Ela e as filhas, Jenny e Grace, foram obrigadas a se mudar de volta para a casa da mãe de Marcia, minha tia Carol, e aonde quer que fossem as pessoas sussurravam e apontavam para elas. Grace não se lembra disso, é claro; eu me surpreenderia se ela tivesse qualquer lembrança dos pais.

O marido de Marcia desapareceu antes do julgamento. Provavelmente, foi uma coisa boa. Os julgamentos servem mais para manter as aparências. Simpatizantes quase sempre são executados. Quando não, ficam trancados nas Criptas para cumprir três sentenças consecutivas de prisão perpétua. Marcia sabia disso, é claro. Tia Carol acha que foi por isso que seu coração parou apenas alguns meses após o desaparecimento do marido, quando ela foi acusada no lugar dele. Um dia depois de receber a intimação, ela estava caminhando pela rua e *pá!* Um ataque cardíaco.

Corações são frágeis. Por isso é preciso ser tão cuidadoso.

Hoje o dia será quente, posso perceber. Já está quente no quarto e, quando abro a janela para deixar sair o cheiro de laranja, o ar lá fora parece denso e pesado como uma língua. Respiro fundo, inalando o aroma limpo de algas e de madeira úmida, ouvindo os gritos distantes das gaivotas voando em círculos infinitos sobre a baía, em algum lugar além dos prédios baixos, cinzentos e oblíquos. Na rua, o motor de um carro é ligado. O ruído me assusta e dou um pulo.

— Nervosa com a avaliação?

Eu me viro. Tia Carol está na porta do quarto, com as mãos unidas e os dedos cruzados.

— Não — respondo, apesar de ser mentira.

Ela sorri discretamente, apenas algo breve e efêmero.

— Não se preocupe. Vai ficar tudo bem. Tome banho e depois eu ajudo a pentear seu cabelo. Podemos revisar suas respostas no caminho.

— Tudo bem.

Minha tia continua me encarando. Eu me sinto pouco à vontade, e cravo as unhas no parapeito atrás de mim. Sempre detestei que me olhassem. Obviamente, precisarei me acostumar. Durante o exame, quatro avaliadores passarão quase duas horas me encarando. Vestirei uma camisola fina de plástico meio transparente, como aquelas usadas em hospitais, para que possam ver meu corpo.

— Sete ou oito, eu diria — diz minha tia, torcendo os lábios. É uma nota satisfatória, e eu ficaria feliz com ela. — Mas você não receberá mais que seis se não se arrumar.

O último ano de escola está quase acabando, e a avaliação será minha prova final. Nesses últimos quatro meses fiz todos os meus testes curriculares — matemática, ciências, avaliações orais e escritas, sociologia, psicologia e fotografia (uma eletiva de especialização) — e devo receber os resultados nas próximas semanas. Tenho bastante certeza de que fui bem o suficiente para ser encaminhada para uma universidade. Sempre fui uma aluna razoável. Os assessores acadêmicos vão analisar minhas qualidades e fraquezas e me encaminharão a uma faculdade para uma formação.

A avaliação é o último passo para que eu seja pareada. Nos meses seguintes, os avaliadores me enviarão uma lista de quatro ou cinco compatibilidades aprovadas. Um deles se tornará meu marido depois que eu me formar. (Presumindo que eu obtenha aprovação em todas as disciplinas. Garotas que não passam para a universidade são pareadas e se casam logo após o ensino médio.) Os avaliadores farão o possível para me vincular a pessoas com resultados semelhantes nas avaliações. Eles tentam ao máximo evitar grandes disparidades em inteligência, temperamento, condição social e idade. É claro que de vez em quando ouvimos histórias assustadoras: casos em que uma menina pobre de dezoito anos é dada a um homem rico de oitenta.

As escadas soltam seu gemido desagradável, e a irmã de Grace, Jenny, aparece. Ela tem nove anos e é alta para a idade, mas muito magra: ossuda, com o peito para dentro, como um tabuleiro deformado. É horrível dizer isso, mas não gosto muito dela. Jenny tem a mesma aparência pálida e cansada da mãe.

Ela se junta à minha tia na porta e me encara. Tenho apenas um metro e cinquenta e oito, e Jenny, por incrível que pareça, é apenas alguns centímetros mais baixa que eu. É uma bobagem me sentir insegura na frente de minha tia e de minhas primas, mas um formigamento sobe por meus braços. Sei que todas estão preocupadas com meu desempenho na avaliação. É fundamental que eu seja pareada com alguém bom. Jenny e Grace ainda estão a anos de distância das respectivas intervenções. Se eu me casar bem, isso significará mais dinheiro para a família daqui a alguns anos. Também pode fazer com que os murmúrios cessem; suspiros fragmentados que quatro anos após o

escândalo ainda parecem nos perseguir onde quer que estejamos, como o ruído de folhas sendo levadas pelo vento: *Simpatizante. Simpatizante. Simpatizante.*

É apenas ligeiramente melhor que outra palavra que me seguiu durante anos após a morte de minha mãe, um sibilo como o de uma cobra, ondulando, deixando seu rastro de veneno: *Suicídio*. Uma palavra furtiva, uma palavra que as pessoas sussurram, resmungam e tossem: uma palavra que deve ser espremida entre mãos em concha ou murmurada atrás de portas fechadas. Apenas em meus sonhos eu a escutava sendo gritada, berrada.

Respiro fundo, e então me abaixo e puxo a caixa plástica sob minha cama para que minha tia não me veja tremendo.

— Lena vai se casar hoje? — Jenny pergunta à minha tia. Sua voz sempre me lembrou abelhas zumbindo no calor.

— Não seja burra — diz minha tia, mas sem irritação. — Você sabe que ela não pode se casar até que esteja curada.

Tiro minha toalha da caixa e me ajeito. Aquela palavra — *casar-se* — faz minha boca secar. Todos se casam assim que concluem sua educação. É como funciona. "Casamento é Ordem e Estabilidade, a marca de uma sociedade Saudável." (Ver a *Shhh* "Bases da sociedade", p. 114.) Pensar nisso, no entanto, faz meu coração se agitar freneticamente como um inseto atrás de um vidro. Nunca toquei em um garoto, obviamente — o contato físico entre não curados de sexo oposto é proibido. Para falar a verdade, nunca conversei com um garoto por mais de cinco minutos, a não ser que eu considere meus primos, meu tio e Andrew Marcus, que ajuda meu tio na loja Stop-N-Save e vive enfiando o dedo no nariz e limpando-o na parte de baixo das latas de legumes.

E, se não for aprovada nas disciplinas — *por favor, Deus, por favor, Deus, permita que eu passe* —, eu me casarei assim que for curada, em menos de três meses. O que significa que terei minha *noite* de núpcias.

O cheiro de laranja continua forte, e meu estômago se revira outra vez. Enterro o rosto na toalha e respiro fundo, esforçando-me para não passar mal.

Lá embaixo, ouço o barulho de louças. Minha tia suspira e olha para o relógio.

— Precisamos sair em menos de uma hora — diz. — É melhor você se apressar.

três

Senhor, ajudai-nos a firmar nossos pés na terra
E nossos olhos na estrada
E a nos lembrar sempre dos anjos caídos
Que, tentando voar,
Foram queimados pelo sol e, com as asas derretidas,
Caíram no mar.
Senhor, ajudai-me a firmar meus olhos na terra
E a manter meus olhos na estrada
Para que eu nunca tropece.

— Salmo 24, "Oração e estudo", *Shhh.*

Minha tia insiste em me acompanhar aos laboratórios, que, como todos os escritórios do governo, ficam aglomerados nos cais: um cordão de prédios brancos e luminosos, brilhando como dentes ao redor da barulhenta boca do oceano. Quando eu era pequena e me mudei para sua casa, ela costumava me levar à escola todos os dias. Minha mãe, minha irmã e eu morávamos mais perto da fronteira, e eu fiquei fascinada e assustada com as ruas sinuosas e escuras, que cheiravam a lixo e a peixe podre. Sempre desejei que minha tia segurasse minha mão, mas ela nunca o fez; então, cerrei os punhos e segui o ruído hipnótico de sua calça de veludo, morrendo de medo do instante em que a Academia para Meninas St. Anne surgiria no alto da última colina — o prédio de pedras escuras cheio de fissuras e rachaduras, como o rosto envelhecido dos pescadores que trabalham nas docas.

É incrível como as coisas mudam. Naquela época, eu morria de medo das ruas de Portland e não queria me afastar de minha tia. Agora, conheço-as tão bem que poderia seguir suas ladeiras e curvas com os olhos fechados, e o que mais quero é ficar sozinha. Sinto o cheiro do oceano, mesmo que ele esteja escondido pelas ruas sinuosas, e isso me faz relaxar. O sal que vem do mar deixa o ar pesado e consistente.

— Lembre-se — diz ela, pela milésima vez —, eles querem conhecer sua personalidade, sim, porém, quanto mais genéricas forem suas respostas, mais chance você terá de ser considerada para uma variedade de ocupações.

Minha tia sempre se referiu a casamentos com termos retirados da *Shhh*, palavras como *dever*, *responsabilidade* e *perseverança*.

— Entendi — respondo.

Um ônibus passa por nós. O brasão da Academia St. Anne está estampado na lateral, o que me faz abaixar a cabeça rapidamente, imaginando Cara McNamara ou Hillary Packer me encarando através das janelas imundas, rindo e apontando para mim. Todos

sabem que minha avaliação é hoje. São apenas quatro por ano, e as vagas são determinadas com muita antecedência.

A maquiagem que tia Carol insistiu para que eu usasse faz minha pele parecer revestida e suave. No espelho do banheiro de casa, achei que eu parecia um peixe, principalmente com meu cabelo preso com pregadores e presilhas metálicas: um peixe com ganchos de metal na cabeça.

Não gosto de maquiagem e nunca me interessei por roupas ou por *gloss* labial. Minha melhor amiga, Hana, acha que sou louca, mas é claro que ela *acharia*. Ela é absolutamente linda — mesmo quando seu cabelo louro está apenas preso em um coque bagunçado, parece que ela acabou de voltar do salão. Não sou feia, mas também não sou bonita. Tudo é um meio-termo. Tenho olhos que não são verdes nem castanhos, mas uma mistura. Não sou magra, mas também não sou gorda. A única característica que definitivamente pode ser dita sobre mim é a seguinte: sou baixa.

— Se perguntarem, Deus queira que não, sobre seus primos, lembre-se de dizer que não os conhecia bem…

— Aham.

Não estou prestando muita atenção. Está quente, quente demais para junho, e já estou transpirando nas costas e nas axilas, apesar de ter passado uma quantidade generosa de desodorante pela manhã. À nossa direita está a baía Casco, encurralada pelas ilhas Peaks e Great Diamond, onde ficam as torres de vigilância. Depois delas, há o oceano — e, depois *desse*, todos os países e cidades decadentes arruinados pela doença.

— Lena? Você está me ouvindo?

Carol põe uma das mãos em meu braço e me vira de frente para ela.

— Azul — repito automaticamente para ela. — Azul é minha cor preferida. Ou verde.

Preto é mórbido demais, vermelho vai inquietá-los, cor-de-rosa é muito infantil, laranja é extravagante.

— E as atividades que você gosta de fazer em seu tempo livre?

Gentilmente me livro das garras dela.

— Já falamos a esse respeito.

— Isso é importante, Lena. Hoje talvez seja o dia mais importante de sua vida.

Suspiro. Diante de mim, os portões que cercam os laboratórios do governo se abrem lentamente com um ruído mecânico. Há duas filas se formando: de um lado, as meninas, e a quinze metros, em uma segunda entrada, os meninos. Estreito os olhos por causa do sol, tentando reconhecer as pessoas, mas o reflexo no oceano me cegou e minha visão está cheia de pontos pretos.

— Lena? — minha tia chama minha atenção.

Respiro fundo e me lanço na lenga-lenga que ensaiamos um bilhão de vezes.

— Gosto de trabalhar no jornal da escola. Eu me interesso por fotografia porque gosto da maneira como ela captura e preserva um momento específico. Gosto de me divertir com meus amigos e ir a shows no parque Deering Oaks. Gosto de correr e fui

cocapitã do time de corrida durante dois anos. É meu o recorde da escola na corrida de cinco quilômetros. Normalmente cuido dos mais novos de minha família e adoro crianças.

— Você está fazendo uma careta — diz minha tia.

— Eu amo crianças — repito, engessando um sorriso no rosto.

A verdade é que não gosto de muitas crianças além de Grace. Elas são muito instáveis e *barulhentas* o tempo todo, e estão sempre pegando coisas, babando e se molhando. Mas sei que terei filhos um dia.

— Melhorou — diz Carol. — Continue.

— Minhas matérias preferidas são matemática e história — concluo.

Ela assente, satisfeita.

— Lena!

Viro-me. Hana está saltando do carro dos pais — seu cabelo louro voa em mechas e ondas ao redor do rosto e sua túnica escorrega, deixando à mostra um dos ombros bronzeados. Todos os meninos e meninas enfileirados para entrar nos laboratórios se voltam para vê-la. Hana exerce esse tipo de poder sobre as pessoas.

— Lena! Espere!

Hana corre pela rua, acenando freneticamente para mim. Atrás dela, o carro começa uma manobra lenta: para trás e para a frente, para trás e para a frente, na rua estreita, até tomar a direção oposta. O carro dos pais de Hana é tão polido e escuro quanto uma pantera. Nas poucas vezes em que andamos nele, eu me senti uma princesa. Quase ninguém tem carro, e menos ainda carros que de fato *andam*. O combustível é estritamente racionado e extremamente caro. Algumas pessoas de classe média mantêm carros parados na frente de casa como estátuas, sem vida e sem utilidade, com pneus novinhos e impecáveis.

— Oi, Carol — diz Hana sem fôlego, alcançando-nos. Uma revista cai da bolsa meio aberta e ela se inclina para pegá-la. É uma das publicações do governo, *Casa e Família*, e, em resposta a minhas sobrancelhas erguidas, ela faz uma careta. — Minha mãe me obrigou a trazer. Ela disse que devo ler enquanto espero a avaliação. E que isso vai transmitir a impressão certa.

Hana enfia o dedo na boca e finge que vai vomitar.

— Hana — sussurra minha tia em tom sério.

A ansiedade em sua voz faz meu coração saltar. Carol raramente se irrita, nem mesmo por um minuto. Ela vira a cabeça de um lado para o outro, como se esperasse encontrar reguladores e avaliadores escondidos em plena luz do dia.

— Não se preocupe. Não estão nos espionando — diz Hana, e se vira de costas para minha tia e move os lábios para mim como se dissesse "ainda". Em seguida, ela sorri.

À nossa frente, as filas de meninas e meninos aumentam, invadindo a rua, ao mesmo tempo que as portas de vidro do laboratório se abrem e diversas enfermeiras aparecem trazendo pranchetas e chamando as pessoas para as salas de espera. Minha tia coloca gentilmente uma das mãos em meu ombro, rápida como um passarinho.

— É melhor você entrar na fila — diz ela. Sua voz voltou ao normal. Queria que parte de sua calma passasse para mim. — E, Lena?

— Oi?

Não me sinto muito bem. O laboratório parece distante, tão branco que mal aguento olhar para ele, e o chão quente brilha à nossa frente. As palavras *dia mais importante de sua vida* se repetem em minha cabeça. O sol parece um holofote gigante.

— Boa sorte.

Minha tia mostra seu sorriso de um milésimo de segundo.

— Obrigada.

Gostaria que Carol dissesse mais alguma coisa, como *tenho certeza de que vai se sair bem* ou *tente não se preocupar*, mas ela simplesmente fica ali, piscando, seu rosto firme e ilegível como sempre.

— Não se preocupe, Sra. Tiddle. — Hana pisca para mim. — Cuidarei para que ela não se saia muito mal. Prometo.

Todo o meu nervosismo se dissipa. Hana está relaxada em relação a tudo, bem indiferente e normal.

Hana e eu caminhamos para o laboratório. Hana tem quase um metro e setenta e cinco. Quando caminho ao lado dela, preciso saltitar a cada dois passos para acompanhá-la, e acabo me sentindo como um pato subindo e descendo na água. Hoje, porém, isso não me incomoda. Fico feliz com ela aqui comigo. Se Hana não tivesse vindo, eu estaria péssima.

— Meu Deus — diz ela enquanto nos aproximamos das filas. — Sua tia leva tudo isso muito a sério, hein?

— Bem, tudo isso *é* sério.

Alcançamos o fim da fila. Reconheço algumas pessoas: umas garotas vagamente familiares da escola e uns garotos que vi jogando futebol atrás do Spencer, um dos colégios particulares para meninos. Um dos garotos olha em minha direção e me flagra encarando-o. Ele ergue as sobrancelhas, e eu desvio o olhar para baixo rapidamente, meu rosto esquentando de repente e uma coceira nervosa atingindo minha barriga. *Você terá um par em menos de três meses*, digo a mim mesma, mas as palavras nada significam e parecem ridículas, como um dos jogos com palavras que fazíamos quando éramos crianças e que sempre resultavam em frases sem sentido: *Quero bananas para barco. Dê meu sapato molhado para seu bolo com bolhas.*

— É, eu sei. Acredite, li a *Shhh* tanto quanto qualquer um. — Hana levanta os óculos escuros até a testa, pisca para mim e repete em um tom meloso: — "O Dia da Avaliação é um rito de passagem emocionante, que o prepara para um futuro de felicidade, estabilidade e parceria."

Ela volta a apoiar os óculos no nariz e faz uma careta.

— Você não acredita? — pergunto, diminuindo a voz até um sussurro.

Hana tem parecido estranha. Ela sempre foi diferente dos outros — mais honesta, mais independente, mais destemida. É uma das razões pelas quais quis ser sua amiga.

Sempre fui tímida e tive medo de falar ou de fazer alguma coisa errada. Hana é o oposto de mim.

Ultimamente, porém, tem sido mais que isso. Ela parou de se importar com a escola, para começar, e foi chamada à sala da diretora diversas vezes por responder mal aos professores. E, às vezes, ela para no meio de uma conversa e simplesmente se cala como se colidisse contra uma barreira. Outras vezes, eu a pego fitando o oceano como se pensasse em fugir nadando.

Olhando para ela, para seus olhos cinzentos e claros e a boca tão fina e esticada quanto a corda de um arco, sinto uma pontada de medo. Penso em minha mãe se debatendo no ar antes de cair como uma pedra no oceano; penso no rosto da menina que se jogou do telhado do laboratório há tantos anos, com a bochecha no chão. Afasto os pensamentos sobre a doença. Hana não está doente. Não pode estar. Eu saberia.

— Se realmente quisessem que fôssemos felizes, eles nos deixariam fazer nossas próprias escolhas — resmunga Hana.

— Hana — chamo bruscamente. Criticar o sistema é a pior ofensa que existe. — Retire o que disse.

Ela levanta as mãos.

— Tudo bem, tudo bem. Retiro o que disse.

— Você *sabe* que não funciona. Lembre como era antigamente. Um caos permanente, brigas e guerra. As pessoas eram extremamente infelizes.

— Já falei… Retiro o que disse.

Ela sorri para mim, mas continuo irritada e desvio o olhar.

— Além disso — continuo —, eles nos dão escolha.

Geralmente os avaliadores fazem uma lista com quatro ou cinco candidatos aprovados, e podemos escolher entre eles. Dessa forma, todos ficam satisfeitos. Em todos os anos desde que a intervenção tem sido realizada e os casamentos são arranjados, houve menos de uma dúzia de divórcios no Maine e menos de mil em todo o país — e em quase todos os casos o marido ou a mulher eram suspeitos de ser simpatizantes, e o divórcio foi necessário e aprovado pelo governo.

— Uma escolha *limitada* — Hana me corrige. — Podemos escolher dentre as pessoas que escolheram para nós.

— Toda escolha é limitada — disparo. — A vida é assim.

Ela abre a boca como se fosse responder, mas, em vez disso, começa a rir. Em seguida, abaixa a mão e segura a minha, com dois apertos curtos e dois longos. Nosso velho sinal: um hábito que desenvolvemos no segundo ano, quando uma de nós estava assustada ou triste, era um modo de dizer *Estou aqui, não se preocupe.*

— Tudo bem, tudo bem. Não precisa ficar tão defensiva. Adoro as avaliações, ok? Vida longa ao Dia da Avaliação — diz ela.

— Assim é melhor — digo, mas ainda me sinto ansiosa e irritada.

A fila avança lentamente. Passamos pelos portões de ferro, com sua coroa intrincada de arame farpado, e entramos no longo caminho que leva aos diversos prédios.

Seguimos para o Prédio 6-C. Os garotos vão para o Prédio 6-B, então as filas começam a se distanciar uma da outra.

Ao nos aproximarmos do começo da fila, recebemos um sopro de ar condicionado cada vez que as portas deslizantes de vidro se abrem e se fecham. A sensação é maravilhosa, como ser momentaneamente mergulhado da cabeça aos pés em uma fina camada de gelo; eu me viro e levanto o rabo de cavalo, desejando que não estivesse fazendo tanto calor. Não temos ar-condicionado em casa; apenas ventiladores altos e lentos que sempre param de funcionar no meio da noite. E, na maior parte do tempo, Carol não nos deixa usá-los; consomem eletricidade demais, diz ela, e não temos dinheiro para gastar.

Finalmente, há apenas algumas pessoas à nossa frente. Uma enfermeira sai do prédio carregando uma pilha de pranchetas e um punhado de canetas e as distribui pela fila.

— Por favor, certifiquem-se de preencher todas as informações necessárias — diz ela —, incluindo o histórico médico e familiar.

Meu coração começa a subir em direção à garganta. Na página, as lacunas perfeitamente numeradas — sobrenome, nome, inicial do nome do meio, endereço atual, idade — se embaralham. Fico feliz por Hana estar à minha frente. Ela começa a preencher os formulários rapidamente, apoiando a prancheta no antebraço, percorrendo o papel com a caneta.

— Próxima.

As portas se abrem de novo, e uma segunda enfermeira aparece, acenando para que Hana entre. No frio escuro atrás dela, vejo uma sala de espera branca e clara, com um tapete verde.

— Boa sorte — digo a Hana.

Ela se vira e me lança um sorriso rápido, mas posso perceber que ela está nervosa, finalmente. Há uma ruga fina entre as suas sobrancelhas, e ela está mordendo o canto do lábio.

Hana entra no laboratório, vira-se abruptamente e volta até mim, com a expressão agitada e desconhecida, agarra meus ombros e aproxima a boca de meu ouvido. Meu espanto é tanto que derrubo a prancheta.

— Sabe que não é possível ser feliz a não ser que às vezes se sinta infeliz, certo? — sussurra ela com a voz rouca, como se tivesse acabado de chorar.

— O quê?

Suas unhas estão se enterrando em meus ombros, e, naquele instante, fico morrendo de medo dela.

— Não é possível ser feliz realmente a não ser que às vezes se sinta infeliz. Você sabe disso, certo?

Antes que eu consiga responder, ela me solta, e ao se afastar seu rosto parece sereno, lindo e composto como sempre. Hana se curva para pegar minha prancheta e a entrega a mim, sorrindo. Em seguida, vira-se e some atrás das portas de vidro, que se abrem e se

fecham tão suavemente quanto a superfície de água se fechando sobre algo que afunda.

quatro

O diabo invadiu o Jardim do Éden.
Carregava consigo a doença — amor deliria nervosa —
sob a forma de uma semente. Ela cresceu e floresceu em
uma macieira magnífica, que trazia maçãs de cor
tão viva quanto sangue.

— *Gênesis: uma história completa do mundo*
e do universo conhecido, Steven Horace, Ph.D.,
Universidade de Harvard.

A enfermeira me encaminha à sala de espera e Hana não está mais lá — desapareceu em um dos corredores brancos e antissépticos e passou por uma das dezenas de portas brancas idênticas —, embora haja cerca de meia dúzia de garotas aguardando por ali. Uma delas está sentada em uma cadeira, curvada sobre a prancheta, anotando as respostas, riscando-as e reescrevendo-as. Outra, impaciente, pergunta a uma enfermeira qual a diferença entre "condições médicas crônicas" e "condições médicas preexistentes". Ela parece estar à beira de algum tipo de ataque de nervos — há uma veia saltada em sua testa, e o tom de sua voz está subindo a um nível histérico —, e imagino se vai escrever "tendência a ansiedade excessiva" no formulário.

Não é engraçado, mas sinto vontade de rir. Cubro o rosto com a palma da mão, gargalhando. Tenho tendência a rir quando estou muito nervosa. Durante os testes na escola, sempre arrumo problemas por causa de risadas. Penso se deveria ter escrito isso no formulário.

Uma enfermeira pega minha prancheta e vira as folhas, conferindo se deixei alguma resposta em branco.

— Lena Haloway? — chama ela, com a voz clara e segura que todas as enfermeiras parecem ter, como se isso fizesse parte do treinamento médico.

— Aham — digo e em seguida me corrijo rapidamente. Minha tia explicou que os avaliadores esperam certa formalidade. — Sim. Sou eu.

Ainda é estranho ouvir meu nome verdadeiro, *Haloway*, e uma sensação pesada surge no fundo de meu estômago. Na última década, adotei o sobrenome de minha tia, Tiddle. Mesmo sendo um nome muito bobo (Hana uma vez disse que lembrava a ela uma palavra que uma criancinha usaria para "xixi"), ao menos não está associado a meus pais. Ao menos os Tiddle são uma família de verdade. Os Haloway não passam de uma lembrança. Mas, para as questões oficiais, preciso usar meu nome de registro.

— Siga-me.

A enfermeira se vira para um dos corredores e sigo o *toc-toc* nítido de seus saltos no

piso de linóleo. Os corredores são extremamente claros. O embrulho em meu estômago está se espalhando para a minha cabeça, deixando-me tonta, e tento me acalmar imaginando o oceano, a brisa áspera e as gaivotas girando como cata-ventos no céu.

Logo tudo acabará, digo a mim mesma. *Logo tudo acabará e você vai para casa e nunca mais precisará pensar na avaliação*.

O corredor parece não ter fim. À frente, uma porta se abre e se fecha e, no instante seguinte, enquanto dobramos uma esquina, uma menina passa por nós. Seu rosto está vermelho, é óbvio que ela estava chorando. Deve ter concluído sua avaliação. Reconheço-a vagamente como uma das primeiras que entrou no prédio.

Não consigo evitar sentir pena dela. Avaliações normalmente duram de trinta minutos a duas horas, mas todo mundo sabe que, quanto mais tempo, melhor você está se saindo. É claro que isso nem sempre é verdade. Há dois anos, Marcy Davies entrou e saiu do laboratório em notórios quarenta e cinco minutos e recebeu um dez. E, no ano passado, Corey Winde teve o tempo recorde de avaliação, a mais longa da história — três horas e meia —, e mesmo assim recebeu apenas um três. Existe um sistema por trás das avaliações, obviamente, mas há sempre certo grau de aleatoriedade. Às vezes, parece que todo o processo é feito para ser o mais intimidante e confuso possível.

Tenho uma fantasia repentina sobre disparar por esses corredores limpos e estéreis, abrindo todas as portas aos chutes. Sinto-me culpada no mesmo instante. Esse é o pior momento possível para ter dúvidas quanto às avaliações, e amaldiçoo Hana mentalmente. É culpa dela, por ter dito aquelas coisas na entrada. *Não é possível ser feliz a não ser que às vezes se sinta infeliz. Uma escolha limitada. Podemos escolher dentre as pessoas que escolheram para nós.*

Fico *feliz* que a escolha seja feita para nós. Fico feliz por não precisar escolher — porém, mais do que isso, fico feliz por não precisar fazer com que alguém *me* escolha. Isso seria bom para Hana, é claro, se as coisas fossem como antigamente. Hana, com seu cabelo dourado e angelical, olhos cinzentos e brilhantes, dentes perfeitos e alinhados e sua risada que faz com que todos em um raio de três quilômetros se virem, olhem para ela e riam também. Até a falta de jeito funciona em Hana: faz com que a pessoa queira estender a mão e ajudá-la a recolher os livros. Quando tropeço sozinha ou derrubo café na blusa, as pessoas desviam o olhar. Quase posso ouvi-las pensando "Que desastre". E, quando estou cercada por estranhos, minha mente se torna vaga, nebulosa e cinza, como as ruas começando a descongelar após uma nevasca — ao contrário de Hana, que sempre sabe o que dizer.

Nenhum garoto em sã consciência me escolheria quando existem pessoas como Hana no mundo: seria como se contentar com um biscoito sem gosto quando o que você realmente quer é uma grande vasilha com sorvete, chantili, cerejas e chocolate granulado. Então, ficarei feliz ao receber minha folha de "Compatibilidades Aprovadas". Pelo menos significa que terei *alguém*. Não fará diferença se ninguém nunca me achar bonita (apesar de, às vezes, eu desejar que alguém achasse, só por um segundo). Não faria diferença se eu tivesse um olho só.

— Entre aqui. — A enfermeira para, enfim, à frente de uma porta idêntica às outras.

— Pode deixar suas roupas e objetos na antessala. Por favor, vista a camisola separada para você, com a abertura para trás. Sinta-se à vontade para se preparar, beber água ou meditar um pouco.

Imagino centenas e centenas de garotas sentadas no chão com as pernas cruzadas e as mãos nos joelhos, entoando "Om", e preciso sufocar outro forte impulso de gargalhar.

— Por favor, lembre-se, no entanto, que, quanto mais tempo demorar, menos tempo seus avaliadores terão para conhecê-la.

Ela dá um sorriso rígido. Tudo nela é rígido: a pele, os olhos, o jaleco. Embora ela olhe bem para mim, tenho a impressão de que não está realmente prestando atenção, de que, em sua cabeça, ela está voltando à sala de espera com o *toc-toc* de seus sapatos, pronta para conduzir outra menina por outro corredor e repetir essa mesma lenga-lenga. Sinto-me muito sozinha, cercada por essas paredes espessas que abafam todos os sons, isolada do sol, do vento e do calor — tudo perfeito e artificial.

— Quando estiver pronta, siga pela porta azul. Os avaliadores esperam por você no laboratório.

Depois que a enfermeira sai, entro na antessala, que é pequena e tão iluminada quanto o corredor. Parece uma sala comum de exame médico. Há um enorme equipamento médico em um dos cantos, emitindo bipes contínuos, uma mesa de exame coberta com um papel fino e um cheiro pungente e antisséptico. Tiro minhas roupas, tremendo, enquanto o ar-condicionado causa arrepios por toda a minha pele e os pelos em meus braços se arrepiam um pouquinho. Ótimo. Agora os avaliadores pensarão que sou uma fera peluda.

Dobro minhas roupas, inclusive o sutiã, formo uma pilha arrumada e visto a camisola. É feita de um plástico fino, e, enquanto a enrolo no corpo, prendendo-a na cintura com um nó, tenho certeza de que é possível ver tudo — inclusive o contorno de minha calcinha — através do tecido.

Tudo acabará. Logo tudo acabará.

Respiro fundo e atravesso a porta azul.

O laboratório é ainda mais claro — é ofuscante, então a primeira impressão que os avaliadores devem ter de mim é alguém cerrando os olhos, recuando e colocando a mão na frente do rosto. Quatro sombras flutuam em uma canoa à minha frente. Em seguida, meus olhos se adaptam e minha visão encontra os quatro avaliadores, sentados atrás de uma mesa comprida e baixa. A sala é muito grande e está completamente vazia, exceto pelos avaliadores e, no canto, por uma mesa cirúrgica encostada na parede. Filas duplas de lâmpadas no teto me agridem e percebo quão alto é o pé-direito: no mínimo dez metros. Sinto um impulso desesperado de cruzar os braços no peito, para me cobrir de algum modo. Minha boca fica seca e minha mente se torna tão quente, vazia e branca quanto as luzes. Não consigo lembrar o que devo fazer nem o que devo dizer.

Felizmente, um dos avaliadores, uma mulher, pergunta:

— Trouxe os formulários?

A voz é amigável, mas não relaxa a pressão que aperta o fundo de meu estômago,

espremendo meus intestinos.

Ah, Deus, penso. *Vou fazer xixi. Vou fazer xixi aqui mesmo*. Tento imaginar o que Hana dirá quando isso acabar, quando estivermos andando sob o sol da tarde, o cheiro de sal e do asfalto quente nos envolvendo. "Meu Deus", ela dirá, "foi uma perda de tempo. Todos sentados ali, encarando-me como quatro sapos num tronco de árvore."

— Hum… Sim.

Dou um passo em direção a eles, sentindo como se o ar tivesse se solidificado e oferecesse resistência. Quando estou a poucos passos da mesa, estico o braço e entrego minha prancheta aos avaliadores. São três homens e uma mulher, mas percebo que não consigo me concentrar em suas feições por muito tempo. Examino-os rapidamente e recuo, obtendo apenas uma impressão de alguns narizes, poucos olhos escuros e o brilho de um par de óculos.

Minha prancheta passa de um avaliador a outro. Aperto os braços nas laterais do corpo e tento parecer relaxada.

Atrás de mim, uma galeria de observação, elevada a seis metros de altura, ocupa a extensão da parede dos fundos. Ela pode ser acessada por uma pequena porta vermelha atrás das fileiras de cadeiras brancas, e é, obviamente, destinada a alunos, médicos, residentes e jovens cientistas. Os cientistas do laboratório não apenas executam a intervenção, como também fazem check-ups e tratam casos complicados de outras doenças.

Imagino que os cientistas provavelmente executam a cura aqui, nesta sala. A mesa cirúrgica deve servir para isso. A ansiedade começa a contrair meu estômago de novo. Por algum motivo, embora constantemente pense em ser curada, nunca analisei a intervenção em si: a mesa dura de metal, as luzes piscando acima de mim, os tubos, os fios e a dor.

— Lena Haloway?

— Sim. Sou eu.

— Tudo bem. Por que não começa nos contando um pouco sobre você? — O avaliador de óculos se inclina para a frente, estica as mãos e sorri. Ele tem dentes brancos, grandes e quadrados que me fazem lembrar azulejos de banheiro. O reflexo nos óculos torna impossível ver seus olhos, e eu gostaria que ele os tirasse. — Converse conosco sobre o que gosta de fazer. Seus interesses, *hobbies*, matérias preferidas.

Começo o discurso que preparei, sobre fotografia, correr e me divertir com meus amigos, mas não estou concentrada. Vejo os avaliadores assentirem, e seus sorrisos tornam seus rostos mais relaxados enquanto fazem anotações, então sei que estou indo bem, mas não consigo sequer ouvir as palavras que saem de minha boca. Todo o meu foco está voltado para a mesa cirúrgica, e lanço olhares furtivos para ela pelo canto do olho, observando-a piscar e brilhar sob a luz como a ponta de uma lâmina.

E, de repente, estou pensando em minha mãe. Minha mãe permaneceu sem cura mesmo após três intervenções, e a doença a dominou, tomou conta de seu interior, deixou seus olhos vazios e suas bochechas pálidas, assumiu o controle de seus pés e a

conduziu, centímetro por centímetro, à beira de um penhasco arenoso e ao ar fino e claro do mergulho.

Ou, ao menos, é o que me dizem. Eu tinha seis anos na época. Lembro-me apenas da pressão quente de seus dedos em meu rosto antes que eu adormecesse e das últimas palavras que ela sussurrou para mim: *Eu amo você. Lembre-se disso. Eles não podem nos tirar isso*.

Fecho os olhos rapidamente, tomada pelo pensamento de minha mãe se contorcendo e de uma dúzia de cientistas em jalecos brancos observando-a e rabiscando em seus cadernos, impassíveis. Em três ocasiões, ela foi amarrada a uma mesa de metal; em três ocasiões, uma multidão a observou da galeria, anotando suas reações enquanto agulhas e depois lasers perfuravam a pele dela. Normalmente os pacientes são anestesiados durante a intervenção e não sentem nada, mas minha tia, certa ocasião, deixou escapar que na terceira vez de minha mãe eles se recusaram a sedá-la, pensando que a anestesia poderia interferir em sua resposta cerebral à cura.

— Quer um pouco de água? — indaga a avaliadora "Um", e aponta para uma garrafa e um copo na mesa.

Ela notou minha hesitação momentânea, mas está tudo bem. Minha declaração pessoal está feita, e posso perceber, pela maneira como os avaliadores me olham — satisfeitos e orgulhosos, como se eu fosse uma criancinha capaz de encaixar todas as peças nos buracos certos —, que fiz um bom trabalho.

Sirvo-me um copo de água e tomo alguns goles, grata pela pausa. Posso sentir o suor surgindo embaixo dos braços, no couro cabeludo e na base do pescoço, e peço a Deus para que eles não percebam. Tento manter os olhos fixos nos avaliadores, mas ali está ela, em minha visão periférica, sorrindo para mim: aquela maldita mesa.

— Tudo bem, Lena. Agora, faremos algumas perguntas. Queremos que responda com sinceridade. Lembre-se, estamos tentando conhecê-la como *pessoa*.

Como mais poderiam me conhecer?, a pergunta entra em minha cabeça antes que eu consiga contê-la. *Como um animal?*

Respiro fundo e me forço a assentir e a sorrir.

— Ótimo.

— Quais são seus livros favoritos?

— *Amor, guerra e interferência*, de Christopher Malley — respondo automaticamente. — *Fronteira*, de Philippa Harolde. — Não adianta tentar afastar as imagens: elas estão se erguendo como uma enchente. Aquela única palavra continua gravada em meu cérebro, como se estivesse sendo queimada ali. *Dor*. Eles queriam submeter minha mãe a uma quarta intervenção. Foram buscá-la na noite em que ela morreu, para a levarem ao laboratório. Mas, em vez disso, ela fugiu na escuridão e se lançou no ar. Em vez disso, ela me acordou com aquelas palavras, *eu amo você*; *lembre-se disso*; *eles não podem nos tirar isso*, que o vento parecia carregar de volta para mim tanto tempo após seu desaparecimento, repetindo-as nas árvores secas e nas folhas, sussurrando no amanhecer frio e cinzento. — E *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

Os avaliadores acenam com a cabeça e anotam. *Romeu e Julieta* é leitura obrigatória nas aulas de saúde do primeiro ano do ensino médio.

— E por quê? — pergunta o avaliador Três.

É assustador: isso é o que devo dizer. É um conto de alerta, um aviso sobre os perigos do velho mundo, pré-cura. Minha garganta, porém, parece inchada e dolorida. Não há espaço para expulsar as palavras; elas estão presas como os pequenos cardos que se colam na roupa quando corremos em fazendas. E, nesse instante, é como se eu pudesse ouvir o rugido baixo do oceano, seu murmúrio distante e insistente, como se eu pudesse imaginar seu peso se fechando em torno de minha mãe, a água tão pesada quanto pedra. E o que sai é:

— É lindo.

Instantaneamente, os quatro rostos se levantam para me olhar, como marionetes controladas pela mesma corda.

— Lindo?

A avaliadora Um franze o nariz. Há uma tensão frígida e aguda no ar, e percebo que cometi um erro muito, muito grave.

O avaliador que usa óculos se inclina para a frente.

— É uma palavra interessante a utilizar. Muito interessante. — Dessa vez, quando ele mostra os dentes, isso me faz lembrar os caninos brancos e curvados de um cachorro. — Talvez considere o sofrimento lindo? Talvez você *goste* de violência?

— Não. Não, não é isso. — Tento raciocinar, mas minha cabeça está cheia dos murmúrios sem palavras do oceano. Estão se tornando mais altos a cada segundo. E agora, bem ligeiramente, é como se eu pudesse ouvir gritos também, como se os gritos de minha mãe me alcançassem através do vão de uma década. — Apenas quis dizer que… Há alguma coisa tão triste a respeito da história…

Estou lutando, tropeçando, parece que estou me afogando nesse instante na luz branca e nos murmúrios. Sacrifício. Quero falar alguma coisa sobre o sacrifício, mas a palavra não vem.

— Vamos seguir em frente — diz a avaliadora Um, que soou tão doce quando me ofereceu a água mas que agora não aparentava qualquer intenção de parecer amigável. Ela está completamente séria. — Diga-nos algo simples. Como sua cor preferida, por exemplo.

Parte de meu cérebro — a parte racional, educada, a parte *eu* lógica — grita *Azul! Diga azul!*, mas essa outra coisa dentro de mim, mais antiga, está deslizando pelas ondas sonoras, crescendo em um ruído cada vez mais alto.

— Cinza — disparo.

— Cinza? — retruca o avaliador Quatro.

Meu coração está despencando até o estômago. Sei que estou fracassando, posso praticamente ver meus números caindo. Mas é tarde demais. Estou acabada — é o murmúrio em meus ouvidos, aumentando cada vez mais, uma debandada que impossibilita qualquer pensamento. Rapidamente, gaguejo uma explicação.

— Não cinza, exatamente. Logo antes de o sol nascer há um momento em que o céu ganha uma cor pálida, inexistente, não é bem cinza, mas um pouco branca, de que sempre gostei porque me faz lembrar de esperar que alguma coisa boa aconteça.

Porém, eles pararam de me ouvir. Todos olham atrás de mim, com a cabeça erguida e as expressões confusas, como se tentassem reconhecer palavras que lhes fossem familiares em um idioma estrangeiro. Em seguida, de repente, os rugidos e os gritos chegam em ondas e percebo que não estava imaginando aquilo tudo. As pessoas realmente estão gritando, e há um estrondo de tombar, rolar e martelar, como milhares de pés se movendo juntos. Há um terceiro som, mais baixo que os dois: um berro sem palavras que não soa humano.

Em minha confusão, tudo parece desconexo, como acontece nos sonhos. A avaliadora Um se levanta um pouco, dizendo:

— Mas o que diabo…?

Ao mesmo tempo, Óculos comenta:

— Sente-se, Helen. Vou ver o que há de errado.

Mas, naquele segundo, a porta azul é aberta, e uma confusão de vacas — vacas mesmo, vivas, verdadeiras, transpirando e mugindo — entra de forma estrondosa no laboratório.

Definitivamente, uma debandada, penso, e por um segundo estranho e desconexo sinto-me orgulhosa por ter identificado corretamente o som.

E então percebo que estou sendo carregada por um bando muito grande de animais muito assustados, e estou a dois segundos de ser esmagada no chão.

No mesmo instante jogo-me em um canto e me abaixo atrás da mesa cirúrgica, onde fico completamente protegida da massa de animais em pânico. Levanto a cabeça só um pouquinho acima da mesa para poder enxergar o que está acontecendo. Os avaliadores estão subindo na mesa enquanto muros de vacas marrons e malhadas os cercam. A avaliadora Um está berrando a plenos pulmões, e Óculos grita:

— Acalme-se, acalme-se!

Ainda assim, ele se agarra à mulher como se ela fosse um bote salva-vidas e ele corresse risco de se afogar.

Algumas das vacas têm perucas estranhas penduradas na cabeça; outras estão semicobertas por camisolas idênticas à que visto. Por um instante, tenho certeza de que estou sonhando. Talvez o dia todo tenha sido um sonho e vou acordar e descobrir que ainda estou em casa, na cama, na manhã de minha avaliação. Então, noto o que está escrito nos flancos das vacas: CURA, NÃO. MORTE. As palavras estão escritas em tinta de modo grosseiro, logo acima dos números recém-marcados que identificam que os animais foram destinados ao abatedouro.

Um ligeiro arrepio sobe por minha coluna, e tudo começa a se encaixar. A cada dois anos, mais ou menos, os Inválidos — pessoas que vivem na Selva, o território não regulamentado entre cidades e vilas reconhecidas — entram sorrateiramente em Portland e armam algum tipo de protesto. Uma vez, vieram à noite e pintaram caveiras vermelhas

na casa de todos os cientistas. Em outra, conseguiram invadir a central da delegacia de polícia, que coordena todas as patrulhas e guaritas de Portland, e colocaram os móveis no telhado, até mesmo as máquinas de café. Foi bem engraçado, para falar a verdade — e impressionante, considerando que o prédio mais seguro de Portland deveria ser aquele. As pessoas da Selva não enxergam o amor como uma doença e não acreditam na cura. Acham que é uma crueldade. Por isso, a palavra de ordem.

Agora entendo: as vacas estão vestidas como nós, as pessoas sendo avaliadas. Como se fôssemos gado.

As vacas se acalmam um pouco. Não correm mais e começaram a se dispersar pelo laboratório. A avaliadora Um segura uma prancheta e tenta espantar os animais que cercam a mesa, mugindo e mordendo os papéis espalhados pela superfície — as anotações dos avaliadores, percebo quando uma vaca puxa uma folha e a rasga com os dentes. Graças a Deus. Talvez as vacas comam *todas* as anotações e os avaliadores esqueçam que eu estava fracassando completamente. Meio escondida atrás da mesa — e a salvo, por enquanto, daqueles cascos duros e ruidosos —, preciso admitir que a situação toda é um pouco hilária.

Foi quando ouvi. De algum jeito, sobre os roncos, tropeços e gritos, escuto uma risada acima de mim — baixa, curta e musical, como alguém executando notas em um piano.

A galeria de observação. Um garoto na galeria de observação assiste ao caos. E ele está *rindo*.

Assim que olho para cima os olhos dele se fixam em meu rosto. A respiração escapa de meu corpo com um ruído e tudo congela por um segundo, como se eu olhasse para ele através das lentes de uma câmera, com o máximo de *zoom*, e o mundo parasse por aquela fração de segundo entre a abertura e o fechamento do obturador.

Seus cabelos são castanhos e dourados, como as folhas das árvores no outono quando começam a mudar de cor, e os olhos são brilhantes, cor de âmbar. Assim que o vejo, sei que é um dos responsáveis por isso. Certamente vive na Selva; sei que é um Inválido. O medo aperta meu estômago, e abro a boca para gritar — não sei bem o quê —, mas, precisamente naquele segundo, ele faz um gesto ligeiro com a cabeça e, de repente, não consigo emitir qualquer som. Em seguida, ele faz o que é absoluta e terminantemente impensável.

Ele *pisca* para mim.

Finalmente, o alarme soa. Tão alto que preciso tapar as orelhas com as mãos. Olho para baixo, para saber se os avaliadores o viram, mas eles continuam dançando sobre a mesa, e quando volto o olhar para cima o garoto desapareceu.

cinco

Pisar numa fenda, dor tremenda.
Pisar num cordão, fim em solidão.
Pisar num pau, enfermo com o Mal.
Cuidado ao andar, mortos você vai chamar.

— Cantiga infantil popular, entoada geralmente ao som
de palmas ou pulando corda.

Naquela noite tenho outra vez o mesmo sonho.

Estou à beira de um penhasco branco feito de areia. O solo não é firme. O lugar onde estou começa a desmoronar, desfazer-se e cair, cair, cair — milhares de metros abaixo de mim, no oceano, que bate e arrebenta contra o penhasco, tanto que parece um ensopado gigante e espumante, todo ele de ondas e águas violentas. Fico apavorada diante do medo de cair, mas por algum motivo não consigo me mexer ou recuar, mesmo quando sinto o chão se esvair sob mim e milhões de moléculas se reorganizarem no espaço, no vento: a qualquer segundo, vou cair.

E, pouco tempo antes de descobrir que não há nada além de ar sob meus pés — que a qualquer segundo sentirei o vento uivando a meu redor enquanto caio na água —, as ondas que chicoteiam lá embaixo se abrem por apenas um instante e vejo o rosto de minha mãe flutuando abaixo da superfície, pálido, inchado e com marcas azuis. Seus olhos estão abertos, os lábios separados, como se estivesse gritando, e os braços estendidos para os lados, boiando naquela corrente, como se esperassem me abraçar.

Então, acordo. É nesse momento que sempre acordo.

Meu travesseiro está úmido e tenho uma sensação de garganta arranhada. Chorei durante o sono. Gracie está encolhida a meu lado, a bochecha espremida nos lençóis e movendo uma das mãos em repetições infinitas e silenciosas. Ela sempre sobe em minha cama quando tenho esse sonho. Ela consegue sentir, de algum jeito.

Tiro os cabelos do rosto dela e puxo os lençóis, ensopados de suor, de seus ombros. Vou lamentar deixar Grace quando me mudar. Nossos segredos nos aproximaram, eles nos uniram. Ela é a única que sabe sobre a Frieza: uma sensação que às vezes surge quando estou deitada na cama, uma sensação negra e vazia que me arranca o fôlego e me faz ofegar como se eu tivesse sido atirada em água gelada. Em noites como esta — apesar de ser errado e ilegal —, penso naquelas palavras estranhas e terríveis — *eu amo você* — e imagino que sabor teriam em minha boca enquanto tento me lembrar da cadência que tinham na língua de minha mãe.

E é claro que mantenho o segredo de Grace guardado. Sou a única que sabe que ela não é retardada nem burra: não há nada errado com ela. Sou a única que já a ouviu falar.

Numa noite, depois que ela veio dormir em minha cama, acordei muito cedo, enquanto as sombras noturnas desapareciam de nossas paredes. Ela chorava baixinho no travesseiro a meu lado, pronunciando a mesma palavra sem parar, enchendo a boca com os lençóis de modo que eu mal conseguia escutá-la: "Mamãe, mamãe, mamãe." Como se ela tentasse mastigar aquela sensação, como se ela a sufocasse em seu sono. Pus os braços em volta dela e apertei-a, e depois do que pareceram horas repetindo a palavra à exaustão ela voltou a dormir, relaxando o corpo lentamente, com o rosto quente e inchado por causa de tantas lágrimas.

Esse é o verdadeiro motivo pelo qual ela não fala. As outras palavras são sufocadas por essa única e gigante; uma palavra que ainda ecoa nos cantos escuros de suas lembranças. *Mamãe.*

Eu sei. Eu me lembro.

Sento e observo a luz nas paredes ficando mais forte, ouço o grito das gaivotas e tomo um gole de água do copo ao lado de minha cama. Hoje é dia dois de junho. Noventa e quatro dias.

Gostaria que, por Grace, a cura pudesse vir mais cedo. Conforto-me pensando que ela também passará pela intervenção. Um dia, ela também será salva, e todo o seu passado e a sua dor se tornarão tão suavemente palatáveis quanto a comida que alimenta nossos bebês.

Um dia todos seremos salvos.

* * *

Quando me obrigo a descer para o café da manhã — sentindo-me como se alguém estivesse esfregando areia em meus olhos —, a história oficial do incidente nos laboratórios já foi divulgada. Carol mantém nossa pequena tevê em volume baixo enquanto prepara o café da manhã, e o murmúrio dos jornalistas quase me faz dormir de novo: "*Ontem um caminhão cheio de gado que iria para o abatedouro se misturou a um carregamento farmacêutico, resultando no caos hilário e sem precedentes que se vê na tela.*" Imagem: enfermeiras gritando e atacando vacas com as pranchetas.

A explicação não faz o menor sentido, mas, contanto que ninguém mencione os Inválidos, todos ficam satisfeitos. Não deveríamos saber sobre eles. Eles sequer deveriam *existir*; supostamente, todas as pessoas que moravam na Selva foram mortas há mais de cinquenta anos, em uma blitz.

Há cinquenta anos, o governo fechou as fronteiras dos Estados Unidos, que hoje são constantemente guardadas por militares. Ninguém pode entrar. Ninguém pode sair. Todas as comunidades sancionadas e aprovadas devem ser contidas por uma fronteira — essa é a lei —, e qualquer viagem entre comunidades necessita de consentimento oficial do governo municipal, a ser obtido com seis meses de antecedência. As medidas são para nossa própria proteção. Segurança, Inviolabilidade, Comunidade: esse é o lema

de nosso país.

Na maior parte do tempo, o governo é bem-sucedido. Não vemos uma guerra desde o fechamento das fronteiras, e quase não há crimes, exceto por incidentes ocasionais de vandalismo ou pequenos roubos. Não há ódio nos Estados Unidos, ao menos entre os curados. Apenas casos esporádicos de distanciamento — mas todas as intervenções médicas trazem certos riscos.

No entanto, até agora, o governo fracassou em livrar o país dos Inválidos, e essa é a única falha da administração e do sistema em geral. Então, não falamos sobre isso. Fingimos que a Selva — e as pessoas que moram lá — sequer existe. É raro ouvir essa palavra ser pronunciada, exceto quando alguém suspeito de ser um simpatizante desaparece ou quando um casal doente some antes que a cura possa ser administrada.

Uma notícia realmente ótima é a seguinte: todas as avaliações de ontem foram invalidadas. Todos receberemos uma nova data de avaliação, o que significa que terei uma segunda oportunidade. Dessa vez, juro que não vou pisar na bola. Estou me sentindo completamente idiota por meu ataque no laboratório. Sentada à mesa do café da manhã, com tudo tão limpo, claro e normal — as canecas azuis lascadas e cheias de café, os bipes erráticos do micro-ondas (um dos poucos dispositivos eletrônicos, além das lâmpadas, que Carol nos permite *utilizar*) —, o dia anterior parece um sonho longo e estranho. É um milagre, na verdade, que um bando de Inválidos fanáticos tenha decidido soltar uma manada no exato momento em que eu fracassava no teste mais importante de minha vida. Não sei o que deu em mim. Penso em Óculos exibindo os dentes e no momento em que ouvi minha boca dizer "cinza" e me encolho. *Burra, burra.*

De repente, percebo que Jenny está falando comigo.

— O quê?

Pisco, olhando para Jenny, enquanto ela entra em foco. Observo suas mãos cortando uma torrada em quatro pedaços exatamente iguais.

— Eu perguntei: "O que há de errado com você?" — Para trás e para a frente, para trás e para a frente. A faca bate na borda de seu prato. — Você parece prestes a vomitar ou algo parecido.

— Jenny — repreende-a Carol. Ela está na pia, lavando a louça. — Não enquanto seu tio estiver tomando o café.

— Estou bem. — Quebro um pedaço de torrada, passo na manteiga que se derrete no meio da mesa e me forço a comer. A última coisa de que preciso é um interrogatório familiar. — Estou apenas cansada.

Carol se vira para mim. Seu rosto sempre me lembrou o de uma boneca. Mesmo quando está falando, mesmo quando está irritada, feliz ou confusa, a expressão se mantém estranhamente imutável.

— Não conseguiu dormir?

— Dormi — respondo. — Tive um pesadelo, só isso.

Na ponta da mesa meu tio William surge por cima do jornal.

— Meu Deus! Sabe, você acabou de me lembrar. Eu também tive um sonho ontem.

Carol ergue as sobrancelhas, e até Jenny parece interessada. É extremamente raro que as pessoas sonhem após a cura. Carol me contou, certa vez, que, nas poucas ocasiões em que ainda sonha, as imagens são cheias de louças, com pilhas e mais pilhas subindo até o céu, e às vezes ela as escala, prato a prato, subindo até as nuvens, tentando chegar ao topo, mas a pilha nunca acaba, estende-se até o infinito. Até onde sei, minha irmã Rachel não sonha mais.

William sorri.

— Eu estava calafetando a janela no banheiro. Lembra que outro dia eu disse que havia uma corrente de ar, Carol? Enfim, eu estava calafetando, mas, sempre que eu acabava, o trabalho se desfazia, quase como neve, o vento entrava e eu precisava começar tudo outra vez. Sem parar. Durante o que pareceram horas.

— Que estranho — diz minha tia, sorrindo e vindo até a mesa com um prato de ovos fritos. Meu tio gosta deles muito moles, e no prato as gemas tremem como dançarinas, cobertas de óleo. Meu estômago se revira.

— Não é à toa que estou tão cansado — diz William. — Trabalhei a noite inteira nesta casa.

Todos riem, menos eu. Engulo outro pedaço de torrada, imaginando se sonharei depois de curada.

Espero que não.

* * *

Este é o primeiro ano desde a sexta série que não tenho aulas com Hana, então nos vemos somente depois das aulas, quando nos encontramos no vestiário para correr, apesar de a temporada de *cross-country* ter acabado cerca de duas semanas atrás. (A viagem da equipe para disputar o campeonato estadual foi apenas minha terceira vez fora de Portland e, embora tenhamos percorrido apenas sessenta quilômetros pela autoestrada municipal, cinzenta e erma, eu mal conseguia engolir, pois a irritação em minha garganta estava forte demais.) Ainda assim, Hana e eu tentamos correr juntas sempre que possível, mesmo durante as férias.

Comecei a correr quando tinha seis anos, depois que minha mãe cometeu suicídio. No dia do enterro dela, corri um quilômetro e meio pela primeira vez. Haviam ordenado que eu ficasse no andar superior, com minhas primas, enquanto minha tia preparava a casa e a comida para o velório. Marcia e Rachel deveriam me arrumar, mas, enquanto me vestiam, começaram a discutir sobre algum assunto e deixaram de prestar atenção em mim. Então, desci, com meu vestido aberto até o meio das costas, para pedir ajuda à minha tia. A Sra. Eisner, vizinha de minha tia na época, estava lá. Quando entrei na cozinha, ela dizia:

— É horrível, é claro. Mas, de qualquer maneira, não havia esperança para ela. Foi muito melhor assim. É melhor para Lena também. Quem quer ter uma mãe assim?

Eu não deveria ter ouvido isso. A Sra. Eisner se engasgou de espanto ao me ver e rapidamente fechou a boca, como uma rolha voltando para uma garrafa. Minha tia simplesmente continuou ali, e naquele momento foi como se o mundo e o futuro colidissem em um único ponto, e eu entendi que aquilo — a cozinha, o impecável piso bege de linóleo, as luzes brilhantes e a gelatina verde na bancada — era tudo o que sobrara agora que minha mãe não existia mais.

De repente, não consegui ficar ali. Não suportava a visão da cozinha de minha tia, que, eu entendi, seria *minha* cozinha. Não suportava a gelatina. Minha mãe *detestava* gelatina. Uma coceira começou a dominar meu corpo, como se milhares de mosquitos circulassem por meu sangue, picando-me por dentro, fazendo com que eu quisesse gritar, pular e me contorcer.

Corri.

Hana, com um dos pés em um banco, está amarrando os cadarços quando entro. Meu terrível segredo é que gosto de correr com Hana porque, em parte, esse é o único e exclusivo farrapo de coisa que faço melhor que ela, mas eu jamais admitiria isso em voz alta, nem em um milhão de anos.

Nem tive a chance de repousar minha bolsa antes que ela se inclinasse para a frente e agarrasse meu braço.

— Você acredita? — Ela está contendo um sorriso, e seus olhos parecem um cata-vento de cores — azul, verde, dourado —, brilhando como sempre fazem quando ela está animada com algo. — Com certeza, foram os Inválidos. Ao menos é o que todos estão dizendo.

Somos as únicas pessoas no vestiário — todos os times já encerraram suas temporadas —, mas instintivamente viro a cabeça para os lados quando ela diz aquela palavra.

— Fale baixo.

Ela recua um pouco, jogando o cabelo por cima de um ombro.

— Relaxe. Inspecionei tudo antes. Chequei até as cabines dos banheiros. Estamos sozinhas.

Abro o armário que mantive em meus dez anos na Academia St. Anne. No fundo dele há uma camada de embalagens de chicletes, bilhetes rasgados e clipes de papel perdidos; por cima, uma pequena pilha de roupas de corrida, dois pares de tênis, a camisa da equipe de corrida, várias embalagens de desodorante usadas até a metade, um condicionador e um perfume. Em menos de duas semanas, vou me formar, e nunca mais verei o interior desse armário, e por um segundo fico triste. É nojento, mas, para ser sincera, sempre amei o cheiro de vestiários: os produtos industriais de limpeza, o desodorante, as bolas de futebol e até o cheiro de suor. É reconfortante. É tão estranho como a vida funciona: você quer alguma coisa e espera por ela, espera, espera, espera, e parece que está demorando uma eternidade para acontecer. Então, ela acontece, acaba, e tudo o que você quer é voltar àquele instante antes que as coisas mudassem.

— Quem são "todos"? O noticiário diz que foi apenas um engano, um erro de

remessa ou algo parecido.

Sinto a necessidade de repetir a história oficial, mesmo sabendo tão bem quanto Hana que é uma bobagem.

Ela se senta com uma perna de cada lado do banco, observando-me. Como sempre, está completamente alheia ao fato de que detesto que outras pessoas me vejam trocando de roupa.

— Não seja boba. Se o noticiário disse, então, definitivamente, não é verdade. Além disso, quem confunde vacas e medicamentos? Não é difícil perceber a diferença.

Balanço os ombros. Ela tem razão, é óbvio, e continua olhando para mim, então me inclino ligeiramente para trás. Nunca me senti à vontade com meu corpo, como Hana e algumas garotas da Academia St. Anne; nunca superei a sensação estranha de que fui formada de maneira um pouco errada em alguns lugares-chave. Como se eu tivesse sido desenhada por um artista amador: olhando de longe, não parece ruim, mas preste atenção e todas as manchas e erros se tornarão bastante claros.

Hana estica uma das pernas e começa a se alongar, recusando-se a esquecer aquele assunto. Hana é mais fascinada pela Selva que qualquer outra pessoa que conheço.

— Se parar para pensar, é bem incrível. O planejamento e tudo mais. Devem ter sido necessárias, no mínimo, quatro ou cinco pessoas, talvez mais, para coordenar tudo.

Penso brevemente no garoto que vi na galeria de observação, nos cabelos brilhantes com a cor das folhas das árvores no outono, e na maneira como ele jogou a cabeça para trás quando riu, permitindo que eu visse a parte escura no interior de sua boca. Não contei a ninguém sobre ele, nem mesmo para Hana, mas agora sinto que deveria.

— Alguém devia ter os códigos de segurança — prossegue Hana. — Talvez um simpatizante…

Uma porta bate com um estrondo na frente do vestiário, e Hana e eu saltamos, encarando uma à outra com olhos arregalados. Passos percorrem rapidamente o piso de linóleo. Após alguns segundos de hesitação, Hana se lança suavemente em um assunto seguro: a cor dos vestidos para a festa de formatura, que neste ano serão laranja. No mesmo instante, a Sra. Johanson, diretora desportiva, surge entre os armários, girando o apito em um dedo.

— Ao menos não serão marrons, como no Colégio Fielston — digo, apesar de mal ouvir o que Hana diz.

Meu coração está acelerado e ainda penso no garoto e imagino se Johanson nos ouviu dizer a palavra *simpatizante*. Ela não faz nada além de acenar com a cabeça ao passar por nós, então, é pouco provável.

Aprendi a ser muito boa nisso — dizer uma coisa quando estou pensando em outra, agir como se estivesse ouvindo quando não estou, fingir estar calma e feliz enquanto, na verdade, estou completamente descontrolada. É uma das habilidades que aperfeiçoamos quando crescemos. É preciso aprender que as pessoas *sempre* estão ouvindo. Na primeira vez que usei o telefone celular que minha tia e meu tio compartilham, fiquei surpresa com as interferências irregulares que interrompiam constantemente minha conversa com

Hana, em intervalos aleatórios, até minha tia explicar que eram apenas os dispositivos de escuta do governo, que invadem arbitrariamente ligações entre telefones celulares, gravando-as e monitorando as conversas à procura de palavras como *amor*, *inválidos* ou *simpatizantes*. Ninguém é um alvo em particular; tudo é feito de forma aleatória, para ser justo. Mas, dessa forma, é quase pior. Quase sempre me sinto como se um olho giratório gigantesco estivesse prestes a passar por mim a qualquer momento, iluminando pensamentos ruins como um animal imobilizado pelo facho de um farol.

Às vezes, sinto-me como se houvesse duas de mim, uma exatamente acima da outra: a superficial, que assente quando deve assentir e diz o que deve dizer, e outra parte, mais profunda, a que se preocupa, sonha e diz "cinza". Na maioria das vezes, elas se movem em sincronia e mal percebo a distinção, mas, outras vezes, parece que sou duas pessoas completamente diferentes e que posso me desfazer em pedaços a qualquer instante. Uma vez, confessei isso a Rachel. Ela simplesmente sorriu e disse que tudo melhoraria depois da intervenção. Tudo seria calmo e suave, todos os dias seriam fáceis como contar até três.

— Pronto — digo, fechando o armário.

Ainda conseguimos ouvir a Sra. Johanson assobiando em um dos banheiros. Uma descarga é acionada. Uma torneira é aberta.

— Minha vez de escolher a rota — diz Hana, com os olhos brilhando, e antes que eu possa abrir a boca para protestar ela avança e me cutuca no ombro. — Peguei. Está com você — diz, e com a mesma simplicidade gira e corre para a porta, rindo, e então preciso correr para alcançá-la.

* * *

Choveu hoje e a tempestade esfriou tudo. A água evapora das poças nas ruas, deixando uma bruma brilhante sobre Portland. Acima de nós o céu tem um tom vívido de azul. A baía está calma e prateada, e a costa é como um cinto gigantesco, envolvendo-a, mantendo-a no lugar.

Não pergunto a Hana aonde estamos indo, mas não me surpreendo quando ela nos conduz para Old Port, rumo à velha trilha que corre paralela à rua Commercial até os laboratórios. Tentamos nos manter nas ruas secundárias e menos movimentadas, mas é basicamente um jogo perdido. São três e meia da tarde. Todas as aulas terminaram e as ruas estão cheias de alunos voltando para casa. Alguns ônibus passam, e também um ou dois carros. Carros são considerados amuletos para dar sorte. Quando passam, as pessoas esticam os braços e passam as mãos pelos capôs brilhantes e pelas janelas limpas e reluzentes, que logo ficam cheias de impressões digitais.

Hana e eu corremos lado a lado, relembrando todas as fofocas do dia. Não conversamos sobre as avaliações arruinadas da véspera nem sobre os boatos relacionados aos Inválidos. Há pessoas demais por perto. Em vez disso, ela me conta

sobre seu exame de ética, e eu falo da briga entre Cora Dervish e Minna Wilkinson. Também falamos de Willow Marks, que não vai à escola desde quarta-feira. Correm boatos de que Willow foi encontrada pelos reguladores no parque Deering Oaks depois do toque de recolher — com um garoto.

Há anos ouvimos notícias desse tipo sobre Willow. Ela é simplesmente o tipo de pessoa de quem os outros falam. Seu cabelo é louro, mas ela sempre pinta algumas mechas com canetinha especial, e lembro que uma vez no primeiro ano, em um passeio de turma a um museu, cruzamos com um grupo de garotos do Colégio Spencer, e ela disse, tão alto que uma das responsáveis poderia facilmente ter ouvido, que "gostaria de beijar um deles bem na boca".

Supostamente, ela foi flagrada com um garoto no primeiro ano do ensino médio e escapou apenas com uma advertência porque não mostrou sinais do *deliria*. Às vezes, as pessoas cometem erros; é biológico, um resultado dos mesmos desequilíbrios químicos e hormonais que ocasionalmente levam ao Antinaturalismo, garotos e garotas sentindo-se atraídos por outros do mesmo sexo. Esses impulsos também são resolvidos com a cura.

Mas dessa vez parece que é sério, e Hana solta a notícia bombástica exatamente quando viramos no Centro: o Sr. e a Sra. Marks concordaram em antecipar em seis meses a intervenção de Willow. Ela perderá a formatura para ser curada.

— Seis meses? — pergunto. Estamos correndo há vinte minutos, então não sei se as batidas fortes em meu peito são resultado do exercício ou da informação. Tenho menos fôlego do que deveria, como se alguém estivesse sentado em meu peito. — Não é perigoso?

Hana inclina a cabeça para a direita, indicando um atalho por um beco.

— Já foi feito antes.

— Sim, mas não com *sucesso*. E todos os efeitos colaterais? Problemas mentais? Cegueira?

Existem algumas razões para os cientistas não permitirem que pessoas com menos de dezoito anos passem pela intervenção, mas a principal delas é que a cura simplesmente parece não funcionar tão bem em pessoas mais jovens que isso e, nos casos mais graves, provoca todo tipo de problemas estranhos. Cientistas especulam que, antes disso, o cérebro e os circuitos neurais ainda são plásticos demais, estão em processo de formação. Na verdade, quanto mais velha for a pessoa, melhor, mas a maioria das intervenções é agendada para a data mais próxima possível do décimo oitavo aniversário.

— Acho que consideram que vale a pena arriscar — diz Hana. — Melhor que a alternativa, sabe? *Amor deliria nervosa*. A mais mortal das coisas mortais.

Essa é a frase de efeito presente em todas as cartilhas de saúde mental já escritas sobre *deliria*, e Hana a repete em um tom seco, fazendo meu estômago se apertar um pouco. Toda a loucura de ontem me fez esquecer o comentário de Hana antes das avaliações, mas agora me recordo, e recordo como ela estava estranha, com os olhos

embaçados e insondáveis.

— Vamos.

Sinto um aperto nos pulmões e o início de uma cãibra na coxa esquerda. A única maneira de continuar é correr ainda mais rápido.

— Vamos aumentar a velocidade, Lesma.

— Mande ver.

No rosto de Hana surge um sorriso, e aceleramos. A dor em meus pulmões se amplia e cresce até parecer estar em todo lugar, rasgando minhas células e meus músculos de uma só vez. A cãibra na perna me faz franzir o rosto cada vez que meu calcanhar atinge o chão. É sempre assim nos quilômetros três e quatro, como se todo o estresse, a ansiedade, a irritação e o medo se transformassem em pequenos pontos de dor, e é quase impossível respirar, imaginar-se avançando ou pensar em algo que não seja: *Não consigo. Não consigo. Não consigo.*

E tão repentinamente quanto surgiu, ela some. Toda a dor se esvai, a cãibra desaparece, o aperto em meu peito relaxa e consigo respirar com facilidade. No mesmo instante, uma sensação de felicidade completa borbulha dentro de mim: a sensação sólida do chão sob os meus pés, a simplicidade do movimento impulsionando os meus calcanhares e me empurrando pelo tempo e pelo espaço, a liberdade total e o desprendimento. Olho para Hana. Posso perceber, por sua expressão, que ela está sentindo o mesmo. Ela cruzou a barreira. Hana sente que estou olhando e se vira para levantar os polegares para mim, seu rabo de cavalo louro formando um arco brilhante.

É estranho. Quando corremos, sinto-me mais próxima de Hana que em qualquer outro momento. Mesmo quando não estamos conversando, é como se fôssemos ligadas por uma corda invisível, igualando nossos ritmos, braços e pernas, como se respondêssemos às batidas de um mesmo tambor. Cada vez mais me vem ocorrendo que também isso mudará depois de nossas intervenções. Ela voltará a West End e se tornará amiga de seus vizinhos, pessoas mais ricas e sofisticadas do que eu. Eu ficarei em alguma porcaria de apartamento em Cumberland e não sentirei sua falta nem lembrarei como é correrrmos lado a lado. Eles me alertaram de que, após a intervenção, posso nem gostar mais de correr, e ponto. Outro efeito colateral da cura: as pessoas frequentemente alteram seus hábitos e perdem interesse pelos antigos *hobbies* e por aquilo que lhes dava prazer.

"Os curados, incapazes de desejos intensos, estão, portanto, livres de dores tanto recordadas quanto futuras." ("Após a intervenção", *Shhh*, p. 132.)

O mundo está girando, pessoas e ruas formam um laço longo de cores e sons que se desata. Passamos correndo por St. Vincent, a maior escola para garotos de Portland. Meia dúzia de meninos está do lado de fora jogando basquete, arremetendo a bola preguiçosamente e chamando uns aos outros. Suas palavras são um borrão, uma série incompreensível de gritos, grunhidos e curtas explosões de risos, do jeito como meninos sempre soam quando estão em grupo, quando os ouvimos em um canto, do outro lado da rua ou na praia. É como se tivessem um idioma próprio, e pela milésima

vez penso em como me sinto grata pelas políticas de segregação nos manterem separados quase o tempo todo.

Enquanto corremos, sinto uma pausa momentânea, uma fração de segundo em que todos aqueles olhos se levantam e se viram em nossa direção. Tenho vergonha demais para olhar. Meu corpo inteiro fica fervendo, como se alguém tivesse me enfiado de cabeça em um forno. Um segundo depois, porém, sinto os olhos passando por mim, como um vento, desviando-se para Hana. Seu cabelo louro brilha a meu lado, uma moeda ao sol.

Minhas pernas voltam a doer, uma sensação pesada, mas me forço a continuar enquanto dobramos a esquina da rua Commercial e deixamos St. Vincent para trás. Sinto Hana se esforçando para me acompanhar. Viro a cabeça, mal conseguindo soltar a palavra "apostando". Mas quando Hana me alcança, movendo os braços, e quase me ultrapassa, abaixo a cabeça e avanço, correndo o mais rápido possível, tentando colocar um pouco de ar nos pulmões, que parecem ter se reduzido ao tamanho de ervilhas, e lutando contra os gritos em meus músculos. A escuridão come as beiradas de minha visão, e tudo o que consigo enxergar é uma grade com a malha em formato de losangos que surge de repente diante de nós, bloqueando o caminho, e em seguida estou me esticando e tocando-a com tanta força que ela balança, e me viro para gritar "ganhei!" enquanto Hana chega um segundo depois, ofegante. Nós estamos rindo agora, soluçando e respirando fundo enquanto andamos em círculos, tentando nos recuperar.

Quando, enfim, consegue respirar no ritmo normal, Hana se endireita, rindo.

— Deixei você ganhar — diz ela, uma velha piada nossa.

Chuto alguns cascalhos em sua direção. Ela se desvia, soltando um gritinho.

— Continue tentando se convencer disso.

Parte de meu cabelo soltou do rabo de cavalo, e eu luto para tirar o elástico, abaixando a cabeça para que o vento bata em minha nuca. Gotas de suor chegam a meus olhos, fazendo-os arder.

— Belo visual.

Hana me empurra devagar e eu tropeço para o lado, balançando a cabeça para que meu cabelo bata nela.

Ela se desvia. Há um vão na grade que marca o início de um trecho estreito de uma via auxiliar, bloqueada por um portão baixo de metal. Hana salta por cima dele e gesticula para que eu a siga. Não fiquei prestando muita atenção em onde estamos: a rua corta um estacionamento, uma floresta de caçambas de lixo industrial e galpões de armazenamento. Atrás delas está a familiar fileira de prédios brancos e quadrados, como dentes gigantes. Deve ser uma das entradas laterais para o complexo de laboratórios. Vejo que a grade é encimada por espirais de arame farpado e a cada seis metros há placas que indicam: PROPRIEDADE PRIVADA. NÃO ULTRAPASSE. SOMENTE PESSOAS AUTORIZADAS.

— Acho que não podemos… — começo a dizer, mas Hana me interrompe.

— Vamos… — diz ela. — Viva um pouco.

Examino rapidamente o estacionamento depois do portão e a rua atrás de nós: ninguém. A pequena guarita policial após a entrada também está vazia. Inclino-me e espio o interior. Há um sanduíche pela metade, embrulhado em papel-manteiga, e uma pilha de livros desarrumada em uma pequena mesa, perto de um rádio antigo, que emite um ruído estático e trechos de música em meio ao silêncio. Também não vejo câmeras de segurança, apesar de provavelmente haver algumas. Todos os prédios do governo são monitorados. Hesito por um segundo e, em seguida, passo por cima do portão e alcanço Hana. Os olhos dela brilham, animados, e percebo que esse era seu plano, e seu destino, o tempo todo.

— Deve ser por aqui que os Inválidos entraram — diz ela com uma pressa afobada, como se tivéssemos passado o tempo todo falando sobre o drama do dia anterior no laboratório. — Não acha?

— Parece que não teria sido difícil.

Tento soar casual, mas a via auxiliar vazia, o estacionamento enorme brilhando ao sol, as caçambas de lixo azuis, os fios elétricos cruzando o céu e a inclinação branca e reluzente dos telhados do complexo de laboratórios me deixam apreensiva. Tudo está silencioso e muito parado, quase congelado, como acontece em sonhos ou pouco antes de uma grande tempestade. Não quero dizer isso a Hana, mas daria tudo para voltar a Old Port, ao complicado emaranhado de ruas e lojas familiares.

Apesar de não haver ninguém em volta, tenho a impressão de estar sendo vigiada. É pior que a sensação comum de ser observada no colégio, nas ruas e até mesmo em casa, precisando ter cautela em relação a tudo o que se faz e se diz, aquela sensação totalizadora e indistinta com a qual todos acabam se acostumando.

— É… — Hana chuta o chão de terra. Uma nuvem de poeira sobe e vai se assentando lentamente. — Uma segurança bem fraquinha para um complexo de laboratórios tão grande.

— Uma segurança bem fraquinha até mesmo para um zoológico — digo.

— Assim fico ofendido. — A voz surge atrás de nós, e tanto eu quanto Hana levamos um susto.

Viro-me. O mundo parece congelar por um instante.

Há um garoto atrás de nós, com os braços cruzados e a cabeça inclinada para o lado. Um garoto de pele cor de caramelo e cabelos em tom dourado e castanho, como as folhas das árvores no outono, prestes a cair.

É ele. O garoto de ontem, da galeria de observação. O Inválido.

Só que ele não é um Inválido, obviamente. Está usando um uniforme azul de guarda, com mangas curtas, e calça jeans, e tem um crachá plastificado de identificação do governo preso ao colarinho.

— Saio por dois segundos para encher isto aqui — Ele gesticula para a garrafa d'água que está segurando. — e encontro uma completa invasão quando volto.

Estou tão confusa que não consigo me mover, falar ou fazer qualquer coisa. Hana deve achar que estou assustada, porque reage rapidamente:

— Não estávamos invadindo. Não estávamos fazendo nada. Só estávamos correndo e… hum, nos perdemos.

O garoto cruza os braços na frente do peito, balançando-se sobre os calcanhares.

— Não viram nenhuma das placas lá fora, então? "Não ultrapasse"? "Somente pessoas autorizadas"?

Hana desvia o olhar. Está nervosa também. Posso sentir. Hana é mil vezes mais confiante que eu, mas não estamos acostumadas a ficar a céu aberto conversando com um garoto, *principalmente* um guarda, e deve ter ocorrido a Hana que ele já tem motivos suficientes para nos prender.

— Acho que não reparamos — resmunga Hana.

— Aham. — Ele ergue as sobrancelhas. Obviamente, não acredita em nós, mas pelo menos não parece irritado. — Elas são bem discretas. E existem apenas algumas dezenas delas. Entendo que talvez não tenham notado.

Ele desvia o olhar por um segundo, cerrando os olhos, e tenho a sensação de que está tentando conter o riso. Não é como qualquer guarda que eu já tenha visto — pelo menos não como os guardas típicos que se veem na fronteira e ao redor de Portland: gordos, carrancudos e velhos. Penso em como ontem eu tive certeza, uma certeza sólida entranhada em mim, de que ele vinha da Selva.

Eu estava enganada, obviamente. Quando ele vira a cabeça, vejo o sinal inconfundível da cura: a marca da intervenção, uma cicatriz com três pontos logo abaixo da orelha esquerda, onde os cientistas inserem uma agulha especial de três pontas utilizada exclusivamente para imobilizar o paciente a fim de que a cura possa ser administrada. As pessoas exibem suas cicatrizes como medalhas de honra; dificilmente se veem curados com cabelos longos, e as mulheres que não cortam os cabelos tomam o cuidado de usá-los amarrados.

Meu medo diminui. Conversar com um curado não é ilegal. As regras de segregação não se aplicam.

Não sei ao certo se ele me reconheceu. Caso o tenha feito, não demonstrou qualquer sinal. Finalmente, não aguento e solto:

— Você. Eu o vi…

No último segundo, não consigo concluir a frase. *Eu o vi ontem.*

Você piscou *para mim.*

Hana parece espantada.

— Vocês se conhecem?

Ela lança um olhar para mim. Hana sabe que mal troquei duas palavras com qualquer garoto na vida, a não ser um "com licença" na rua ou um "desculpe por ter pisado em seu pé" quando tropeço em alguém. Não devemos ter mais do que o mínimo contato com meninos não curados fora de nossas famílias. Mesmo após curados, raramente há necessidade ou justificativa para isso, a não ser que se trate de um médico, um professor ou alguém assim.

Ele se vira para mim. Seu rosto parece completamente profissional e composto, mas

juro que vejo alguma coisa brilhando em seus olhos, uma expressão de divertimento ou de prazer.

— Não — diz ele, suavemente. — Não nos conhecemos. Tenho certeza de que me lembraria. — O brilho em seus olhos voltou. Ele está rindo de mim?

— Sou Hana — diz Hana. — E esta é a Lena.

Ela me cutuca com o cotovelo. Sei que devo estar parecendo um peixe, parada ali com a boca aberta, mas estou indignada demais para falar. Ele está mentindo. *Sei* que foi ele quem vi ontem; apostaria minha vida nisso.

— Alex. Prazer em conhecê-las. — Alex mantém os olhos em mim enquanto aperta a mão de Hana. Em seguida, ele estende a mão para mim. — Lena — diz ele, pensativo. — Nunca ouvi este nome antes.

Hesito. Apertos de mão me deixam constrangida, como se eu estivesse vestindo roupas grandes demais para brincar de ser adulta. Além disso, nunca toquei a pele de um estranho. Mas ele está ali com a mão estendida, então, após um segundo, estico minha mão e aperto a dele. Assim que nos tocamos, um minúsculo choque elétrico se espalha por mim, e recolho a mão rapidamente.

— É um apelido para Magdalena — explico.

— Magdalena. — Alex inclina a cabeça para trás, observando-me com seus olhos quase cerrados. — Gostei.

Fico momentaneamente distraída pela maneira como ele pronuncia meu nome. Em sua boca, a palavra soa musical, não o estardalhaço grosseiro que meus professores sempre fizeram parecer. Seus olhos têm uma bonita cor âmbar e, ao observá-lo, tenho uma recordação súbita e rápida de minha mãe derramando calda em uma pilha de panquecas. Desvio o olhar, sentindo-me envergonhada, como se ele, de alguma forma, fosse responsável por atrair essa lembrança, como se tivesse estendido a mão, puxando-a de mim. Sentir vergonha me deixa irritada, então insisto:

— Conheço você, *sim*. Eu o vi ontem, no laboratório. Você estava na galeria de observação, assistindo… assistindo a tudo.

Novamente, minha coragem falha no último segundo e não digo *me assistindo*.

Posso sentir Hana me encarando, mas eu a ignoro. Ela deve estar furiosa por eu não ter lhe falado nada a respeito.

O rosto de Alex não muda. Ele não pisca nem altera seu sorriso por uma fração de segundo sequer.

— Um erro de identificação, suponho. Guardas não podem entrar nos laboratórios durante as avaliações. Principalmente guardas de meio período.

Durante mais um segundo ficamos ali, encarando um ao outro. Agora sei que ele está mentindo, e o sorriso simples e preguiçoso em seu rosto me faz querer esticar o braço e lhe dar um tapa. Cerro os punhos e respiro fundo, forçando-me a manter a calma. Não sou violenta. Não sei por que estou tão irritada.

Hana interrompe, quebrando a tensão.

— Então, é isso? Um segurança de meio período e algumas placas de "não

ultrapasse"?

Alex mantém os olhos em mim por mais meio segundo. Em seguida, vira-se para Hana, como se a notasse pela primeira vez.

— O que quer dizer?

— Pensei que os laboratórios fossem mais bem-protegidos, só isso. Não me parece muito difícil invadir este lugar.

Alex ergue as sobrancelhas.

— Está pensando em tentar?

Hana fica paralisada, e meu sangue gela. Ela foi longe demais. Se Alex nos denunciar como potenciais simpatizantes, encrenqueiras ou qualquer coisa, passaremos meses e meses sendo vigiadas e investigadas — e podemos dar adeus a nossas chances de passar nas avaliações com notas decentes. Imagino uma vida inteira vendo Andrew Marcus tirando meleca com o dedão e fico tonta.

Alex provavelmente percebe nosso medo, porque levanta as mãos.

— Relaxem. Eu estava brincando. Vocês não parecem exatamente terroristas. — Penso de repente em quão ridículas devemos parecer, com nossos shorts de corrida, tops suados e tênis em cores fluorescentes. Ou, pelo menos, eu devo estar ridícula. Hana parece uma modelo de artigos esportivos. Mais uma vez, sinto um acesso de rubor seguido por uma onda de irritação. Não foi à toa que os reguladores optaram pela segregação entre meninos e meninas: caso contrário, teria sido um pesadelo ficar sentindo raiva, insegurança, confusão e irritação o tempo todo. — Esta aqui é apenas a área de carregamento, de qualquer forma, para cargas e coisas assim. — Alex aponta para além dos galpões. — A segurança verdadeira começa mais perto das instalações. Guardas em tempo integral, câmeras, cercas elétricas e tudo a que se tem direito.

Hana não olha para mim, mas quando ela fala ouço a animação invadindo sua voz.

— Área de carregamento? Quer dizer, o local onde chegam as entregas?

Mentalmente, começo a rezar: *Não diga nada idiota. Não diga nada idiota. Não mencione os Inválidos.*

— Isso.

Hana se balança, transferindo o peso de uma perna para a outra. Tento lançar um olhar de advertência, mas ela evita meus olhos.

— Então é por aqui que entram os caminhões? Com os equipamentos médicos e… e outras coisas?

— Exatamente.

Mais uma vez, tenho a impressão de que há algo piscando atrás dos olhos de Alex, mesmo com o restante de sua face permanecendo totalmente neutro. Percebo que não confio nele, e de novo me pergunto por que ele está mentindo sobre ter estado no laboratório na véspera. Talvez só porque seja proibido, como ele disse. Talvez porque estivesse rindo em vez de ajudar.

E talvez, afinal, ele realmente não esteja me reconhecendo. Travamos contato visual por apenas alguns segundos, e tenho certeza de que para ele não passei de um borrão, de

um rosto entre tantos, fácil de esquecer. Um rosto que não é bonito. Nem feio. Apenas comum, como milhares de outros rostos que se veem na rua.

Ele, por outro lado, definitivamente, não é um entre tantos rostos. Para mim, há algo de insano em ficar a céu aberto conversando com um garoto estranho, mesmo que ele *seja* curado, e apesar de minha cabeça estar girando é como se minha visão estivesse afiadíssima, fazendo tudo parecer extremamente detalhado. Noto a maneira como parte de seus cabelos se curva ao redor da cicatriz, como uma moldura; percebo suas mãos grandes e marrons, a brancura dos dentes e a simetria perfeita do rosto. A calça jeans está desbotada e presa por um cinto abaixo dos quadris, e os cadarços dos tênis são do tom mais estranho de azul, como se ele os tivesse colorido com uma caneta.

Fico imaginando quantos anos ele tem. Parece ter minha idade, mas deve ser um pouco mais velho, talvez dezenove anos. Fico imaginando também — em um pensamento breve e rápido — se ele já foi pareado. É claro que já; com certeza.

Estava encarando-o sem querer quando, de repente, ele se vira para mim. Abaixo os olhos, sentindo um pavor rápido e irracional de que ele tenha conseguido ler meus pensamentos.

— Eu adoraria dar uma olhada — sugere Hana sem a menor sutileza. Estico o braço e dou um beliscão nela quando Alex não está olhando; ela se encolhe, lançando-me um olhar culpado. Pelo menos ela não começa a perturbá-lo por conta do que aconteceu ontem e não nos faz parar na cadeia ou em um interrogatório.

Alex joga sua garrafa d'água para o alto e a segura com uma das mãos.

— Confie em mim, não há nada para ver. A não ser que você seja fã de lixo industrial. Temos muito disso por aqui. — Ele inclina a cabeça em direção às caçambas de lixo. — Ah… e a melhor vista para a baía em Portland. Também temos isso a nosso favor.

— Sério? — diz Hana, franzindo o nariz, momentaneamente distraída de sua investigação.

Alex confirma com a cabeça, joga a garrafa outra vez e a segura. Enquanto ela gira no ar, o sol brilha através da água como luz passando por uma joia.

— *Isso* eu posso mostrar — diz ele. — Vamos.

Tudo o que quero é sair dali, mas Hana diz:

— Claro.

Então, vou atrás dela, amaldiçoando em silêncio sua curiosidade e sua fixação com tudo relacionado aos Inválidos e jurando nunca mais deixá-la escolher nossa rota de corrida. Ela e Alex caminham na frente, e eu capto pedaços dispersos da conversa: ouço que ele frequenta uma das universidades, mas não escuto qual é o curso; Hana diz que estamos prestes a nos formar. Ele diz que tem dezenove anos; ela diz que faremos dezoito em alguns meses. Ainda bem que evitam falar sobre as avaliações arruinadas da véspera.

A via auxiliar chega a outra, menor, paralela à rua Fore, seguindo uma ladeira íngreme em direção a Eastern Promenade. Aqui há fileiras de longos galpões metálicos

de armazenamento. O sol está forte, alto e implacável. Estou morta de sede, mas quando Alex se vira e me oferece um gole de sua água digo "não" rapidamente e alto demais. Pensar em colocar minha boca onde a dele esteve me deixa ansiosa outra vez.

Ao chegarmos ao topo da colina — todos nós um pouco ofegantes por causa da subida —, a baía se desdobra à nossa direita como um mapa gigante, um mundo brilhante e luminoso de tons azuis e verdes. Hana inspira ligeiramente. É de fato uma paisagem linda: desobstruída e perfeita. O céu está cheio de nuvens brancas e fofas, que me fazem pensar em travesseiros de pena, e gaivotas desenham preguiçosos arcos sobre a água, formando e desfazendo desenhos no céu.

Hana avança alguns passos.

— É incrível. Lindo, não é? Independentemente de quanto tempo eu more aqui, nunca me acostumo. — Ela se vira e olha para mim. — Acho que é minha maneira preferida de ver o oceano. No meio da tarde, com o céu ensolarado e brilhante. É como uma fotografia. Não acha, Lena?

Estou tão relaxada — aproveitando o vento no alto da colina, que passa por meus braços e pernas e me refresca e me faz sentir cheia de vida, aproveitando a vista da baía e a claridade alta do sol — que quase esqueço de que Alex está conosco. Ele está atrás de nós, a alguns passos de distância, e não disse uma palavra desde que chegamos ao topo da colina.

Por isso, quase morro de susto quando ele se inclina para a frente e diz uma única palavra em meu ouvido:

— Cinza.

— O quê?

Giro meu corpo, com o coração acelerado. Hana se virou de novo para a água, e fala sobre como gostaria de ter trazido sua câmera fotográfica e sobre como as pessoas nunca têm aquilo de que realmente precisam. Alex está curvado bem perto de mim, tão perto que posso ver cada um de seus cílios, como pinceladas perfeitas de um óleo sobre tela, e agora seus olhos estão literalmente dançando cheios de luz, queimando como se pegassem fogo.

— O que você disse? — repito. Minha voz sai em um sussurro rouco.

Ele se inclina um pouco mais, e é como se as chamas saíssem de seus olhos e incendiassem todo o meu corpo. Nunca estive tão perto de um garoto. Sinto vontade ao mesmo tempo de desmaiar e de correr. Mas não consigo me mexer.

— Eu disse que prefiro quando o oceano está cinza. Ou não realmente cinza. Uma cor pálida, intermediária. Evoca a ideia de esperar que aconteça alguma coisa boa.

Ele se lembra. Ele *estava* lá. O chão parece estar se dissolvendo sob meus pés do mesmo jeito que acontece no sonho com minha mãe. Tudo o que consigo ver são os olhos dele, as transições de sombra e de luz se movendo ali.

— Você mentiu — consigo dizer. — Por que você mentiu?

Ele não responde. Recua alguns centímetros e diz:

— Claro, é ainda mais bonito ao pôr do sol. Por volta de oito e meia, quando o céu

parece estar pegando fogo, principalmente na enseada Back. Você realmente deveria ver. — Ele para e, embora sua voz esteja baixa e casual, tenho a sensação de que ele está tentando me dizer algo importante. — Hoje, provavelmente, será incrível.

Meu cérebro se esforça para processar lentamente suas palavras, a maneira como ele enfatiza certos detalhes. Então a ficha cai: ele me deu um horário e um local. Está me dizendo para encontrá-lo.

— Está me chamando para…? — começo a dizer, mas nesse instante Hana corre até mim, agarrando-me pelo braço.

— Meu Deus! — diz ela, rindo. — Consegue acreditar que já passa das cinco horas? Temos que *ir*.

Ela me arrasta para trás antes que eu possa responder ou protestar, e quando penso em olhar por cima do ombro para ver se Alex está nos olhando ou me enviando qualquer sinal, ele já desapareceu.

seis

Mamãe, mamãe, ajude-me a chegar em casa,
estou na floresta, estou sozinha.
Encontrei um lobisomem, um pateta maldoso.
Ele me mostrou os dentes e atacou meu torso.

Mamãe, mamãe, ajude-me a chegar em casa,
estou na floresta, estou sozinha.
Fui abordada por um vampiro, um podre sacripanta.
Ele me mostrou os dentes e atacou minha garganta.

Mamãe, mamãe, ponha-me para dormir,
Não chegarei em casa, já estou semimorta.
Encontrei um Inválido e me encantei por sua sedução.
Ele me mostrou seu sorriso e atacou meu coração.

— "A caminhada de uma criança para casa",
Cantigas infantis e contos folclóricos, organizado por Cory Levinson.

À noite, não consigo me concentrar. Quando estou arrumando a mesa para o jantar, sem querer sirvo vinho no copo de suco de Gracie e suco de laranja na taça de meu tio, e, enquanto ralo o queijo, esbarro meus dedos tantas vezes nos dentes do ralador que minha tia enfim me expulsa da cozinha, dizendo que prefere não gratinar seu ravióli com pele. Não consigo parar de pensar na última coisa que Alex me disse, nas mudanças infinitas de tons em seus olhos, na expressão estranha em seu rosto — como se ele estivesse me convidando. *Por volta de oito e meia, quando o céu parece estar pegando fogo, principalmente na enseada Back. Você realmente deveria ver…*

Será sequer remota e concebivelmente possível que ele estivesse me dando um recado? Será possível que ele estivesse me pedindo para encontrá-lo?

A ideia me deixa tonta.

Fico pensando também naquela única palavra, em voz baixa e suave em meu ouvido: *cinza*. Ele estava lá; ele me viu; ele se *lembrou* de mim. Tantas perguntas enchiam meu cérebro que era como se um dos famosos nevoeiros de Portland tivesse se erguido do oceano e se estabelecido nele, impedindo-me de ter pensamentos normais, funcionais.

Minha tia finalmente nota que algo está errado. Pouco antes do jantar ajudo Jenny com os deveres de casa, como sempre, estudando a tabuada. Estamos sentadas no chão da sala da estar, um cômodo espremido bem ao lado da "sala de jantar" (uma alcova

onde mal cabe uma mesa e seis cadeiras), e estou com o livro de exercícios apoiado em meus joelhos, lendo os problemas para ela, mas minha mente está no piloto automático, e meus pensamentos, a um milhão de quilômetros de distância. Ou, na verdade, a exatamente 5,47 quilômetros de distância, na margem alagadiça da enseada Back. Sei a medida exata porque é uma boa corrida da minha casa até lá. Agora, estou calculando em quanto tempo eu chegaria lá de bicicleta e, em seguida, eu me recrimino por considerar essa ideia.

— Sete vezes oito?

Jenny contrai os lábios.

— Cinquenta e seis.

— Nove vezes seis?

— Cinquenta e dois.

Por outro lado, não existe *lei* alguma que nos proíba de falar com um curado. Curados são seguros. Eles podem ser mentores ou orientadores para não curados. Apesar de Alex ser apenas um ano mais velho que eu, estamos separados, irreparável e totalmente, pela intervenção. Daria no mesmo se ele fosse meu avô.

— Sete vezes onze?

— Setenta e sete.

— Lena. — Minha tia saiu da cozinha, passou espremida pela mesa da sala de jantar, e está atrás de Jenny. Pisco duas vezes, tentando focalizá-la. O rosto de Carol está contraído pela preocupação. — Algum problema?

— Não. — Abaixo os olhos rapidamente. Detesto quando minha tia me olha desse jeito, como se estivesse lendo todas as partes ruins de minha alma. Sinto-me culpada só de pensar em um garoto, mesmo que seja um curado. Se soubesse, ela diria: *Ah, Lena… Cuidado. Lembre-se do que aconteceu com sua mãe.* Diria: *Essas doenças tendem a circular pelo sangue.*
— Por quê?

Mantenho os olhos fixos no tapete gasto embaixo de mim. Carol se inclina para a frente, tira o livro de exercícios de Jenny de meus joelhos e fala alto, em sua voz clara e aguda:

— Nove vezes seis é igual a cinquenta e quatro. — Ela fecha o livro. — Não cinquenta e dois, Lena. Presumo que você saiba a tabuada?

Jenny mostra a língua para mim.

Minhas bochechas começam a esquentar quando percebo meu erro.

— Desculpe. Acho que estou apenas um pouco… distraída.

Há uma pausa momentânea. Os olhos de Carol não deixam minha nuca. Posso senti-los queimando minha pele. Tenho a sensação de que vou gritar, chorar ou confessar, se ela continuar me encarando.

Finalmente, ela suspira.

— Você ainda está pensando nas avaliações, não é?

Libero o ar preso em minhas bochechas e sinto o peso da ansiedade deixar meu peito.

— É, acho que sim.

Arrisco um olhar para ela, que responde com seu sorriso rápido.

— Sei que está decepcionada por ter de enfrentar o processo outra vez. Mas pense que dessa vez você estará ainda mais preparada.

Balanço a cabeça, tentando demonstrar entusiasmo, embora um leve sentimento de culpa tenha começado a me incomodar. Nem pensei nas avaliações desde hoje cedo, quando descobri que os resultados seriam desconsiderados.

— É, você tem razão.

— Vamos, então. Hora do jantar.

Minha tia estica o braço e passa um dedo em minha testa. Ele é frio e reconfortante, e se vai tão rapidamente quanto a mais leve brisa. Minha culpa sobe às alturas e, naquele instante, não consigo acreditar que sequer *considerei* voltar à enseada Back. É uma coisa absolutamente, cem por cento, errada a ser feita, e me levanto para o jantar sentindo-me limpa, leve e feliz, como no primeiro momento de saúde após uma longa febre.

Mas durante o jantar minha curiosidade — e, com ela, minhas dúvidas — volta. Mal consigo acompanhar a conversa. Só consigo pensar em: *Vou? Não vou? Vou? Não vou?* Em certo momento, meu tio conta uma história sobre um de seus clientes, e percebo que todos estão rindo, então eu rio também, mas o riso sai um pouco alto e longo demais. Todos se viram para mim, até Gracie, que franze o nariz e inclina a cabeça como um cachorrinho farejando algo novo.

— Você está bem, Lena? — pergunta meu tio, ajeitando os óculos como se esperasse me enxergar melhor. — Você parece um pouco estranha.

— Estou bem. — Empurro o ravióli em meu prato. Em geral, consigo comer metade de uma caixa, principalmente após uma longa corrida (e ainda sobra espaço para sobremesa), mas agora mal consigo engolir algumas garfadas. — Apenas estressada.

— Deixe-a em paz — diz minha tia. — Ela está chateada com as avaliações. Não saíram como o planejado.

Ela encara meu tio, e eles trocam um olhar rápido. Sinto uma onda de animação. É raro que meus tios se olhem desse jeito, um olhar sem palavras, cheio de significado. Na maioria das vezes, suas interações são limitadas ao de sempre — meu tio conta histórias sobre o trabalho, minha tia fala sobre os vizinhos. *O que temos para o jantar? Há um vazamento no telhado. Blá-blá-blá.* Penso que, pela primeira vez, vão mencionar a Selva e os Inválidos. Mas, então, meu tio balança minimamente a cabeça.

— Esse tipo de confusão acontece o tempo todo — diz ele, espetando um ravióli com o garfo. — Outro dia mesmo pedi a Andrew que fizesse uma nova encomenda de três caixas de suco de laranja Vik. Mas ele errou os códigos e adivinha o que chegou? Três caixas de leite para criança. Eu disse a ele, eu disse: "Andrew…"

Desligo-me da conversa outra vez, grata por meu tio ser tão falante e feliz por minha tia ter me defendido. A única vantagem em ser tímida é que ninguém vem perturbar quando você quer ficar sozinha. Inclino-me para a frente e dou uma olhada no relógio da cozinha. Sete e meia, e nem acabamos de comer. E depois precisarei ajudar

a tirar a mesa e lavar a louça, o que sempre leva uma eternidade; a máquina de lavar louça gasta energia demais, então lavamos tudo à mão.

Lá fora o céu está riscado por filamentos dourados e cor-de-rosa. Parece a massa de bala que gira na Sugar Shack do centro da cidade, toda lustrosa, elástica e colorida. *Será* um belo pôr do sol hoje. Naquele instante, o impulso para ir é tão forte que preciso apertar as bordas de minha cadeira para não me levantar subitamente e sair correndo pela porta.

Enfim, decido parar de me preocupar e deixo a decisão nas mãos da sorte, do destino ou do que quer que seja. Se terminarmos de comer e de lavar a louça a tempo de eu chegar à enseada Back, eu vou. Caso contrário, fico. Sinto-me um milhão de vezes melhor depois disso e até consigo comer mais um pouco de ravióli antes de Jenny (milagre dos milagres) ter um impulso repentino e esvaziar seu prato e minha tia anunciar que posso tirar a mesa quando eu tiver terminado.

Levanto-me e começo a empilhar os pratos de todo mundo. São quase oito horas. Mesmo que eu consiga lavar tudo em quinze minutos — com muito otimismo —, ainda assim seria difícil chegar à praia até oito e meia. E muito mais difícil chegar em casa antes das nove, horário do toque de recolher que a cidade estabeleceu para não curados.

E se eu for pega na rua depois do horário…

A verdade é que não sei *o que* aconteceria. Nunca violei o toque de recolher.

Bem quando aceito que não há como ir até a enseada Back e voltar a tempo, minha tia faz o impensável. Quando estou prestes a pegar seu prato, ela me interrompe.

— Não precisa lavar a louça hoje, Lena. Deixe que eu cuido disso.

Enquanto fala, ela estica seu braço e toca o meu. Assim como antes, o toque é tão passageiro e frio quanto o vento.

E, antes que eu consiga pensar no que isso significa, digo:

— Na verdade, preciso dar um pulo rápido até a casa de Hana.

— Agora? — Uma expressão alarmada (ou desconfiada?) passa pelo rosto de minha tia. — São quase oito horas.

— Eu sei. Nós… Ela… Ela tinha ficado de me dar um guia de estudos. Acabei de me lembrar.

Agora a expressão de desconfiança — *é* desconfiança, com certeza — se acomoda, aproximando as sobrancelhas de Carol e contraindo seus lábios.

— Vocês não têm nenhuma aula juntas. E seus testes acabaram. Quão importante isso pode ser?

— Não é para a escola. — Reviro os olhos, tentando invocar um pouco da indiferença de Hana, apesar de minhas palmas suarem e meu coração martelar no peito. — É uma espécie de guia cheio de dicas. Para as avaliações. Ela sabe que eu preciso me preparar mais, considerando que quase engasguei ontem.

Mais uma vez, minha tia direciona um rápido olhar para meu tio.

— O toque de recolher é em uma hora — diz ela. — Se você for pega depois do horário…

O nervosismo atiça meu temperamento.

— Eu *sei* sobre o toque de recolher — disparo. — Ouço falar dele desde que nasci.

Sinto-me culpada no segundo em que as palavras saem de minha boca e abaixo os olhos para evitar olhar para Carol. Nunca a contestei antes, sempre tentei ser tão paciente, obediente e boa quanto possível — sempre tentei ser tão *invisível* quanto possível, uma boa menina que ajuda com a louça e as crianças, faz o dever de casa e ouve sem enfrentar. Sei que devo a Carol por cuidar de Rachel e de mim depois que minha mãe morreu. Se não fosse por ela, eu provavelmente estaria largada em um dos orfanatos, sem receber educação nem atenção, talvez destinada a um emprego em um abatedouro, limpando tripas de ovelhas, bosta de vaca ou algo do tipo. Talvez — talvez! —, se eu tivesse sorte, conseguiria trabalhar na área de limpeza.

Ninguém adotaria uma criança cujo passado foi manchado pela doença.

Gostaria de poder ler a mente dela. Não faço ideia do que se passa em sua cabeça, mas Carol parece estar me analisando, tentando ler minha expressão. Penso várias vezes *Não estou fazendo nada errado, é inofensivo, estou bem*, seco as palmas das mãos na parte de trás da calça jeans e, com certeza, estou deixando uma marca de suor.

— Seja rápida — diz ela, afinal, e, assim que as palavras deixam sua boca, corro para o andar de cima e troco minhas sandálias por tênis. Então, desço às pressas e voo pela porta. Minha tia mal teve tempo para levar as louças para a cozinha. Ela diz alguma coisa quando passo, mas já estou atravessando a porta da frente e não escuto. O antigo relógio na sala de estar começa a soar exatamente quando a porta se fecha atrás de mim. Oito horas.

Destranco minha bicicleta e pedalo pela entrada da casa até a rua. Os pedais rangem, gemem e tremem. Essa bicicleta era de minha prima Marcia e deve ter, no mínimo, quinze anos. Deixá-la fora da casa o ano todo não está ajudando a preservá-la.

Sigo em direção à enseada Back, que felizmente é colina abaixo. As ruas ficam sempre vazias a esta hora da noite. A maioria dos curados está em casa, jantando, tomando banho ou se preparando para mais uma noite sem sonhos, e todos os não curados estão em casa ou a caminho, observando, nervosos, os minutos se passarem até o toque de recolher às nove horas.

Minhas pernas ainda doem por causa da corrida de hoje. Se eu conseguir chegar à enseada Back a tempo e Alex estiver lá, estarei toda acabada, suada e nojenta. Mas continuo assim mesmo. Agora que estou fora da casa, afasto todas as dúvidas e perguntas da cabeça e me concentro em avançar tão rapidamente quanto as cãibras em minhas pernas me permitem, pedalando pelas ruas vazias rumo à enseada, pegando todos os atalhos em que consigo pensar e observando o sol descer tranquilamente até a resplandecente linha dourada do horizonte, como se o céu — agora de um tom vivo e enérgico de azul — fosse água e a luz o estivesse atravessando.

Só estive sozinha na rua a esta hora algumas vezes, e a sensação é estranha — ao mesmo tempo assustadora e excitante, como conversar livremente com Alex hoje à tarde: como se o olho giratório que sei que está sempre observando tivesse sido cegado por

uma fração de segundo, como se a mão que você segurou a vida inteira de repente desaparecesse e o deixasse livre para se mover em qualquer direção.

Luzes vazam das janelas a meu redor, principalmente de velas e lanternas; esta é uma área pobre, e tudo é racionado, sobretudo gás e eletricidade. Em um momento, perco de vista a posição do sol atrás dos prédios de quatro e cinco andares, que ficam mais colados um ao outro depois que dobro na rua Preble: prédios altos, estreitos e escuros grudados como se já estivessem se preparando para o inverno, aproximando-se para se aquecer. Não parei para pensar no que direi a Alex, e de repente a ideia de ficar sozinha com ele faz meu estômago se contorcer. Preciso frear minha bicicleta abruptamente, parar e retomar o fôlego. Meu coração está batendo freneticamente. Após um minuto de descanso, volto a pedalar, agora mais devagar. Ainda estou a um pouco mais de um quilômetro de distância, mas já posso ver a enseada à minha direita. O sol já está vacilando acima da massa escura de árvores no horizonte. Tenho dez minutos, no máximo quinze, até que a escuridão seja total.

Então, outro pensamento quase me faz parar, atingindo-me como um soco: ele não estará lá. Chegarei tarde demais, ele terá ido embora. Ou isso tudo vai acabar sendo apenas uma grande piada ou uma pegadinha.

Ponho uma das mãos na barriga, mentalizando para que o ravióli fique quieto, e acelero novamente.

Estou tão ocupada pedalando com um pé após o outro — esquerdo, direito, esquerdo, direito — e enfrentando um cabo de guerra mental com meu aparelho digestivo que não ouço os reguladores se aproximando.

Estou prestes a acelerar pelo semáforo há tempos desativado na avenida Baxter quando, de repente, sou ofuscada por uma fileira de luzes fortes movendo-se: o brilho de mais de dez lanternas está apontado para meus olhos, de modo que preciso parar de repente, levando uma das mãos ao rosto e quase caindo por cima do guidom — o que seria um verdadeiro desastre, considerando que, na pressa para sair de casa, esqueci o capacete.

— Pare. — A voz de um dos reguladores soa como um latido. Deve ser o líder responsável pela patrulha. — Verificação de identidade.

Grupos de reguladores — tanto de cidadãos voluntários quanto de reguladores oficiais empregados pelo governo — patrulham as ruas todas as noites, à procura de não curados violando o toque de recolher e verificando as ruas e (se as cortinas estiverem abertas) as casas em busca de atividades proibidas, como não curados se tocando ou andando juntos após o pôr do sol — ou até mesmo curados envolvidos em "atividades que possam sinalizar o ressurgimento do *delíria* após a intervenção", como excesso de abraços e beijos. Isso raramente acontece, mas *acontece*.

Reguladores respondem diretamente ao governo e têm uma relação muito próxima com os cientistas nos laboratórios. Eles foram os responsáveis por mandar minha mãe para sua terceira intervenção; uma patrulha a viu segurando uma fotografia e chorando uma noite, pouco depois de seu segundo tratamento fracassado. Ela olhava uma foto de

meu pai e se esquecera de fechar totalmente as cortinas. Dias depois, ela estava de volta aos laboratórios.

Em geral, é fácil evitar os reguladores. Dá para ouvi-los a praticamente um quilômetro de distância. Eles andam com rádios para se coordenar com outras patrulhas, e a interferência estática dos aparelhos sendo ligados e desligados faz parecer que há um enxame enorme de vespas a caminho. Eu só não estava prestando atenção. Censurando mentalmente minha burrice, pesco minha carteira no bolso de trás da calça. Ao menos lembrei-me de trazer *isso*. É ilegal circular por Portland sem um documento de identidade. A última coisa que alguém quer é passar uma noite na cadeia enquanto as autoridades tentam verificar sua validade.

— Magdalena Ella Haloway — digo, tentando manter a voz firme enquanto entrego minha identidade ao líder dos reguladores. Mal consigo vê-lo por trás da lanterna, que ele mantém direcionada ao meu rosto, forçando-me a cerrar os olhos. Ele é grande; é tudo o que sei. Alto, magro, ossudo.

— Magdalena Ella Haloway — repete. Gira minha identificação entre os dedos longos e olha meu código de identidade, um número atribuído a cada cidadão americano. Os três primeiros dígitos apontam seu estado; os três seguintes, sua cidade; os três seguintes, seu grupo familiar; e os quatro seguintes, sua identidade. — E o que você está fazendo, Magdalena? Estamos a menos de quarenta minutos para o toque de recolher.

Menos de quarenta minutos! Então já são quase oito e meia. Desloco meu peso de um pé para o outro, esforçando-me para não denunciar minha impaciência. Muitos reguladores — especialmente os voluntários — são técnicos municipais malpagos: lavadores de janelas, fiscais da companhia de gás ou guardas.

Respiro fundo e digo com o máximo de inocência possível:

— Queria fazer um passeio rápido até a enseada Back. — Faço o possível para sorrir e parecer um pouco idiota. — Eu estava me sentindo um pouco inchada após o jantar. — Não adianta mentir mais que isso. Vou só arrumar problemas.

O líder continua me examinando, segurando minha identidade e mantendo o foco da lanterna brilhando em meu rosto. Por um segundo ele parece hesitar, e tenho certeza de que vai me liberar, mas então ele entrega minha identidade a outro regulador.

— Passe pelo SSV, por favor. Certifique-se de que é válida.

Meu coração despenca. SSV é o Sistema Seguro de Validação, uma rede de computadores em que estão armazenadas todas as cidadanias válidas, de cada pessoa no país inteiro. Pode levar de vinte a trinta minutos para que o computador confira um código, dependendo de quantas outras pessoas estiverem acessando o sistema. Ele não deve achar realmente que forjei uma identidade, mas me fará perder tempo enquanto alguém verifica.

E, então, milagrosamente, uma voz soa em meio ao grupo:

— Ela é válida, Gerry. Eu a conheço. Ela frequenta a loja. Mora na avenida Cumberland, número 172.

Gerry se vira e abaixa a lanterna. Pisco para espantar os pontos flutuantes em minha visão. Reconheço vagamente alguns rostos — uma mulher que trabalha na lavanderia da cidade e passa as tardes apoiada no batente da porta, mascando chiclete e lançando cusparadas ocasionais na rua; o guarda de trânsito que trabalha no centro, perto da avenida Franklin, uma das poucas áreas de Portland onde há tráfego suficiente para justificar a presença de um guarda; um dos homens que recolhe nosso lixo — e, lá no fundo, Dev Howard, dono da Quikmart, uma loja em minha rua.

Em geral, meu tio traz quase todos os nossos mantimentos — enlatados, massa e carnes fatiadas, basicamente — do Stop-N-Save, sua mistura de bodega e loja de conveniência, que fica lá em Munjoy Hill, mas, de vez em quando, se estamos desesperados por papel higiênico ou leite, eu corro até a Quikmart. O Sr. Howard sempre me deu arrepios. É magro demais, e seus olhos negros encapsulados parecem os de um rato. Mas, hoje, eu poderia abraçá-lo. Nem imaginava que ele soubesse meu nome. Ele nunca me disse uma palavra além do *Mais alguma coisa?* depois de somar o valor de minhas compras, encarando-me sob a sombra pesada de suas pálpebras. Faço uma anotação mental de que devo agradecer a ele na próxima vez em que o vir.

Gerry hesita por mais uma fração de segundo, mas percebo que os outros reguladores estão começando a se inquietar, deslocando seu peso de uma perna para a outra, ansiosos para continuar a patrulha e encontrar alguém que possam prender.

Gerry deve sentir o mesmo, pois, de repente, vira a cabeça em minha direção.

— Devolva-lhe a identidade.

O alívio me dá vontade de rir, e preciso me esforçar para parecer séria ao pegar minha identidade e guardá-la. Minhas mãos estão tremendo muito levemente. É estranho dar-se conta de como estar cercada por reguladores provoca essa reação. Mesmo quando eles estão sendo relativamente gentis, não dá para não pensar em todas as histórias terríveis que se ouvem — as batidas, as surras e as emboscadas.

— Apenas tenha cuidado, Magdalena — diz Gerry, enquanto me ajeito. — Esteja em casa antes do toque de recolher. — Ele volta a dirigir o facho da lanterna para o meu rosto. Uso o braço para proteger os olhos, cerrados por causa da claridade. — Você não quer arrumar problemas.

Ele fala de forma descomprometida, mas por um instante penso ouvir algo duro sob suas palavras, uma corrente de raiva ou agressão. Porém, digo a mim mesma que estou sendo paranoica. Independentemente do que os reguladores façam, eles existem para nossa proteção, para nosso próprio bem.

O grupo de reguladores passa por mim, de modo que, por alguns segundos, fico cercada por uma correnteza de ombros grosseiros e jaquetas de algodão, perfumes estranhos e suor. Os rádios ganham vida e voltam a desaparecer à minha volta. Capto alguns fragmentos de palavras e transmissões: *rua Market, uma menina e um menino, possivelmente infectados, música não aprovada em St. Lawrence, alguém parece estar dançando…* Braços, peitos e cotovelos esbarram em mim de ambos os lados, até que finalmente o grupo vai embora e volto a emergir de seu meio, sozinha na rua enquanto os passos dos

reguladores ficam cada vez mais distantes atrás de mim. Espero até não ouvir mais o zumbido dos rádios ou o impacto das botas no pavimento.

Então, parto, de novo com uma sensação arrebatadora no peito, aquela mesma impressão de felicidade e liberdade. Não acredito em como foi fácil sair de casa. Eu nunca soube que era capaz de mentir para minha tia — nunca soube que era capaz de mentir, ponto —, e quando penso que escapei por um triz de horas de interrogatório pelos reguladores, tenho vontade de dar pulos e socar o ar. Esta noite o mundo inteiro está a meu favor. E estou a apenas poucos minutos da enseada Back. Meu coração se acelera quando penso em descer rapidamente pelo gramado da colina íngreme e ver Alex emoldurado, ao fundo os últimos raios brilhantes do sol — quando penso naquela única palavra suspirada em meu ouvido. *Cinza*.

Disparo pela avenida Baxter, que faz várias curvas no último quilômetro até a enseada. E então paro de repente. Os prédios ficaram para trás, dando lugar a galpões em ruínas, espalhados aqui e ali dos dois lados da estrada esburacada e decadente. Mais adiante, uma faixa estreita de mato alto desce até a enseada. A água é um espelho enorme, com uns toques de cor-de-rosa e dourado do céu. Naquele instante luminoso em que faço a curva, o sol — curvado sobre o horizonte como um arco de ouro maciço — lança seus últimos raios de luz, destruindo as trevas da água e deixando tudo branco por uma fração de segundo, e em seguida cai, afundando, arrastando consigo o cor-de-rosa, o vermelho e o roxo do céu, toda a cor escorrendo instantaneamente e deixando apenas a escuridão.

Alex tinha razão. Era lindo — um dos mais bonitos que já vi.

Por um instante não consigo me mover ou fazer nada além de ficar ali, respirando com força, olhando fixamente. Em seguida, um torpor se apodera de mim. Cheguei tarde demais. Os reguladores deviam estar errados em relação ao horário. Já deve passar de oito e meia. Mesmo que Alex decida esperar por mim em algum lugar da longa curva da enseada, não tenho a menor chance de encontrá-lo e chegar em casa antes do toque de recolher.

Meus olhos ardem e o mundo diante de mim fica embaçado, embaralhando cores e formas. Por um segundo penso que devo estar chorando, e fico tão espantada que esqueço tudo — esqueço a decepção e a frustração, esqueço Alex na praia, o pensamento de seu cabelo refletindo os últimos raios de sol, reluzindo como cobre. Não consigo me lembrar da última vez em que chorei. Foi há muitos anos. Seco os olhos com o dorso da mão, e minha visão volta ao normal. É apenas suor, percebo, aliviada; estou suando, as gotas estão caindo em meus olhos. Mesmo assim, a sensação de enjoo e de embrulho não sai de meu estômago.

Fico ali por mais alguns minutos, mexendo na bicicleta e apertando o guidom com força até me acalmar um pouco. Parte de mim quer dizer *Que se dane*, impulsionar a bicicleta, estender as duas pernas e voar colina abaixo em direção à água, com o vento batendo no cabelo — dane-se o toque de recolher, danem-se os reguladores, danem-se todos. Mas não posso; não poderia; jamais poderia. Não tenho escolha. Preciso ir para

casa.

Manobro a bicicleta fazendo um círculo desajeitado e começo a subir a rua. Agora que a adrenalina e a empolgação diminuíram, minhas pernas parecem feitas de ferro, e estou ofegando antes de ter percorrido meio quilômetro. Dessa vez, fico alerta a reguladores, policiais e patrulhas.

No caminho para casa, digo a mim mesma que provavelmente é melhor assim. Devo estar louca, correndo na penumbra só para me encontrar com um cara na praia. Além do mais, tudo foi explicado: ele trabalha no laboratório, e provavelmente só entrou lá no dia da avaliação por algum motivo completamente inocente — para usar o banheiro ou encher sua garrafa d'água.

E lembro a mim mesma que é capaz de eu ter imaginado aquilo tudo — a mensagem, o encontro. Ele deve estar sentado em seu apartamento em algum lugar, fazendo seus trabalhos acadêmicos. Provavelmente, já esqueceu as duas meninas que conheceu no complexo de laboratórios hoje. Provavelmente, só estava sendo gentil hoje, uma conversa casual.

É melhor assim. Mas, não importa quantas vezes eu repita isso, a sensação estranha de vazio em meu estômago não desaparece. E por mais ridículo que seja, não consigo me livrar da sensação persistente e aguda de que esqueci algo, deixei algo passar ou perdi algo para sempre.



De todos os sistemas do corpo — neurológico, cognitivo, especial, sensorial —, o cardiológico é o mais sensível e o que se perturba com mais facilidade. O papel da sociedade deve ser proteger esses sistemas contra infecções e deterioração, ou o futuro da raça humana estará em perigo. Como uma fruta de verão que é protegida contra insetos, machucados e apodrecimento por todo o aparato da agricultura moderna, assim também devemos proteger o coração.

— "O papel e o propósito da sociedade", *Shhh*, p. 353.

Fui batizada em homenagem a Maria Madalena, que quase morreu de amor: "Tão infectada com *deliria* e violando os pactos da sociedade, ela se apaixonava por homens que não a queriam ou não podiam mantê-la" (Livro das Lamentações, Maria 13:1).

Aprendemos tudo sobre isso nas aulas de ciência bíblica. Primeiro foi João, depois Mateus e, em seguida, Jeremias, Pedro e Judas, e muitos outros homens anônimos entre eles.

Seu último amor, dizem, foi o maior: um homem chamado José, solteiro a vida inteira, que a encontrou na rua, ferida, devastada e parcialmente enlouquecida pelo *deliria*. Há discussões a respeito de que tipo de homem era José — se era correto ou não, e se chegou a sucumbir à doença —, mas, de qualquer forma, ele cuidou bem dela. Ajudou-a a recuperar a saúde e tentou lhe trazer paz.

Àquela altura, porém, já era tarde demais. O passado a atormentava, assombrando-a com os amores perdidos, estragados e arruinados, com os males que ela fizera a outros e os que outros lhe fizeram. Ela quase não conseguia comer, chorava o dia inteiro, agarrava-se a José e implorava que ele jamais a deixasse, mas não conseguia encontrar conforto em sua bondade.

Então, em uma manhã, ela acordou, e José havia partido — sem qualquer palavra ou explicação. Esse último abandono finalmente a devastou, e ela caiu ao chão, implorando a Deus para que acabasse com seu sofrimento.

Ele ouviu suas preces e, em sua infinita compaixão, removeu dela a praga do *deliria*, submetida a todos os seres humanos como castigo pelo pecado original de Adão e Eva. De certa forma, Maria Madalena foi a primeira pessoa curada.

"Então, após anos de tribulações e dor, ela seguiu pelo caminho correto em paz até o fim de seus dias" (Livro das Lamentações, Maria 13:1).

Sempre achei estranho que minha mãe me tenha dado o nome de Magdalena. Ela nem sequer acreditava na cura. Esse era o problema com ela. E o Livro das Lamentações

é exatamente sobre os perigos do *delíria*. Pensei muito nisso e, no fim, acho que cheguei à conclusão de que, apesar de tudo, minha mãe sabia que estava errada: que a cura e a intervenção eram para o bem. Acredito que, mesmo naquela época, ela sabia o que ia fazer — sabia o que aconteceria. Acho que, de certa forma, meu nome foi seu último presente para mim. Foi um recado.

Acho que ela estava tentando dizer: *Perdoe-me.* Acho que estava tentando dizer: *Um dia, até essa dor desaparecerá.*

Está vendo? Independentemente do que todos digam, e apesar de tudo, sei que ela não era de todo ruim.

* * *

As duas semanas seguintes são as mais ocupadas de minha vida. O verão explode em Portland. No começo de junho, o calor estava ali, mas não as cores — os verdes ainda eram pálidos e hesitantes, as manhãs tinham um frio cortante —, mas na última semana de aula tudo estava em tecnicolor e cores fortes, com céus escandalosamente azuis, tempestades roxas, noites negras como tinta e flores vermelhas tão brilhantes quanto gotas de sangue. Todos os dias, depois das aulas, há um encontro, uma cerimônia ou uma formatura para ir. Hana é convidada para todas; eu sou convidada para a maioria, o que considero surpreendente.

Harlowe Davis — que mora com Hana em West End e cujo pai faz alguma coisa para o governo — me convida para uma "despedida casual". Eu nem imaginava que ela soubesse meu nome — sempre que está falando com Hana, seus olhos me atravessam, como se não valesse a pena me dar atenção. Vou à despedida mesmo assim. Sempre quis saber como era sua casa, e é tão espetacular quanto eu imaginava. A família dela também tem um carro, e por todos os lados há eletrodomésticos, que obviamente são utilizados todo dia, lavadoras, secadoras e lustres imensos com dezenas e dezenas de lâmpadas. Harlowe convidou quase toda a turma de formandas — somos sessenta e sete no total, e provavelmente há cinquenta na festa —, o que faz com que eu me sinta menos especial, mas, ainda assim, é divertido. Sentamos no quintal enquanto a empregada entra e sai da casa carregando pratos e pratos de comida — salada de repolho e de batata e outras coisas de churrasco — e o pai de Harlowe vira costeletas e hambúrgueres na grelha enorme. Como até me sentir prestes a explodir e deito no cobertor que estou dividindo com Hana. Ficamos ali quase até o horário do toque de recolher, quando as estrelas começam a surgir atrás de uma cortina azul-marinho e todos os mosquitos se levantam juntos, e então voltamos todas para a casa, aos gritos e risos, tentando espantá-los. Depois, penso que este foi um dos dias mais agradáveis que tive em um bom tempo.

Mesmo garotas de quem não gosto muito — como Shelly Pierson, que me odeia desde o sexto ano, quando ganhei o prêmio da feira de ciências e ela ficou em segundo lugar — começam a ser legais. Acho que é porque sabemos que o fim está próximo.

Grande parte da turma não se verá de novo depois da formatura e, mesmo que nos encontremos, será diferente. *Nós* seremos diferentes. Seremos adultas — curadas, marcadas, rotuladas, emparelhadas, identificadas e colocadas decisivamente em nossos caminhos para a vida, bolinhas de gude perfeitamente redondas preparadas para descer rampas lisas e bem-definidas.

Theresa Grass completa dezoito anos antes do fim das aulas e é curada; Morgan Dell, também. Elas faltam alguns dias de aula e voltam à escola pouco antes da formatura. A mudança é incrível. Elas parecem em paz agora, maduras e, de alguma forma, distantes, como se estivessem cobertas por uma fina camada de gelo. Há apenas duas semanas, o apelido de Theresa era Theresa Gross, e todas as garotas caçoavam dela por ser desleixada, por mastigar as pontas dos cabelos e por ser, em geral, uma bagunça completa, mas agora ela caminha ereta, com os olhos fixos à frente e os lábios ligeiramente curvados em um sorriso, e todo mundo se afasta um pouco nos corredores para que ela passe com facilidade. O mesmo ocorreu com Morgan. É como se toda a ansiedade e a insegurança delas tivessem sido removidas junto com a doença. Até as pernas de Morgan pararam de tremer. Sempre que ela precisava falar em sala de aula, a tremedeira era tão intensa que balançava a mesa. No entanto, após a intervenção, simples assim, *pá!* A tremedeira desapareceu. É claro que elas não são as primeiras garotas da turma a serem curadas — Eleanor Rana e Annie Hahn foram curadas no outono, e outra meia dúzia de alunas passou pela intervenção neste último semestre —, mas nelas a diferença é, de alguma forma, mais acentuada.

Continuo com minha contagem regressiva. Oitenta e um dias, depois oitenta, depois setenta e nove.

Willow Marks nunca retornou à escola. Ouvimos alguns rumores — de que ela passou pela intervenção e tudo ficou bem; de que ela passou pela intervenção e seu cérebro fritou, e agora estão pensando em interná-la nas Criptas, o presídio-manicômio de Portland; de que ela fugiu para a Selva. Apenas uma coisa é certa: toda a família Marks agora está sob vigilância constante. Os reguladores culpam os pais de Willow — e toda a família — por não incutirem nela uma educação adequada, e, apenas alguns dias após ela ter sido encontrada no parque Deering Oaks, ouvi meus tios sussurrando que os pais de Willow haviam sido demitidos de seus empregos. Uma semana depois, escutamos que tiveram de ir morar com um parente distante. Aparentemente, as pessoas não paravam de jogar pedras nas janelas deles, e uma lateral da casa estava toda pichada com uma única palavra: SIMPATIZANTES. Isso não faz sentido, porque os pais de Willow insistiram abertamente para que a filha passasse pela intervenção antes da hora, apesar dos riscos, mas, como diz minha tia, as pessoas ficam assim quando estão assustadas. Todo mundo está morrendo de medo de que o *delíria* de alguma forma invada Portland em grande escala. Todos querem prevenir uma epidemia.

Sinto muito pela família Marks, é claro, mas é assim que as coisas funcionam. É como os reguladores: você pode não gostar das patrulhas ou das verificações de identidade, mas, como sabe que é tudo para sua proteção, é impossível *não* cooperar. E

pode parecer horrível, mas não penso na família de Willow por muito tempo. Tenho muitos papéis da escola para arquivar, muito nervosismo, muitos armários para esvaziar, muitas provas finais para fazer e muitas pessoas de quem me despedir.

Hana e eu mal encontramos tempo para correr juntas. Quando conseguimos, por um acordo tácito, mantemos nossas antigas rotas. Ela não menciona mais a tarde nos laboratórios, o que me surpreende. Mas a mente de Hana tende a vagar, e sua nova obsessão é um colapso na parte norte da fronteira, que dizem ter sido causado pelos Inválidos. Nem considero a hipótese de voltar aos laboratórios, nem mesmo por um único segundo. Concentro-me em qualquer coisa que não sejam minhas dúvidas remanescentes em relação a Alex — o que não é tão difícil, tendo em vista que agora não consigo acreditar que passei uma noite pedalando pelas ruas de Portland, mentindo para Carol e para os reguladores, apenas para encontrá-lo. No dia seguinte, a coisa toda pareceu um sonho ou uma ilusão. Digo a mim mesma que devo ter ficado temporariamente louca: uma confusão cerebral por ter corrido no calor.

Na cerimônia de formatura, Hana se senta três fileiras à minha frente. Ao passar por mim, ela estende a mão para segurar a minha — dois apertos longos, dois curtos — e, quando se senta, inclina a cabeça para trás para que eu veja que ela escreveu com um marcador no topo do capelo: GRAÇAS A DEUS! Reprimo uma risada, e ela se vira e simula uma expressão de austeridade. Todas nós estamos bobas, e eu nunca me senti tão próxima das meninas da St. Anne quanto hoje — todas suando sob o sol, que brilha acima de nós como um sorriso exagerado, enquanto nos abanamos com os folhetos da cerimônia, tentando não bocejar ou revirar os olhos enquanto a diretora McIntosh discursa sobre "a vida adulta" e "nossa entrada na ordem da comunidade", cutucando-nos umas às outras e puxando as golas de nossas becas incômodas para permitir que um pouco de ar desça por nosso pescoço.

Familiares estão sentados em cadeiras de plástico dobráveis brancas, sob uma lona creme com bandeiras tremulantes: a bandeira da escola, a da cidade, a do estado e a nacional. Eles aplaudem educadamente cada aluna que sobe ao palco para receber seu diploma. Em minha vez, olho pela plateia, à procura de minha tia e minha irmã, mas estou tão nervosa, com medo de tropeçar e de cair enquanto vou ao palco e recebo o diploma das mãos da diretora McIntosh, que não consigo ver nada além de cores — verde, azul, branco e uma bagunça de rostos cor-de-rosa e marrons —, nem identificar qualquer som além do ruído de palmas. Apenas a voz de Hana soa alta e clara como um sino: "Aleluia, Halena!" É nosso grito de guerra especial que costumávamos dar antes das corridas e dos testes, uma combinação de nossos nomes.

Depois, fazemos uma fila para tirar fotos individuais com o diploma. Contrataram um fotógrafo oficial, e um fundo azul foi armado no meio do campo de futebol, onde todas nós posamos. Mas estamos animadas demais para ficar sérias para as fotos. Todo mundo está se curvando de tanto rir, então tudo o que se pode ver nas fotografias é o topo de nossas cabeças.

Quando chega minha vez de tirar a foto, Hana, no último segundo, pula e coloca o

braço em volta de meus ombros, e o fotógrafo fica tão espantado que aperta o botão assim mesmo. *Click!* Lá estamos nós: estou virada para Hana, com a boca aberta, surpresa, quase rindo. Ela está bem mais alta que eu, tem os olhos fechados e a boca aberta. Realmente acredito que havia algo especial naquele dia, algo dourado e talvez até mágico, porque, apesar de meu rosto estar completamente vermelho e meus cabelos parecerem grudados na testa, é como se eu tivesse ficado um pouco impregnada de Hana — porque, apesar de tudo, e só naquela foto, estou bonita. Mais que bonita. Linda, até.

A banda da escola continua tocando, quase sempre afinada, e a música flutua pelo campo e é ecoada pelos pássaros que voam em bandos no céu. É como se algo se erguesse neste momento, alguma pressão ou divisória enorme, e antes que eu me dê conta todas as minhas colegas de turma estão se juntando em um abraço gigante, pulando e gritando: "Conseguimos! Conseguimos! Conseguimos!" E nenhum pai ou professor tenta nos separar. Quando nos afastamos, vejo-os à nossa volta, observando-nos com expressões pacientes e mãos unidas. Encontro o olhar de minha tia, e meu estômago se embrulha de um jeito estranho, e percebo que ela, assim como os outros, está nos dando este momento — nosso último momento juntas, antes que as coisas mudem para sempre.

E as coisas vão mudar — elas *estão* mudando, mesmo neste segundo. Conforme o grupo vai se desfazendo em aglomerados de alunas, e os aglomerados se desfazem em indivíduos, noto Theresa Grass e Morgan Dell já atravessando o gramado em direção à rua. Cada uma anda com sua família, mantendo a cabeça baixa, sem olhar para trás nenhuma vez. Percebo que elas não estavam celebrando conosco, e me ocorre que também não vi Eleanor Rana, Annie Hahn nem as outras alunas curadas. Já devem ter ido para casa. Uma dor curiosa lateja no fundo de minha garganta, mas é claro que é assim que as coisas são: tudo termina, as pessoas seguem em frente e não olham para trás. É como as coisas *devem* ser.

Vejo Rachel na multidão e corro até ela, subitamente ansiosa para estar perto dela, desejando que ela abaixe o braço e bagunce meu cabelo, como costumava fazer quando eu era muito pequena, e diga "muito bem, Maluquinha", o antigo apelido que ela me deu.

— Rachel! — Estou ofegante sem motivo algum e tenho dificuldade de fazer as palavras saírem. Estou tão feliz em vê-la que sinto que poderia começar a chorar. Mas não o faço, obviamente. — Você veio.

— É claro que vim. — Ela sorri para mim. — Você é minha única irmã, lembra? — Ela me entrega um buquê de margaridas, frouxamente enrolado em papel marrom. — Parabéns, Lena.

Enfio o rosto nas flores e inspiro, tentando resistir ao impulso de avançar e abraçá-la. Por um segundo ficamos paradas ali, piscando uma para a outra, e em seguida ela estende os braços em minha direção. Tenho certeza de que vai me envolver em um abraço, como nos velhos tempos, ou, ao menos, me apertar com um dos braços.

Em vez disso, ela simplesmente tira uma mecha de cabelo de minha testa.

— Eca — diz ela, ainda sorrindo. — Você está toda suada.

É idiota e imaturo me sentir decepcionada, mas é o que sinto.

— É a beca — respondo, e percebo que, sim, deve ser esse o problema: é a beca que está me sufocando, me apertando, dificultando minha respiração.

— Vamos — diz ela. — Tia Carol vai querer parabenizá-la.

Tia Carol está na borda do campo com meu tio, Grace e Jenny, conversando com a Sra. Springer, minha professora de história. Vou andando atrás de Rachel. Ela é apenas alguns centímetros mais alta do que eu, e caminhamos juntas, em sincronia, mas separadas por um espaço de quase um metro. Ela está quieta. Dá para perceber que já está se perguntando quando poderá voltar para casa e continuar com a própria vida.

Permito-me olhar para trás uma única vez. Não consigo evitar. Vejo as meninas circulando em suas becas laranja como chamas. Tudo parece afastar-se, retroceder subitamente. Todas as vozes se misturam e se tornam indistintas — como o ruído neutro constante do oceano correndo no ritmo das ruas de Portland, tão constante que mal dá para percebê-lo. Tudo parece rígido, vívido e congelado, como se tivesse sido desenhado com precisão e contornado com nanquim — sorrisos fixos dos pais, flashes ofuscantes das câmeras fotográficas, bocas abertas e dentes brancos e brilhantes, cabelos negros e lustrosos, o céu de um azul profundo e a luz implacável, todos se afogando na luminosidade — tudo tão claro e perfeito que tenho certeza de que isso já deve ser uma lembrança ou um sonho.

oito

H é de hidrogênio, um peso de um;
Quando há fissão, tão brilhante,
Tão quente é o sol comum.

He é de hélio, um peso de dois;
O gás nobre, o passe espectral
Reergue o mundo pois.

Li é de lítio, um peso de três;
No fogo, uma pira acesa...
Sono pra mim de vez.

Be é berílio, um peso de quatro...

— Preces Elementares, "Oração e estudo", *Shhh.*

Durante os verões, preciso ajudar meu tio na Stop-N-Save nas segundas-feiras, quartas-feiras e sábados, normalmente abastecendo as prateleiras e trabalhando atrás do balcão da loja, e, às vezes, ajudando com os documentos e a contabilidade no pequeno escritório atrás do corredor de cereais e de alimentos secos. Por sorte, no final de junho, Andrew Marcus é curado e encaminhado a um cargo permanente em outro mercado.

No Quatro de Julho vou para a casa de Hana pela manhã. Todo ano assistimos aos fogos de artifício no Eastern Promenade. Sempre há uma banda tocando e barracas vendendo espetinhos de carne frita, espigas de milho-verde e tortas de maçã boiando em poças de sorvete, servidas em barquinhos de papel. O Quatro de Julho — dia de nossa independência, o dia em que comemoramos o fechamento definitivo de nossas fronteiras — é um de meus feriados favoritos. Adoro a música que soa pelas vias e a maneira como o vapor espesso que sobe das grelhas faz as ruas parecerem nubladas e as pessoas, encobertas e pouco nítidas. Adoro especialmente a extensão temporária do toque de recolher: em vez de voltar para casa às nove da noite, os não curados podem ficar na rua até as onze. Nos últimos anos, Hana e eu brincávamos de ficar na rua até o último segundo possível, chegando cada vez mais perto do limite. No ano passado, entrei em casa exatamente às dez e cinquenta e oito, com o coração martelando no peito e o corpo tremendo de cansaço — eu tive de voltar correndo. Mas, deitada na cama, não conseguia parar de sorrir. Eu me sentia como se houvesse feito algo errado e saído impune.

Digito o código de quatro algarismos do portão da casa de Hana — ela me deu a senha no oitavo ano, dizendo ser "uma prova de confiança" e que me rasgaria "da cabeça aos pés" se eu o repassasse para mais alguém — e passo pela porta da frente. Nunca me preocupo em bater. Os pais dela raramente estão em casa, e Hana nunca atende a porta. Sou praticamente a única pessoa que a visita. É estranho. Hana sempre foi muito popular na escola — as pessoas a admiravam e queriam ser como ela —, mas, apesar de ser bastante simpática com todos, ela nunca se *aproximou* realmente de ninguém mais além de mim.

Às vezes, fico imaginando se ela alguma vez desejou ter recebido outra aluna como dupla na aula da Sra. Jablonski no segundo ano, que foi como nos tornamos amigas. O sobrenome de Hana é Tate, e as duplas foram formadas por ordem alfabética (na época, eu já usava o sobrenome de minha tia, Tiddle). Pergunto-me se ela preferiria ter como dupla Rebecca Tralawny, Katie Scarp ou até mesmo Melissa Portofino. Às vezes, sinto que ela merece uma melhor amiga que seja só um pouco mais *especial*. Uma vez, Hana me disse que gosta de mim porque sou de verdade — porque realmente sinto as coisas. Mas o problema todo é esse: o quanto eu sinto as coisas.

— Olá? — chamo, assim que entro na casa de Hana. O hall está escuro e frio como sempre. Meus braços estão arrepiados. Por mais que eu venha à casa de Hana, sempre fico impressionada com a intensidade do ar-condicionado, que murmura em algum lugar dentro das paredes. Por um instante, fico parada, inalando os cheiros agradáveis do lustra-móveis, do limpa-vidros e das flores frescas. Ouve-se música vindo do quarto de Hana no andar de cima. Tento identificar a canção, mas não consigo entender nenhuma palavra, apenas sinto o baixo pulsando pelo assoalho.

No alto da escada, paro. A porta do quarto de Hana está fechada. Definitivamente, não reconheço a música que está tocando — berrando, na verdade, tão alta que preciso lembrar a mim mesma que a casa de Hana é toda cercada por árvores e gramados, e ninguém a denunciará aos reguladores. Não é como nenhuma música que eu já tenha ouvido. É uma espécie de música aguda, gritada, intimidadora: nem consigo dizer se é cantada por um homem ou uma mulher. Pequenas correntes de eletricidade sobem por minha espinha, uma sensação que eu costumava ter quando era muito nova e entrava na cozinha para tentar surrupiar mais um biscoito na despensa — a sensação imediatamente anterior ao rangido e aos passos de minha mãe na cozinha, atrás de mim, quando eu me virava, culpada, com as mãos e o rosto cheios de migalhas.

Afasto a sensação e abro a porta do quarto de Hana. Ela está sentada diante do computador, com os pés em cima da mesa, balançando a cabeça e batucando um ritmo nas coxas. Assim que me vê, ela se move para a frente e bate em uma tecla. A música é interrompida na mesma hora. É estranho, mas o silêncio que se segue parece igualmente alto.

Ela joga o cabelo por cima de um ombro e se afasta da mesa. Algo surge em seu rosto, uma expressão que passa rápido demais para que eu possa definir.

— Oi — diz ela, um pouco alegre demais. — Não ouvi você entrar.

— Duvido que tivesse ouvido se eu *arrombasse* a porta. — Ando até a cama e me deixo cair no colchão. Hana tem uma cama enorme, com três travesseiros de plumas. É como o paraíso. — O que era aquilo?

— O que era o quê?

Ela levanta os joelhos até o peito e gira na cadeira. Apoio meu corpo nos cotovelos e olho para ela. Hana só se finge de idiota assim quando está escondendo alguma coisa.

— A música. — Ela continua me encarando sem expressão. — A música que estava berrando quando entrei. Aquela que quase arrebentou meus tímpanos.

— Ah... *isso*. — Hana sopra a franja do rosto. Mais uma atitude que a denuncia. Sempre que está blefando no pôquer, ela mexe sem parar na franja. — Apenas uma banda nova que encontrei na intranet.

— Na BMFA? — insisto.

Hana é obcecada por música, e costumava passar horas navegando pela BMFA, a Biblioteca de Músicas e Filmes Autorizados, quando estávamos no ensino fundamental.

Hana desvia o olhar.

— Não exatamente.

— Como assim "não exatamente"?

A intranet, assim como tudo nos Estados Unidos, é controlada e monitorada, para nossa proteção. Todos os sites, todo o conteúdo, são escritos por agências do governo, inclusive a Lista de Entretenimentos Autorizados, que é atualizada duas vezes ao ano. Livros digitais entram na BLA — a Biblioteca de Livros Aprovados —, filmes e músicas entram na BMFA, e por uma pequena taxa você pode baixá-los para seu computador. Quer dizer, se você tiver um computador. Eu não tenho.

Hana suspira, mantendo o olhar distante. Finalmente, ela olha para mim.

— Você consegue guardar um segredo?

Agora me sento ereta, chegando até a beirada da cama. Não gosto do jeito como ela está olhando para mim. Não confio nesse olhar.

— O que está acontecendo, Hana?

— Você consegue guardar um segredo? — repete ela.

Penso em quando estávamos na frente dos laboratórios no Dia da Avaliação, com o sol forte acima de nós, e na maneira como ela aproximou a boca de meu ouvido para sussurrar sobre felicidade e infelicidade. De repente, sinto medo por ela, sinto medo *dela*. Mas aceno com a cabeça e digo:

— Consigo, é claro.

— Tudo bem. — Ela olha para baixo, mexe na barra do short por um segundo e respira fundo. — Então, na semana passada eu conheci um cara...

— *O quê?*

Eu quase caio da cama.

— Relaxe. — Ela levanta uma das mãos. — Ele está curado, o.k.? Trabalha para a prefeitura. É um censor, na verdade.

Meu coração se desacelera e eu volto a me ajeitar nos travesseiros.

— Tudo bem. E daí?

— *E daí* — diz Hana, arrastando as palavras — que ele estava na sala de espera do médico comigo. Quando fui fazer a fisio, sabe? — Hana torceu o tornozelo no outono e ainda precisa fazer sessões de fisioterapia uma vez por semana, para mantê-lo forte. — E começamos a conversar.

Ela para. Não vejo exatamente aonde essa história está indo ou o que tem a ver com a música que estava tocando, então simplesmente espero que ela continue.

Finalmente, ela o faz.

— Então, eu estava falando com ele sobre as provas e sobre como quero muito entrar para a USM, e ele estava falando de seu trabalho... o que ele faz, você sabe, no dia a dia. Ele codifica as restrições para o acesso à intranet, para que as pessoas não possam escrever qualquer coisa, postar conteúdo por conta própria ou transmitir informações falsas ou "opiniões inflamatórias" — Ela diz isso fazendo sinal de aspas e revirando os olhos. — e coisas assim. Ele é como um guarda da intranet.

— Tudo bem — digo novamente.

Quero pedir para Hana ir direto ao ponto — sei tudo das restrições da intranet, todo mundo sabe —, mas isso apenas faria com que ela se fechasse.

Ela respira profundamente.

— Mas ele não apenas *codifica* a segurança. Ele busca buracos; tipo, invasões. Hackers, basicamente, que passam por todas as barreiras de segurança e conseguem postar conteúdo próprio. O governo chama esses sites de flutuadores: conseguem ficar no ar durante uma hora, um ou dois dias antes de serem descobertos, sites cheios de coisas não autorizadas, opiniões, quadros de aviso, clipes e músicas.

— E você encontrou um.

Uma sensação de náusea se acomodou em meu estômago. Palavras não param de piscar em meu cérebro, como sinais em neon acendendo e apagando: *ilegal*, *interrogação*, *vigilância. Hana.*

Parece que ela não se dá conta de que eu fiquei totalmente imóvel. Seu rosto de repente fica animado, mais vivo e enérgico do que nunca, e ela se inclina para a frente apoiada nos joelhos, falando apressadamente:

— Não apenas um. Dezenas. Existem muitos deles por aí, se você souber procurar. Se você souber *onde* procurar. É incrível, Lena. Tanta gente, provavelmente em todo o país, esgueirando-se pelas frestas do sistema. Você deveria ver algumas das coisas que as pessoas escrevem. Sobre... sobre a cura. Não são apenas os Inválidos que não acreditam nela. Há pessoas aqui, em todos os lugares, que não acham... — Estou olhando tão fixamente para ela que Hana abaixa os olhos e muda de assunto. — E você deveria *ouvir* a música. Músicas incríveis, maravilhosas, diferentes de tudo o que você já escutou, músicas que quase arrancam sua cabeça, sabe? Que fazem você querer gritar, pular, quebrar coisas, chorar...

O quarto de Hana é grande — quase duas vezes maior que o meu —, mas sinto como se as paredes estivessem me pressionando. Se o ar-condicionado ainda está

funcionando, não consigo sentir seu efeito. O ar parece quente e pesado, como um bafo úmido, então me levanto e vou até a janela. Hana, enfim, para de falar. Tento abrir a janela, mas ela não se mexe. Empurro, forçando o corpo contra o parapeito.

— Lena — diz Hana, tímida, após um minuto.

— Não quer abrir.

Tudo que consigo pensar é: preciso de ar. Meus outros pensamentos são estática de rádio, luzes fluorescentes, jalecos de laboratório, mesas de aço, bisturis... uma imagem de Willow Marks sendo arrastada para os laboratórios aos berros, sua casa coberta de pichações.

— Lena — diz Hana, mais alto. — Por favor...

— Está emperrada. A madeira deve estar empenada por causa do calor. Se ao menos a janela *abrisse*.

Levanto-a com esforço e a janela enfim se abre de repente. Ouço um estalo, e o trinco que mantinha a janela no lugar se solta e vai parar no meio do quarto. Por um segundo Hana e eu ficamos ali paradas, olhando-o. O ar que entra pela janela não me ajuda a melhorar. Lá fora está ainda mais quente.

— Desculpe — sussurro. Não consigo olhar para ela. — Não quis... Eu não sabia que estava trancada. As janelas em minha casa não têm tranca.

— Não se preocupe com a janela. Não ligo para a porcaria da janela.

— Uma vez, Grace saiu do berço quando era pequena e quase chegou ao telhado. Ela apenas abriu a janela e começou a subir.

— Lena. — Hana estende os braços e segura meus ombros. Não sei se estou com febre ou algo parecido, sentindo calor e frio a cada cinco segundos, mas seu toque me provoca um calafrio, e me afasto rapidamente. — Você está brava comigo.

— Não estou brava. Estou preocupada.

Mas isso é só uma meia-verdade. *Estou* brava... furiosa, aliás. Esse tempo todo eu a acompanhei cegamente, fui a amiga idiota, pensando no último verão de verdade que passamos juntas, preocupando-me com as opções compatíveis que eu receberia, as avaliações, os testes e outras coisas normais enquanto ela balançava a cabeça e dizia *Aham, é, eu também* e *Tenho certeza de que vai ficar tudo bem*, mas, pelas minhas costas, estava se transformando em uma pessoa que não conheço, alguém com segredos, e hábitos e opiniões estranhas sobre coisas em que não devemos nem *pensar*. Agora sei por que fiquei tão espantada no Dia da Avaliação, quando ela se virou para sussurrar para mim, com os olhos arregalados e brilhantes. Era como se ela tivesse sumido por um segundo, minha melhor amiga, minha única amiga de verdade, e em seu lugar estivesse uma estranha.

É o que vem acontecendo durante todo esse tempo: Hana está se transformando em uma estranha.

Viro-me para a janela.

Uma lâmina afiada de tristeza me atravessa, profunda e rapidamente. Acho que isso ia acabar acontecendo, mais cedo ou mais tarde. Eu sempre soube que aconteceria. Todo

mundo em quem confiamos, todos aqueles com os quais pensamos que podemos contar, com o tempo acabam nos decepcionando. Quando se veem livres para fazer o que querem, as pessoas mentem, guardam segredos, mudam, desaparecem, algumas, atrás de um rosto ou uma personalidade diferente, outras, atrás de uma densa névoa matutina junto a um penhasco. Por isso a cura é tão importante. Por isso precisamos dela.

— Escute, não serei presa apenas por olhar alguns sites. Ou ouvir música ou o que quer que seja.

— Você poderia ser presa. Pessoas já foram presas por menos.

Ela também sabe disso. Ela sabe, e não se importa.

— Bem, estou cansada disso.

A voz de Hana falha um pouco, o que me desconcerta. Nunca a ouvi soar menos do que certa.

— Nem deveríamos estar conversando a esse respeito. Alguém pode estar...

— Alguém pode estar ouvindo? — interrompe ela, concluindo a frase para mim. — Meu Deus, Lena. Estou cansada disso também. Você não está? Cansada de sempre estar atenta, olhando para trás, tomando cuidado com o que falo, com o que penso, com o que faço. Não consigo... Não consigo respirar, não consigo dormir, não consigo me *mexer*. Sinto como se houvesse paredes por todos os lados. Aonde quer que eu vá, *pá!* Há uma parede. O que quer que eu deseje, *pá!* Outra parede.

Ela passa a mão pelo cabelo. Pela primeira vez não está bonita e controlada. Parece pálida e infeliz, e sua expressão me lembra alguma coisa, mas não consigo definir imediatamente.

— É para nossa própria segurança — digo, desejando ter soado mais confiante. Nunca fui boa em brigas. — Tudo vai melhorar quando...

Novamente, ela me interrompe.

— Quando estivermos curadas? — Ela ri, um ruído curto e áspero, sem qualquer humor, mas ao menos não me contradiz diretamente. — Certo. É o que todos dizem.

De repente, percebo: Hana me faz lembrar os animais que vimos certa vez quando nossa turma fez um passeio em um abatedouro. Todas as vacas estavam alinhadas, apertadas em suas baias, encarando-nos em silêncio enquanto passávamos, com os mesmos olhares de medo, resignação e mais alguma coisa. Desespero. Fico muito assustada então, realmente apavorada por Hana.

Mas quando ela fala novamente, soa um pouco mais calma.

— Talvez melhore. Quer dizer, depois que formos curadas. Mas até lá... Esta é nossa última chance, Lena. Nossa última chance para fazer *qualquer coisa*. Nossa última chance de escolher.

Aí está outra vez aquela palavra do Dia da Avaliação — *escolha* —, mas concordo com a cabeça para não chateá-la outra vez.

— Então, o que você vai fazer?

Ela desvia o olhar, mordendo o lábio, e percebo que está pensando se deve confiar

em mim.

— Tem uma festa hoje à noite...

— *O quê?*

O medo me invade novamente.

Ela se apressa em continuar.

— Descobri em um dos flutuadores... É uma coisa de música, algumas bandas vão tocar perto da fronteira, em Stroudwater, em uma das fazendas.

— Você não pode estar falando sério. Você não está... Você não vai, né? Você não está nem *pensando* nisso.

— É seguro, o.k.? Prometo. Esses sites... É realmente incrível, Lena; juro que você iria adorar, se olhasse. Eles estão escondidos. Normalmente, são links incorporados em páginas normais, coisas aprovadas pelo governo, mas, eu não sei, de alguma forma dá para perceber algo estranho, sabe? Eles não se encaixam.

Prendo-me a uma única palavra.

— Seguro? Como pode ser seguro? Aquele cara que você conheceu, o censor, o trabalho dele é identificar pessoas burras o suficiente para postarem essas coisas...

— Elas não são *burras*; na verdade, são incrivelmente inteligentes...

— Sem falar nos reguladores, nas patrulhas, na guarda juvenil, no toque de recolher, na segregação, em todas as coisas que fazem dessa uma das piores ideias...

— Certo. — Hana levanta os braços e bate com as mãos nas coxas. O barulho é tão alto que me assusta. — Tudo bem. Então é uma ideia ruim. Então é arriscado. Quer saber? *Não me importo*.

Por um segundo faz-se silêncio. Ficamos nos encarando, e o ar entre nós parece carregado e perigoso, como uma fina resistência elétrica prestes a explodir.

— E quanto a mim? — digo, afinal, esforçando-me para impedir que minha voz falhe.

— Será muito bem-vinda. Dez e meia, na fazenda Roaring Brook, em Stroudwater. Música. Dança. Sabe... *Diversão*. O tipo de coisa que deveríamos estar fazendo antes que eles cortem fora metade de nosso cérebro.

Ignoro a última parte do comentário.

— Acho que não, Hana. Caso você tenha esquecido, temos outros planos para hoje à noite. Temos planos para hoje há, bem, quinze anos.

— Bem, as coisas mudam.

Ela vira as costas para mim, mas sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

— Certo. — Minha garganta está se fechando. Dessa vez sei que é para valer, e estou quase chorando. Vou até a cama dela e começo a juntar minhas coisas. É claro que minha bolsa tombou de lado e cobriu o edredom com papeizinhos, embalagens de chiclete, moedas, canetas. Começo a colocar tudo de volta na bolsa, resistindo às lágrimas. — Vá em frente. Faça o que quiser hoje à noite. Não me importo.

Talvez Hana se sinta mal, porque sua voz se suaviza um pouco.

— Sério, Lena... Você deveria pensar em ir. Tudo vai dar certo, eu prometo.

— Você não pode prometer isso. — Respiro fundo, desejando que minha voz pare de vacilar. — Você não sabe. Não pode ter certeza.

— E *você* não pode continuar sentindo tanto medo o tempo todo.

É isso: é a gota d'água. Viro-me furiosa, sentindo algo profundo, escuro e antigo se erguer dentro de mim.

— É *claro* que estou assustada. E tenho *razão* de estar assustada. E se você não está, é só porque tem uma vidinha perfeita, uma familiazinha perfeita, e para você tudo é perfeito, perfeito, perfeito, perfeito. Você não *entende*. Você não *sabe*.

— Perfeita? É isso o que você pensa? Acha que minha vida é perfeita?

Sua voz está baixa, mas cheia de raiva.

Quero me afastar dela, mas me forço a continuar ali.

— É. Acho.

Mais uma vez, ela solta uma risada breve e áspera, uma explosão rápida.

— Então você acha que é isso, é? Melhor impossível?

Ela faz uma volta completa, com os braços esticados, como se abraçasse o quarto, a casa, tudo.

A pergunta me espanta.

— O que mais existe?

— *Tudo*, Lena. — Ela balança a cabeça. — Escute, não vou pedir desculpas. Sei que você tem seus motivos para estar assustada. O que aconteceu com sua mãe foi horrível...

— Não envolva minha mãe nessa conversa.

Meu corpo fica rígido, carregado.

— Mas você não pode continuar *culpando-a* por tudo. Ela morreu há mais de *dez anos*.

A raiva me engole, como uma névoa espessa. Minha mente se acelera ferozmente, como rodas sobre o gelo, debatendo-se entre palavras aleatórias: *Medo. Culpa. Não se esqueça. Mãe. Amo você.* E agora vejo que Hana *é* uma cobra — esperou muito tempo para me dizer isso, esperou para se esgueirar, tão profunda e dolorosamente quanto fosse possível, e então morder.

— Vá se ferrar.

No final, são estas as palavras que saem.

Hana levanta as mãos.

— Lena, só estou dizendo que você precisa deixar isso para trás. Você não é *nada* como ela. E não vai acabar como ela. Isso não faz parte de você.

— Vá se ferrar. — Ela está tentando ser gentil, mas minha mente está travada e as palavras saem sozinhas, caindo umas em cima das outras, e eu queria que cada uma fosse um soco para que eu pudesse bater no rosto dela: *pá-pá-pá-pá*. — Você não sabe nada dela. E não sabe nada de mim. Você não sabe *nada*.

— Lena.

Ela estende a mão para mim.

— Não encoste em mim.

Estou cambaleando para trás, pegando minha bolsa, esbarrando na escrivaninha ao

caminhar para a porta. Minha visão está sem foco. Mal consigo enxergar o corrimão. Estou tropeçando, quase caindo pelas escadas, encontrando a porta da frente pelo tato. Acho que Hana deve estar me chamando, mas tudo se confunde em um rugido em meus ouvidos, dentro de minha cabeça. A luz do sol, luz branca, brilhante, brilhante... O ferro frio e duro sob meus dedos, o portão... Cheiros do oceano, gasolina. Ganidos soando cada vez mais alto. Um barulho ritmado: *bip*, *bip*, *bip*.

Minha cabeça clareia subitamente e pulo para a calçada, para não ser atropelada por uma viatura policial que passa a toda velocidade por mim ainda buzinando, com a sirene soando, e fico no chão engasgada com sujeira e poeira. A dor em minha garganta se torna tão intensa que parece que vou vomitar, e quando finalmente permito que as lágrimas caiam, sinto um alívio enorme, como soltar algo pesado após carregá-lo por muito tempo. Depois que começo a chorar, não consigo mais parar, e durante todo o caminho para casa preciso esfregar os olhos, limpando as lágrimas só para poder ver por onde estou indo. Conforto-me pensando que em menos de dois meses isso não significará nada para mim. Tudo se desfará e eu me erguerei nova e livre, como um pássaro levantando voo.

É isso o que Hana não entende, nunca entendeu. Para alguns de nós, não se trata só do *delíria*. Alguns de nós, os mais sortudos, terão a chance de renascer: mais novos, mais frescos, melhores. Curados, inteiros, perfeitos novamente, como uma chapa tosca de ferro que sai do fogo candente, brilhante, afiado.

É tudo o que quero — tudo o que sempre quis. Essa é a promessa da cura.

nove

Senhor
Preserva nossos corações;
Como preservaste os planetas em suas órbitas
E esfriaste o caos do surgimento...
Como a gravidade de Tua vontade preserva cada estrela de
entrar em colapso,
Preserva o oceano de se tornar pó e o pó de se tornar água,
Preserva os planetas de colisões
E os sóis de explosões...
Então, Senhor, preserva nossos corações
Em órbitas firmes
E ajuda-os a se manter no caminho.

— Salmo 21, "Oração e estudo", *Shhh.*

Naquela noite, mesmo quando já estou na cama, as palavras de Hana se repetem incessantemente em minha cabeça. *Você não vai acabar como ela. Isso não faz parte de você.* Ela apenas quis me confortar, eu sei — e isso deveria me tranquilizar —, mas por algum motivo não o faz. Por algum motivo, isso me magoa; sinto uma dor profunda no peito, como se algo grande, frio e afiado estivesse alojado nele.

Há outra coisa que Hana não entende: pensar na doença, preocupar-me com ela e me estressar com a possibilidade de eu ter herdado alguma predisposição é tudo o que tenho de minha mãe. A doença é o que sei dela. É nossa ligação.

Fora isso, não tenho nada.

Não que eu não tenha lembranças dela. Tenho — muitas, considerando quão jovem eu era quando ela morreu. Lembro-me de que, quando nevava, ela me mandava encher frigideiras com neve fresca. Quando eu voltava, jogávamos xarope de bordo em cima do gelo e víamos a calda endurecer quase instantaneamente e se transformar em um doce âmbar, fios açucarados e frágeis, como uma renda comestível. Lembro-me do quanto ela gostava de cantar para nós enquanto brincava comigo na água da praia no Eastern Promenade. Na época, eu não sabia quão estranho era isso. Outras mães ensinam seus filhos a nadar. Outras mães brincam com seus bebês na água, aplicam filtro solar para que eles não se queimem e fazem tudo o que uma mãe deve fazer, como descrito na seção de Paternidade da *Shhh.*

Mas elas não cantam.

Lembro que ela me trazia bandejas com torradas passadas na manteiga quando eu ficava doente e beijava meus machucados quando eu caía, e lembro que certa vez,

quando ela me levantou depois que caí da bicicleta e me embalou nos braços, uma mulher se indignou e disse a ela: *Você deveria se envergonhar*, e eu não entendi o motivo, o que me fez chorar ainda mais. Depois disso, ela só me confortava quando estávamos a sós. Em público, ela apenas franzia a testa e dizia:

— Você está bem, Lena. Levante-se.

E costumávamos fazer festas também. Minha mãe as chamava de "festas de meia", porque enrolávamos os tapetes da sala, calçávamos nossas meias mais grossas e escorregávamos e deslizávamos pelo assoalho de madeira dos corredores. Até Rachel participava, apesar de sempre dizer que estava grande demais para brincadeiras de criança. Minha mãe fechava as cortinas e enfiava almofadas sob as portas da casa e, então, aumentava o volume da música. Ríamos tanto que eu sempre ia para a cama com dor na barriga.

Com o tempo, entendi que ela fechava as cortinas em nossas festas de meia para evitar que fôssemos vistas por patrulhas, e que cobria as frestas das portas com almofadas para que os vizinhos não nos denunciassem por ouvir música e rir demais, ambos possíveis sintomas do *delíria*. Entendi que ela costumava deixar o pingente militar de meu pai — uma adaga prateada que ele herdara do próprio pai e que ela usava todos os dias no pescoço presa em um cordão — sob a blusa sempre que saíamos de casa, para que ninguém visse e desconfiasse. Entendi que todos os momentos mais felizes de minha infância foram uma mentira. Eles foram errados, arriscados e ilegais. Foram esquisitos. Minha *mãe* era esquisita, e provavelmente herdei a esquisitice dela.

Pela primeira vez pergunto-me realmente o que ela devia estar sentindo, pensando, na noite em que caminhou até o penhasco e, então, continuou andando, com os pés pedalando no ar. Pergunto-me se ela estava com medo. Pergunto-me se pensou em mim ou em Rachel. Pergunto-me se lamentava nos deixar para trás.

Começo a pensar em meu pai também. Não me lembro de nada dele, embora tenha uma sensação vaga e antiga de duas mãos ásperas e mornas, e um grande rosto flutuando acima do meu — mas acho que é só porque minha mãe mantinha em seu quarto um porta-retratos com uma fotografia em que apareciam meu pai e eu. Eu tinha apenas alguns meses, e ele me segurava, sorrindo, olhando para a câmera. Mas é impossível que eu me lembre mesmo, *de verdade*. Eu não tinha nem um ano quando ele morreu. Câncer.

O calor está horrível, espesso, acumulando-se nas paredes. Jenny está deitada de costas, com braços e pernas abertos em cima do edredom, respirando em silêncio com a boca escancarada. Até Grace dorme profundamente, murmurando baixinho no travesseiro. O quarto inteiro está cheirando a exalação úmida, peles, línguas e leite morno.

Saio da cama cuidadosamente, já de calça jeans escura e camiseta. Nem me dei o trabalho de vestir o pijama. Sabia que seria incapaz de dormir hoje. E, mais cedo, eu havia tomado uma decisão. Estava à mesa de jantar com Carol, tio William, Jenny e Grace, vendo todos mastigarem e engolirem em silêncio e trocarem olhares

inexpressivos, com a sensação de que o ar pesava à minha volta e dificultava minha respiração, como duas mãos apertando cada vez mais um balão de água, quando percebi algo.

Hana disse que aquilo não fazia parte de mim, mas ela estava errada.

Meu coração está batendo com tanta força que posso ouvi-lo, e tenho certeza de que todo mundo vai ouvir também — e que isso fará minha tia se sentar de repente na cama, pronta para me flagrar e me acusar de tentar sair às escondidas. O que, é claro, é exatamente o que *estou* tentando fazer. Eu nem sabia que um coração podia bater tão alto, o que me faz lembrar um conto de Edgar Allan Poe que tivemos de ler em uma das aulas de estudos sociais, sobre um cara que mata outro cara e, então, se entrega à polícia porque está convencido de que pode ouvir o coração do morto batendo sob o assoalho de sua casa. Supõe-se que seja um conto sobre culpa e os perigos da desobediência civil, mas, quando o li pela primeira vez, ele me pareceu um pouco bobo e melodramático. Mas agora entendo. Poe deve ter saído escondido de casa muitas vezes quando era jovem.

Abro cuidadosamente a porta do quarto, prendendo a respiração e rezando para ela não ranger. Em determinado momento, Jenny solta um grito, e meu coração quase para. Mas então ela rola para o lado, jogando um dos braços por cima do travesseiro, e expiro lentamente, percebendo que é apenas um sono agitado.

O corredor está completamente escuro. O quarto onde meus tios dormem também está escuro, e o único ruído é o sussurro das árvores lá fora e os suaves tiques e rangidos vindos das paredes, barulhos artríticos comuns de casas velhas. Finalmente, crio coragem para sair ao corredor e fechar a porta do quarto. Ando tão lentamente que parece que nem estou me movendo, sinto o caminho pelos calombos e dobras no papel de parede até a escada e, em seguida, deslizo uma das mãos, centímetro por centímetro, pelo corrimão, andando nas pontas dos pés. Mesmo assim, parece que a casa está lutando contra mim, como se estivesse gritando para que eu fosse flagrada. Cada passo parece fazer algo ranger, guinchar ou resmungar. Cada tábua do piso vacila e treme sob meus pés, e começo a negociar mentalmente com a casa: *se eu chegar à porta da frente sem acordar tia Carol, juro por Deus que nunca mais bato uma porta. Nunca mais chamarei você de "porcaria velha", nem sequer em minha cabeça, nunca mais xingarei o porão quando ele inundar, e nunca, nunca, nunca chutarei a parede do quarto quando estiver irritada com Jenny*.

Talvez a casa possa me ouvir, pois, milagrosamente, *chego* à porta da frente. Paro por um segundo e tento identificar sons de passos no andar de cima, vozes sussurradas, qualquer coisa — mas, além de meu coração, que continua batendo forte e alto, reina o silêncio. Mesmo a casa parece hesitar e respirar, porque a porta da frente abre quase em silêncio, e no último segundo, antes que eu saia pela noite, os cômodos atrás de mim estão tão escuros e quietos quanto um túmulo.

Lá fora, hesito no degrau da entrada. Os fogos de artifício cessaram há uma hora — ouvi as últimas explosões, como tiros distantes, quando me preparava para deitar —, e agora as ruas estão estranhamente silenciosas, totalmente vazias. Passa um pouco das

onze horas. Alguns curados ainda devem estar no Eastern Promenade. Todos os outros já estão em casa. Não há uma única luz acesa na rua. Todos os postes foram desativados anos atrás, exceto nas partes mais ricas de Portland, e, para mim, eles parecem olhos cegos. Graças a Deus, a lua está brilhante.

Tento detectar os sons de patrulhas ou de grupos de reguladores nas proximidades — quase torço para ouvi-los, pois, assim, precisarei voltar para dentro, para minha cama, para um lugar seguro, e de novo o pânico já começa a correr por mim. No entanto, tudo está perfeitamente parado e silencioso, quase como se estivesse congelado. Tudo o que é racional, certo e bom está gritando para que eu me vire e suba para o quarto, mas algum ponto teimoso dentro de mim me impulsiona para a frente.

Percorro o caminho até o portão e solto a corrente da minha bicicleta.

Ela faz um pouco de barulho, especialmente quando começo a pedalar, então eu a empurro por certa distância ao longo da rua. O barulho das rodas no pavimento é reconfortante. Nunca estive sozinha fora de casa até tão tarde assim. *Nunca* violei o toque de recolher. Mas, junto com o medo — que está sempre presente, é claro, aquele peso esmagador constante —, há uma sensação ligeira e vacilante de empolgação, que cresce sob o medo e o afasta um pouco. Tipo, *tudo bem, estou bem, eu consigo*. Sou apenas uma garota — uma garota comum, um metro e cinquenta e oito, nada demais —, mas consigo fazer isso, e nenhum toque de recolher ou patrulha vai me impedir. É incrível o conforto que esse pensamento me transmite. É incrível como ele afasta o medo, tal qual a chama mínima de uma vela acesa no meio da noite, iluminando as formas e desfazendo a escuridão.

Quando chego ao final da rua, monto na bicicleta, sentindo as marchas se encaixarem. O toque da brisa é agradável quando começo a pedalar, cuidando para não ir rápido demais e mantendo-me alerta caso haja reguladores por perto. Felizmente, Stroudwater e a fazenda Roaring Brook ficam na direção oposta à das celebrações do Quatro de Julho no Eastern Promenade. Quando eu chegar à faixa rural larga que cerca Portland como um cinturão, ficarei bem. As fazendas e os abatedouros raramente são patrulhados. Mas primeiro tenho que atravessar West End, onde pessoas ricas como Hana moram, passar por Libbytown e cruzar o rio Fore pela ponte Congress Street. Por sorte, todas as ruas em que entro estão vazias.

Stroudwater fica a uns bons trinta minutos de viagem, mesmo que eu pedale rapidamente. Enquanto saio da península — afastando-me dos prédios e das lojas do centro de Portland e entrando na região mais suburbana —, as casas ficam menores e mais afastadas entre si, em meio a quintais descuidados e cheios de mato. Ainda não estou na parte rural de Portland, mas já se veem sinais do campo: plantas crescendo através de varandas meio apodrecidas, o pio lamentoso de uma coruja na escuridão, uma foice negra de morcegos cortando o céu repentinamente. Na frente de quase todas as casas há carros estacionados — tal como nos lares mais ricos de West End —, mas estes, obviamente, foram resgatados de ferros-velhos. Estão colocados em cima de blocos de cimento e cobertos de ferrugem. Vejo uma árvore saindo pelo teto solar de um dos

carros, como se ele tivesse caído do céu e sido atravessado pela planta, e outro carro está com o capô aberto e sem o motor. Quando passo por ali, um gato sai de seu esconderijo escuro, miando e piscando para mim.

Depois que atravesso o rio Fore, as casas desaparecem de vez e há apenas campo após campo, fazenda após fazenda, nomes como MeadowLane, Sheepsbay e Willow Creek, que as fazem soar aconchegantes e agradáveis: lugares em que alguém pode estar assando *muffins* ou batendo nata fresca para fazer manteiga. Mas a maioria dessas fazendas pertence a grandes empresas, estão todas cheias de gado e costumam usar órfãos como mão de obra.

Sempre gostei daqui, mas o lugar é um pouco assustador no escuro, aberto e totalmente vazio, e não consigo deixar de pensar que, se eu realmente encontrar alguma patrulha, não haverá onde me esconder, nenhum beco onde entrar. Do outro lado dos campos, vejo as silhuetas baixas e escuras de celeiros e silos, alguns bem novos, outros caindo aos pedaços, presos à terra como dentes encravados em alguma coisa. O ar tem um aroma levemente doce, cheira a plantas e adubo.

A fazenda Roaring Brook fica junto da fronteira sudoeste. Está abandonada há anos, desde que metade da casa-grande e os dois silos de grãos foram destruídos em um incêndio. Uns cinco minutos antes de chegar acho que consigo distinguir uma batida rítmica quase imperceptível sob a melodia rouca dos grilos, mas, por um tempo, não sei se é apenas minha imaginação ou se é o barulho de meu coração, que voltou a se acelerar. Quando avanço um pouco mais, porém, tenho certeza. Mesmo antes de chegar à pequena estrada de terra que leva ao celeiro — ou, ao menos, à parte do celeiro que ainda está de pé —, surgem rastros de música, cristalizando-se no ar noturno como chuva se transformando de repente em neve e flutuando até o solo.

Agora estou com medo outra vez. Tudo que consigo pensar é: *errado*, *errado*, *errado*, uma palavra que martela em minha cabeça. Tia Carol me mataria se soubesse o que estou fazendo. Ela me mataria, me jogaria nas Criptas ou me levaria aos laboratórios para uma intervenção antecipada, no estilo Willow Marks.

Salto da bicicleta quando vejo a curva para Roaring Brook e a grande placa metálica que diz: PROPRIEDADE DE PORTLAND. NÃO INVADIR. Levo minha bicicleta para o bosque na beira da estrada. Ainda faltam uns cento e cinquenta, cento e oitenta metros pela estrada até a casa e o velho celeiro, mas não quero levar minha bicicleta mais adiante. Porém, não passo a corrente. Não quero nem pensar no que aconteceria se houvesse uma batida policial, mas, se acontecer, não quero ficar lutando com um cadeado no escuro. Precisarei de *velocidade*.

Contorno a placa de advertência. Estou me tornando especialista em ignorá-las, percebo, lembrando-me de quando Hana e eu pulamos o portão para os laboratórios. Fazia um bom tempo que eu não pensava naquela tarde, e imediatamente uma imagem de Alex se ergue diante de mim: uma lembrança de tê-lo visto na galeria de observação, com a cabeça inclinada para trás e rindo.

Preciso concentrar-me na terra a meu redor, no brilho da lua, nas flores do campo

na estrada. Isso me ajuda a combater a sensação de que vou vomitar a qualquer instante. Não sei de fato o que me fez sair de casa, por que senti que precisava provar que Hana estava errada em relação a alguma coisa, e tento ignorar a ideia — muito mais perturbadora do que qualquer outra coisa — de que minha discussão com ela foi apenas uma desculpa.

Que, talvez, no fundo, eu estivesse apenas curiosa.

Não estou curiosa agora. Estou assustada. E me sentindo muito, muito burra.

A casa e o velho celeiro ficam em um pedaço de terreno entre duas colinas, um pequeno vale, como se as construções estivessem bem no meio dos lábios contraídos de alguém. Por causa da maneira como a terra se inclina, ainda não consigo ver a casa, mas, conforme me aproximo do topo da colina, a música se torna mais clara, mais alta. É diferente de tudo o que já ouvi. Definitivamente, não é como as músicas autorizadas que podemos baixar da BMFA: formais, harmoniosas e estruturadas, o tipo de música tocada em um palco no parque Deering Oaks durante os shows oficiais no verão.

Alguém está cantando: uma linda voz, tão densa e pesada quanto mel morno, percorrendo uma escala tão rapidamente que fico tonta só de ouvir. A música executada sob a voz é estranha, dissonante e selvagem — mas nada como os ganidos e arranhões que ouvi hoje no computador de Hana, embora reconheça certas semelhanças, certos padrões de melodia e ritmo. Aquela música era metálica e horrível, soava indistinta nas caixas de som. Esta música flui, irregular, triste. Curiosamente, ela me faz lembrar o oceano durante uma forte tempestade, com as ondas se agitando e quebrando e a espuma do mar sendo jogada nas docas; a maneira como nos deixa sem fôlego, com seu poder e sua enormidade.

É exatamente o que acontece quando ouço a música, quando chego ao cume da colina, e o celeiro parcialmente arruinado e a casa caindo aos pedaços aparecem diante de mim, no mesmo instante em que a música ganha volume, como uma onda prestes a quebrar: de repente, fico sem ar, embasbacada com aquela beleza. Por um segundo parece que realmente estou olhando para o oceano — um mar de pessoas se contorcendo e dançando à luz que escapa do celeiro, como sombras ao redor de uma chama.

O celeiro está completamente arrasado: escancarado e carbonizado pelo incêndio, aberto para o exterior. Apenas metade continua de pé — fragmentos de três paredes, um pedaço do telhado e parte de uma plataforma elevada que deve ter sido utilizada para armazenar feno. É ali que a banda está tocando. Árvores esguias e finas começaram a surgir pelo campo. Árvores mais antigas, devastadas pelo fogo e completamente desprovidas de galhos ou folhas, apontam para o céu como pálidos dedos fantasmagóricos.

Quinze metros depois do celeiro, vejo a faixa profunda de escuridão onde começa o território não regulamentado. A Selva. Não consigo ver a grade da fronteira a essa distância, mas imagino que posso senti-la, perceber a eletricidade que vibra no ar. Só me aproximei dela algumas vezes. Uma com minha mãe, há anos, quando ela me fez ouvir o zumbido da eletricidade — uma corrente tão forte que o ar parece murmurar; é possível

levar um choque só de ficar a um metro de distância — e me fez também prometer que nunca, nunca, nunca encostaria na grade. Ela me contou que quando a cura se tornou obrigatória algumas pessoas tentaram escapar pela fronteira. Bastou uma das mãos na cerca e elas acabaram fritas como bacon — lembro que foi exatamente isso o que ela disse: como bacon. Desde então, corri com Hana ao longo da cerca algumas vezes, sempre tomando cuidado para ficar a uns bons três metros de distância.

No celeiro, alguém instalou alto-falantes, amplificadores e até dois holofotes imensos, de tamanho industrial, que deixam todo mundo perto do palco extremamente branco e hiperreal e os outros, escuros, indistintos, borrados. Uma música termina e a multidão urra, o som de um oceano. *Eles devem estar roubando eletricidade da rede de abastecimento de alguma fazenda*, penso. *Isso é uma idiotice, nunca encontrarei Hana, tem gente demais...* e então outra música começa, tão feroz e linda quanto a anterior, e é como se a música atravessasse todo o espaço negro e acertasse algo em meu âmago mais profundo, puxando-me como uma corda. Desço a colina em direção ao celeiro. O estranho é que isso não é escolha minha. Meus pés simplesmente vão por conta própria, como se tivessem encontrado uma trilha invisível e bastasse apenas deslizar, deslizar, deslizar.

Por um instante esqueço que deveria estar procurando por Hana. Sinto-me como se estivesse em um sonho, no qual coisas estranhas acontecem, mas não parecem estranhas. Tudo está nebuloso — tudo está envolvido por uma névoa —, e sou preenchida da cabeça aos pés pelo único desejo ardente de me aproximar da música, de ouvi-la melhor, de que ela continue, continue, continue.

— Lena! Meu Deus, Lena!

Ouvir meu nome me arranca do torpor, e de repente percebo que estou no meio de um enorme aglomerado de pessoas.

Não. Não apenas pessoas. Meninos. E meninas. Não curados, todos eles, sem qualquer indício de cicatriz no pescoço — pelo menos os que estão perto o suficiente para que eu possa ver. Meninos e meninas conversando. Meninos e meninas rindo. Meninos e meninas bebendo do mesmo copo. De repente, acho que vou desmaiar.

Hana está vindo em minha direção, usando os cotovelos para abrir caminho por entre as pessoas, e antes que eu possa sequer abrir a boca ela está pulando em cima de mim como fez na formatura, abraçando-me com força. Fico tão espantada que cambaleio para trás, quase caindo.

— Você está aqui. — Ela recua e olha para mim, com as mãos em meus ombros. — Você realmente está *aqui*.

Outra música termina, e a vocalista — uma menina minúscula com longos cabelos negros — grita algo sobre um intervalo. Enquanto meu cérebro volta a funcionar lentamente, penso algo muito idiota: *Ela é ainda mais baixa que eu, e está cantando diante de quinhentas pessoas.*

Em seguida, penso: *Quinhentas pessoas, quinhentas pessoas, o que estou fazendo aqui com quinhentas pessoas?*

— Não posso ficar — digo rapidamente.

Assim que as palavras saem de minha boca, sinto-me aliviada. O que quer que eu quisesse provar ao vir aqui já foi provado; agora posso ir embora. Preciso sair desta multidão, da confusão de vozes, da parede inconstante de torsos e ombros me cercando. Eu estava envolvida demais pela música para olhar a meu redor, mas agora sinto cores, perfumes e mãos girando e se torcendo à nossa volta.

Hana abre a boca — talvez para protestar —, mas naquele segundo somos interrompidas. Um menino com cabelos louros caindo nos olhos abre caminho até nós, trazendo dois grandes copos de plástico.

O menino de cabelos louros entrega um copo para Hana. Ela pega, agradece e se vira novamente para mim.

— Lena — diz ela —, este é meu amigo Drew.

Acho que por um segundo ela parece culpada, mas logo o sorriso volta a seu rosto, largo como sempre, como se estivéssemos no meio da St. Anne falando de um teste de biologia.

Abro a boca, mas as palavras não saem, o que provavelmente é algo bom, considerando que um alarme gigante de incêndio está gritando dentro de minha cabeça. Pode soar idiota e ingênuo, mas, enquanto me dirigia à fazenda, em nenhum momento sequer cogitei que a festa seria mista. Isso sequer me *ocorreu*.

Violar o toque de recolher é uma coisa; ouvir música não aprovada é pior ainda. Mas desobedecer às leis de segregação é uma das maiores faltas possíveis. Por isso Willow Marks teve a intervenção antecipada e sua foi casa pichada; por isso Chelsea Bronson foi expulsa da escola após supostamente ter sido vista violando o toque de recolher com um menino do Colégio Spencer, os pais dela foram misteriosamente demitidos e a família inteira obrigada a abandonar a casa. E — pelo menos no caso de Chelsea Bronson — sequer havia *provas*. Apenas um boato.

Drew acena ligeiramente para mim.

— Oi, Lena.

Minha boca se abre e se fecha. Ainda sem som. Por um segundo ficamos ali em um silêncio incômodo. Então, ele me oferece um copo, em um gesto repentino e desajeitado.

— Uísque?

— Uísque? — repito com um gritinho.

Só bebi álcool poucas vezes. No Natal, quando tia Carol me serve um quarto de taça de vinho, e uma vez na casa de Hana, quando roubamos um licor de amora do armário de bebidas dos pais dela e bebemos até o teto começar a girar. Hana estava rindo e dando gargalhadas, mas eu não gostei, não gostei do sabor doce e enjoativo em minha boca ou do jeito como meus pensamentos pareceram dispersar-se como uma névoa ao sol. Estar fora de controle — foi o que senti, foi o que detestei.

Drew dá de ombros.

— Era o que eles tinham. Vodca sempre é a primeira bebida a acabar nessas ocasiões.

Nessas ocasiões — quer dizer, *essas ocasiões acontecem*, quer dizer, *mais de uma vez*.

— Não. — Eu tento devolver o copo. — Tome.

Ele me dispensa com um aceno, obviamente não entendendo.

— Tranquilo. Eu pego outro.

Drew lança um sorriso rápido para Hana antes de desaparecer na multidão. Gosto do sorriso dele, da maneira como se entorta um pouco em direção à orelha esquerda, mas quando percebo que estou pensando sobre gostar do sorriso dele sinto o pânico se alastrando em mim, circulando em meu sangue, uma vida de sussurros e acusações.

Controle. É tudo uma questão de controle.

— Preciso ir — consigo dizer a Hana. Progresso.

— Ir? — Ela franze a testa. — Você anda até aqui...

— Eu vim de bicicleta.

— Que seja. Você pedala até aqui e simplesmente vai embora?

Hana tenta pegar minha mão, mas eu cruzo os braços rapidamente para evitá-la. Ela parece momentaneamente chateada. Finjo tremer de frio para que ela não se sinta mal, e me pergunto por que parece tão estranho falar com ela. Esta é minha melhor amiga, a menina que conheço desde o segundo ano do ensino fundamental, a menina que costumava dividir seus biscoitos comigo no almoço e que uma vez acertou um soco no rosto de Jillian Dawson, que disse que minha família era doente.

— Estou cansada — digo. — E não deveria estar aqui.

Quero dizer: *Você também não deveria estar aqui*. Mas me contenho.

— Ouviu a banda? Eles são incríveis, não é?

Hana está sendo legal demais, o que não é nem um pouco normal, e sinto uma dor profunda e afiada nas costelas. Ela está tentando ser educada. Está agindo como se não nos conhecêssemos. Ela também sente o desconforto.

— Eu... Eu não estava ouvindo.

Por algum motivo, não quero que Hana saiba que, sim, eu ouvi, e sim, achei que eles eram incríveis, mais do que incríveis. É algo muito íntimo — até embaraçoso, algo de que se envergonhar, e, apesar de ter vindo até a fazenda Roaring Brook e violado o toque de recolher e tudo mais, apenas para ver Hana e pedir desculpas, a sensação que tive hoje volta: não conheço mais minha amiga, e ela não me conhece de verdade.

Estou acostumada à sensação de duplicidade, a pensar uma coisa e precisar fazer outra, um constante cabo de guerra. Mas, de algum jeito, Hana caiu completamente na outra metade, no outro mundo, no mundo dos pensamentos, coisas e pessoas inomináveis.

Será possível que em toda a minha vida, enquanto eu estudava para provas e corria com Hana, este outro mundo simplesmente tenha *existido*, seguindo paralelamente e oculto do meu, vivo, pronto para escapar das sombras e dos becos assim que o sol se pusesse? Festas ilegais, músicas não aprovadas, pessoas tocando umas às outras sem temer a doença, sem temer por si próprias.

Um mundo sem medo. Impossível.

E embora eu esteja no meio da maior multidão que já vi, de repente me sinto muito sozinha.

— Fique — diz Hana, em voz baixa. Mesmo sendo um comando, há um tom de hesitação em sua voz, como se ela estivesse fazendo uma pergunta. — Você pode ouvir a segunda parte.

Balanço a cabeça. Eu preferiria não ter vindo. Preferiria não ter visto isso. Preferiria não saber o que sei agora, e poder acordar amanhã e pedalar até a casa de Hana, poder ficar em Eastern Promenade com ela e reclamar da chatice dos verões, como sempre fazemos. Preferiria poder acreditar que nada mudou.

— Eu vou embora — digo, desejando que minha voz não tivesse saído trêmula. — Mas não tem problema. Você pode ficar.

Assim que falo isso, percebo que Hana não se ofereceu para vir embora comigo. Ela está me olhando com uma mistura muito estranha de arrependimento e pena.

— Posso voltar com você, se quiser — diz ela, mas sei que só está se oferecendo agora para que eu me sinta melhor.

— Não, não. Vou ficar bem.

Minhas bochechas estão queimando, e dou um passo para trás, desesperada para sair daqui. Trombo em alguém, um menino, que se vira e sorri para mim. Afasto-me rapidamente dele.

— Lena, espere.

Hana tenta me segurar de novo. Apesar de ela já estar com uma bebida, ponho meu copo em sua mão vazia de modo que ela tenha de parar, franzindo o rosto momentaneamente enquanto tenta equilibrar os dois copos com um braço dobrado, e nesse instante me esquivo e saio do alcance dela.

— Vou ficar bem, prometo. Amanhã nos falamos.

Em seguida passo por um espaço estreito entre duas pessoas — este é o único benefício de se medir um e cinquenta e oito: uma vantagem em todos os espaços apertados — e, antes que eu perceba, Hana ficou para trás, engolida pela multidão. Abro caminho até longe do celeiro, olhando para baixo e torcendo para que minhas bochechas esfriem logo.

Imagens voam à minha volta, um borrão, e fazem eu me sentir como se estivesse sonhando outra vez. Menino. Menina. Menino. Menina. Rindo, empurrando-se, tocando os cabelos uns dos outros. Nunca, em toda a minha vida, me senti tão diferente e deslocada. Ouço um grito alto, mecanizado, e então a banda volta a tocar, mas agora a música não provoca nada em mim. Eu nem hesito. Simplesmente continuo andando, rumo à colina, imaginando o silêncio frio dos campos sob as estrelas, as ruas escuras e familiares de Portland, o ritmo regular das patrulhas, marchando silenciosamente em sincronia, as respostas em seus rádios — constante, normal, familiar, meu.

A multidão finalmente começa a se tornar menos densa. Estava quente ali, em meio a tanta gente, e a brisa toca minha pele e resfria minha face. Começo a me acalmar um pouco, e, fora da multidão, permito-me uma olhada para o palco. O celeiro, aberto ao céu e à noite e brilhando com a luz branca, lembra uma pequena chama em uma mão espalmada.

— Lena!

É estranho como reconheço instantaneamente a voz, embora só a tenha ouvido uma vez, por dez, quinze minutos, no máximo — é a risada que corre sob ela, como alguém se inclinando para contar algum segredo muito bom no meio de uma aula muito chata. Tudo se congela. O sangue para de circular em minhas veias. Minha respiração para. Por um segundo até mesmo a música some, e tudo o que ouço é algo firme, baixo e bonito, como uma batida distante, e penso: *Estou ouvindo meu coração*, mesmo sabendo que isso é impossível, porque meu coração também parou. Minha visão consegue focar-se novamente, e tudo o que vejo é Alex, usando os ombros para abrir caminho pela multidão para vir até mim.

— Lena! Espere.

Um breve lampejo de horror passa por mim — por um segundo louco penso que ele está aqui com uma patrulha, em uma batida policial ou algo do tipo —, mas então vejo que ele está vestido normalmente, com calça jeans, tênis surrados com cadarços azuis e uma camiseta desbotada.

— O que você está fazendo aqui? — gaguejo quando ele me alcança.

Ele sorri.

— É bom ver você também.

Ele deixou alguma distância entre nós, e fico agradecida por isso. À meia-luz, não consigo identificar a cor de seus olhos, e neste momento não preciso de distração, não preciso me sentir como nos laboratórios, quando ele se inclinou e sussurrou para mim — a plena consciência dos únicos dois centímetros que separavam sua boca de meu ouvido, pavor, culpa e entusiasmo ao mesmo tempo.

— Estou falando sério.

Faço o possível para franzir o rosto para ele.

O sorriso dele diminui, mas não desaparece. Ele solta o ar pela boca.

— Vim ouvir a música — diz ele. — Como todo mundo.

— Mas você não pode... — Estou lutando para encontrar as palavras certas, sem saber como dizer o que quero. — Mas isso é...

— Ilegal? — Ele dá de ombros. Uma mecha de cabelo cai em seu olho esquerdo, e quando ele se vira para olhar a festa reflete a luz do palco e brilha com aquele tom bizarro de castanho e dourado. — Não tem problema — diz ele, mais baixo, obrigando-me a me inclinar para a frente para escutá-lo por cima da música. — Ninguém está machucando ninguém.

Você não sabe disso, começo a dizer, mas sou contida pela maneira como suas palavras mostram um toque de tristeza. Alex passa a mão no cabelo e vejo a pequena cicatriz escura de três pontas atrás de sua orelha esquerda, perfeitamente simétrica. Talvez só esteja triste por tudo o que perdeu após a cura. A música não toca as pessoas da mesma maneira, por exemplo, e apesar de ele também não poder mais se sentir arrependido, a intervenção funciona de forma diferente em cada pessoa e nem sempre é perfeita. Por isso meus tios ainda sonham às vezes. Por isso minha prima Marcia se via chorando

histericamente, de uma hora para outra e sem motivo aparente.

— E você? — Ele se vira para mim de novo, e seu sorriso está de volta, assim como a mesma característica provocadora em sua voz. — Qual é sua desculpa?

— Eu não queria vir — digo, rapidamente. — Precisei... — interrompo-me, percebendo que não tenho *certeza* quanto ao motivo pelo qual tive de vir. — Precisei entregar uma coisa a uma pessoa — falo, afinal.

Ele ergue as sobrancelhas, claramente não convencido disso. Apresso-me:

— Para Hana. Minha amiga. Você a conheceu naquele dia.

— Eu me lembro — diz ele. Nunca vi ninguém manter um sorriso por tanto tempo. É como se seu rosto fosse naturalmente moldado dessa forma. — Aliás, você ainda não pediu desculpas.

— Por quê?

A multidão continuou se aproximando do palco, então Alex e eu não estamos mais cercados. De vez em quando, alguém passa, balançando uma garrafa de alguma coisa ou cantando junto com a banda, ligeiramente fora de ritmo, mas ficamos sozinhos durante quase todo o tempo.

— Por me dar um bolo. — Um canto de sua boca se eleva um pouco, e novamente tenho a sensação de que ele está dividindo algum segredo delicioso comigo, que está tentando me dizer alguma coisa. — Você não apareceu na enseada Back naquele dia.

Sinto um surto de triunfo — ele *estava* me esperando na enseada Back! Ele queria que eu o encontrasse! Ao mesmo tempo, a ansiedade cresce em mim. Ele quer alguma coisa de mim. Não sei exatamente o que é, mas posso sentir, e isso me amedronta.

— Então? — Ele cruza os braços e se balança nos calcanhares, ainda sorrindo. — Você vai pedir desculpas ou não?

Sua tranquilidade e confiança me enervam, exatamente como nos laboratórios. É tão injusto, tão diferente de como me sinto, como se estivesse prestes a ter um ataque cardíaco ou me derreter por completo.

— Não peço desculpas a mentirosos — digo, surpresa com a firmeza de minha voz.

Ele faz uma careta.

— Como assim?

— Por favor. — Reviro os olhos, sentindo-me mais confiante a cada segundo. — Você mentiu a respeito de ter me visto nas avaliações. Mentiu sobre me reconhecer. — Estou contando suas mentiras nos dedos. — Mentiu sobre sequer ter estado *dentro* dos laboratórios no Dia da Avaliação.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele levanta as mãos. — Desculpe, tudo bem? Olhe, sou eu quem deve pedir desculpa. — Ele me encara por um segundo e, em seguida, suspira. — Eu falei que seguranças não podem entrar nos laboratórios durante as avaliações. Para manter o processo "puro" ou algo assim, não sei. Mas eu precisava muito de um café, e uma máquina no segundo andar do complexo C tem um café bom, com leite de verdade e tudo, então usei meu código para entrar. Foi isso. Foi só isso. E depois precisei mentir. Eu poderia perder meu emprego. E só trabalho na porcaria do

complexo de laboratórios para pagar minha faculdade... — diz ele. Pela primeira vez não parece confiante. Parece preocupado, como se tivesse medo de que eu realmente o denunciasse.

— Então, por que você estava na galeria de observação? — pressiono. — Por que estava me olhando?

— Nem cheguei ao segundo andar — responde ele, olhando-me atentamente, como se julgasse minha reação. — Entrei e... E simplesmente ouvi um barulho louco. Aquele som agitado, estridente. E outra coisa, também. Gritos ou algo parecido.

Fecho os olhos brevemente, relembrando a sensação das luzes brancas intensas e minha impressão de ouvir o oceano batendo do lado de fora dos laboratórios e os gritos de minha mãe a uma década de distância. Quando abro os olhos novamente, Alex continua me observando.

— Enfim, eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Pensei... Não sei, é idiota... Mas pensei que talvez os laboratórios estivessem sofrendo um ataque ou algo do tipo. Então, enquanto estou ali, de repente aparecem, tipo, umas cem vacas avançando para cima de mim... — Ele dá de ombros. — Havia uma escadaria à minha esquerda. Fiquei nervoso e subi correndo. Imaginei que vacas não subiam escadas. — Um sorriso aparece de novo, dessa vez fugaz, hesitante. — Fui parar na galeria de observação.

Uma explicação perfeitamente normal e razoável. Sinto-me aliviada e com menos medo dele agora. Ao mesmo tempo, há algo crescendo em meu peito, uma sensação de abatimento, uma decepção. E um pouco de teimosia, uma parte de mim que ainda duvida dele. Lembro-me de como ele estava na galeria de observação, com a cabeça inclinada para trás e rindo; a maneira como piscou para mim. Como ele parecia estar: divertido, confiante, feliz. Totalmente sem medo.

Um mundo sem medo...

— Então você não sabe nada sobre como... como aconteceu?

Não acredito que estou sendo tão corajosa. Fecho os punhos com força, torcendo para que ele não perceba minha voz falhando de repente.

— Você quer dizer a confusão nas entregas? — diz ele com suavidade, sem uma pausa ou hesitação na voz, e minhas últimas dúvidas desaparecem. Como qualquer curado, ele não questiona a história oficial. — Eu não estava encarregado de assinar pelas entregas naquele dia. O cara que estava, Sal, foi demitido. É preciso verificar a carga. Acho que ele pulou essa etapa. — Ele inclina a cabeça para um lado e abre as mãos. — Satisfeita agora?

— Satisfeita — respondo.

Mas a pressão em meu peito continua. Ainda que mais cedo eu estivesse desesperada para sair de casa, agora eu só queria piscar e estar em casa, sentada na cama, empurrando as cobertas e percebendo que tudo, a festa e o encontro com Alex, foi apenas um sonho.

— Então...? — Ele inclina a cabeça em direção ao celeiro. A banda está tocando alguma coisa alta e agitada. Não sei por que a música me atraiu antes. Parece apenas barulho agora, um barulho acelerado. — Acha que conseguimos chegar perto sem

sermos pisoteados?

Ignoro o fato de que ele acabou de dizer "nós", uma palavra que, por algum motivo, parece muito atraente quando pronunciada com seu sotaque melódico e risonho.

— Na verdade, eu estava indo para casa.

Percebo que estou com raiva dele, sem saber a razão — por ele não ser quem eu pensei que fosse, talvez, ainda que eu devesse estar agradecida por ele ser normal, curado e seguro.

— Para casa? — repete ele, incrédulo. — Você não pode ir para casa.

Sempre tive cuidado para não ceder a sentimentos de raiva ou irritação. Não posso me permitir isso na casa de Carol. Devo muito a ela — além do mais, após os poucos escândalos que dei na infância, eu detestava a maneira como ela passava dias me olhando torto, como se me analisasse, me medisse. Eu sabia o que ela estava pensando: *Exatamente como a mãe.* Mas agora eu cedo e deixo a raiva crescer. Estou cansada de ver as pessoas agirem como se este mundo, este outro mundo, fosse o normal e eu, a louca. Não é justo: como se todas as regras tivessem mudado de repente e as pessoas tivessem se esquecido de me avisar.

— Posso e vou.

Dou meia-volta e começo a subir a colina, concluindo que ele me deixará em paz. Para minha surpresa, não é o que ele faz.

— Espere!

Ele me segue colina acima.

— O que está fazendo?

Giro para encará-lo, mais uma vez surpresa com a confiança em minha voz, considerando que meu coração está acelerado e aos saltos. Talvez seja esse o segredo para falar com meninos — talvez baste simplesmente estar sempre irritada.

— O que você quer dizer? — Estamos relativamente sem fôlego por causa da subida, mas ele ainda consegue sorrir. — Só quero conversar com você.

— Você está me seguindo. — Cruzo os braços, o que me ajuda a ter a sensação de que estou demarcando o espaço entre nós. — Está me seguindo *outra vez*.

Pronto. Ele recua, e eu sinto uma pontada momentânea e perversa de prazer por tê-lo surpreendido.

— Outra vez? — repete ele.

Fico feliz com o fato de que, ao menos uma vez, não sou eu quem está gaguejando ou tentando encontrar as palavras.

As palavras voam de minha boca:

— Acho um pouquinho estranho que eu tenha passado a vida inteira sem vê-lo e, de repente, comece a encontrá-lo em todos os lugares.

Eu não havia planejado dizer isso — na verdade, eu não havia achado aquilo estranho —, mas assim que as palavras saem de minha boca percebo que são verdadeiras.

Acho que ele vai ficar irritado, mas para minha surpresa ele inclina a cabeça para trás

e ri, uma risada longa e alta, enquanto a luz do luar pinta de prata a curva de suas bochechas, seu queixo e seu nariz. Estou tão surpresa com sua reação que simplesmente fico parada ali, encarando-o. Finalmente, ele olha para mim. Apesar de ainda não conseguir distinguir seus olhos — o luar torna tudo duro, destacando algumas partes com sua luz prateada brilhante e cristalina e deixando outras na escuridão —, tenho uma impressão de calor e de luminosidade, a mesma que tive naquele dia nos laboratórios.

— Talvez você só não estivesse prestando atenção — diz ele, em voz baixa, inclinando-se levemente.

Dou um passo involuntário e um pouco arrastado para trás. Percebo que estou assustada com sua proximidade, com o fato de que, mesmo que nossos corpos estejam separados por muitos centímetros, eu me sinto como se nos tocássemos.

— O que... O que você quer dizer?

— Quero dizer que você está errada. — Ele para, observando-me, e eu me esforço para manter meu rosto composto, ainda que sinta meu olho esquerdo contraído e trêmulo. Com sorte, ele não tem como perceber isso na escuridão. — Já nos vimos muitas vezes.

— Eu me lembraria se tivéssemos nos conhecido antes.

— Eu não disse que nos *conhecemos*. — Ele não tenta se aproximar de novo de mim e fico grata, pelo menos, por isso. Ele morde o canto de um dos lábios, um gesto que o faz parecer mais novo. — Deixe-me fazer uma pergunta — continua ele. — Por que você não corre mais pelo Governador?

Sem querer, engasgo um pouco.

— Como você sabe do Governador?

— Faço aulas na UP — diz ele. Universidade de Portland; agora me lembro de ter ouvido alguns fragmentos de conversa na tarde em que caminhamos até os fundos do complexo de laboratórios para ver o mar. Ele de fato disse que era estudante. — Trabalhei na Grind no semestre passado, na praça Monument. Eu via você o tempo todo.

Minha boca abre e fecha. Nenhuma palavra sai; meu cérebro sempre trava quando mais preciso dele. É claro que conheço a Grind; Hana e eu corríamos por ali duas ou três vezes por semana, vendo os universitários entrarem e saírem da cafeteria como flocos de neve ao vento, soprando a fumaça de cima de seus copos. A Grind dá para uma pequena praça, toda calçada com pedrinhas, chamada Monument: ela marcava a metade de uma das rotas de dez quilômetros que eu costumava correr sempre.

No centro dela há a estátua de um homem parcialmente erodida pela neve e pelo clima, e um pouco pichada. Ele está andando para a frente, segurando o chapéu na cabeça com uma das mãos, parecendo caminhar por uma tempestade terrível, ou contra uma ventania. Sua outra mão está estendida para a frente. É óbvio que no passado distante ele segurava alguma coisa — provavelmente uma tocha —, mas em algum momento esse pedaço da estátua foi quebrado ou roubado. Então, agora, o Governador avança com a mão vazia, onde há um buraco circular, um esconderijo perfeito para

bilhetes e coisas secretas. Hana e eu verificávamos sua mão às vezes para ver se havia algo legal ali dentro. Mas nunca encontrávamos — apenas alguns pedaços de chiclete grudado e algumas moedas.

Não sei exatamente quando Hana e eu começamos a chamá-lo de Governador ou por quê. O vento e a chuva deixaram a placa na base da estátua indecifrável. Mais ninguém o chama assim. As outras pessoas simplesmente dizem "a estátua na Monument Square". Alex deve ter nos ouvido falando sobre o Governador algum dia.

Ele continua olhando para mim, à espera, e eu percebo que não respondi à sua pergunta.

— Preciso mudar minhas rotas — digo. Provavelmente, não passo pelo Governador desde março ou abril. — Enjoa. — E depois, porque não consigo evitar, pergunto com um tom estridente: — Você se lembra de mim?

Ele ri.

— Era bem difícil não reparar em você. Ficava correndo ao redor da estátua e dando uns pulinhos e gritinhos.

Um calor sobe por meu pescoço e minhas bochechas. Devo estar completamente vermelha e agradeço a Deus por estarmos num ponto distante das luzes do palco. Esqueci completamente que eu pulava e tentava bater na mão do Governador quando Hana e eu corríamos por ali, uma maneira de me animar para a corrida de volta até a escola. Às vezes, até gritávamos "Halena!". Devíamos parecer completamente loucas.

— Eu não... — Lambo meus lábios, à procura de uma explicação que não soe ridícula. — Às vezes fazemos coisas estranhas quando corremos. Por causa das endorfinas e tudo mais. É como uma droga, sabe? Mexe com o cérebro.

— Eu gostava — diz ele. — Você parecia... — Ele hesita por um instante. Seu rosto se contrai levemente, uma mudança singela que mal percebo na penumbra, mas naquele segundo ele parece tão imóvel e triste que quase perco o fôlego, como se *ele* fosse uma estátua ou uma pessoa diferente. Temo que ele não conclua a frase, mas, então, ele diz: — Você parecia feliz.

Por um momento ficamos ali parados, em silêncio. E então, de repente, Alex está de volta, tranquilo e sorridente.

— Deixei um bilhete para você uma vez. Na mão do Governador, sabe?

Deixei um bilhete para você uma vez. É impossível, uma ideia louca demais, e eu me ouço repetindo:

— Você deixou um bilhete para *mim*?

— Tenho quase certeza de que dizia alguma coisa idiota. Apenas "oi", uma carinha sorrindo e meu nome. Mas então você parou de vir. — Ele dá de ombros. — Provavelmente, ainda está lá. Quer dizer, o bilhete. Provavelmente, não passa de uma pasta de papel agora.

Ele me deixou um bilhete. Ele *me* deixou um bilhete. Para mim. A ideia — o fato, o fato de que ele tenha me notado e pensado em mim por mais de um segundo — é enorme e esmagadora, e faz minhas pernas formigarem e minhas mãos ficarem

dormentes.

Então, fico apavorada. É assim que começa. Mesmo que ele *seja* curado, mesmo que *seja* seguro... O fato é que eu não sou segura, e é assim que começa. *Fase um: preocupação, dificuldade de concentração, boca seca, transpiração, suor nas mãos, tonteira e desorientação*. Sinto uma mistura repentina de enjoo e alívio, uma sensação parecida com descobrir que todo mundo sempre soube seu pior segredo. Durante todo esse tempo tia Carol tinha razão, meus professores tinham razão, meus primos tinham razão. Sou exatamente como minha mãe, afinal. E a *coisa*, a doença, está dentro de mim, pronta para crescer em minhas entranhas a qualquer instante e começar a me envenenar.

— Preciso ir.

Recomeço a subir a colina, agora quase correndo, mas de novo ele vem atrás de mim.

— Ei. Não tão depressa. — No topo da colina, ele estende o braço e põe uma das mãos em meu pulso para que eu pare. Seu toque me queima, e recolho minha mão rapidamente. — Lena. Espere um segundo.

Mesmo sabendo que não deveria, paro. É a maneira como ele diz meu nome: como música.

— Você não precisa se preocupar, tudo bem? Não precisa ter medo. — Sua voz soa divertida outra vez. — Não estou flertando com você.

Sinto uma onda de vergonha passando por mim. *Flertando*. Um palavrão. Ele acha que eu acho que ele está flertando.

— Eu não... Não acho que você estava... Eu jamais pensaria isso de você...

As palavras colidem em minha boca, e agora sei que não há escuridão no mundo capaz de esconder a vermelhidão em meu rosto.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Então *você* está flertando *comigo*?

— O quê? Não — disparo.

Minha mente está girando às cegas, em pânico, e eu percebo que nem sei o que é flertar. Sei apenas pelos livros; sei apenas que é ruim. É possível alguém flertar sem saber que está flertando? Ele *está* flertando? Meu olho esquerdo treme sem parar.

— Relaxe — diz ele, levantando as mãos, como se dissesse "não fique brava comigo". — Eu estava brincando.

Ele se vira ligeiramente para a esquerda, observando-me o tempo todo. A lua ilumina bem sua cicatriz de três pontas: um perfeito triângulo branco, uma cicatriz que faz pensar em ordem e regularidade. — Sou seguro, lembra? Não posso machucá-la.

Ele fala em voz baixa, com um tom tranquilo, e eu acredito nele. No entanto, meu coração não para de bater freneticamente, girando cada vez mais alto, até que tenho certeza de que ele vai levantar voo. Sinto-me da mesma forma quando chego ao topo da Munjoy Hill e posso ver a rua Congress lá embaixo, com toda a Portland e suas ruas atrás de mim, um brilho de verdes e cinza — de longe, ao mesmo tempo linda e desconhecida —, pouco antes de abrir os braços e relaxar, saltitando, pulando e

correndo pela colina. Sinto o vento bater no rosto e sequer tento me mexer; apenas deixo a gravidade me puxar.

Sem fôlego; animada; à espera da queda.

De repente, percebo como tudo está silencioso. A banda parou de tocar e a multidão se calou. O único ruído é o vento batendo na grama. De onde estamos, a quinze metros do cume, o celeiro e a festa são invisíveis. Imagino brevemente que somos as únicas pessoas na escuridão — que somos as únicas pessoas acordadas e vivas na cidade, no mundo.

Então, suaves fiapos de música começam a se entrelaçar pelo ar, gentis, suspirando, tão sutis inicialmente que confundo os sons com o vento. A música é totalmente diferente das anteriores — suave e frágil, como se cada nota fosse de cristal ou um fio de seda girando no ar noturno. Mais uma vez, sou atingida por aquela beleza absoluta, diferente de tudo o que já ouvi, e do nada sou tomada pelo desejo ambíguo de rir e chorar.

— Essa é minha música preferida. — Uma nuvem encobre rapidamente a lua, e sombras dançam pelo rosto de Alex. Ele ainda me olha, e eu queria saber o que ele está pensando. — Você já dançou?

— Não — respondo, um pouco brusca demais.

Ele ri suavemente.

— Tudo bem. Não vou contar.

Imagens de minha mãe: a suavidade de suas mãos enquanto ela me girava pelo piso de longas tábuas de madeira polida em nossa casa, como se fôssemos patinadoras no gelo; a característica melodiosa de sua voz enquanto ela acompanhava as músicas que saíam dos alto-falantes e ria.

— Minha mãe costumava dançar — falo.

As palavras escapam, e eu me arrependo quase instantaneamente.

Mas Alex não me interroga nem ri. Continua me observando com firmeza. Por um instante parece prestes a dizer alguma coisa. Depois apenas estende a mão para mim através do espaço, da escuridão.

— Gostaria? — pergunta ele, e mal consigo ouvir sua voz naquele vento, tão baixa que não passa de um sussurro.

— Gostaria de quê?

Meu coração está urrando, batendo em meus ouvidos, e ainda que haja muitos centímetros entre a minha mão e a dele há uma energia zumbindo e murmurando que nos conecta, e pelo calor inundando meu corpo parece até que estamos colados um no outro, mão com mão, rosto com rosto.

— Dançar — diz ele ao mesmo tempo que se aproxima, eliminando com aqueles últimos centímetros. Então, ele encontra minha mão e me puxa para perto; naquele segundo, a música soa uma nota aguda, e eu confundo as duas impressões, a mão dele e a elevação da música.

Dançamos.

* * *

Muitas coisas, mesmo os maiores movimentos na Terra, começam com algo pequeno. O terremoto que destrói uma cidade pode ter início com um tremor, uma trepidação, um suspiro. A música começa com uma vibração. A enchente que alagou Portland há vinte anos, após quase dois meses de chuva ininterrupta, que tomou os laboratórios e danificou mais de mil casas, arrastou pneus, sacos de lixo e sapatos velhos e fedidos, fazendo-os boiar pelas ruas como prêmios, e que deixou para trás uma fina camada de lodo verde e um fedor de podridão e decadência que durou meses, começou com uma gota de água mais fina que um dedo, lambendo as docas.

E Deus criou todo o universo a partir de um átomo do tamanho de um pensamento.

A vida de Grace desmoronou por causa de uma única palavra: *simpatizante*. Meu mundo explodiu por causa de outra: *suicídio*.

Correção: aquela foi a *primeira* vez em que meu mundo explodiu.

Na segunda vez em que meu mundo explodiu foi também por causa de uma palavra. Uma palavra que subiu pela minha garganta e escapou de meus lábios antes que eu pudesse pensar ou contê-la.

A pergunta foi: *Quer me encontrar amanhã?*

E a palavra foi: *Sim*.

Sintomas do amor deliria nervosa

FASE UM
preocupação, dificuldade de concentração
boca seca
transpiração, suor nas mãos
tonteira e desorientação
atenção reduzida, pensamentos acelerados, habilidades racionais prejudicadas

FASE DOIS
períodos de euforia, risadas histéricas e incremento de energia
períodos de desespero, apatia
mudanças no apetite, rápida perda ou ganho de peso
fixação, perda de interesse por outros assuntos
habilidades racionais comprometidas, distorção de realidade
padrões de sono alterados, insônia ou fadiga constante
pensamentos e ações obsessivas
paranoia, insegurança

FASE TRÊS (CRÍTICA)
dificuldade de respirar
dor no peito, garganta ou estômago
dificuldade de engolir, recusa em se alimentar
colapso total das faculdades racionais, comportamento errático, fantasias e pensamentos agressivos,
alucinações e ilusões

FASE QUATRO (FATAL)
paralisia física ou emocional (parcial ou total)
morte

Se tem medo de que você ou algum conhecido tenha contraído
deliria, *por favor, ligue para o telefone de emergência*
gratuito 0800-PREVENCAO para discutir a internação imediata e o tratamento.

Nunca entendi como Hana conseguia mentir tanto e tão facilmente. Mas, assim como tudo, mentir fica cada vez mais fácil com a prática.

Por isso, quando chego do trabalho no dia seguinte e Carol pergunta se me importo em jantar cachorro-quente pela quarta noite seguida (resultado de um excedente de estoque na Stop-N-Save; certa vez, passamos duas semanas comendo caldo de feijão todos os dias), digo que, na verdade, Sophia Hennerson, da St. Anne, convidou algumas meninas para um jantar na casa dela. Nem preciso pensar. A mentira simplesmente vem. E, mesmo que eu sinta o suor surgir em minhas mãos, minha voz permanece calma, e tenho certeza de que meu rosto mantém a cor normal, pois Carol apenas me dá mais um de seus sorrisos fugazes e diz que parece ótimo.

Às seis e meia monto na bicicleta e sigo para a praia em East End, onde Alex e eu combinamos de nos encontrar.

Há muitas praias em Portland. A de East End, provavelmente, é uma das menos populares — razão pela qual, é claro, era uma das preferidas de minha mãe. O mar aqui é mais forte que em Willard ou em Sunset Park. Não sei ao certo por quê. Não me importo. Sempre fui uma boa nadadora. Depois daquela primeira vez — quando minha mãe soltou minha cintura e senti ao mesmo tempo o pânico crescente e a empolgação, o entusiasmo —, aprendi bem rápido, e aos quatro anos eu já estava nadando sozinha depois da arrebentação.

Há outras razões pelas quais as pessoas evitam a praia em East End, embora fique bem perto de Eastern Promenade, um dos parques mais populares. A praia não passa de uma faixa estreita de areia com pedras e cascalhos. Fica atrás do lado mais afastado do complexo de laboratórios, onde estão os galpões e as caçambas de lixo, o que não constitui um cenário particularmente bonito. E ao nadar em East End é possível ver com clareza a ponte Tukey e o pedaço de território não regulamentado entre Portland e Yarmouth. Muitas pessoas não gostam de estar tão perto da Selva. Elas ficam nervosas.

Também fico nervosa, mas há uma parte em mim — uma parte pequena e ínfima — que gosta. Por algum tempo depois que minha mãe morreu, eu costumava imaginar que ela não estava realmente morta, e que meu pai também não estava morto — que eles haviam fugido para a Selva para ficar juntos. Ele tinha ido cinco anos antes, para preparar tudo, construir uma casinha com um forno a lenha e com móveis talhados a partir de troncos de árvores. Em algum momento, eu imaginava, eles voltariam para me buscar. Pensei, inclusive, em meu quarto, até o menor detalhe: um tapete vermelho-escuro, uma pequena colcha de retalhos vermelha e verde, uma cadeira vermelha.

Imaginei isso apenas algumas vezes antes de perceber o quão estava errada. Se meus pais tivessem escapado para a Selva, seriam simpatizantes, seriam resistentes. Era melhor que estivessem mortos. Além disso, aprendi rapidamente que minhas fantasias sobre a Selva eram apenas isso: faz de conta, coisa de criança. Os Inválidos não têm nada; não têm nenhuma maneira de comercializar ou de obter colchas de retalho vermelhas, cadeiras, nada. Rachel uma vez me disse que eles devem viver como animais: imundos, famintos, desesperados. Ela diz que por isso o governo não se incomoda em fazer nada

com eles e sequer reconhece sua existência. Morrerão em breve, todos eles, congelados, famintos ou dominados pela doença, brigando entre si, furiosos, lutando e arrancando os olhos uns dos outros.

Ela disse que, até onde se sabe, isso talvez já tenha acontecido — disse que a Selva pode estar vazia agora, escura e morta, cheia apenas de sussurros e ruídos de animais.

Ela provavelmente tem razão em relação às outras coisas — sobre os Inválidos viverem como animais —, mas, obviamente, está enganada a esse respeito. Eles estão vivos, estão lá, e não querem que nos esqueçamos. Por isso organizam manifestações. Por isso soltaram as vacas nos laboratórios.

Não me sinto nervosa até chegar à praia em East End. Apesar de o sol estar baixando atrás de mim, ele ilumina a água e faz tudo brilhar. Protejo os olhos da claridade e vejo Alex perto da água, uma longa pincelada escura naquela vastidão azul. Volto à noite anterior, aos dedos de uma de suas mãos tocando minhas costas com tanta delicadeza que era como se eu estivesse sonhando — e sua outra mão segurando a minha, seca e confortante como um pedaço de madeira aquecido pelo sol. E dançamos mesmo, o tipo de dança que acontece em casamentos, após a formalização do pareamento, mas, de alguma forma, foi melhor, mais solta e menos artificial.

Ele está de costas para mim, olhando o mar, e eu fico feliz. Sinto-me pouco à vontade ao descer os degraus instáveis e corroídos pela maresia que levam do estacionamento à praia, parando para desamarrar e tirar os tênis e pegá-los com uma das mãos. A areia está morna sob meus pés descalços enquanto caminho em sua direção.

Um homem velho está vindo da água, carregando uma vara de pesca. Ele me lança um olhar desconfiado e se vira para encarar Alex, e em seguida olha para mim de novo e franze o rosto. Abro a boca para dizer *Ele está curado*, mas o velho simplesmente resmunga algo quando passa por mim, e não imagino que ele vá se incomodar em ligar para os reguladores, então não digo nada. Mas também não teremos *grandes* problemas se formos pegos — foi isso o que Alex quis dizer com "sou seguro" —, mas não quero responder a um monte de perguntas e ter minha identidade verificada pelo SSV e tudo mais. Além disso, se os reguladores *realmente* se arrastassem até a praia de East End para verificar um "comportamento suspeito" apenas para descobrir que se tratava de um curado fazendo caridade a uma fulana de dezessete anos, eles, definitivamente, ficariam irritados — e, com certeza, descontariam em alguém.

Fazendo caridade. Afasto rapidamente as palavras de minha cabeça, surpresa com quão difícil é sequer pensar nelas. Durante todo o dia tentei não me preocupar com qual seria o motivo para Alex ser tão gentil comigo. Até imaginei — por um segundo breve e idiota — que talvez, após minha avaliação, eu fosse pareada com ele. Alex já recebeu sua página impressa, suas compatibilidades recomendadas — ele teria recebido a lista antes mesmo da cura, logo após as avaliações. Ainda não está casado porque está na faculdade, só isso. Mas se casará assim que se formar.

E, claro, depois comecei a imaginar o tipo de garota recomendado para ele — alguém como Hana, concluí, com cabelos louro-claros e a habilidade desagradável de

fazer com que até mesmo o simples ato de prendê-los seja algo gracioso, como uma dança coreografada.

Há outras quatro pessoas na praia: uma mãe com uma criança, a uns trinta metros de distância, a mãe sentada em uma cadeira dobrável de tecido desbotado, com o olhar perdido no horizonte, enquanto a menina — que provavelmente não tem nem três anos de idade — brinca nas ondas, é derrubada, solta um grito (de dor? de prazer?) e se esforça para se levantar. Mais adiante, um homem e uma mulher caminham juntos, sem se tocar. Devem ser casados. Ambos estão com as mãos juntas diante do corpo e olham para a frente, sem conversar — e sem sorrir —, mas calmos, como se cada um estivesse cercado por uma bolha protetora invisível.

E então me aproximo de Alex, que se vira, me vê e sorri. O sol se reflete no cabelo dele, deixando-o branco por um instante. Em seguida, ele volta à cor normal, castanha e dourada.

— Oi — diz ele. — Que bom que você veio.

Sinto-me tímida de novo, idiota, segurando meus tênis gastos em uma das mãos. Posso sentir minhas bochechas se aquecendo, então olho para baixo, solto os tênis e os viro com o dedão do pé.

— Eu disse que viria, não foi?

Eu não tinha a intenção de que as palavras soassem tão duras, e faço uma careta, xingando-me mentalmente. É como se houvesse um filtro em meu cérebro, mas em vez de melhorar as coisas ele distorce e faz com que tudo que sai de minha boca seja totalmente errado, totalmente diferente do que eu estava pensando.

Felizmente, Alex ri.

— Eu só quis dizer que você me deu bolo da outra vez. Quer se sentar?

— Claro — respondo, aliviada.

Sinto-me muito mais à vontade quando nos acomodamos na areia. É menor a chance de eu cair ou fazer algo idiota. Trago as pernas até o peito, apoiando o queixo no joelho. Alex deixa um bom espaço entre nós, quase um metro.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. No começo, busco desesperadamente alguma coisa para dizer. Cada segundo de silêncio parece estender-se infinitamente, e eu tenho a certeza de que Alex deve pensar que sou muda. Mas então ele pega uma concha parcialmente enterrada na areia e a joga ao mar, e eu percebo que ele não está nem um pouco desconfortável. Depois disso, relaxo. Sinto-me até feliz com o silêncio.

Às vezes sinto que se simplesmente ficasse observando o mundo, simplesmente ficasse quieta e deixasse o mundo existir, às vezes, juro que, por apenas um segundo, o tempo congela e o mundo para. Apenas por um segundo. E se de alguma forma fosse possível dar um jeito de viver naquele segundo, eu viveria para sempre.

— A maré está descendo — diz Alex.

Ele lança mais uma concha, em um arco alto, e ela atinge a arrebentação.

— Eu sei. — O oceano está deixando para trás uma mistura suja de algas verdes, galhos e caramujos, e o ar tem um cheiro forte de sal e peixe. Uma gaivota cisca pela

praia, deixando minúsculas pegadas de garras. — Minha mãe me trazia aqui quando eu era pequena. Caminhávamos um pouco na maré baixa, pelo menos até onde dava para ir. A areia fica cheia de coisas bizarras: caranguejos-ferradura, mariscos gigantes e anêmonas. Fica tudo para trás quando a água recua. Ela também me ensinou a nadar aqui. — Não sei ao certo por que as palavras borbulham para fora de mim neste momento, por que tenho o impulso repentino de falar. — Minha irmã ficava na areia, construindo castelos, e fingíamos que eram cidades de verdade, como se tivéssemos nadado até o outro lado do mundo, até os lugares não curados. Mas em nossas brincadeiras eles não eram nem um pouco doentes, arruinados ou horríveis. Eram lindos e pacíficos, e feitos de vidros, luzes etc.

Alex permanece em silêncio, traçando formas na areia com um dedo. Mas posso ver que está ouvindo.

As palavras continuam saindo:

— Lembro que minha mãe me balançava na água, na altura de seu quadril. E, uma vez, ela simplesmente me soltou. Quer dizer, não *totalmente*. Eu estava com aquelas coisinhas infláveis nos braços. Mas fiquei tão assustada que berrei desesperadamente. Eu só tinha alguns anos, mas lembro, juro que lembro. Fiquei bastante aliviada quando ela me pegou. Mas... mas também decepcionada. Como se tivesse perdido a chance de fazer algo incrível, sabe?

— E o que aconteceu? — Alex inclina a cabeça para olhar para mim. — Vocês não vêm mais aqui? Sua mãe não gosta mais do mar?

Desvio o olhar, voltando-o para o horizonte. A baía está relativamente calma hoje. Lisa, repleta de tons de azul e de roxo enquanto a água recua da praia com um leve ruído de sucção. Inofensiva.

— Ela morreu — respondo, surpresa com a dificuldade de dizer isso. Alex fica quieto a meu lado, então continuo: — Ela se matou. Quando eu tinha seis anos.

— Sinto muito — diz ele, tão baixo e suave que quase não ouço.

— Meu pai morreu quando eu tinha oito meses. Não me lembro dele. Acho... acho que isso a quebrou um pouco, sabe? Quer dizer, minha mãe. Ela não era curada. Não funcionou. Não sei por quê. Ela passou pela intervenção três vezes, mas não... não ficou curada.

Paro, respirando, com medo de olhar para Alex, que continua tão imóvel e silencioso a meu lado quanto uma estátua, quanto um pedaço de sombra esculpido. Ainda assim, não consigo parar de falar. Percebo, estranhamente, que nunca contei a história de minha mãe antes. Nunca precisei. Todos à minha volta, todos na escola, todos os vizinhos e os amigos de minha tia sabiam de minha família e de seus segredos vergonhosos. Por isso, sempre me olharam com pena, de esguelha. Por isso, durante anos encarei ondas de sussurros em toda sala na qual entrava, golpeada com um silêncio súbito assim que eu cruzava a porta… silêncio e expressões de espanto e culpa. Até Hana sabia, antes de sermos parceiras de turma no segundo ano. Eu lembro porque ela me encontrou em uma das cabines do banheiro, chorando em uma toalha de papel,

enfiando-a na boca para que ninguém me ouvisse, e ela abriu a porta com um chute e ficou ali me encarando. *É por causa de sua mãe?*, perguntou ela, as primeiras palavras que dirigiu a mim.

— Eu não sabia que havia algo errado com ela. Não sabia que ela estava doente. Eu era muito nova para entender. — Mantenho os olhos focados no horizonte, uma linha fina e sólida, tensa como uma corda esticada. A água se afasta cada vez mais, e, como sempre, penso a mesma coisa de quando era criança: talvez a água não volte, talvez todo o oceano desapareça para sempre, recuado pela superfície da Terra como lábios se retraindo sobre os dentes e revelando a dureza fria e branca por trás, o osso claro. — Se eu soubesse, talvez pudesse...

No último segundo, minha voz falha e não consigo continuar, não consigo concluir a frase. *Talvez pudesse ter impedido*. É uma frase que eu nunca disse antes, na qual nunca me permiti pensar. Mas a ideia está ali, erguendo-se sólida e inevitável, uma pedra escarpada: eu poderia ter impedido. Eu deveria ter impedido.

Ficamos em silêncio. Em algum momento durante meu relato a mãe e a filha devem ter arrumado as coisas e ido embora; Alex e eu estamos completamente sozinhos na praia. Agora que as palavras não estão mais borbulhando, saindo apressadas de dentro de mim, não consigo acreditar no quanto dividi com um quase estranho — e ainda por cima um garoto. De repente sinto-me completa e terrivelmente envergonhada. Desesperada por arranjar mais uma coisa para dizer — algo inofensivo, sobre a maré ou o clima —, mas, como sempre, minha mente se esvazia por completo agora que realmente preciso que ela funcione. Tenho medo de olhar para Alex. Quando enfim crio coragem para dar uma olhada rápida, ele está sentado, vendo a baía. Sua expressão é completamente indecifrável, exceto por um pequeno músculo, que treme um pouco na base da mandíbula. Meu coração se aperta. Exatamente como eu temia — ele está com vergonha de mim, enojado pela história de minha família e pela doença que corre em meu sangue. A qualquer instante vai se levantar e dizer que é melhor não falar comigo de novo. É esquisito. Eu nem o conheço realmente, e há uma divisão intransponível entre nós, mas, ainda assim, essa ideia me incomoda.

Estou a dois segundos de me levantar e correr só para não precisar assentir e fingir que entendo quando ele se virar para mim e disser *Ouça, Lena... Sinto muito, mas...*, e me lançar aquele olhar mais do que familiar. (No ano passado, havia um cão raivoso solto em Munjoy Hill, mordendo e rosnando para todos, espumando pela boca. Ele estava meio morto de fome, sarnento, cheio de pulgas e não tinha uma das patas, mas, ainda assim, foram necessários dois policiais para abatê-lo. Uma multidão se reuniu para ver, e eu estava lá. Parei no caminho de volta de uma corrida. Pela primeira vez entendi o olhar que as pessoas me lançavam desde sempre, a mesma curvatura dos lábios sempre que ouviam o nome Haloway. Pena, sim — mas também nojo e medo de contaminação. Era a mesma maneira com que olhavam para o cachorro enquanto ele corria em círculos, rosnava e babava, e em seguida um suspiro geral de alívio quando a terceira bala finalmente o derrubou e ele parou de tremer.)

Quando acho que não posso mais suportar, Alex estende o braço e toca meu cotovelo de leve com um dedo.

— Aposto uma corrida com você — diz ele, levantando-se e batendo a areia da bermuda.

Ele estende o braço e me ajuda a levantar, com um sorriso se formando novamente em seu rosto. Fico infinitamente grata a ele naquele instante. Ele não vai usar o passado de minha família contra mim. Não acha que sou suja ou defeituosa. Ele me puxa para eu me levantar, e acho que aperta minha mão quando estou de pé, um aperto rápido, e fico espantada e feliz, pensando em meu sinal secreto com Hana.

— Só se você gostar de ser totalmente humilhado — digo.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Então você acha que pode me vencer?

— Não acho. Eu *sei*.

— É o que veremos. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Até as boias, então?

Isso me surpreende. A maré não está tão baixa; as boias ainda flutuam acima de pelo menos um metro de água.

— Quer correr para *dentro* da baía?

— Está com medo? — pergunta ele, sorrindo.

— Não estou com *medo*, é só...

— Ótimo. — Ele estende o braço e encosta dois dedos em meu ombro. — Então, o que acha de um pouco menos de conversa e um pouco mais de... *Já!*

Ele grita a última palavra e dispara a toda velocidade. Levo dois segundos inteiros para sair atrás dele, gritando:

— Não é justo! Eu não estava pronta!

Estamos os dois rindo enquanto corremos de roupa pela água rasa, passando pelo solo irregular exposto pela maré baixa. Conchas se quebram sob os meus pés. Meus dedos ficam presos em um emaranhado de algas vermelhas e roxas, e quase caio no chão. Levanto-me da areia molhada com uma das mãos espalmada e recupero o equilíbrio, e estou quase alcançando Alex quando ele se abaixa, pega um punhado de areia molhada e se vira para me acertar. Grito e me esquivo, mas um pouquinho atinge minha bochecha e escorre pelo pescoço.

— Você rouba muito! — consigo dizer, sem fôlego por causa da corrida e das risadas.

— Não posso roubar se não existem regras — responde Alex, por cima do ombro.

— Não existem regras, é?

A água está na altura de nossos tornozelos agora, e começo a molhá-lo com as mãos, deixando suas costas e seus ombros marcados na roupa. Ele se vira, passando o braço pela superfície da água, um arco brilhante. Giro para desviar da água e escorrego, caindo apoiada nos cotovelos, molhando o short e a parte inferior da blusa e prendendo a respiração com o frio repentino. Ele continua avançando pela água, com a cabeça inclinada para trás, um sorriso deslumbrante, a risada tão alta que a imagino

atravessando a ilha Great Diamond e o horizonte e alcançando outras partes do mundo. Levanto-me e corro atrás dele. As boias estão a seis metros de distância, e a água bate em meus joelhos, depois nas coxas, na cintura, até estarmos meio correndo, meio nadando, batendo os braços freneticamente. Não consigo respirar, pensar ou fazer qualquer coisa além de rir, bater com os braços na água e me concentrar nas boias vermelhas e brilhantes se agitando, e em ganhar, ganhar, preciso ganhar. Quando estamos a apenas alguns centímetros das boias e ele continua na dianteira — minhas roupas me fazendo pesar como se os bolsos estivessem cheios de pedras —, lanço-me para a frente sem pensar e o ataco, afundando-o na água e sentindo meu pé tocar sua coxa enquanto salto e estendo o braço para bater na boia mais próxima, empurrando o plástico ao atingi-la. Devemos estar a quatrocentos metros da praia, mas a maré ainda está baixando, então consigo ficar de pé, com água até o peito. Ergo os braços, triunfante, enquanto Alex se levanta espalhando água e sacudindo o cabelo.

— Ganhei — digo, arfando.

— Você roubou — diz ele, avançando mais alguns passos e caindo com os braços para trás, apoiando-se na corda que prende as boias.

Ele arqueia a coluna, virando o rosto para o céu. Sua camiseta está completamente molhada e a água escorre de seus cílios e desce pelas bochechas.

— Não existem regras — digo —, então não posso roubar.

Ele se vira para mim, sorrindo.

— Deixei você ganhar, então.

— Ah, claro. — Jogo um pouco de água nele, que levanta as mãos, em sinal de rendição. — Você só não sabe perder.

— Não tenho muita prática.

Lá está aquela autoconfiança outra vez, com aquela tranquilidade quase irritante, a inclinação da cabeça e o sorriso. Mas hoje não é irritante. Hoje eu gosto porque tudo isso parece, de alguma forma, passar para mim, como se por estar perto dele tanto tempo eu jamais pudesse me sentir estranha, assustada ou insegura.

— Que seja!

Reviro os olhos e engancho um braço nas boias perto dele, aproveitando a sensação das correntes movendo-se ao redor de meu peito, curtindo a estranheza de estar de roupa na baía, com a camiseta encharcada. Logo a maré mudará e a água voltará ao lugar normal. Então, será uma nadada lenta e exaustiva até a praia.

Mas não me importo. Não me importo com *nada* — não estou preocupada com o que direi a Carol para explicar por que cheguei em casa ensopada, com algas presas nas costas e cheiro de sal no cabelo; não estou preocupada com o tempo que falta até o toque de recolher ou com a razão pela qual Alex está sendo legal comigo. Sinto-me apenas *feliz*, um sentimento puro e vibrante. Para além das boias, a baía tem um tom escuro de roxo e as ondas são pinceladas com espuma branca. É ilegal ultrapassar as boias — depois delas há ilhas e pontos de observação, e depois desses, o mar aberto, oceano que leva a lugares não regulamentados, lugares de doença e de medo —, mas naquele instante

fantasio sobre mergulhar por baixo das cordas e nadar para longe.

À nossa esquerda, podemos ver a silhueta branca do complexo de laboratórios e, mais distante, Old Port, com suas docas como centopeias gigantes de madeira. À direita, a ponte Tukey e a longa sequência de guaritas que a percorre e continua pela fronteira. Alex me vê observando-a.

— Bonito, não é? — diz ele.

A ponte tem manchas cinzentas e verdes, marcada pelas algas e pelos respingos d'água, e parece lamentar-se sutilmente ao vento. Franzo o nariz.

— É um pouco como se estivesse apodrecendo, não é? Minha irmã sempre disse que um dia ela cairia no mar, assim sem mais.

Alex ri.

— Eu não estava falando da ponte. — Ele faz um gesto ligeiro com o queixo. — Quis dizer depois da ponte. — Ele para por uma fração de segundo. — Quis dizer a Selva.

Depois da ponte Tukey fica a fronteira norte, na outra margem da enseada Back. Enquanto estamos ali, as luzes das guaritas se acendem, uma após a outra, brilhando no céu cada vez mais escuro — um sinal de que está ficando tarde e que devo voltar logo para casa. Ainda assim, não consigo me forçar a ir embora, mesmo quando sinto a água a meu redor borbulhar e se agitar com a mudança da maré. Do outro lado da ponte o verde exuberante da Selva se move com o vento, como uma parede que se rearranja constantemente, uma larga fatia verde sobre a baía separando Portland de Yarmouth. Daqui conseguimos ver apenas a parte mais deserta, um lugar vazio e sem luzes, barcos ou prédios: impenetrável, estranho e negro. Mas eu sei que a Selva se estende para trás e continua por quilômetros, quilômetros e quilômetros continente adentro, cruzando o país todo, como um monstro esticando seus tentáculos em torno das partes civilizadas do mundo.

Talvez tenha sido a corrida, o fato de chegar antes dele às boias ou de ele não ter criticado a mim ou à minha família quando falei de minha mãe, mas, nesse instante, a vertigem e a felicidade ainda fluem tão intensamente que tenho a sensação de que poderia contar ou perguntar qualquer coisa a Alex. Então, digo:

— Posso contar um segredo? — Não espero sua resposta; não preciso esperar, e essa constatação faz com que eu me sinta tonta e despreocupada. — Eu pensava muito nisso. Na Selva, quero dizer, e em como seria... E nos Inválidos, se eles realmente existiam. — Com o canto do olho tenho a impressão de vê-lo vacilar sutilmente, então prossigo: — Às vezes, eu pensava... Eu fingia que talvez minha mãe não tivesse morrido, sabe? Que talvez ela tivesse apenas fugido para a Selva. Não que isso fosse melhor. Acho que eu só não queria que ela estivesse perdida para sempre. Era melhor imaginá-la em algum lugar, cantando... — Interrompo-me e balanço a cabeça, impressionada por me sentir tão à vontade falando com Alex. Impressionada e grata. — E você? — pergunto.

— E eu o quê? — Alex está me olhando com uma expressão que não consigo

decifrar. Como se eu o tivesse machucado, mas isso não faz o menor sentido.

— Você pensava em ir à Selva quando era pequeno? Quer dizer, só por diversão, como uma brincadeira.

Alex estreita os olhos, vira o rosto e faz uma careta.

— É, pensei sim. Muito. — Ele estende o braço e bate nas boias. — Nada disso aqui. Sem muros. Sem olhares. Liberdade e espaço, lugares nos quais fosse possível nos espalharmos. Ainda penso na Selva.

Encaro-o. Ninguém mais usa palavras como aquelas: *liberdade, espaço*. Palavras antigas.

— Ainda? Mesmo depois disto?

Sem querer, sem pensar, estendo a mão e toco uma única vez meus dedos na cicatriz de três pontas em seu pescoço.

Ele se afasta como se eu o houvesse queimado, e abaixo o braço, envergonhada.

— Lena... — diz ele, com uma voz muito estranha: como se meu nome fosse algo azedo, uma palavra com um gosto ruim.

Sei que não deveria ter tocado nele daquele jeito. Ultrapassei os limites, e ele vai me dizer isso, vai me lembrar do que significa não ser curada. Acho que vou morrer de humilhação se ele me repreender, então, para encobrir meu desconforto, começo a tagarelar.

— A maioria dos curados não pensa nisso. Carol, minha tia, sempre diz que é uma perda de tempo. Sempre diz que não há nada além de animais, terra e insetos lá, e que toda essa conversa sobre Inválidos é um faz de conta, coisa de criança. E diz que acreditar nos Inválidos é o mesmo que acreditar em lobisomens ou vampiros. Você se lembra de como as pessoas diziam que havia vampiros na Selva?

Alex sorri, porém o gesto mais parece uma careta.

— Lena, preciso lhe contar uma coisa.

Sua voz está um pouco mais forte, mas algo em seu tom me faz sentir medo de deixá-lo falar.

Agora não consigo *parar* de falar.

— Doeu? Quer dizer, a intervenção. Minha irmã diz que não foi nada demais, por causa de todos os analgésicos que eles deram, mas minha prima Marcia diz que é a pior coisa do mundo, pior que um parto, apesar de seu segundo bebê ter demorado umas quinze horas para nascer... — Paro de falar, ruborizando, xingando-me mentalmente pela mudança ridícula de assunto. Gostaria de poder voltar no tempo para a festa da noite passada, quando meu cérebro estava vazio; é como se eu tivesse tudo acumulado, vomitando as palavras agora. — Mas não estou com medo — quase grito enquanto Alex abre a boca novamente. Estou desesperada para salvar a situação de alguma forma. — Minha intervenção está se aproximando. Sessenta dias. É ridículo, não é? Que eu conte. Mas mal posso esperar.

— Lena. — A voz de Alex está ainda mais forte, mais imponente, e finalmente fico quieta. Ele se vira para ficarmos frente a frente. Naquele instante meus pés tocam

levemente o fundo e percebo que a água está quase em meu pescoço. A maré está subindo rapidamente. — Escute. Não sou quem... Não sou quem você pensa que sou.

Preciso lutar para continuar de pé. De repente, as correntes me arrastam e me puxam. Sempre pareceu ser assim. A maré desce como que por um ralo lento e volta apressada.

— Como assim?

Seus olhos — de um tom inquieto, dourado, âmbar, os olhos de um animal — examinam meu rosto, e sem saber a razão sinto medo outra vez.

— Nunca fui curado — diz ele.

Por um instante fecho os olhos e imagino que não entendi direito, imagino que apenas confundi o barulho das ondas com sua voz. Mas quando abro os olhos, ele continua ali, encarando-me, parecendo culpado e mais alguma coisa — triste, talvez? —, e sei que entendi corretamente. Ele continua:

— Nunca passei pela intervenção.

— Você quer dizer que ela não funcionou? — digo. Meu corpo está formigando, ficando dormente, e percebo quão frio está. — Você passou pela intervenção e não deu certo, como aconteceu com minha mãe?

— Não, Lena. Eu... — Ele desvia o olhar, estreitando os olhos, e fala muito baixinho: — Não sei como explicar.

Tudo, desde as pontas de meus dedos até as raízes dos cabelos, parece coberto de gelo. Imagens desconexas correm por minha cabeça, um rolo de filme cheio de saltos: Alex na galeria de observação, seus cabelos como uma coroa de folhas; ele virando a cabeça e mostrando a clara cicatriz de três pontas abaixo da orelha esquerda; ele me alcançando e dizendo *Sou seguro. Não posso machucá-la.* As palavras começam a sair em uma enxurrada novamente, mas eu não as sinto, mal sinto qualquer coisa.

— A intervenção não deu certo e você tem mentido a respeito. Tem mentido para que pudesse continuar estudando, ter um trabalho, ser pareado e tudo mais. Mas, na verdade, você não está... Você continua... Ainda pode estar... — Não consigo pronunciar a palavra. Doente. Não curado. Com o mal. Tenho a sensação de que *eu* vou passar mal.

— Não. — A voz de Alex é tão alta que me espanta. Dou um passo para trás, os pés deslizando no chão escorregadio e irregular, e quase afundo, mas quando Alex faz um movimento para me tocar, afasto-me de seu alcance. Algo enrijece em seu rosto, como se ele tivesse tomado uma decisão. — Estou dizendo que nunca fui curado. Nunca fui pareado, atribuído nem nada do tipo. Nem ao menos fui avaliado.

— Impossível. — A palavra mal consegue sair, parece um sussurro. O céu gira acima de mim, cheio de tons azuis, cor-de-rosa e vermelhos até parecer que partes dele estão sangrando. — Impossível. Você tem as cicatrizes.

— Cicatrizes — corrige, um pouco mais gentilmente. — Apenas cicatrizes. Não *as* cicatrizes. — Então, ele desvia o olhar, permitindo que eu veja seu pescoço. — Três pequenas cicatrizes, um triângulo invertido. Fácil de reproduzir. Com um bisturi, um canivete ou qualquer objeto.

Fecho os olhos outra vez. As ondas crescem à nossa volta, e o movimento, o subir e descer, me convence de que realmente vou vomitar, bem aqui na água. Engulo seco, tentando conter a conclusão no fundo de minha mente que ameaça me dominar, lutando contra a sensação de afogamento. Abro os olhos e falo, com a voz rouca:

— Como...?

— Você precisa entender. Lena, estou *confiando* em você. Entende isso? — Ele me encara tão intensamente que é como se seu olhar me tocasse, e mantenho meus olhos desviados. — Não tive a intenção... Eu não queria mentir para você.

— Como? — repito, mais alto dessa vez.

De alguma forma meu cérebro fica preso na palavra *mentir* e entra em um *loop* infinito: *Não há como evitar as avaliações, a não ser mentindo. Não há como evitar a intervenção, a não ser mentindo. É preciso mentir.*

Por um instante Alex se cala, e eu penso que ele vai se acovardar e se recusar a me dizer qualquer coisa. Quase *desejo* que o faça. Estou desesperada para voltar no tempo até o momento antes de ele pronunciar meu nome naquele tom estranho, até a sensação intensa e triunfante de chegar antes às boias. Apostaremos corrida novamente até a praia. Nós nos encontraremos amanhã e tentaremos conseguir caranguejos frescos com pescadores na doca.

Mas então ele fala.

— Não sou daqui — diz ele. — Quer dizer, não nasci em Portland. Não exatamente.

Ele fala naquele tom de voz que todos usam quando estão prestes a acabar com alguém. Suave — gentil, até —, como se pudessem melhorar a notícia ao falar em um tom musical. *Sinto muito, Lena, mas sua mãe era uma mulher perturbada.* Como se, de algum jeito, você não fosse ouvir a violência subentendida.

— De onde você é?

Não preciso perguntar. Já sei. O conhecimento se revelou, se derramou, me atropelou. Mesmo assim uma pequena parte de mim acredita que, enquanto ele não disser, não será verdade.

Seus olhos estão firmes nos meus, mas ele inclina a cabeça para trás — na direção da fronteira, para além da ponte, para aquele arranjo em constante movimento de galhos, folhas, vinhas e coisas vivas emaranhadas.

— Dali — diz ele, ou talvez eu apenas pense que ele disse. Seus lábios mal se movem. Mas o significado é claro.

Ele veio da Selva.

— Um Inválido — digo. A palavra parece arranhar minha garganta. — Você é um Inválido. — Dou a ele uma última chance para negar.

Mas ele não o faz. Apenas franze o rosto levemente e diz:

— Sempre odiei essa palavra.

Ali, percebo algo mais: não era coincidência o fato de Carol sempre debochar por eu ainda acreditar em Inválidos, sempre balançar a cabeça sem se incomodar em tirar os

olhos das agulhas de tricô — *tic tic tic*, faziam elas, brilhando — e dizer *Suponho que você também acredita em vampiros e em lobisomens, não é?*

Vampiros, lobisomens e Inválidos: seres que destroçam as pessoas, deixam-nas em pedaços. Seres fatais.

De repente fico tão assustada que uma pressão desesperada empurra o fundo de meu estômago e algum ponto entre minhas pernas, e por um segundo louco e ridículo, tenho certeza de que estou prestes a urinar. O farol na ilha Little Diamond acende e forma uma larga faixa sobre a água, um enorme dedo acusador: fico apavorada de ser pega pelo feixe, apavorada de que ele aponte em minha direção e, em seguida, eu ouça os helicópteros e as vozes dos reguladores gritando em megafones: *Atividade ilegal! Atividade ilegal!* A praia parece inteira e impossivelmente deserta. Não consigo imaginar como chegamos tão longe. Meus braços parecem pesados e inúteis, e penso em minha mãe e em seu casaco se enchendo lentamente de água.

Respiro fundo, tentando impedir que minha mente gire, tentando me concentrar. Não há como alguém saber que Alex é um Inválido. Eu não sabia. Ele parece normal e tem a cicatriz no lugar certo. Não há qualquer possibilidade de que alguém tenha ouvido nossa conversa.

Uma onda se forma e quebra em minhas costas. Eu caio para a frente. Alex estende a mão e segura meu braço para me ajudar, mas me livro dele imediatamente, ao mesmo tempo que uma segunda série de ondas vem para cima de nós. Minha boca se enche de água, e sinto o sal queimando meus olhos, deixando-me temporariamente cega.

— Não — gaguejo. — Não ouse me tocar.

— Lena, eu juro. Eu não quis magoá-la. Não quis mentir para você.

— Por que você está fazendo isso? — Não consigo pensar racionalmente, mal consigo respirar. — O que você quer de mim?

— Querer...?

Alex balança a cabeça. Ele parece genuinamente confuso, e magoado, também, como se *eu* tivesse feito algo errado. Por um segundo sinto uma pontada de solidariedade em relação a ele. Talvez ele veja em meu rosto essa fração de segundo em que baixo a guarda, pois no mesmo instante sua expressão se suaviza e seus olhos brilham como fogo, e apesar de eu mal vê-lo se mover ele de repente se aproximou e está colocando as mãos quentes em meus ombros — dedos tão mornos e fortes que quase grito — e dizendo:

— Lena. Eu gosto de você, tudo bem? É isso. É só isso. Eu gosto de você.

A voz é tão baixa e hipnótica que parece uma canção. Penso em predadores caindo silenciosamente de árvores: penso em gatos enormes, com brilhantes olhos âmbar, exatamente como os dele.

Então, cambaleio para trás, nadando para longe dele, com minha camiseta pesada, encharcada, com o coração martelando dolorosamente no peito e a respiração arranhando a garganta. Estou chutando o chão e empurrando a água com os braços, meio correndo, meio nadando, enquanto a maré sobe e me arrasta, de modo que sinto

que só consigo avançar um centímetro de cada vez, sinto que estou nadando em melaço. Alex chama meu nome, mas tenho medo demais de virar a cabeça e ver se ele está me seguindo. É como em um daqueles pesadelos em que alguém está sendo perseguido por algo, mas tem medo de olhar para trás e descobrir o que é. Tudo o que se ouve é a respiração do perseguidor, cada vez mais próxima. Sente a sombra se erguendo atrás de si, mas está paralisado: sabe que a qualquer segundo sentirá dedos gelados se fechando em seu pescoço.

Nunca vou conseguir, penso. *Nunca vou conseguir voltar*. Algo arranha minha perna e começo a imaginar que a baía está cheia de coisas marinhas horríveis, tubarões, águas-vivas, enguias venenosas, e mesmo sabendo que estou entrando em pânico, tenho vontade de cair para trás e desistir. A praia ainda está longe e minhas pernas e braços parecem muito pesados.

A voz de Alex é sufocada pelo vento, soando cada vez mais fraca, e quando finalmente crio coragem para olhar para trás, vejo-o subindo e descendo com as ondas, perto das boias. Percebo que fui mais longe do que imaginava e que pelo menos Alex não está me seguindo. Meu medo diminui e o nó em meu peito se afrouxa. A onda seguinte é tão forte que me empurra em uma elevação no solo e me derruba de joelhos no chão macio. Quando luto para me levantar, a água me atinge na cintura e me leva pelo restante do caminho até a areia, tremendo, grata, exausta.

Minhas coxas estão trêmulas. Caio na praia, engasgando e tossindo. Pelas cores brilhantes que lambem o céu sobre a enseada Back — laranja, vermelho e cor-de-rosa —, suponho que o pôr do sol esteja próximo e que provavelmente são quase oito horas. Parte de mim só quer se deitar, abrir os braços, se esticar e dormir a noite inteira. Sinto como se tivesse engolido metade de meu peso em água do mar. Minha pele arde e há areia por todos os lados: no sutiã, na calcinha, entre os dedos dos pés e embaixo das unhas. O que quer que tenha arranhado minha perna, deixou sua marca: uma longa linha de sangue desce por minha panturrilha.

Levanto os olhos e por um segundo desesperador não consigo ver Alex perto das boias. Meu coração para. E então eu o vejo, um ponto escuro avançando rapidamente pela água. Seus braços giram graciosamente enquanto nada. Ele é veloz. Levanto-me rapidamente, pego meus tênis e cambaleio em direção à bicicleta. Minhas pernas estão tão fracas que demoro um minuto para me equilibrar, e no começo vou pedalando por uma linha completamente irregular, como uma criança aprendendo a andar de bicicleta.

Não olho para trás, nem uma vez sequer, até estar no portão de casa. Nesse momento, as ruas estão vazias e quietas, a noite, prestes a cair, o toque de recolher a ponto de nos envolver como um gigantesco abraço, mantendo-nos em nossos devidos lugares, mantendo-nos em segurança.

Pense assim: quando está frio e seus dentes estão batendo, você se enfia em um casaco de inverno, em cachecóis e em luvas para não pegar uma gripe. Bem, as fronteiras são como chapéus, cachecóis e casacos de inverno para todo o país! Elas mantêm a pior doença afastada, para que todos possamos continuar saudáveis!

Depois que as fronteiras foram fechadas, o presidente e o Consórcio tinham uma última questão a resolver antes que todos pudéssemos estar seguros e felizes. O Grande Saneamento (às vezes chamado de "a blitz") durou menos de um mês, mas, depois, todos os espaços selvagens foram limpos da doença. Fomos lá, pusemos a mão na massa e limpamos os pontos problemáticos, exatamente como quando sua mãe esfrega a bancada da cozinha com uma esponja, tão fácil quanto bater palmas...*

** Saneamento*
1. A aplicação de medidas sanitárias visando a limpeza ou a proteção da saúde.
2. A eliminação de esgoto e lixo.

— *Manual de história para crianças,*
Dr. Richard, Capítulo Um.

Eis um segredo sobre minha família: minha irmã contraiu o *deliria* meses antes da data marcada para sua intervenção. Apaixonou-se por um menino chamado Thomas, que também não era curado. Durante o dia, eles passavam o tempo todo deitados em um campo de flores, protegendo os olhos do sol e sussurrando promessas que jamais poderiam ser cumpridas. Ela chorava sem parar, e uma vez confessou a mim que Thomas gostava de secar suas lágrimas com beijos. Ainda assim, quando penso naqueles dias — eu tinha apenas oito anos —, penso no gosto de sal.

A doença foi tomando conta dela, como um animal mastigando-a por dentro. Minha irmã não conseguia comer. O pouco que a convencíamos a engolir voltava tão rápido quanto entrava, e eu temi por sua vida.

Thomas partiu seu coração, é claro, o que não foi surpresa para ninguém. A *Shhh* diz: "*Amor deliria nervosa* produz alterações no córtex pré-frontal do cérebro, o que resulta em fantasias e ilusões que, uma vez reveladas, levam à devastação psíquica" (ver

"Efeitos", p. 36). Depois, minha irmã não fez nada além de ficar deitada na cama e ver as sombras se alterarem lentamente nas paredes, com as costelas aflorando sob sua pele pálida como madeira emergindo na água.

Mesmo assim, ela recusava a intervenção e o conforto que receberia, e no dia em que a cura seria administrada foram necessários quatro cientistas e diversas seringas cheias de tranquilizantes para que ela se submetesse, para que parasse de usar suas unhas enormes e afiadas, que ficaram semanas sem ser cortadas, gritando, xingando e chamando por Thomas. Eu os vi chegarem e levarem-na ao laboratório; sentei em um canto, apavorada, enquanto ela cuspia, sibilava e chutava, e pensei em minha mãe e meu pai.

Naquela tarde, mesmo faltando mais de uma década para minha segurança, comecei a contar os meses que faltavam para minha intervenção.

No fim, minha irmã *foi* curada. Ela voltou para mim gentil e satisfeita, com as unhas impecáveis e arredondadas e o cabelo preso em uma longa trança. Alguns meses depois, foi prometida a um técnico de TI mais ou menos da idade dela, e algumas semanas após ter se formado na faculdade os dois se casaram, com as mãos levemente unidas sob uma tenda, ambos olhando para a frente, como se vislumbrassem um futuro de dias intocados por preocupações, descontentamentos ou discórdia, um futuro de dias idênticos, como uma série de bolhas de sabão cuidadosamente sopradas.

Thomas também se curou. Casou-se com Ella, outrora a melhor amiga de minha irmã, e agora todos são felizes. Rachel me contou, há alguns meses, que os dois casais se encontram com frequência em piqueniques e em eventos da vizinhança, pois vivem relativamente perto, em East End. Os quatro sentam e conversam educadamente, sem qualquer sombra do passado para perturbar a calma e a plenitude do presente.

Essa é a beleza da cura. Ninguém menciona aqueles dias quentes perdidos no campo, em que Thomas secava as lágrimas de Rachel com beijos e inventava mundos apenas para que pudesse prometê-los a ela, e em que ela arrancava a pele dos próprios braços só de pensar em viver sem ele. Tenho certeza de que ela sente vergonha daquela época, se é que se lembra. É verdade que não a vejo com tanta frequência agora — só uma vez a cada dois meses, quando ela lembra que precisa nos visitar — e, nesse aspecto, acho que se pode dizer que, mesmo *com* a intervenção, perdi um pouco dela. Mas a questão não é essa. A questão é que ela está protegida. A questão é que está segura.

Contarei mais um segredo, esse para seu próprio bem. Você pode pensar que o passado tem algo a dizer. Pode pensar que deveria ouvi-lo, que deveria se esforçar para entender seus murmúrios, que deveria se inclinar ao máximo para escutar sua voz sussurrada se erguendo do chão, dos lugares mortos. Pode pensar que há algo ali para você, algo para ser entendido ou decifrado.

Mas eu sei a verdade: sei pelas noites de Frieza. Sei que o passado vai arrastá-lo para trás e para baixo, fazendo com que você tente se agarrar aos sussurros do vento e aos ruídos das folhas das árvores batendo umas nas outras, tente decifrar algum código, tente consertar o que foi quebrado. Não tem jeito. O passado não passa de um fardo.

Ele pesará dentro de você como uma pedra.

Vá por mim: se ouvir o passado falando com você, se senti-lo puxando suas costas e deslizando os dedos por sua coluna, a melhor reação — a única reação — é correr.

* * *

Nos dias após a confissão de Alex, verifico constantemente se tenho sintomas da doença. Enquanto estou trabalhando no caixa da loja de meu tio, inclino-me para a frente sobre o cotovelo mantendo a mão apoiada na bochecha para esticar os dedos até o pescoço e conferir se minha pulsação está normal. De manhã, respiro profunda e lentamente, tentando ouvir falhas ou roncos nos pulmões. Lavo as mãos constantemente. Sei que o *deliria* não é como uma gripe — não se pode contraí-lo com um espirro —, mas, mesmo assim, é contagioso, e quando acordei no dia seguinte a nosso encontro em East End, com os membros ainda pesados, a cabeça leve como uma bolha e uma dor na garganta que se recusava a ir embora, meu primeiro pensamento foi que eu havia sido infectada.

Após alguns dias, sinto-me melhor. A única coisa estranha é a maneira como meus sentidos parecem entorpecidos. Vejo tudo meio lavado, como uma cópia colorida ruim. Preciso encher minha comida de sal antes de prová-la, e sempre que minha tia fala comigo sua voz soa abafada. Mas li a *Shhh* inteira, todos os sintomas reconhecidos do *deliria*, e não encontro nada que se encaixe, então, no final, concluo que estou segura.

Ainda assim, tomo precauções, determinada a não dar um passo em falso, determinada a provar a mim mesma que não sou como minha mãe — que aquilo com Alex foi um deslize, um erro, um terrível, terrível acidente. Não posso ignorar quão perto estive do perigo. Nem quero pensar no que aconteceria se alguém descobrisse o que Alex é, se alguém soubesse que estivemos juntos, tremendo na água, que conversamos, rimos, *nos tocamos*. Passo mal só de pensar. Preciso repetir para mim mesma que faltam menos de dois meses para minha intervenção. Tudo o que preciso fazer é manter a cabeça abaixada e sobreviver às próximas sete semanas, e, então, ficarei bem.

Volto para casa todas as noites duas horas antes do toque de recolher. Ofereço-me para trabalhar mais dias na loja e nem peço meu soldo habitual de oito dólares por hora. Hana não me liga. Eu também não ligo para ela. Ajudo minha tia a preparar o jantar, tiro a mesa e lavo a louça sem ninguém pedir. Gracie está em recuperação — ela está ainda no primeiro ano e já falam em reprová-la —, e todas as noites coloco-a em meu colo e ajudo-a com seus trabalhos, sussurrando em seu ouvido, implorando para que fale, que se concentre, que ouça, persuadindo-a, finalmente, a escrever pelo menos metade das respostas no caderno. Após uma semana, minha tia para de me olhar desconfiada cada vez que entro em casa e não exige saber onde estive, o que tira mais um peso de meus ombros: ela confia em mim outra vez. Não foi fácil explicar por que Sophia Hennerson e eu resolvemos, do nada, dar um mergulho no mar — de roupa, ainda por cima —

após um grande jantar em família, e foi ainda mais difícil explicar por que cheguei em casa pálida e tremendo, e deu para perceber que minha tia não acreditou. Mas, depois de um tempo, ela volta a relaxar, para de me olhar desconfiada, como se eu fosse um animal enjaulado e ela tivesse medo de que eu desse um ataque.

Os dias passam, o tempo segue, os segundos avançam como peças de dominó caindo em uma fileira. A cada dia o calor piora. Ele invade as ruas de Portland, cresce nos Lixões, faz a cidade cheirar como uma axila gigante. As paredes suam e os bondes tossem e tremem, e todo dia pessoas se reúnem em frente aos prédios municipais, rezando por um breve sopro de ar frio sempre que as portas automáticas se abrem para que um regulador, um político ou um guarda entre ou saia.

Preciso abrir mão de minhas corridas. Na última vez que saio para uma volta completa percebo que meus pés me levam à praça Monument, passando pelo Governador. O sol é uma mancha branca elevada, e todos os prédios formam um rígido contraste com o céu, como uma série de dentes metálicos. Quando chego à estátua, estou ofegante, exausta, e minha cabeça está girando. Quando pego o braço do Governador e subo na base da estátua, o metal queima sob minha mão e o mundo sobe e desce loucamente, balançando ligeiramente em todas as direções. Estou vagamente ciente de que deveria entrar em algum lugar, sair do calor, mas meu cérebro está tão nebuloso que continuo ali, cutucando o buraco na mão fechada do Governador. Não sei o que estou procurando. Alex já me disse que o bilhete que deixou para mim há meses já deve ter se decomposto. Meus dedos saem grudentos, com pedaços de chiclete derretido esticando-se entre o polegar e o indicador, mas continuo em minha busca. Então, sinto algo deslizar entre os meus dedos, frio e rígido, dobrado em um quadrado: um bilhete.

Estou um pouco delirante quando o abro, mas mesmo assim não espero realmente que seja dele. Minhas mãos começam a tremer enquanto leio:

Lena,
Sinto muito. Por favor, me perdoe.
Alex

Não me lembro da corrida de volta para casa, e minha tia me encontra, mais tarde, meio desmaiada no corredor, murmurando algo para mim mesma. Ela precisa me colocar em uma banheira cheia de gelo para fazer minha temperatura baixar. Quando finalmente volto a mim, não consigo encontrar o bilhete em lugar nenhum. Percebo que devo tê-lo deixado cair, e me sinto ao mesmo tempo aliviada e decepcionada. À noite, lemos que o Escritório de Horário e Temperatura registrou trinta e nove graus: o dia mais quente do verão até agora.

Minha tia me proíbe de correr até o fim do verão. Não discuto. Não confio em mim, não posso ter certeza de que meus pés não me levarão de volta até o Governador, até a praia em East End, até os laboratórios.

Recebo uma nova data para as avaliações e passo as noites na frente do espelho,

ensaiando minhas respostas. Minha tia insiste em me acompanhar novamente aos laboratórios, mas, dessa vez, não vejo Hana. Não vejo ninguém que eu reconheça. Mesmo os quatro avaliadores são diferentes: rostos ovais flutuantes, em tons diferentes de marrom e cor-de-rosa, bidimensionais, como desenhos sombreados. Não estou com medo dessa vez. Não sinto nada.

Respondo a todas as perguntas exatamente como deveria. Quando me perguntam minha cor preferida, apenas por um breve e minúsculo segundo minha mente pensa em um céu da cor de prata polida, e penso que ouço uma palavra — *cinza* — sussurrada baixinho em meu ouvido.

Digo:

— Azul.

E todos sorriem.

Digo:

— Gostaria de estudar psicologia e regulação social.

Digo:

— Gosto de ouvir música, mas não muito alto.

Digo:

— A definição de felicidade é segurança. — Sorrisos, sorrisos, sorrisos por todos os lados, uma sala cheia de dentes.

Quando acabo, enquanto estou saindo, penso ver uma sombra em movimento, um lampejo em minha visão periférica. Dou uma rápida olhada para a galeria de observação. Claro, está vazia.

Dois dias depois recebemos os resultados de meus testes — aprovada em todos — e a nota final: oito. Minha tia me abraça; é a primeira vez em anos. Meu tio me dá um tapinha sem jeito no ombro, e ganho o maior pedaço de frango no jantar. Até Jenny parece impressionada. Gracie esfrega o topo da cabeça em minha perna uma, duas, três vezes, e me afasto dela, dizendo para ela parar de amolar. Sei que ela está chateada porque vou deixá-la.

Mas a vida é assim — e quanto mais cedo ela se acostumar, melhor.

Recebo também minhas "Compatibilidades Aprovadas", uma lista com quatro nomes e seus dados — idades, pontuações, interesses, planos recomendados de carreira, prospectos salariais — impressa caprichosamente em uma folha branca, com o selo da cidade de Portland no alto. Pelo menos Andrew Marcus não aparece nela. Reconheço apenas um nome: Chris McDonnell. Ele tem cabelos ruivos e dentes de coelho. Só o conheço porque uma vez, quando eu estava brincando com Gracie na rua no ano passado, ele começou a entoar *Lá vão a retardada e a órfã*, e sem pensar realmente no que eu estava fazendo, peguei uma pedra no chão, me virei e joguei-a em sua direção. Ela o atingiu na têmpora. O menino ficou vesgo por um segundo. Ele levou os dedos à cabeça, e quando abaixou o braço eles estavam escuros, com sangue. Durante dias tive pavor de sair, de ser presa e de ser jogada nas Criptas. O Sr. McDonnell era dono de uma firma de serviços técnicos, e também um regulador voluntário. Eu estava

convencida de que ele viria atrás de mim pelo que fiz com seu filho.

Chris McDonnell. Phinneas Jonston. Edward Wung. Brian Scharff. Olho para os nomes por tanto tempo que as letras se embaralham, formando palavras sem sentido, balbucios de bebê. *Mandando Crista, Justo e Fino, Onda Lerda, Fique Chris, Chá Branco*.

No meio de julho, quando faltam apenas sete semanas para minha intervenção, preciso tomar minha decisão. Numero minha lista de forma arbitrária: Phinneas Jonston (1), Chris McDonnell (2), Brian Scharff (3), Edward Wung (4). Os meninos também enviarão suas preferências; os avaliadores farão o possível para atendê-las.

Dois dias depois recebo a notificação oficial: passarei o resto da vida com Brian Scharff, cujos hobbies são "assistir ao noticiário" e "beisebol imaginário", e que planeja trabalhar na "associação de eletricistas", e que pode "um dia esperar ganhar um salário de 45 mil dólares ao ano", o que "deve sustentar dois a três filhos". Serei prometida a ele antes de começar na Universidade Regional de Portland no outono. Quando eu me formar, vamos nos casar.

À noite durmo sem sonhar. De manhã, acordo em meio à neblina.

Nas décadas que precederam o desenvolvimento da cura, a doença se tornara tão virulenta e disseminada que era extraordinariamente raro que uma pessoa chegasse à vida adulta sem ter contraído um caso significativo de amor deliria nervosa *(favor ver "Estatísticas, era pré-Fronteira"). (...) Muitos historiadores discutiram que a sociedade pré-cura era, em si, um reflexo da doença, caracterizada por fragmentação, caos e instabilidade. (...) Quase metade de todos os casamentos terminava em divórcio. (...) A incidência do uso de drogas era altíssima, assim como mortes relacionadas ao alcoolismo.*

As pessoas estavam tão desesperadas por alívio e proteção contra a doença que iniciaram experimentos em larga escala com crendices populares que eram elas próprias mortais, consumindo misturas de drogas elaboradas a partir de medicamentos para a gripe e sintetizados em um composto extremamente viciante e muitas vezes fatal (ver "Curas populares através dos tempos") (...)

A descoberta da intervenção para curar o deliria *costuma ser creditada a Cormac T. Holmes, um neurocientista que era membro do primeiro Consórcio de Novos Cientistas e um dos primeiros discípulos da Nova Religião, que ensina a Santíssima Trindade de Deus, Ciência e Ordem. Holmes foi canonizado anos após sua morte, e seu corpo foi preservado e exibido no Monumento de Todos os Santos, em Washington, DC (ver fotos pp. 210-212).*

— "Antes da fronteira", *Uma breve história dos Estados Unidos da América*, E. D. Thompson, p. 121.

Em uma noite quente no final de julho estou voltando do trabalho na Stop-N-Save quando ouço alguém chamar meu nome. Viro-me e vejo Hana subindo a rua, correndo em minha direção.

— E então? — diz ela ao se aproximar, ofegando um pouco. — Vai simplesmente passar direto por mim agora?

A dor evidente em sua voz me surpreende.

— Não a vi — digo, o que é verdade. Estou cansada. Hoje fizemos o inventário da loja, tirando das prateleiras e rearranjando pacotes de fraldas, enlatados, rolos de papel-toalha, contando e recontando tudo. Meus braços estão doloridos, e quando fecho os olhos vejo códigos de barra. Estou tão cansada que nem sinto vergonha de ser vista em público com minha camiseta da Stop-N-Save suja de tinta, que é uns dez números maior

que meu tamanho.

Hana desvia o olhar, mordendo o lábio. Não falo com ela desde aquela noite na festa, e procuro desesperadamente algo para dizer, algo casual e normal. De repente, parece-me incrível que essa tenha sido minha melhor amiga, que podíamos passar dias sem esgotar nossos assuntos e que eu saía de sua casa com a garganta doendo de tanto rir. É como se agora houvesse uma parede de vidro entre nós, invisível, porém intransponível.

Finalmente, digo:

— Recebi minhas compatibilidades.

Ao mesmo tempo, Hana fala:

— Por que não retornou minha ligação?

Nós duas hesitamos, espantadas, e recomeçamos ao mesmo tempo:

— Você me ligou? — pergunto.

— Você já aceitou? — diz Hana.

E então falo:

— Você primeiro.

Hana realmente parece desconfortável. Ela olha para o céu, para uma criança pequena do outro lado da rua usando um traje de banho grande demais, para dois homens carregando baldes de alguma coisa para cima de um caminhão no final da rua — para todos os lugares, menos para mim.

— Deixei uns três recados.

— Não recebi nenhum recado — digo rapidamente.

Passei semanas furiosa porque Hana não tentou falar comigo depois da festa — furiosa e magoada. Mas disse a mim mesma que era melhor assim. Disse a mim mesma que Hana havia mudado e que, provavelmente, não teria muito o que me dizer.

Hana está me olhando como se tentasse decidir se o que estou dizendo é verdade.

— Carol não disse que liguei?

— Não, juro. — Fico tão aliviada que rio. Naquele segundo, percebo o quanto senti falta dela. Mesmo quando está chateada comigo, ela é a única pessoa que realmente me defende por escolha, não por obrigação familiar ou por dever e responsabilidade e tudo aquilo que a *Shhh* diz ser tão importante. Todas as outras pessoas na minha vida, Carol e meus primos, as outras meninas do colégio, e até mesmo Rachel, só conviviam comigo porque precisavam. — Eu não fazia ideia.

Mas Hana não ri. Ela franze o rosto.

— Não se preocupe. Não tem problema.

— Ouça, Hana...

Ela me interrompe.

— Como eu disse, não tem problema. — Ela cruza os braços e dá de ombros. Não sei se ela acredita em mim, mas está claro que, afinal, as coisas *estão* diferentes. Este não será um reencontro feliz e contente. — Então você foi pareada?

Sua voz parece educada agora, e ligeiramente formal, então assumo o mesmo tom.

— Brian Scharff. Eu aceitei. E você?

Ela assente. Um músculo se flexiona no canto da boca, quase imperceptível.

— Fred Hargrove.

— Hargrove? O sobrenome do prefeito?

— É o filho dele. — Hana confirma com a cabeça e desvia o olhar novamente.

— Uau. Parabéns.

Não consigo deixar de parecer impressionada. Hana deve ter sido incrível na avaliação. Não que isso seja alguma surpresa, na verdade.

— É. Que sorte a minha.

A voz de Hana está completamente sem tom. Não consigo perceber se está sendo sarcástica. Mas ela tem sorte, sabendo ou não.

E lá está: apesar de estarmos no mesmo pavimento seco pelo sol, poderíamos estar a cem mil quilômetros de distância.

Vocês tiveram inícios diferentes, e terão finais diferentes: este é um velho ditado, algo que Carol costumava dizer muito. Eu nunca percebi o quanto ele é verdadeiro, até agora.

Provavelmente, foi por isso que Carol não me disse que Hana ligou. Três ligações é uma quantidade muito grande para ser esquecida, e Carol é bastante cuidadosa com esse tipo de assunto. Talvez estivesse tentando apressar o inevitável, levar-nos logo ao fim, ao momento em que Hana e eu não seremos mais amigas. Ela sabe que depois da intervenção — quando o passado e toda a nossa história juntas nos abandonarem, quando não mais sentirmos tanto nossas lembranças — Hana e eu não teremos nada em comum. Carol, provavelmente, estava tentando me proteger, à sua maneira.

Não adiantaria confrontá-la. Ela nem tentará negar. Apenas me lançará um de seus olhares vazios e soltará algum provérbio da *Shhh. Sentimentos não são eternos. O tempo não espera ninguém, mas o progresso espera que um homem o produza.*

— Está indo para casa?

Hana ainda me olha como se eu fosse uma estranha.

— Sim — respondo. Aponto para a minha camiseta. — Acho melhor eu entrar em casa antes que cegue alguém com isto.

Um sorriso passa pelo rosto de Hana.

— Eu vou com você — diz ela, o que me surpreende.

Por algum tempo caminhamos em silêncio. Não estamos tão longe de minha casa, e tenho medo de percorrermos o caminho todo sem trocar uma palavra. Nunca vi Hana tão quieta, e isso está me deixando nervosa.

— De onde você está vindo? — pergunto, apenas para falar alguma coisa.

Hana leva um susto a meu lado, como se eu tivesse acabado de acordá-la de um sonho.

— East End — diz ela. — Estou seguindo uma programação rígida de bronzeamento.

Ela estende o braço junto ao meu. Está pelo menos sete tons mais escuro que minha pele, o que ainda é pálido, talvez um pouco mais sardento do que fica no inverno.

— Você não, né?

Dessa vez, ela sorri de verdade.

— Hum, não. Não tenho ido muito à praia.

Esforço-me para reprimir um rubor.

Por sorte, Hana não percebe ou, se percebe, não diz nada.

— Eu sei. Procurei por você.

— Procurou? — Olho para ela de esguelha.

Ela revira os olhos. Fico feliz em ver que sua atitude normal está voltando.

— Quer dizer, não ativamente. Mas fui à praia algumas vezes. E não vi você.

— Tenho trabalhado muito — digo. Não acrescento: *para evitar East End, na verdade.*

— Continua correndo?

— Não. Está quente demais.

— É, eu também. Achei melhor dar um tempo até o outono. — Damos mais alguns passos em silêncio, e, então, Hana me encara, inclinando a cabeça. — E o que mais?

A pergunta dela me pega de surpresa.

— Como assim, *o que mais?*

— É *isso* o que quero dizer. Quer dizer, o que mais? Poxa, Lena... É o último verão, lembra? O último verão sem responsabilidades e com tudo o que é bom. Então, o que você tem feito? Por onde tem andado?

— Eu... Nada. Não tenho feito nada.

O objetivo era exatamente este — ficar longe de encrencas, fazer o mínimo possível —, mas dizer essas palavras me deixa um pouco triste. O verão parece sumir rapidamente, encolhendo-se em uma ponta fina antes que eu sequer tenha tido a chance de aproveitá-lo. Já estamos quase em agosto. Teremos mais cinco semanas com esse clima antes que o vento comece a cortar a noite e as folhas das árvores fiquem com as pontas douradas.

— E você? — digo. — Tem tido um bom verão?

— O normal. — Hana dá de ombros. — Tenho ido muito à praia, como disse. Tenho trabalhado um pouco como babá para os Farrel.

— Sério?

Franzo a testa. Hana sempre teve algo contra crianças. Sempre diz que elas são grudentas e pegajosas demais, como balas esquecidas dentro de um bolso quente por muito tempo.

Ela também franze.

— Sério, infelizmente. Meus pais decidiram que eu precisava "praticar o gerenciamento de uma casa" ou alguma porcaria assim. Sabia que eles estão me fazendo montar um controle de orçamento? Como se aprender a gastar sessenta dólares por semana fosse me ensinar a pagar contas, ter responsabilidade etc.

— Por quê? Não é como se você fosse sequer *ter* um orçamento.

Não tenho a intenção de soar amarga, mas ali está: a diferença entre nossos futuros nos separando de novo.

Ficamos em silêncio. Hana desvia o olhar, estreitando levemente os olhos devido à luz do sol. Talvez eu só esteja deprimida pela rapidez com que o verão está passando, mas as memórias começam a voltar espessas e velozes, como um maço de cartas sendo embaralhadas em minha cabeça: Hana abrindo a porta do banheiro naquele primeiro dia no segundo ano e cruzando os braços enquanto dizia *É por causa de sua mãe?*; ficar acordada até depois de meia-noite em uma das poucas vezes em que pudemos dormir na casa uma da outra, rindo e imaginando que nossos pares um dia seriam pessoas incríveis e impossíveis, como o presidente dos Estados Unidos ou os astros de nossos filmes preferidos; correndo lado a lado, com as pernas batendo em sincronia no chão, como o ritmo das batidas de um mesmo coração; pegando jacaré na praia e comprando três bolas de sorvete no caminho de volta para casa, discutindo se o melhor sabor era creme ou chocolate.

Melhores amigas há mais de dez anos e, no fim, tudo acaba na ponta de um bisturi, no movimento de um laser pelo cérebro e em uma faca cirúrgica brilhante. Toda essa história e sua importância se desligam, flutuando para longe como um balão furado. Em dois anos — em dois *meses* —, Hana e eu nos cumprimentaremos na rua com nada mais que um aceno de cabeça; pessoas diferentes, mundos diferentes, duas estrelas girando silenciosamente, separadas por milhares de quilômetros de espaço escuro.

A segregação está muito enganada. Deveríamos ser protegidos das pessoas que nos deixarão no fim, das pessoas que vão desaparecer ou nos esquecer.

Talvez Hana também esteja se sentindo nostálgica, porque, de repente, ela dispara:

— Lembra-se de todos os nossos planos para este verão? Tudo aquilo que dissemos que finalmente faríamos?

Eu nem hesito.

— Invadir a piscina do Colégio Spencer...

— ... e nadar de calcinha e sutiã — completa Hana.

Sorrio.

— Pular a cerca da fazenda Cherryhill...

— ... e tomar xarope de bordo diretamente dos barris.

— Correr desde Munjoy Hill até o velho aeroporto.

— Ir de bicicleta até o Ponto do Suicídio.

— Tentar encontrar aquele balanço de corda de que Sarah Miller nos falou. Aquele em cima do rio Fore.

— Entrar escondidas no cinema e ver quatro filmes inteiros.

— Comer um *sundae* Hobgoblin inteiro na Mae's. — Estou com um grande sorriso agora, e Hana também. Começo a citar: — Um *sundae* gigantesco, somente para apetites enormes, com treze bolas, chantili, calda quente...

Hana interrompe:

— E todas as coberturas que seus pequenos monstrinhos puderem encarar!

Nós rimos. Provavelmente, já lemos essa placa mil vezes. Debatemos sobre a possibilidade de um segundo ataque ao Hobgoblin depois da primeira vez que o

experimentamos, no quarto ano. Hana insistiu em ir lá em seu aniversário e me levou junto. Nós passamos o restante da noite rolando no chão do banheiro da casa dela, e tínhamos dado conta só de *sete* das treze bolas de sorvete.

Chegamos à minha rua. Algumas crianças estão brincando. É uma partida de futebol improvisado: eles estão chutando uma lata para um lado e para o outro e gritando, e seus corpos estão marrons e brilhando com o suor. Vejo Jenny entre eles. Enquanto assisto, uma menina tenta afastá-la com uma cotovelada, e Jenny se vira e a empurra no chão. A menina mais nova começa a chorar. Ninguém sai de casa, nem mesmo quando o choro da menina se transforma em um grito agudo como uma sirene. Uma cortina ou um pano de prato se movimenta em uma janela; fora isso, a rua está em silêncio, parada.

Estou desesperada para manter a onda de bem-estar e fazer as pazes com Hana, ainda que seja apenas por um mês.

— Ouça, Hana... — Sinto como se as palavras passassem por um enorme nó em minha garganta; estou quase tão nervosa quanto antes das avaliações. — Vão passar *O detetive defectível* no parque hoje à noite. Sessão dupla, Michael Wynn. Podemos ir, se você quiser.

O detetive defectível é uma franquia de filmes que Hana e eu adorávamos quando éramos pequenas, sobre um famoso detetive que, na verdade, é um incompetente, e seu companheiro canino: o cachorro sempre acaba resolvendo os crimes. Muitos atores interpretaram o papel principal, mas nosso preferido era Michael Wynn. Quando éramos crianças, rezávamos para ser pareadas com ele.

— Hoje? — O sorriso de Hana vacila, e meu estômago embrulha. *Burra, burra*, penso. *Enfim, não faz diferença.*

— Tudo bem se você não puder. Não se preocupe. Foi só uma ideia — digo rapidamente, desviando o olhar para que ela não perceba quão decepcionada estou.

— Não... Quer dizer, eu *quero* ir, mas... — Hana respira fundo. Detesto isso, detesto esse desconforto entre nós. — Eu meio que tenho uma festa... — Ela se corrige rapidamente: — Uma *coisa* à qual fiquei de ir com Angelica Marston.

Tenho uma sensação oca no estômago. É incrível como palavras conseguem fazer isso, simplesmente rasgar suas entranhas. Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras não me atingem — *tanta* mentira.

— Desde quando você anda com Angelica Marston?

Mais uma vez não é minha intenção soar amarga, mas percebo que pareço uma irmãzinha caçula irritante reclamando de ter sido excluída de um jogo. Mordo meu lábio e me viro, furiosa comigo mesma.

— Na verdade, ela não é tão ruim — diz Hana suavemente. Posso ouvir em sua voz que ela está com pena de mim. Isso é pior do que qualquer coisa. Quase desejo que estivéssemos gritando uma com a outra de novo, como fizemos naquele dia na casa dela… até aquilo seria melhor que seu tom de voz cuidadoso, a maneira como estamos pisando em ovos em relação a nossos sentimentos. — Ela não é metida de verdade. Apenas tímida, eu acho.

Angelica Marston era caloura nossa no ano passado. Hana debochava da maneira como ela usava o uniforme. Ele estava sempre perfeitamente passado e impecável, a gola da blusa de botões era dobrada metodicamente e a saia batia bem no joelho. Hana dizia que Angelica Marston era metida porque o pai era um cientista importante no complexo de laboratórios. E ela realmente andava assim, toda contida e cuidadosa.

— Você a odiava — chio. Minhas palavras parecem não pedir permissão para meu cérebro antes de saírem pela boca.

— Eu não a *odiava* — diz Hana, como se estivesse tentando explicar álgebra a uma criança de dois anos. — Não a *conhecia*. Sempre achei que ela fosse uma metida, sabe? Por causa das roupas e tudo mais. Mas é tudo por causa dos pais dela. Eles são muito rígidos, superprotetores e tal. — Hana balança a cabeça. — Ela não é nada assim. Ela é... diferente.

Esta palavra parece vibrar no ar por um segundo: *diferente*. Por um segundo vejo a imagem de Hana e Angelica de braços dados e tentando não rir, passeando disfarçadamente pelas ruas após o toque de recolher: Angelica é destemida, linda e divertida, exatamente como Hana. Afasto o pensamento de minha cabeça. Na rua, uma das crianças chuta a lata com força. Ela quica entre duas latas amassadas de lixo fazendo as vezes de gol improvisado na rua. Metade das crianças começa a pular e dar socos no ar; as outras, inclusive Jenny, gesticulam e gritam alguma coisa sobre um impedimento. Pela primeira vez me ocorre o quanto minha rua deve parecer feia para Hana, tantas casas espremidas, metade com as janelas quebradas e as varandas encurvadas, como colchões velhos. É tão diferente das ruas limpas e tranquilas em West End, dos carros silenciosos e brilhantes, dos portões e das cercas vivas.

— Você poderia vir com a gente — diz Hana, em voz baixa.

Uma onda de ódio me domina. Ódio à minha vida com seus espaços estreitos e apertados; ódio a Angelica Marston, com seu sorriso furtivo e pais ricos; ódio a Hana, antes de mais nada por ser tão burra, descuidada e teimosa, e também por me deixar para trás antes que eu estivesse pronta; e, sob todas essas camadas, há outra ainda, uma lâmina ardente de infelicidade cortando a parte mais profunda de mim. Não sei definir, nem mesmo formar uma imagem clara, mas, de alguma forma, entendo que isso — essa outra camada — é o que mais me enfurece.

— Obrigada pelo convite — digo, sem me dar o trabalho de afastar o sarcasmo de minha voz. — Parece ótimo. Vai haver meninos lá também?

Ou Hana não percebe o tom em minha voz — o que é bem difícil — ou decide ignorá-lo.

— O objetivo é justamente esse — diz ela, sem expressão. — Bem, e a música.

— Música? — pergunto. Não consigo esconder o interesse. — Como na outra vez?

O rosto de Hana se ilumina.

— É. Quer dizer, não. Uma banda diferente. Mas dizem que esses caras são incríveis, ainda melhores que os daquela vez. — Ela faz uma pausa e, em seguida, repete: — Você poderia vir com a gente.

Apesar de tudo, isso me faz pensar. Nos dias após a festa na fazenda Roaring Brook trechos de músicas pareciam me seguir por todos os lados: eu os ouvia balançando no vento, vindo do mar e sussurrados pelas paredes da casa. Às vezes, eu acordava no meio da noite, ensopada de suor e com o coração acelerado, ouvindo as notas soarem em meus ouvidos. Mas sempre que estava acordada e tentava me lembrar das melodias, cantarolar algumas notas ou pensar em algum dos acordes, eu não conseguia.

Hana está me encarando esperançosa, aguardando minha resposta. Por um segundo sinto-me mal por ela. Quero deixá-la feliz, como sempre fiz, quero vê-la comemorar e socar o ar e me mostrar um de seus famosos sorrisos. Mas então lembro que agora ela tem Angelica Marston, e algo se enrijece em minha garganta, e saber que vou desapontá-la me dá uma espécie de satisfação entorpecida.

— Acho que não — digo. — Mas obrigada assim mesmo.

Hana dá de ombros, e percebo que ela está lutando para mostrar que não se importa.

— Se mudar de ideia... — Ela tenta sorrir, mas não consegue sustentar a expressão por mais de um segundo. — Estrada Tanglewild. Deering Highlands. Você sabe onde me encontrar.

Deering Highlands. Claro. A área é uma subdivisão abandonada fora da península. Há uma década o governo descobriu simpatizantes — e se os rumores forem verdadeiros, até mesmo alguns Inválidos — vivendo em uma das grandes mansões de lá. Foi um escândalo enorme, e a invasão foi resultado de uma operação com agentes infiltrados durante um ano. No fim das contas, quarenta e duas pessoas foram executadas e outras cem jogadas nas Criptas. Desde então, Deering Highlands se tornou um bairro-fantasma: evitado, esquecido, condenado.

— É, bem... Você sabe onde me encontrar. — Gesticulo ridiculamente em direção à rua.

— Sim.

Hana olha para os pés e passa o peso do corpo de uma perna para a outra. Não há mais nada a dizer, mas eu não suportaria simplesmente me virar e me afastar. Estou com a terrível sensação de que esta é a última vez em que verei Hana antes da cura. De repente, o medo me domina, e desejo que pudesse voltar em nossa conversa e retirar todo o sarcasmo e as maldades, dizer que sinto saudades e que quero voltar a ser sua melhor amiga.

Porém, quando estou prestes a falar, ela me dá um rápido aceno e diz:

— Tudo bem, então. A gente se vê. — Então o momento implode e com ele minha chance de falar.

— Tudo bem. A gente se vê.

Hana começa a descer a rua. Fico tentada a observá-la. Sinto o impulso de memorizar seu andar — fixá-lo em meu cérebro de alguma forma, exatamente como é —, mas, enquanto a vejo caminhar pela forte luz do sol, sua silhueta se confunde com outra em minha cabeça, uma sombra que se move para dentro e para fora da escuridão, prestes a pular de um penhasco, e já não sei mais para quem estou olhando. De repente,

as bordas do mundo estão ficando borradas e sinto uma dor aguda na garganta, então me viro e caminho rapidamente para casa.

— Lena! — grita ela para mim, pouco antes de eu chegar ao portão.

Giro o corpo, com o coração acelerado, pensando que talvez será ela quem dirá: *Sinto sua falta. Vamos voltar a ser melhores amigas.*

Mesmo a uma distância de quinze metros, posso ver Hana hesitando. Em seguida, ela faz um gesto com a mão e grita:

— Deixa pra lá. — Dessa vez, quando ela vira, não hesita. Caminha reto e rapidamente, dobra a esquina e some.

Mas o que eu estava esperando?

A questão é essa, afinal: não há volta.

treze

Nos anos que antecederam o aperfeiçoamento da cura, ela só era oferecida como um teste. Os riscos eram enormes. Na época, um em cada cem pacientes sofria perda fatal das funções cerebrais após a intervenção.

Mesmo assim, as pessoas lotavam os hospitais em números recordes, exigindo a cura; eles acampavam em frente aos laboratórios durante dias, tentando garantir uma vaga para a intervenção.

Esses anos também são conhecidos como os Anos Milagrosos, devido à quantidade de vidas curadas e tornadas plenas e do número de almas recuperadas da doença.

E se houve pessoas que morreram na mesa de operação, foi por uma boa causa, e ninguém pode lamentá-las...

— "Os Anos Milagrosos: o começo da ciência da cura", *Uma breve história dos Estados Unidos da América*, E. D. Thompson, p. 87.

Quando entro em casa está ainda mais quente do que o normal: um muro úmido e sufocante de calor. Carol deve estar cozinhando. A casa cheira a carne assada e temperos — o que, misturado aos cheiros normais do verão, de suor e mofo, é um pouco nauseante. Nas últimas semanas temos jantado na varanda: saladas de macarrão, frios e sanduíches da loja de meu tio.

Carol põe a cabeça para fora da cozinha enquanto passo. Seu rosto está vermelho, e ela está suando muito. Há manchas escuras de suor nas axilas de sua blusa azul-clara.

— É melhor você trocar de roupa — diz ela. — Rachel e David chegarão a qualquer momento.

Eu tinha me esquecido completamente que minha irmã e o marido viriam para o jantar. Em geral, vejo Rachel no máximo quatro ou cinco vezes ao ano. Quando eu era mais nova, sobretudo depois que Rachel saiu da casa de Carol, contava os dias para ela nos visitar. Acho que, na época, eu não entendia completamente a intervenção e o que aquilo significava para ela, para mim, para nós. Eu sabia que ela havia sido salva de Thomas e da doença, mas só isso. Achava que, fora isso, todo o resto seria exatamente igual. Achava que, assim que ela viesse me ver, seria como antigamente, que colocaríamos nossas meias e faríamos uma festa dançante, ela me colocaria no colo e faria tranças em meu cabelo ou me contaria uma de suas histórias — sobre lugares distantes e bruxas que podiam se transformar em animais.

Mas ela apenas passava a mão em minha cabeça ao entrar na casa e aplaudia

educadamente quando Carol me fazia recitar a tabuada.

— Ela é gente grande agora — disse Carol quando perguntei por que Rachel não gostava mais de brincar. — Um dia você vai entender.

Depois disso, parei de prestar atenção às marcações que apareciam a cada tantos meses no calendário da cozinha: *Visita de R.*

Durante o jantar os principais tópicos de conversa são Brian Scharff — o marido de Rachel, David, trabalha com um amigo do primo de Brian, então David se acha um especialista no tema — e a Universidade Regional de Portland, onde começarei a estudar no outono. Será a primeira vez em minha vida em que terei aulas com pessoas do sexo oposto, mas Rachel diz que não preciso me preocupar.

— Não vai nem perceber — diz ela. — Estará ocupada demais com o trabalho e os estudos.

— Há guardas — diz tia Carol. — Todos os estudantes são autenticados. — Código para: Todos os estudantes são curados.

Penso em Alex e quase digo *Nem todos.*

O jantar se arrasta muito além do toque de recolher. Quando minha tia me ajuda a retirar os pratos, já são quase onze horas, e ainda assim Rachel e o marido não dão qualquer sinal de que vão embora. É outro motivo para me animar: em trinta e seis dias não precisarei me preocupar mais com o toque de recolher.

Depois do jantar meu tio e David vão para a varanda. David trouxe dois charutos — baratos, mas trouxe —, e o cheiro da fumaça, doce, temperado e um pouco oleoso, flutua pelas janelas, se mistura aos sons de suas vozes e preenche a casa com uma névoa azulada. Rachel e tia Carol ficam na sala de jantar, bebendo xícaras de café fraco, que tem uma cor pálida de água suja. Ouço o ruído de pés se movendo no andar de cima. Jenny vai implicar com Grace até ficar entediada, até subir na cama, mal-humorada e insatisfeita, permitindo que o tédio e a mesmice de mais um dia a façam dormir.

Lavo as louças — muito mais que o normal, considerando que Carol insistiu em tomarmos uma sopa (quente de cenoura, que todos engolimos, suando) e um cozido cheio de alho e de aspargos moles, provavelmente resgatados do fundo da cesta de legumes, e alguns biscoitos velhos. Estou empanturrada, e o calor da água da torneira em meus pulsos e cotovelos — junto aos ritmos familiares das conversas, o ruído de pés no andar de cima, a densa fumaça azulada — me deixa muito sonolenta. Carol finalmente se lembrou de perguntar sobre os filhos de Rachel; Rachel descreve as conquistas deles como se recitasse uma lista que tivesse acabado de decorar, e com dificuldade — Sara já está lendo; Andrew disse sua primeira palavra com apenas um ano e um mês.

— *Batida, batida. Isto é uma batida. Por favor, obedeçam às ordens e não tentem resistir...*

Levo um susto com a voz ecoando na rua. Rachel e Carol interromperam momentaneamente a conversa, e escutam a comoção na rua. Também não ouço David e tio William. Até Jenny e Grace pararam de brincar lá em cima.

Ruídos de estática na rua; o som de centenas e centenas de botas pisando o chão em

sincronia; e aquela voz horrível, amplificada por um megafone:

— *Isto é uma batida. Atenção, isto é uma batida. Por favor, estejam prontos com seus documentos de identificação...*

Uma noite de batida. No mesmo instante penso em Hana e na festa. A cozinha começa a girar. Estendo o braço, segurando a bancada.

— Parece muito cedo para uma batida — diz Carol em tom suave na sala de jantar. — Tivemos uma há poucos meses, eu acho.

— Dezoito de fevereiro — diz Rachel. — Eu lembro. David e eu tivemos que sair de casa com as crianças. Houve algum problema com o SSV naquela noite. Ficamos meia hora na neve até verificarem nossos documentos. Depois, Andrew teve pneumonia por duas semanas. — Ela conta essa história como se estivesse falando de uma pequena inconveniência na lavanderia, como se tivesse perdido uma meia.

— Já faz tanto tempo assim? — Carol dá de ombros e toma um gole de café.

As vozes, os pés, o ruído de estática — tudo se aproxima. As patrulhas se movem em uníssono, indo de casa em casa — às vezes batendo a todas as portas em uma rua, às vezes pulando quarteirões inteiros, às vezes indo casa sim, casa não. É aleatório. Ou, ao menos, supostamente aleatório. Certas casas são sempre mais procuradas que outras.

Porém, mesmo que você não esteja em uma lista, pode acabar na neve, como Rachel e o marido, enquanto os reguladores e a polícia tentam comprovar sua validade. Ou — pior ainda — enquanto os reguladores entram em sua casa, derrubam paredes e procuram sinais de atividades suspeitas. As leis relativas à propriedade privada são suspensas em noites de batida. Praticamente todas as leis são suspensas em noites de batida.

Todos ouvimos histórias terríveis: mulheres grávidas despidas e examinadas na frente de todo mundo, pessoas jogadas na cadeia por dois ou três anos só por terem olhado torto para um policial ou tentado impedir que um regulador entrasse em determinado cômodo.

— *Isto é uma batida. Se lhe solicitarem que saiam de casa, por favor, certifiquem-se de ter em mãos todos os documentos de identificação, inclusive os de quaisquer crianças com mais de seis meses de idade... Quem resistir será detido e interrogado... Quem se atrasar será acusado de obstrução...*

No final da rua. Em seguida, a algumas casas de distância... Em seguida, a duas casas de distância... Não. Na casa ao lado. Ouço o cachorro dos Richardson começar a latir furiosamente. Em seguida, a Sra. Richardson se desculpando. Mais latidos — então, alguém (um regulador?) murmura algo, e ouço baques pesados e um ganido, e então alguém diz:

— Você não precisa matar o danado.

E outra pessoa diz:

— Por que não? Provavelmente tem pulgas, mesmo.

Depois, por um tempo, faz-se silêncio: ouve-se apenas o cacarejo ocasional dos rádios, alguém recitando números de identidade em um telefone, barulhos de folhas de papel.

Por fim:

— Tudo bem, então. Estão liberados.

E as botas retomaram a marcha.

Apesar de toda a tranquilidade, até Rachel e Carol ficam tensas quando as botas passam por nossa casa. Posso ver Carol segurando a xícara de café com força, com as juntas dos dedos brancas. Meu coração está aos saltos, agitado como um gafanhoto em meu peito.

Mas as botas passam direto. Rachel solta um suspiro alto de alívio quando ouvimos os reguladores chamarem em uma casa mais adiante na rua.

— *Abram... Isso é uma batida.*

A xícara de Carol bate no pires, e eu levo um susto.

— Uma bobagem, não é? — diz ela, forçando uma risada. — Mesmo quando não se fez nada errado, uma batida ainda nos deixa tensas.

Sinto uma dor ligeira na mão e percebo que ainda estou segurando a bancada como se ela fosse salvar minha vida. Não consigo relaxar, não consigo me acalmar, mesmo quando os passos ficam mais distantes e a voz no megafone se torna cada vez mais distorcida, até soar completamente incompreensível. Só consigo imaginar patrulhas — às vezes, até cinquenta em uma única noite — circulando por Portland, espalhando-se, cercando-a como água girando em torno de um redemoinho, arrastando qualquer um que possa ser acusado de comportamento inadequado ou desobediência, e mesmo quem não pode.

E em algum lugar Hana está dançando, girando, agitando seus cabelos louros voando atrás de si, sorrindo — rodeada por meninos e ouvindo músicas não aprovadas pulsando nos alto-falantes. Resisto a uma sensação de náusea incrível. Não quero nem pensar no que vai acontecer com ela — com todos eles — se forem pegos.

Tudo o que posso fazer é torcer para que ela não tenha chegado à festa ainda. Talvez tenha demorado demais para se arrumar — parece possível, Hana está sempre atrasada — e ainda estava em casa quando as batidas começaram. Nem Hana ousaria sair durante as batidas. É suicídio.

Mas Angelica Marston e todos os outros... Todas as pessoas na festa... Todas as pessoas que só queriam ouvir música...

Penso no que Alex disse na noite em que o encontrei na Roaring Brook: *Vim ouvir a música, como todo mundo.*

Tento afastar a imagem de minha cabeça e digo a mim mesma que não é problema meu. Eu deveria ficar feliz se a batida chegar à festa e todos forem pegos. O que estão fazendo é perigoso — não só para eles, mas para todos nós: é assim que a doença entra.

Mas minha parte mais interior, a parte teimosa que disse *cinza* na primeira avaliação, continua me pressionando e me incomodando. *E daí?*, diz ela. Eles queriam ouvir um pouco de música. Um pouco de música de verdade — não aquelas músicas arrumadinhas que tocam na Série de Concertos de Portland, com ritmos chatos e notas alegres. Eles não estão fazendo nada de *tão* ruim.

Então me lembro de outra coisa que Alex disse: *Ninguém está machucando ninguém.*

Além disso, sempre há a possibilidade de que Hana não se tenha atrasado e que ela esteja na rua, sem saber de nada, enquanto as batidas se aproximam cada vez mais. Esse pensamento me faz fechar os olhos com força, bem como o de dezenas de lâminas brilhantes descendo sobre ela. Se Hana não for jogada na prisão, será levada diretamente aos laboratórios — será curada antes do amanhecer, independentemente dos perigos ou dos riscos.

De alguma forma, apesar de meus pensamentos acelerados e do fato de que a cozinha continua girando freneticamente, consigo lavar toda a louça. Também tomei uma decisão.

Preciso ir. Preciso alertá-la.

Preciso alertar a todos.

* * *

Até Rachel e David irem embora e todos se recolherem para dormir já é meia-noite. Cada segundo que passa parece uma agonia. Só posso torcer para que o porta a porta na península esteja levando mais tempo que o habitual e que demore um pouco para os reguladores chegarem a Deering Highlands. Talvez tenham decidido nem passar lá. Considerando que a maioria das casas está vazia, essa é sempre uma possibilidade. Mesmo assim, como Deering Highlands era um foco de resistência em Portland, essa ideia parece improvável.

Saio da cama, sem me incomodar em tirar as calças e a camiseta com que durmo, ambas pretas. Então, calço sapatilhas pretas e, apesar de estar fazendo um calor de mil graus, puxo um gorro preto do armário. Todo cuidado é pouco hoje.

Quando estou prestes a abrir a porta do quarto ouço um pequeno barulho atrás de mim, como o miado de um gato. Viro-me. Gracie está sentada na cama, observando-me.

Por um segundo, apenas nos encaramos. Se Gracie emitir algum som, sair da cama ou fizer qualquer gesto, vai acordar Jenny, e então será meu fim, estarei acabada, *c'est fini*. Estou tentando pensar no que posso dizer para tranquilizá-la, tentando inventar uma mentira, mas então, milagre dos milagres, ela simplesmente volta a se deitar e fecha os olhos. E apesar de estar muito escuro eu poderia jurar que há um ligeiríssimo sorriso em seu rosto.

Sinto uma onda rápida de alívio. Uma vantagem no fato de que Gracie se recusa a falar? Sei que ela não vai me entregar.

Saio para a rua sem outros percalços, lembrando-me até mesmo de pular o antepenúltimo degrau da escada, que na outra vez soltou um rangido tão horroroso que tive certeza de que Carol acordaria.

Após o barulho e a comoção das batidas a rua está assustadoramente vazia e silenciosa. Todas as janelas estão escuras e as cortinas, abaixadas, como se as casas

estivessem tentando dar as costas para a rua ou se proteger de olhos curiosos. Um pedaço de papel vermelho passa por mim, girando ao vento como as folhas secas que se veem em filmes antigos de faroeste. Reconheço-a como um aviso da batida, uma proclamação feita com palavras impronunciáveis, explicando a legalidade da suspensão dos direitos de todo mundo por uma noite. Fora isso, poderia ser uma noite qualquer — mais uma noite quieta, morta, comum.

Só que no vento, sutilmente, é possível ouvir o murmúrio distante de passos e um ganido agudo, como se alguém estivesse chorando. Os sons são tão baixos que quase podem ser confundidos com os ruídos do oceano ou do vento. Quase.

A batida avançou.

Vou rapidamente na direção de Deering Highlands. Tenho medo demais de usar a bicicleta. Tenho medo de que os pequenos reflexos nas rodas chamem muita atenção. Não consigo pensar no que estou fazendo, não consigo pensar nas consequências caso eu seja pega. Nem sei de onde tirei essa onda de certeza. Jamais pensei que pudesse ter a coragem de deixar a casa em uma noite de batida.

Acho que Hana estava errada a meu respeito. Acho que não tenho medo o tempo *todo*.

Passo por um saco preto de lixo em uma calçada quando um lamento baixo me deixa paralisada. Viro-me, todo o meu corpo imediatamente alerta. Nada. O som se repete: um barulho sombrio e sutil que faz os pelos em meus braços se arrepiarem. Então o saco de lixo perto de meus pés balança.

Não. Não é um saco de lixo. É Riley, o vira-lata preto dos Richardson.

Dou alguns passos trêmulos na direção dele. Só preciso de um olhar para saber que ele está morrendo. Está completamente coberto por uma substância grudenta, brilhante e negra — sangue, percebo ao me aproximar. Por isso confundi seu pelo, no escuro, com a superfície brilhante de um saco plástico. Um de seus olhos está repousado na calçada; o outro está aberto. Ele foi golpeado na cabeça. O sangue escorre em profusão de seu nariz, preto e viscoso.

Penso na voz que ouvi — *provavelmente tem pulgas, mesmo*, disse o regulador — e no baque súbito que se seguiu.

Riley está me encarando com um olhar tão pesaroso e acusatório que por um segundo juro que ele é humano e está tentando me dizer algo — tentando me dizer: *Você fez isso comigo*. Uma onda de náusea me domina, e fico tentada a ajoelhar e pegá-lo no colo ou tirar minhas roupas e começar a limpar o sangue dele. Mas ao mesmo tempo me sinto paralisada. Não consigo me mexer.

Enquanto estou ali, imóvel, ele faz um gesto trêmulo e demorado, da ponta do rabo ao focinho. E então fica inerte.

Na mesma hora meus braços e minhas pernas se desimobilizam. Dou alguns passos vacilantes para trás, sentindo bile subir até minha boca. Faço um giro completo, com a mesma sensação de quando fiquei bêbada com Hana, totalmente sem controle sobre o meu corpo. Raiva e nojo me dilaceram e me dão vontade de gritar.

Encontro uma caixa de papelão desmontada atrás de uma caçamba de lixo e a arrasto até o corpo de Riley, cobrindo-o completamente. Tento não pensar nos insetos que o terão invadido até o amanhecer. Fico surpresa ao sentir lágrimas se formando em meus olhos. Limpo-as com as costas do braço. Mas, enquanto parto em direção a Deering Highlands, só consigo pensar: *Desculpe-me, desculpe-me, desculpe-me*, como um mantra, ou uma oração.

* * *

Uma vantagem das batidas: são barulhentas. Tudo o que preciso fazer é parar nas sombras e ficar atenta a passos, ruídos de estática e vozes no megafone. Mudo de direção e procuro ruas secundárias, as que foram ignoradas ou já foram revistadas. Há evidências das batidas por todos os lados: latas e caçambas de lixo derrubadas, lixo remexido e espalhado pelas ruas, montes de papéis velhos, cartas rasgadas, legumes podres e sujeiras fedorentas que nem quero identificar, avisos vermelhos cobrindo tudo como poeira. Meus sapatos ficam escorregadios após pisar nisso tudo, e nos piores lugares preciso ficar de braços abertos como uma equilibrista só para conseguir permanecer de pé. Passo por algumas casas marcadas com um grande X e com tinta escura jogada nas paredes e janelas, parecendo cortes profundos, e sinto um aperto no estômago. As pessoas que moram nessas casas foram identificadas como encrenqueiras ou resistentes. O vento quente assobiando pelas ruas carrega sons de gritos, choro e latidos. Faço o possível para não pensar em Riley.

Mantenho-me nas sombras, entrando e saindo de becos e correndo de um Lixão para outro. O suor brota em minha nuca, assim como nas axilas, e não apenas por causa do calor. Tudo parece estranho, grotesco e distorcido; certas ruas estão cobertas de vidro de janelas quebradas, com cheiro de queimado no ar.

Em determinado momento dobro uma esquina para a avenida Forest no mesmo instante em que uma patrulha chega à mesma via pela outra ponta. Viro-me rapidamente, encostando na parede de uma loja de ferragens e voltando devagar pelo caminho por onde vim. As chances de que algum dos reguladores me tenha visto são mínimas — eu estava a um quarteirão de distância, e a escuridão era completa —, mas, mesmo assim, meu coração não volta ao ritmo normal. Tenho a sensação de estar jogando um videogame gigante ou tentando resolver uma equação muito complicada. *Uma menina está tentando evitar quarenta patrulhas, com mais ou menos quinze a vinte pessoas em cada, espalhadas por um raio de onze quilômetros. Se ela precisa percorrer 4,3 quilômetros pelo centro, qual é a probabilidade de acordar amanhã em uma cela? Por favor, sinta-se à vontade para arredondar pi para 3,14.*

Antes do flagrante, Deering Highlands era a parte mais bonita de Portland. As casas eram grandes e novas — ao menos para o Maine, o que significa que foram construídas nos últimos cem anos — e ficavam atrás de portões e cercas vivas, em ruas com nomes como Lilac e Timber. Algumas famílias ainda se agarram às casas — pessoas pobres que

não têm condições de se mudar para outros lugares ou que não receberam permissão para uma nova residência —, mas, no geral, o bairro está vazio. Ninguém quis ficar; ninguém quis ser associado à resistência.

O mais estranho sobre Deering Highlands é a rapidez com que a região foi abandonada. Ainda há brinquedos enferrujados espalhados nos gramados e carros estacionados em algumas entradas, embora a maioria tenha sido saqueada, despida das partes de metal e de plástico como carcaças mutiladas por urubus enormes. Toda a área tem a aparência desamparada de um animal abandonado: casas sucumbindo lentamente à vegetação não aparada.

Normalmente fico nervosa só de estar perto de Deering Highlands. Muitas pessoas dizem que o lugar dá azar, como passar por um cemitério sem prender a respiração. Mas hoje, quando finalmente chego, sinto como se pudesse dançar na calçada. Tudo está escuro, quieto e inerte, nenhum indício de batidas, nenhum sussurro, nenhum barulho de passos na calçada. As patrulhas ainda não chegaram. Talvez nem venham.

Acelero o passo pelas ruas, aumentando o ritmo agora que não preciso me preocupar tanto em ficar nas sombras ou me mover em silêncio. Deering Highlands é bem grande, um labirinto de ruas sinuosas estranhamente parecidas e casas que se erguem da escuridão como navios encalhados. Os gramados cresceram absurdamente ao longo dos anos e as árvores estendem galhos tortos em direção ao céu e formam sombras bizarras em zigue-zague no chão iluminado pelo luar. Perco-me na rua Lilac — de algum jeito, consigo dar uma volta completa e chegar ao mesmo cruzamento duas vezes —, mas quando viro na estrada Tanglewild vejo uma luz fraca brilhando vagamente ao longe, atrás de um conjunto de árvores, e sei que encontrei o lugar.

Uma caixa antiga de correio está fincada, torta, no solo ao lado da entrada. Um X negro ainda é ligeiramente visível em uma das laterais da casa. Estrada Tanglewild, quarenta e dois.

Entendo por que escolheram essa casa para a festa. Ela é bem afastada da rua e cercada por todos os lados por árvores tão densas que não consigo deixar de pensar nos bosques escuros e sussurrantes perto da fronteira. Passar por aquela entrada é assustador. Mantenho os olhos focados na luz trêmula e pálida da casa, que se expande e se intensifica aos poucos à medida que vou me aproximando, até se definir em duas janelas iluminadas. As janelas foram cobertas com uma espécie de tecido, talvez para esconder o fato de que há pessoas na casa. Não está funcionando. Posso ver sombras se movendo de um lado para o outro no interior. A música está bem baixa. Só quando chego à varanda eu a escuto realmente — ritmos fracos e abafados que parecem vibrar nas tábuas de madeira do chão. Deve ter um porão.

Corri para chegar até aqui, mas hesito, com a mão — escorregadia por causa do suor — na porta. Não pensei muito em como tirar todo mundo da casa. Se eu simplesmente começar a gritar que há uma batida, vou causar pânico. Todos correrão para a rua de uma vez, e as chances de chegarem em casa ilesos se reduzirão a zero. *Alguém* vai ouvir algo; os reguladores vão descobrir, e todos estaremos ferrados.

Faço uma correção mental. *Eles* estarão ferrados. Não sou como essas pessoas do outro lado da porta. Não sou eles.

Então penso em Riley tremendo e ficando inerte. Também não sou essas pessoas, as que fizeram aquilo, as que assistiram. Nem os Richardson se incomodaram em tentar salvá-lo. Seu próprio cachorro. Nem o cobriram enquanto ele morria.

Eu jamais faria isso. Nunca, nunca, nunca. Nem se eu passasse por um milhão de intervenções. Ele estava vivo. Tinha pulso, sangue, e respirava, e o deixaram ali como lixo.

Eles. Eu. Nós. As palavras ricocheteiam em minha mente. Seco as mãos nas calças e abro a porta.

Hana disse que esta festa seria menor, mas me parece ainda mais cheia do que a outra, talvez porque os cômodos são minúsculos e estão completamente lotados. O ambiente está tomado por uma cortina sufocante de fumaça de cigarro, que embaça tudo e faz o ambiente parecer como se todos estivessem embaixo d'água. Está absurdamente quente aqui, pelo menos dez graus a mais do que na rua — as pessoas se movem lentamente, e enrolaram as mangas curtas até os ombros e as calças até os joelhos, e onde a pele visível está coberta por uma camada brilhosa. Por um momento só consigo ficar parada, olhando. Penso: *Queria estar com uma câmera.* Se ignorar o fato de que há mãos se tocando, corpos se esbarrando e mil coisas terríveis e erradas, posso até mesmo achar um pouco bonito.

Então, percebo que estou perdendo tempo.

Há uma menina diante de mim, bloqueando minha passagem. Está de costas. Estendo o braço e toco-a. Sua pele está tão quente que queima. Ela se vira, com o rosto vermelho e ruborizado, inclinando a cabeça para conseguir me escutar.

— Hoje é noite de batida — digo a ela, surpresa por minha voz sair tão firme.

A música é suave, porém insistente — e, definitivamente, vem de uma espécie de porão —, não tão intensa quanto na outra vez, mas igualmente estranha e linda. Lembro-me de coisas quentes e escorregadias: mel, luz do sol e folhas vermelhas voando ao vento. Mas é difícil ouvi-la sob as camadas de conversa e os rangidos de passos e das tábuas de madeira.

— O quê?

Ela afasta o cabelo, que cobria a orelha.

Abro a boca para dizer *batida*, mas em vez de minha voz é a outra que soa: uma voz alta e mecânica berrando na rua, uma voz que parece nos atacar por todos os lados de uma vez, uma voz que atravessa o calor e a música como uma lâmina fria corta a pele. Ao mesmo tempo, a sala começa a girar, e uma massa de luzes vermelhas e brancas ilumina faces apavoradas e espantadas.

— *Atenção. Isto é uma batida. Não tentem fugir. Não tentem resistir. Isto é uma batida.*

Alguns segundos depois a porta explode para dentro e um holofote claro como o sol deixa tudo branco e imóvel, transforma tudo em poeira e estátuas.

Então, eles soltam os cachorros.

catorze

Seres humanos, em seu estado natural, são imprevisíveis, instáveis e infelizes. Somente quando seus instintos animais são controlados eles podem ser responsáveis, confiáveis e satisfeitos.

— Shhh, p. 31.

Uma vez vi uma reportagem sobre um urso-pardo que havia sido ferido acidentalmente pelo treinador no circo de Portland durante um treino rotineiro. Eu era muito nova, mas jamais me esquecerei da aparência do urso depois, um enorme borrão escuro destruindo seu picadeiro, ainda usando um ridículo chapéu vermelho que balançava descontroladamente em sua cabeça e atacando tudo em que conseguisse enfiar os dentes: faixas de papel, cadeiras dobráveis, balões. O treinador também: o urso acabou com ele, transformou seu rosto em carne moída.

A pior parte — a que nunca esqueci — foi seu rugido apavorado: um berro horrível, contínuo e furioso que, de alguma forma, parecia humano.

É o que lembro quando os reguladores começam a invadir a casa, entrando pela porta destruída e atravessando as janelas. É nisso que penso quando a música para subitamente e em seu lugar o ar se enche de latidos, gritos e vidros se estilhaçando, enquanto mãos quentes me empurram pela frente e pelos lados, e sinto uma cotovelada sob o queixo e outra nas costelas. Lembro-me do urso.

De algum jeito, consegui avançar pela multidão em pânico, que se desloca confusa em direção aos fundos da casa. Atrás de mim, ouço cães mordendo o ar e reguladores brandindo pesados cassetetes. As pessoas estão gritando — tanta gente que parece ser uma única voz. Uma menina cai atrás de mim, tropeçando para a frente e esticando o braço em minha direção enquanto um dos reguladores atinge a cabeça dela por trás com o cassetete, produzindo um barulho horrível. Sinto seus dedos se fecharem momentaneamente no tecido de minha camiseta, mas escapo e continuo correndo, empurrando e me espremendo para a frente. Não tenho tempo de sentir pena, nem de ficar assustada. Não tenho tempo de fazer mais nada além de me mover, empurrar, ir, não consigo pensar em nada além de *escapar, escapar, escapar.*

O mais estranho é que, por um minuto, no meio de todo aquele barulho e confusão, vejo tudo com clareza, em câmera lenta, como se eu estivesse assistindo a um filme de longe: vejo um cachorro saltar para cima de um cara à minha esquerda; vejo os joelhos do garoto cederem quando ele cai para a frente com um leve barulho, como o de uma respiração ou um suspiro, e sangue jorrar em arco de seu pescoço, onde os dentes do cachorro se enterraram. Uma menina de cabelos louros brilhantes é derrubada pelos

cassetetes dos reguladores, e quando vejo seus cabelos no ar, meu coração para completamente por um segundo e penso que morri, penso que tudo acabou. Então ela vira a cabeça para mim, gritando enquanto os reguladores disparam spray de pimenta nela, e vejo que não é Hana, e sinto uma onda de alívio.

Mais tiros são disparados. Um filme — apenas um filme. Não está acontecendo, jamais poderia acontecer de fato. Um menino e uma menina, lutando para chegar a um dos quartos laterais, talvez pensando que pode haver uma saída por ali. A porta é estreita demais para os dois entrarem ao mesmo tempo. Ele usa uma camisa azul, que diz CONSERVATÓRIO NAVAL DE PORTLAND, e os cabelos dela são longos e ruivos, brilhantes como uma chama. Há apenas cinco minutos estavam conversando e rindo juntos, tão próximos que se um dos dois tropeçasse sem querer eles poderiam ter se beijado. Agora lutam, mas ela é pequena demais. Ela morde o braço dele como um cachorro, como um animal selvagem; ele ruge e se enfurece, pega-a pelos ombros e a empurra contra a parede, para fora do caminho. Ela tropeça e cai, escorregando e tentando se levantar; um dos reguladores, um sujeito enorme, com o rosto mais vermelho que já vi, estende o braço na direção dela, pega seu rabo de cavalo e puxa a garota até colocá-la de pé. Conservatório Naval também não escapa. Dois reguladores o seguem, e, enquanto passo correndo, ouço os golpes dos cassetetes e o som abafado de gritos.

Animais, penso. Somos animais.

Pessoas empurram, puxam e usam umas às outras como escudo enquanto os reguladores continuam se aproximando, avançando, atacando-nos, os cachorros nos perseguem e os cassetetes passam tão perto de minha cabeça que posso sentir o deslocamento do ar quando a madeira passa a centímetros de minha nuca. Penso em uma dor aguda, penso na cor vermelha. A multidão está diminuindo ao meu redor enquanto os reguladores avançam. Uma por uma, as pessoas vão gritando junto de mim — *crack!* — e caindo, sendo derrubadas por três, quatro, cinco cachorros. Gritando, gritando. Todos gritando.

De alguma forma, consegui não ser pega, e continuo correndo pelos corredores estreitos e barulhentos, passando por uma confusão de cômodos, uma confusão de pessoas e de reguladores, mais luzes, mais janelas estilhaçadas, o ruído de motores. O local está cercado. Então a porta dos fundos surge aberta diante de mim — e, além dela, as árvores escuras, o bosque frio e sussurrante atrás da casa. Se eu conseguir sair... Se eu conseguir me esconder das luzes por tempo suficiente...

Ouço um cachorro latindo atrás de mim e, perto dele, os passos ressoantes de um regulador, avançando, avançando, uma voz áspera gritando *Pare!*, e, de repente, percebo que estou sozinha no corredor. Mais quinze passos... E dez. Se eu conseguir chegar à escuridão...

Estou a um metro e meio da porta quando uma dor súbita e aguda atravessa minha perna. O cachorro está com as mandíbulas em minha panturrilha, e eu me viro e então o vejo: o regulador com o rosto vermelho, sorrindo, os olhos brilhando — *ah, Deus, ele*

está sorrindo, ele realmente gosta disto —, com o cassetete erguido, pronto para me atacar. Fecho os olhos, penso em uma dor tão grande quanto o oceano, penso em um mar vermelho-sangue. Penso em minha mãe.

Então sou jogada para o lado e ouço um estalo e um ganido; o regulador diz *Merda.* A ardência em minha perna e o peso do cachorro desaparecem, e surge um braço em minha cintura e uma voz em meu ouvido, uma voz tão familiar que naquele momento é como se eu estivesse esperando por ela o tempo todo, como se estivesse ouvindo-a desde sempre em meus sonhos, sussurrando:

— Por aqui.

Alex mantém um braço em volta da minha cintura, quase me carregando. Estamos em um corredor diferente agora, menor e totalmente vazio. Toda vez que coloco o peso na perna direita, a dor volta a crescer, subindo até minha cabeça. O regulador continua atrás de nós, e *furioso* — Alex deve ter me puxado no segundo exato em que ele me acertaria, fazendo-o acertar o próprio cachorro em vez de meu crânio —, e sei que devo estar retardando Alex, mas ele não me solta, nem por um segundo.

— Aqui — ele diz, e então entramos em outro quarto.

Devemos estar em uma parte da casa que não estava sendo usada para a festa. O quarto está completamente escuro, mas Alex não desacelera, ele simplesmente continua avançando pela escuridão. Deixo que a pressão das pontas de seus dedos me guiem, esquerda, direita, esquerda, direita. O ambiente cheira a mofo e algo mais: tinta fresca, quase, e algo defumado, como se alguém estivesse cozinhando aqui. Mas é impossível. Estas casas estão vazias há anos.

Atrás de nós, o regulador está penando na escuridão. Ele esbarra em alguma coisa e xinga. Um segundo depois, algo cai no chão; um vidro se estilhaça; mais um xingamento. Pelo som de sua voz, percebo que ele está ficando para trás.

— Para cima — sussurra Alex, tão baixo e tão perto que é como se eu tivesse apenas imaginado, e, assim, ele me levanta e percebo que estou saindo por uma janela; sinto a madeira áspera do parapeito arranhar minhas costas e aterrisso com a perna boa na grama macia e úmida do lado de fora.

Um segundo depois, Alex faz o mesmo silenciosamente, materializando-se a meu lado no escuro. Apesar de o ar estar quente, uma brisa começa a soprar, e ao senti-la em minha pele tenho vontade de chorar de gratidão e alívio.

Mas não estamos seguros ainda — longe disso. A escuridão é mutável, incerta e cheia de fragmentos de luz: lanternas cortam o bosque à direita e à esquerda, e, naquele brilho, vejo figuras fugindo, iluminadas como fantasmas, paralisadas por um instante na claridade. Os gritos continuam, alguns a poucos metros de distância, outros tão distantes e desamparados que seria possível confundi-los com outra coisa — com corujas, talvez, piando pacificamente em suas árvores. Então Alex pega minha mão e estamos correndo de novo. Cada passo com meu pé direito é como uma chama, uma lâmina. Mordo o interior das bochechas para não gritar e sinto o gosto de sangue.

Caos. Cenas saídas do inferno: luzes vindas da estrada, sombras caindo, ossos

quebrando, vozes se estilhaçando e desaparecendo no silêncio.

— Aqui dentro.

Faço o que ele diz sem hesitar. Um pequeno abrigo de madeira apareceu milagrosamente na escuridão. Está caindo aos pedaços e tão coberto por musgo e plantas que, mesmo a distância de poucos metros, aparentava ser um emaranhado de arbustos e árvores. Preciso me inclinar para entrar, e ao fazê-lo o cheiro de urina de animal e de cachorro molhado é tão forte que quase engasgo. Alex entra depois de mim e fecha a porta. Ouço um ruído e vejo-o se ajoelhando, colocando um cobertor no espaço entre a porta e o chão. O cobertor deve ser a fonte do cheiro. É absolutamente fedido.

— Meu Deus — sussurro, é a primeira vez que falo com ele, cobrindo a boca e o nariz com as mãos.

— Assim os cachorros não sentirão nosso cheiro — sussurra ele, confiante.

Nunca conheci alguém tão calmo em minha vida. Penso rapidamente que, talvez, as histórias que ouvi quando era pequena fossem verdadeiras — talvez os Inválidos sejam realmente monstros, aberrações.

Então me sinto envergonhada. Ele acabou de salvar minha vida.

Ele *salvou* minha *vida* — dos reguladores. Das pessoas que deveriam nos proteger e nos manter seguros. Das pessoas que deveriam nos proteger de pessoas como Alex.

Nada mais faz sentido. Minha cabeça está girando, e eu me sinto tonta. Tropeço, esbarrando na parede atrás de mim, e Alex me alcança para me segurar.

— Sente-se — diz ele com a mesma voz autoritária que tem usado o tempo todo. É reconfortante ouvir suas ordens baixas e decididas, e relaxar. Abaixo-me até o chão. O piso é úmido e duro. A lua deve ter surgido entre as nuvens; buracos nas paredes e no telhado permitem a entrada de pequenos pontos de luz prateada. Consigo identificar algumas prateleiras atrás da cabeça de Alex e um conjunto de latas — tinta, talvez — empilhadas em um canto. Agora que Alex e eu estamos sentados, mal sobra espaço para nos mexermos, a estrutura inteira tem um espaço bem reduzido.

— Vou dar uma olhada em sua perna agora, tudo bem? — Ele continua sussurrando. Concordo com a cabeça. Mesmo quando estou sentada, a tonteira não passa.

Ele se senta apoiado nos calcanhares e coloca minha perna em seu colo. É só quando ele começa a levantar a perna da calça que sinto como o tecido está molhado. Devo estar sangrando. Mordo o lábio e encosto a cabeça com força na parede, esperando que o toque dele seja doloroso, mas a sensação de suas mãos em minha pele — frias e fortes — de alguma forma suaviza tudo, passando pela dor como um eclipse encobrindo a lua.

Quando a calça está enrolada até o joelho, ele me inclina levemente para ver minha panturrilha. Apoio um cotovelo no chão, sentindo o cômodo balançar. Devo estar sangrando *muito*.

Ele exala rispidamente, um som rápido entre os dentes.

— Está ruim? — pergunto, com medo demais para olhar.

— Fique parada — diz ele.

Eu sei que está ruim, mas ele não confirma, e, nesse instante, sinto-me tão cheia de gratidão por ele e de ódio pelas pessoas lá fora — caçadores, primitivos, com seus dentes afiados e seus cassetetes pesados — que o ar me escapa e preciso fazer um esforço para respirar.

Alex estende o braço para um canto do abrigo sem tirar minha perna de seu colo. Ele mexe em uma espécie de caixa, e trancas de metal se abrem. Um segundo depois ele está segurando uma garrafa sobre minha perna.

— Isto vai arder por um segundo — diz ele.

O líquido cai na pele, e o cheiro adstringente de álcool faz minhas narinas queimarem. Chamas parecem lamber minha perna, e eu quase grito. Alex estende uma das mãos, e, sem pensar, eu a aperto.

— O que é isso? — Forço as palavras a saírem entre os dentes.

— Álcool — diz ele. — Para evitar infecção.

— Como sabia que estava ali? — pergunto, mas ele não responde.

Ele afasta a mão da minha, e percebo que eu estava apertando com muita força, mas não tenho energia para sentir vergonha ou medo: o local parece estar pulsando, a quase escuridão se tornando menos nítida.

— Droga — murmura Alex. — Você está sangrando muito.

— Não está doendo tanto assim — sussurro, o que é uma mentira. Mas ele está tão calmo, tão composto, que me faz querer agir com bravura também.

Tudo assumiu uma característica estranha e distante: os sons da correria e da gritaria lá fora se tornaram deformados e estranhos, como se estivessem sendo filtrados pela água, e Alex parece a quilômetros de distância. Começo a achar que posso estar sonhando ou prestes a desmaiar.

Então, decido que, *definitivamente*, estou sonhando, porque, enquanto assisto, Alex começa a puxar a camiseta pela cabeça.

O que está fazendo?, quase grito. Alex se livra da camiseta e começa a rasgar o tecido em longas tiras, olhando, nervoso, para a porta e parando para escutar cada vez que o tecido faz *rippp*.

Nunca em toda a minha vida vi um menino sem camisa tão de perto, exceto criancinhas ou meninos ao longe, na praia, quando tive medo demais para olhar, com medo de arrumar problemas.

Agora não consigo desviar o olhar. O luar toca suas escápulas, que brilham sutilmente, como pontas de asas, como imagens de anjos que vi em livros. Ele é magro, porém musculoso: quando se move, consigo ver os contornos dos braços e do tórax, tão estranha, incrível e lindamente diferentes do corpo de uma menina, um corpo que me faz pensar em sair daqui correndo, de tão quente e suada. O calor começa a correr por meu corpo, uma sensação pulsante, como se milhares de passarinhos tivessem sido soltos em meu peito. Não tenho certeza se é por causa do sangramento, mas agora parece que o recinto está rodando tão depressa que corremos o risco de ser arremessados para fora ou atirados na noite. Antes, Alex pareceu distante. Agora o lugar está cheio dele: tão

próximo que não consigo respirar, não consigo me mover, falar ou pensar. Toda vez que seus dedos me tocam, o tempo parece parar por um segundo, como se pudesse se desfazer. O mundo inteiro está se desfazendo, concluo, exceto nós. Nós.

— Ei. — Ele estende o braço e toca meu ombro apenas por um segundo, mas nesse segundo meu corpo se reduz àquele único ponto de pressão sob sua mão e brilha com o calor. Nunca me senti as, tão calma e em paz. Talvez eu esteja morrendo. A ideia não me chateia tanto, por algum motivo. Aliás, parece até mesmo um pouco engraçado. — Você está bem?

— Estou. — Começo a rir suavemente. — Você está nu.

— O quê?

Mesmo no escuro, dá para perceber que ele está estreitando os olhos.

— Nunca fiquei com um menino... assim. Sem camisa. Não de perto.

Ele começa a enrolar a camisa rasgada em minha perna cuidadosamente, apertando com força.

— O cachorro mordeu você com vontade — diz ele. — Mas isto deve conter o sangramento.

A frase *conter o sangramento* parece tão clínica e assustadora que me faz acordar e me concentrar. Alex termina a atadura improvisada. Agora a dor gritante em minha perna foi substituída por uma pressão difusa e pulsante.

Alex levanta minha perna cuidadosamente e a coloca no chão.

— Tudo bem? — pergunta ele, e eu faço que sim com a cabeça. Em seguida, ele se ajeita a meu lado e se apoia na parede como eu, de modo que ficamos sentados lado a lado, tocando nossos cotovelos. Posso sentir sua pele quente, e fico com calor. Fecho os olhos e tento não pensar em quão próximos estamos ou em como seria passar a mão nos ombros e no tórax dele.

Do lado de fora, os ruídos da batida se tornam cada vez mais distantes, os gritos, mais escassos, as vozes, mais fracas. Os reguladores devem estar seguindo adiante.

Rezo silenciosamente para que Hana tenha escapado; a possibilidade de que ela não tenha conseguido é terrível demais.

Mesmo assim, Alex e eu não nos movemos. Estou tão cansada que é como se pudesse dormir para sempre. Minha casa parece impossivelmente distante, e não vejo como conseguirei voltar.

Alex começa a falar rapidamente, sua voz uma onda baixa e urgente:

— Ouça, Lena... O que aconteceu na praia, sinto muito. Eu deveria ter contado antes, mas não queria afugentar você.

— Você não precisa se explicar — digo.

— Mas eu quero explicar. Quero que saiba que não tive a intenção...

— Ouça — interrompo-o —, não vou contar para ninguém, tudo bem? Não vou arrumar problemas para você nem nada do tipo.

Ele para. Sinto-o se virar para me encarar, mas mantenho os olhos fixos na escuridão diante de nós.

— Não me importo com isso — diz ele, ainda mais baixo. Mais uma pausa, e então: — Só não quero que você me odeie.

Novamente o abrigo parece estar encolhendo, fechando-se ao redor de nós. Posso sentir seus olhos em mim como a pressão quente de um toque, mas tenho medo demais para olhar para ele. Tenho medo de me perder em seu olhar e me esquecer de tudo o que eu deveria dizer. Lá fora, o bosque está em silêncio. Os reguladores devem ter ido embora. Após um segundo, os grilos começam a cantar ao mesmo tempo, uma guizalhada rouca crescente.

— Por que você se importa? — pergunto rapidamente.

— Já disse — sussurra ele de volta. Posso sentir sua respiração roçando atrás de minha orelha, fazendo os cabelos em minha nuca se arrepiarem. — Eu gosto de você.

— Você não me conhece — digo rapidamente.

— Mas quero conhecer.

O lugar está girando cada vez mais rápido. Encosto na parede, tentando me firmar, com uma sensação nauseante de movimento. É impossível: ele tem resposta para tudo. É rápido demais. Deve ser um truque. Apoio as mãos no chão úmido, encontrando conforto na solidez da madeira.

— Por que eu? — Não quis perguntar, mas as palavras simplesmente saem. — Não sou ninguém... — Quero dizer *Não sou ninguém especial*, mas as palavras secam em minha boca. Imagino que essa deve ser a sensação de se chegar ao topo de uma montanha, onde o ar é tão rarefeito que você pode inalar, inalar, inalar e, ainda assim, achar que não consegue respirar.

Alex não responde, e percebo que ele não tem uma resposta, exatamente como suspeitei — não há razão alguma. Ele me escolheu a esmo, como uma brincadeira ou porque sabia que eu ficaria assustada demais para denunciá-lo.

Mas, então, ele começa a falar. A história é tão rápida e fluida que posso perceber que ele pensou muito no assunto, o tipo de história que você conta várias vezes para si mesmo até as arestas ficarem bem aparadas.

— Nasci na Selva. Minha mãe morreu logo depois; meu pai está morto. Ele nunca soube que teve um filho. Morei lá na primeira parte de minha vida, meio que indo para lá e para cá. Todos os outros — Ele hesita levemente, e posso sentir o desgosto em sua voz. — *Inválidos* cuidavam de mim juntos. Tipo uma comunidade.

Lá fora os grilos interrompem sua canção temporariamente. Por um segundo é como se nada ruim tivesse acontecido, como se nada fora do comum tivesse acontecido hoje à noite — apenas mais uma noite quente e preguiçosa de verão, esperando pela manhã. Uma dor me atravessa naquele momento, mas nada tem a ver com minha perna. Percebo como tudo é pequeno, nosso mundo inteiro, tudo que importa — nossas lojas, nossas patrulhas, nossos empregos, até mesmo nossas vidas. Enquanto isso, o mundo simplesmente continua como sempre, a noite se transformando em dia e voltando a ser noite, um ciclo infinito; estações se transformando, como um monstro que muda sua pele e a faz crescer novamente.

Alex continua:

— Vim para Portland aos dez anos, para me juntar à resistência aqui. Não vou explicar como. Foi complicado. Recebi um número de identidade; recebi um novo sobrenome, um novo endereço. Há mais de nós do que você imagina, Inválidos e simpatizantes, mais do que qualquer um imagina. Temos gente na polícia e em todos os departamentos municipais. Temos pessoas até mesmo nos laboratórios.

Sinto arrepios pelos braços quando ele diz isso.

— O que quero dizer é que é *possível* entrar e sair. Difícil, mas possível. Fui morar com dois estranhos, ambos simpatizantes, e fui instruído a chamá-los de tios. — Ele dá de ombros ligeiramente a meu lado. — Eu não me importava. Nunca conheci meus pais verdadeiros, e fui criado por dezenas de tias e tios diferentes. Não fazia diferença para mim.

Sua voz se tornou muito baixa, e ele parece quase ter esquecido que estou ali. Não sei exatamente aonde essa história está indo, mas prendo a respiração, com medo de que, se eu sequer exalar, ele pare de falar.

— Odiei Portland. Odiei tanto que você nem pode imaginar. Todos os prédios e as pessoas parecendo tão entorpecidas, os cheiros, toda a repressão, e as regras; regras por todos os lados, regras e muros, regras e muros. Eu não estava acostumado. Sentia como se estivesse em uma jaula. *Estamos* em uma jaula: uma jaula delimitada por fronteiras.

Um leve choque pulsa através de mim. Em todos os dezessete anos e onze meses de minha vida, nunca, nem uma vez sequer, pensei assim. Sempre estive tão acostumada a pensar no que as fronteiras mantêm fora que não pensei que elas também nos prendem aqui *dentro*. Agora vejo tudo pelo olhar de Alex, vejo como deve ter sido para ele.

— No início, tive raiva. Costumava queimar coisas. Papéis, livros, cartilhas escolares. Isso fazia com que eu me sentisse melhor de alguma forma. — Ele ri suavemente. — Até queimei meu exemplar da *Shhh*.

Outro choque me atravessa: desfigurar ou destruir a *Shhh* é um sacrilégio.

— Eu andava pelas fronteiras durante horas todos os dias. Às vezes, eu chorava. — Ele se encolhe a meu lado, e posso perceber que está envergonhado. É o primeiro sinal que ele dá em algum tempo de que sabe que estou aqui, que ele está falando comigo, e o impulso que sinto de estender o braço, pegar sua mão e apertá-la, ou transmitir alguma espécie de conforto, é quase opressor. Mesmo assim, mantenho as mãos coladas no chão. — Mas, depois de um tempo, eu simplesmente andava. Gostava de ver os pássaros. Eles alçavam voo ao nosso lado e pousavam na Selva com a maior facilidade. Iam e voltavam, iam e voltavam, erguendo-se e rodopiando pelo ar. Eu podia observá-los durante horas. Livres: eram totalmente livres. Eu pensava que nada, nem ninguém, era livre em Portland, mas estava enganado. Sempre havia os pássaros.

Ele fica em silêncio por algum tempo, e penso que talvez a história tenha acabado. Fico imaginando se ele esqueceu minha pergunta inicial — *por que eu?* —, mas estou envergonhada demais para lembrá-lo, então simplesmente continuo sentada e o imagino na fronteira, parado, observando os pássaros no céu. O pensamento me acalma.

Depois do que parece uma eternidade, ele volta a falar, dessa vez com uma voz tão baixa que preciso me inclinar em sua direção para conseguir ouvi-lo.

— Na primeira vez em que vi você, no Governador, fazia anos que eu não andava até a fronteira para observar os pássaros. Mas você me lembrou deles. Você estava pulando e gritando alguma coisa, seu cabelo se soltava do rabo de cavalo, e você era tão *veloz*... — Ele balança a cabeça. — Apenas um raio, e, depois, desapareceu. Exatamente como um pássaro.

Não sei como — eu não pretendia me mexer, nem tinha percebido qualquer movimento —, mas, de alguma forma, estávamos frente a frente no escuro, separados por poucos centímetros.

— Todos estão adormecidos. Estão adormecidos há anos. Você parecia... acordada. — Alex está sussurrando. Ele fecha os olhos e os abre novamente. — Estou cansado de dormir.

Dentro de mim, tudo está se agitando como se tivesse seguido o que ele disse, transformando-se em pássaros voando: o restante de meu corpo parece flutuar em correntes intensas de calor, como se um vento quente soprasse através de mim e me decompusesse, e me transformasse em ar.

Isto é errado, diz uma voz em mim, mas não a minha voz. É a de outra pessoa — uma espécie de mistura entre minha tia, Rachel, todos os meus professores e o avaliador que fez a maioria das perguntas na segunda avaliação.

Em voz alta, digo com um tom agudo:

— Não.

Mas outra palavra está se erguendo dentro de mim, borbulhando como água fresca jorrando da terra. *Sim, sim, sim.*

— Por quê? — Ele mal está sussurrando. Suas mãos encontram meu rosto, as pontas de seus dedos tocando ligeiramente minha testa, o topo das orelhas, minhas bochechas. Tudo o que ele toca é fogo. Meu corpo inteiro está queimando; nós nos tornamos dois pontos da mesma chama branca e brilhante. — Do que você tem medo?

— Você precisa entender. Eu só quero ser feliz. — Mal consigo expelir essas palavras. Minha mente é uma neblina, cheia de fumaça, nada existe além de seus dedos dançando e se movendo em minha pele, em meu cabelo. Gostaria que ele parasse. Quero que isso continue para sempre. — Eu só quero ser normal, como todo mundo.

— Tem certeza de que ser como todo mundo fará você feliz? — diz ele no mais leve sussurro; sua respiração em minha orelha e em meu pescoço, sua boca roçando minha pele. E, então, penso que realmente posso ter morrido. Talvez o cachorro tenha me mordido e eu tenha sido atingida na cabeça, e isso tudo não passe de um sonho: o restante do mundo se desfez. Apenas ele. Apenas eu. Apenas nós.

— Não conheço nenhuma outra forma.

Não sinto minha boca se abrir, não sinto as palavras saírem, mas ali estão elas, flutuando no escuro.

Ele diz:

— Deixe-me mostrar.

E, então, estamos nos beijando. Ou, pelo menos, acho que estamos nos beijando — só vi beijos algumas vezes, selinhos rápidos, com a boca fechada, em casamentos ou ocasiões formais. Mas isto não é como nada que eu já tenha visto, imaginado ou sequer sonhado: isto é como música, ou dançar, mas ainda melhor. A boca dele está ligeiramente aberta, então abro a minha também. Seus lábios são macios e fazem a mesma pressão suave que a voz insistente em minha cabeça que não para de dizer *sim*.

O calor só aumenta dentro de mim, ondas de luz crescendo e quebrando, fazendo com que eu me sinta flutuando. Seus dedos passam por meu cabelo, seguram minha nuca, descem para meus ombros, e, sem pensar, minhas mãos encontram seu peito e se movem pelo calor de sua pele, as escápulas como pontas de asas, e a curva da mandíbula, com uma leve barba — tudo é estranho, diferente, gloriosa e deliciosamente novo. Meu coração bate com tanta força em meu peito que dói, mas é uma dor boa, como a sensação no primeiro dia de outono, quando o ar está fresco, as folhas das árvores começam a mudar de cor e o vento cheira vagamente a fumaça — como o fim e o começo de algo, ao mesmo tempo. Sob minha mão, juro que posso sentir as batidas de seu coração respondendo, um eco imediato do meu, como se nossos corpos estivessem conversando.

E, de repente, tudo é tão ridícula e estupidamente claro que tenho vontade de rir. É isso o que quero. Sempre foi meu único desejo. Todo o resto — cada segundo de cada dia antes deste momento, deste beijo — não significou nada.

Quando ele finalmente se afasta, é como se um cobertor tivesse descido em meu cérebro, acalmando todos os meus pensamentos e dúvidas inquietas, preenchendo-me com uma calma e uma felicidade tão profundas e frias quanto a neve. A única palavra que restou é *sim*. Sim para tudo.

Gosto muito de você, Lena. Acredita agora?

Sim.

Posso acompanhá-la até em casa?

Sim.

Posso encontrá-la amanhã?

Sim, sim, sim.

As ruas estão vazias a essa altura. A cidade inteira está silenciosa e parada. A cidade inteira poderia ter se reduzido a nada ou se incendiado enquanto estávamos no abrigo, e eu não teria notado ou me importado. A caminhada para casa é indistinta, um sonho. Ele segura minha mão o tempo todo, e paramos para nos beijar mais duas vezes, nas sombras mais longas e escuras que encontramos. Em ambas as vezes, penso que queria que as sombras fossem sólidas, tivessem peso e que se enrolassem à nossa volta e nos enterrassem para que pudéssemos ficar assim para sempre, peito com peito, lábio com lábio. Em ambas as vezes sinto meu peito se apertar quando ele se afasta, segura minha mão e começamos a andar outra vez, *sem* nos beijarmos, como se, de repente, eu só conseguisse respirar corretamente quando estamos nos beijando.

De algum jeito — cedo demais —, estou em casa, sussurrando um tchau para ele e sentindo seus lábios tocarem os meus uma última vez, leves como o vento.

Então, estou entrando sorrateiramente na casa, subindo as escadas e entrando no quarto, e só quando estou deitada há um bom tempo, tremendo, sofrendo, já com saudade, percebo que minha tia, meus professores e os cientistas têm razão sobre o *delíria*. Enquanto estou deitada ali, com a dor penetrando meu peito e a sensação ansiosa e doentia se agitando dentro de mim e um desejo tão forte por Alex que é como uma faca rasgando meus órgãos e me dilacerando, tudo em que consigo pensar é: *Isto vai me matar, isto vai me matar, isto vai me matar. E eu não me importo*.

quinze

Por último, Deus criou Adão e Eva, para viverem juntos e felizes como marido e mulher: parceiros eternos. Eles viveram pacificamente durante anos em um lindo jardim cheio de plantas altas e retas, que cresciam em fileiras organizadas, e de animais de estimação bem-comportados. Suas mentes eram tão claras e tranquilas quanto o céu azul-claro e sem nuvens que se estendia como uma tenda sobre suas cabeças. Intocados por doenças, dores ou desejos. Não sonhavam. Não faziam perguntas. A cada manhã, acordavam tão renovados quanto recém-nascidos. Tudo era sempre igual, mas sempre parecia novo e bom.

— *Gênesis: uma história completa do mundo e do universo conhecido*, Steven Horace, Ph.D., Universidade de Harvard

No dia seguinte, um sábado, acordo pensando em Alex. E então tento me levantar, e sinto uma dor percorrer minha perna. Levanto o pijama e vejo uma pequena mancha de sangue na camiseta que Alex enrolou em minha panturrilha. Sei que deveria lavar o ferimento, trocar a atadura ou fazer algo, mas tenho muito medo de ver a gravidade da situação. Os detalhes da festa — gritos, empurrões, cachorros e cassetetes girando no ar, mortais — voltam em uma onda, e por um instante tenho certeza de que vou vomitar. Então, a tonteira diminui e penso em Hana.

Nosso telefone fica na cozinha. Minha tia está lavando a louça, e me olha com alguma surpresa quando desço. Vejo-me rapidamente no espelho do corredor. Estou péssima — cabelo todo desgrenhado, olheiras enormes — e acho inacreditável que alguém sequer possa me achar bonita.

Mas alguém acha. Pensar em Alex faz um calor dourado se espalhar por meu corpo.

— É melhor se apressar — diz Carol. — Você vai se atrasar para o trabalho. Eu já ia acordá-la.

— Só preciso ligar para Hana — digo. Puxo o fio do telefone ao máximo e me encosto na despensa, para ter pelo menos alguma privacidade.

Tento a casa de Hana, primeiro. Um, dois, três, quatro, cinco toques. Então, a secretária eletrônica é ativada. "*Você ligou para a casa dos Tate. Por favor, deixe um recado de não mais de dois minutos...*"

Desligo rapidamente. Meus dedos começaram a tremer, e digito com dificuldade o número do celular de Hana. Direto para a caixa postal.

A saudação é a mesma de sempre ("*Oi, lamento não poder atender. Ou talvez não, dependendo de quem está ligando.*"), com uma voz pouco clara, atrapalhada por uma gargalhada

reprimida. Escutar aquilo — a normalidade da mensagem —, após a noite passada, me dá um choque, como se de repente eu sonhasse que estou em um lugar no qual não pensava há muito tempo. Lembro-me do dia em que ela gravou a saudação. Foi depois da escola; e estávamos em seu quarto, e ela tentou quase um milhão de saudações antes de escolher aquela. Eu estava entediada e ficava batendo nela com um travesseiro cada vez que ela queria tentar *só mais uma*.

— Hana, você precisa me ligar — digo ao telefone, mantendo a voz o mais baixo possível. Sei muito bem que minha tia está ouvindo. — Vou trabalhar hoje. Você pode me encontrar na loja.

Desligo, sentindo-me insatisfeita e culpada. Ontem à noite, enquanto eu estava no abrigo com Alex, ela poderia estar machucada ou em apuros; eu deveria ter feito mais para encontrá-la.

— Lena. — Minha tia me chama incisivamente à cozinha quando estou subindo a escada para me arrumar.

— Sim?

Ela avança alguns passos. Algo em sua expressão me deixa ansiosa.

— Você está mancando? — pergunta ela.

Eu estava tentando ao máximo andar normalmente.

Desvio o olhar. É mais fácil mentir quando não estou olhando nos olhos dela.

— Acho que não.

— Não minta para mim. — A voz dela se torna fria. — Acha que eu não sei o motivo, mas sei. — Por um segundo aterrorizante penso que ela vai me pedir para levantar a calça do pijama ou me dizer que sabe da festa. Mas então ela fala: — Você correu outra vez, não correu? Apesar de eu ter dito para não correr.

— Só uma vez — respondo, aliviada. — Acho que talvez tenha torcido o tornozelo.

Carol balança a cabeça e parece decepcionada.

— Francamente, Lena. Não sei quando você começou a me desobedecer. Pensei que você, mais que todo mundo... — Ela se interrompe. — Ah, enfim. Só mais cinco semanas, certo? E então tudo vai se resolver.

— Certo — digo, forçando um sorriso.

Durante toda a manhã oscilo entre me preocupar com Hana e pensar em Alex. Registro o preço errado para os clientes duas vezes e preciso chamar Jed, o gerente geral da loja, para corrigir o erro. Depois, derrubo uma prateleira inteira de massas congeladas e etiqueto com o preço errado umas doze caixas de queijo cottage. Graças a Deus meu tio não está na loja hoje; ele está fazendo entregas, então somos apenas Jed e eu. E Jed mal olha para mim ou fala comigo, exceto em grunhidos, então tenho quase certeza de que ele não vai notar que de repente me tornei uma confusão incompetente e desajeitada.

Conheço parte do problema, é claro. A desorientação, a distração, a dificuldade de concentração — todos os sintomas clássicos da Fase Um do *delíria*. Mas não me importo. Se pneumonia fosse tão bom assim, eu ficaria na neve durante o inverno,

descalça e sem casaco, ou iria ao hospital e beijaria pacientes com pneumonia.

Falei para Alex meus horários de trabalho, e concordamos em nos encontrar na enseada Back logo depois de meu turno, às seis horas. Os minutos se arrastam até o meio-dia. Juro que nunca vi o tempo passar tão lentamente. É como se cada segundo precisasse de um incentivo para avançar até o próximo. Fico desejando que o relógio ande mais depressa, mas ele parece resistir deliberadamente. Vejo uma cliente no pequeno corredor de produtos (mais ou menos) frescos colocar o dedo no nariz; olho para o relógio; olho de novo para a cliente; olho de novo para o relógio — e o segundo ponteiro ainda não se moveu. Sinto um medo terrível de que o tempo pare completamente, enquanto essa mulher mantém o dedo mindinho enterrado na narina direita, bem na frente das alfaces murchas.

Ao meio-dia, tenho um intervalo de quinze minutos, então saio e me sento na calçada, engolindo algumas mordidas de um sanduíche, apesar de não sentir fome. A ansiedade para rever Alex está afetando demais meu apetite. Outro sintoma do *deliria*.

Pode vir.

À uma hora, Jed começa a repor os estoques nas prateleiras, e eu continuo presa atrás do balcão. Está incrivelmente quente, e há uma mosca presa na loja, que não para de zumbir e bater na prateleira pendurada sobre minha cabeça, onde mantemos alguns maços de cigarro, frascos de antiácido e outros produtos. O ruído da mosca e do pequeno ventilador girando atrás de mim e o calor me fazem querer dormir. Se eu pudesse, apoiaria a cabeça no balcão e sonharia, sonharia e sonharia. Sonharia que estava novamente no abrigo com Alex. Sonharia com a firmeza de seu corpo contra o meu, a força de suas mãos e sua voz dizendo "Deixe-me mostrar".

O sino em cima da porta soa uma vez, e desperto de meu devaneio.

E lá está ele, entrando pela porta com as mãos nos bolsos de uma bermuda surrada e o cabelo espetado como se fosse realmente feito de folhas e gravetos. Alex.

Quase caio do banco.

Ele me lança um sorriso torto rápido e começa a andar preguiçosamente pelos corredores, pegando produtos completamente aleatórios — como um pacote de torresmo e a lata de uma sopa muito nojenta de couve-flor — e fazendo comentários exagerados de interesse, como "Isso parece *delicioso*", então preciso me empenhar ao máximo para não gargalhar. Em um momento ele tem que se espremer para passar por Jed, pois os corredores da loja são bem estreitos e Jed não é exatamente um peso-pena, e quando Jed mal olha para ele, sinto uma forte excitação. Ele não sabe. Ele não sabe que ainda sinto o gosto dos lábios de Alex nos meus, que ainda sinto sua mão em meu ombro.

Pela primeira vez na vida fiz algo por mim, e porque escolhi, não porque alguém disse que era bom ou ruim. Enquanto Alex caminha pela loja, penso que há um fio invisível nos unindo e, de alguma forma, sinto-me mais poderosa do que nunca.

Finalmente Alex se aproxima do balcão com um pacote de chicletes, um saco de salgadinhos e um refrigerante.

— Mais alguma coisa? — pergunto, tomando cuidado para manter a voz firme. Mas posso sentir minhas bochechas se ruborizando. Os olhos dele estão incríveis hoje, quase ouro puro.

Ele balança a cabeça.

— Só isso.

Registro os preços, com as mãos trêmulas, desesperada para dizer algo mais para ele, mas preocupada com a possibilidade de que Jed nos ouça. Nesse instante, outro cliente entra na loja, um homem mais velho que parece um regulador. Então, conto o troco de Alex o mais lenta e cuidadosamente possível, tentando mantê-lo diante de mim o máximo de tempo possível.

Mas não há muitas maneiras de se contar o troco para uma nota de cinco dólares. Acabo lhe entregando o troco. Nossas mãos se tocam quando coloco as notas em sua palma, e um choque me atravessa. Quero agarrá-lo, puxá-lo para mim e beijá-lo ali mesmo.

— Tenha um ótimo dia.

Minha voz soa aguda, sufocada. Fico surpresa por sequer conseguir pronunciar essas palavras.

— Ah, eu terei. — Ele me lança seu sorriso torto e incrível enquanto recua para a porta. — Vou para a enseada.

E então ele vai embora, saindo para a rua. Tento vê-lo andar, mas o sol me ofusca assim que ele sai e se transforma em uma sombra borrada, oscilando e desaparecendo.

Não consigo suportar. Detesto pensar que ele está andando pelas ruas, afastando-se cada vez mais. E ainda preciso enfrentar mais cinco horas antes de nosso encontro. Não vou aguentar. Antes que consiga pensar no que estou fazendo, circundo o balcão e arranco o avental que estava usando desde que precisei lidar com um vazamento em um dos freezers.

— Jed, cuide do caixa por um segundo, tudo bem? — grito.

Ele pisca para mim, confuso.

— Aonde você vai?

— O cliente — respondo. — Dei o troco errado.

— Mas... — Jed começa a dizer. Não espero para ouvir seus protestos. Já posso imaginar quais serão, mesmo: *Mas você contou o troco durante cinco minutos*. Que seja. Então Jed vai pensar que sou burra. Não me incomodo.

No fim da rua, Alex está parado na esquina, esperando a passada barulhenta de um caminhão municipal.

— Ei! — grito.

Ele se vira. Uma mulher empurrando um carrinho de bebê, do outro lado da rua, para, levanta a mão para proteger os olhos e acompanha minha corrida pela rua. Estou indo o mais rápido possível, mas a dor em minha perna impede que eu faça mais do que mancar. Posso sentir o olhar da mulher espetando todo o meu corpo, como um monte de agulhas.

— Eu lhe dei o troco errado — grito mais uma vez, apesar de estar perto o suficiente para falar normalmente. Com sorte, isso fará com que a mulher me deixe em paz. Mas ela continua nos olhando. — Você não deveria ter vindo — sussurro quando o alcanço. Finjo colocar algo em sua mão. — Eu disse que encontraria você mais tarde.

Ele move a mão para o bolso com tranquilidade, acompanhando perfeitamente nossa encenação, e sussurra:

— Não consegui esperar.

Alex sacode a mão diante de meu rosto e parece sério, como se estivesse me reprimindo por ser tão descuidada. Mas sua voz é suave e doce. Mais uma vez, tenho a sensação de que nada mais é real — nem o sol, nem os prédios, nem a mulher do outro lado da rua, que continua nos observando.

— Tem uma porta azul depois da esquina, no beco — digo em voz baixa enquanto recuo, levantando as mãos como se pedisse desculpas. — Encontre-me lá em cinco minutos. Bata quatro vezes. — Então, mais alto, digo — Escute, sinto muito. Como eu disse, foi um pequeno engano.

Então viro-me e manco de volta para a loja. Não acredito no que acabei de fazer. Não acredito nos riscos que estou correndo. Mas preciso vê-lo. Preciso *beijá-lo*. Preciso mais do que tudo que já precisei. Sinto a mesma pressão no peito que me atinge quando chego ao fim de uma corrida e estou praticamente morta, desesperada para descansar e recuperar o fôlego.

— Obrigada — digo a Jed, voltando para meu lugar atrás do balcão. Ele murmura algo indecifrável e volta à prancheta e à caneta que deixou no chão do corredor três: DOCES, REFRIGERANTES, SALGADINHOS.

O cara que penso ser um regulador está com o nariz enterrado em um dos compartimentos do freezer. Não sei ao certo se ele está procurando uma refeição congelada ou se está apenas se aproveitando do ar frio gratuito. Seja como for, ao olhar para ele me lembro da noite passada, dos ruídos no ar enquanto os cassetetes desciam como foices, e sinto uma onda de ódio por ele — por todos eles. Fantasio sobre empurrar o velho para dentro do freezer e dar com a porta na cabeça dele.

Pensar nas batidas de ontem me deixa ansiosa em relação a Hana de novo. Notícias sobre as batidas estão em todos os jornais. Aparentemente, centenas de pessoas em toda a cidade foram presas ontem à noite, levadas para ser interrogadas ou enviadas sumariamente para as Criptas, mas não ouvi qualquer referência específica à festa em Highlands.

Digo a mim mesma que, se Hana não ligar até hoje à noite, irei à casa dela. Digo a mim mesma que, até lá, não *adianta* me preocupar, mas o sentimento de culpa continua se arrastando em meu estômago.

O velho continua rondando pelo freezer, sem prestar a menor atenção em mim. Ótimo. Visto o avental de novo e em seguida, após verificar que Jed não está olhando, estendo o braço e pego todos os frascos de ibuprofeno — mais ou menos uma dúzia — e guardo-os no bolso do avental.

Em seguida, suspiro alto.

— Jed, preciso que cubra para mim outra vez.

Ele me olha com aqueles olhos azuis embaçados. Pisca, pisca.

— Estou organizando as prateleiras.

— Bem, não temos nenhum analgésico aqui. Não notou?

Ele me encara por longos segundos. Mantenho as mãos fechadas com firmeza atrás das costas. Do contrário, tenho certeza de que a tremedeira me denunciaria. Finalmente, ele balança a cabeça.

— Vou ver se consigo encontrar alguns no depósito. Cuide do caixa, tudo bem? — Saio de trás do balcão devagar, para não fazer barulho, mantendo o corpo ligeiramente afastado e inclinado. Com sorte, Jed não perceberá o volume em meu avental. Este é um sintoma do *delíria* que ninguém menciona: aparentemente, a doença faz de você um perfeito mentiroso.

Contorno uma pilha precária de caixas de papelão amassadas no fundo da loja e entro de lado no depósito, fechando a porta. Infelizmente, ela não tem uma tranca, então arrasto um engradado de potes de geleia de maçã até a porta, caso Jed decida investigar por que minha procura pelos remédios está demorando mais que o normal.

Após um instante, ouço a batida ligeira à porta que dá para o beco. *Tap, tap, tap, tap, tap.*

A porta parece mais pesada que o normal. Preciso de toda a minha força para abri-la.

— Eu disse para bater *quatro* vezes... — falo quando o sol penetra a sala, ofuscando-me temporariamente. E, então, as palavras secam em minha garganta e quase engasgo.

— Oi — diz Hana. Ela está no beco, deslocando o peso do corpo de uma perna para outra, com uma aparência pálida e preocupada. — Tinha esperança de encontrar você aqui.

Por um segundo nem consigo responder. Estou extremamente aliviada — Hana está aqui, ilesa, inteira, bem. — e, ao mesmo tempo, a ansiedade começa a me dominar. Examino o beco rapidamente: nem sinal de Alex. Talvez tenha visto Hana e então fugiu.

— Hum... — Hana franze a testa. — Você vai me deixar entrar ou não?

— Ah, desculpe. Claro, entre.

Ela passa por mim, e lanço um último olhar pelo beco antes de fechar a porta. Fico feliz em vê-la, mas nervosa também. Se Alex aparecer enquanto ela estiver aqui...

Mas ele não aparecerá, digo a mim mesma. *Deve tê-la visto. Deve saber que não é seguro vir agora.* Não que eu esteja preocupada com a possibilidade de Hana me entregar, mas mesmo assim. Depois de todos os sermões que passei sobre segurança e descuido, não a *culparia* por querer me dedurar.

— Está quente aqui — diz Hana, afastando as costas da blusa. Está usando uma camiseta branca e folgada, calças jeans largas e um cinto fino e dourado que destaca a cor de seu cabelo. Mas parece preocupada, cansada e magra. Enquanto ela faz uma volta e observa o depósito, noto pequenos arranhões atrás de seus braços. — Lembra quando

eu vinha ficar aqui com você? Eu trazia revistas e aquele rádio velho e idiota que eu tinha, enquanto você roubava...

— Salgadinhos e refrigerantes da geladeira — concluo a frase. — Sim, lembro.

Era assim que passávamos os verões no ensino fundamental, quando comecei a trabalhar na loja. Eu costumava inventar desculpas para vir aqui atrás o tempo todo, e Hana aparecia em algum momento no começo da tarde e batia suavemente à porta cinco vezes. Cinco vezes. Eu devia ter percebido.

— Recebi seu recado hoje de manhã — diz Hana, virando-se para mim. Seus olhos parecem ainda maiores que o normal. Talvez seja o restante do rosto que parece menor, esquálido de alguma forma. — Passei e não vi você no caixa, então resolvi vir para cá. Não estou com humor para lidar com seu tio.

— Ele não está aqui hoje. — Estou começando a relaxar. Alex já estaria aqui se realmente fosse vir. — Só Jed e eu.

Não sei se Hana me escuta. Ela está roendo a unha do polegar — um hábito nervoso que pensei que ela tivesse abandonado anos atrás — e olhando para o chão como se fosse o pedaço de linóleo mais fascinante que ela já tivesse visto.

— Hana? — chamo-a. — Você está bem?

De repente, ela treme toda, seus ombros se inclinam para a frente e ela começa a soluçar. Só vi Hana chorar duas vezes — uma, quando alguém a atingiu na barriga em uma partida de queimado no segundo ano, e outra, no ano passado, quando vimos uma menina doente ser subjugada pela polícia na frente dos laboratórios, e eles bateram a cabeça dela com tanta força no pavimento que ouvimos o barulho a sessenta metros de distância —, e por um instante fico totalmente paralisada e sem saber o que fazer. Ela não leva as mãos ao rosto nem tenta secar as lágrimas. Apenas fica ali, tremendo tanto que temo que vá cair, com as mãos fechadas nas laterais do corpo.

Estendo o braço e toco seu ombro com minha mão.

— Psiu, Hana. Está tudo bem.

Ela se afasta de mim.

— Não está tudo bem. — Ela respira profundamente e começa a falar em tom apressado: — Você tinha razão, Lena. Tinha razão em relação a tudo. Ontem à noite... foi horrível. Teve uma batida... A festa foi invadida. Ah, meu Deus! Havia pessoas gritando, e cachorros; Lena, havia sangue. Eles estavam batendo nas pessoas, quebrando suas cabeças com porretes como se não fossem nada. As pessoas caíam por todos os lados e foi... Ah, Lena. Foi tão horrível, tão horrível!

Ela envolve a barriga com os braços e se curva, como se estivesse prestes a vomitar.

Começa a falar algo mais, mas o restante das palavras se perde: soluços fortes e agitados fazem seu corpo inteiro tremer. Dou um passo à frente e envolvo-a em um abraço. Por um segundo, ela fica tensa — é muito raro nos abraçarmos, considerando que esse comportamento sempre foi desestimulado —, mas, então, ela relaxa, encosta o rosto em meu ombro e se permite chorar. É um pouco estranho, porque ela é muito mais alta que eu e precisa se curvar. Seria engraçado se a situação não fosse tão horrível.

— Calma... — digo. — Vai ficar tudo bem.

Mas acho as palavras idiotas mesmo ao pronunciá-las. Lembro-me de quando seguro Gracie em meus braços e a embalo até que ela durma, dizendo a mesma coisa enquanto ela grita em meu travesseiro. *Vai ficar tudo bem*. Palavras que não significam nada, na verdade; são apenas sons entoados na vastidão e na escuridão, pequenas tentativas para se segurar em algo quando estamos caindo.

Hana diz algo mais que não entendo. Seu rosto está enterrado em meu ombro, e as palavras saem abafadas.

E, então, começam as batidas. Quatro batidas suaves e claras, uma após a outra.

Hana e eu nos afastamos imediatamente. Ela esfrega um braço no rosto, deixando um rastro de lágrimas do pulso ao cotovelo.

— O que foi isso? — pergunta ela. Sua voz está trêmula.

— O quê? — Meu primeiro pensamento é fingir que não ouvi nada e rezar a Deus para que Alex vá embora.

Toc, toc, toc. Pausa. *Toc*. Outra vez.

— *Isso*. — Uma irritação invade a voz de Hana. Acho que eu deveria ficar feliz por ela não estar chorando mais. — As batidas. — Ela cerra os olhos, encarando-me desconfiada. — Pensei que ninguém usava esta entrada.

— E ninguém usa. Quer dizer... Às vezes... Quer dizer, o pessoal da entrega... — Estou tropeçando em minhas palavras, rezando para que Alex vá embora, buscando uma mentira que não vem. Lá se vai minha nova habilidade.

Então, Alex passa a cabeça pela porta e chama:

— Lena?

Ele vê Hana primeiro e fica paralisado, com metade do corpo para dentro e metade para o beco.

Por um minuto, ninguém fala. O queixo de Hana literalmente cai. Ela se vira de Alex para mim e de novo para Alex, tão depressa que parece que sua cabeça vai cair do pescoço. Alex também não sabe o que fazer. Ele simplesmente continua completamente parado, como se pudesse ficar invisível se não se mexesse.

E é a resposta mais idiota do mundo, mas tudo o que consigo dizer é:

— Você está atrasado.

Hana e Alex falam ao mesmo tempo.

— Você disse para ele encontrar você? — pergunta ela.

— Fui parado por uma patrulha. Precisei mostrar meus documentos — diz ele.

Hana fica séria no mesmo instante. É por isso que a admiro: em um segundo, ela está histérica, aos prantos, e, no seguinte, está totalmente controlada.

— Entre — diz ela — e feche a porta.

Alex obedece. E então fica ali, pouco à vontade, mexendo os pés. Seu cabelo está bagunçado de um jeito estranho, e naquele segundo ele parece tão jovem, bonito e nervoso que sinto um impulso louco de ir até ele, na frente de Hana, e beijá-lo.

Mas Hana destrói esse impulso bem rapidamente. Ela se vira para mim, cruza os

braços e me lança um olhar que posso jurar que ela roubou da Sra. McIntosh, a diretora do St. Anne.

— Lena Ella Haloway Tiddle — diz ela. — Você tem algumas explicações para me dar.

— Seu nome do meio é Ella? — solta Alex.

Hana e eu lançamos olhares mortais para ele, que dá um passo para trás e abaixa a cabeça.

— Hum... — As palavras ainda não surgem com facilidade. — Hana, você se lembra de Alex.

Ela mantém os braços cruzados e estreita os olhos.

— Ah, eu me *lembro* de Alex. O que não lembro é por que Alex está *aqui*.

— Ele... Bem, ele ia entregar... — Continuo procurando uma explicação convincente, mas, como sempre, meu cérebro escolhe aquele segundo para desligar. Olho, impotente, para Alex.

Ele dá de ombros discretamente, e por um segundo apenas nos encaramos. Ainda não estou acostumada a vê-lo, a estar perto dele, e de novo tenho a sensação de me perder em seus olhos. Mas, dessa vez, não sinto tonteira. É o oposto — firmeza, como se ele sussurrasse sem usar palavras, dizendo que está ali, está comigo e que está tudo bem.

— Conte a ela — diz ele.

Hana se apoia nas prateleiras cheias de pacotes de papel higiênico e latas de feijão, relaxando o braço apenas o bastante para que eu saiba que ela não está irritada, e me lança um olhar como se dissesse: *É* bom *me contar*.

Então eu falo. Não sei quanto tempo teremos até Jed se cansar de cuidar do caixa, então tento ser breve. Falo sobre ter encontrado Alex em Roaring Brook e sobre nadar com ele até as boias na praia em East End e o que ele me disse quando estávamos no mar. Engasgo um pouquinho na palavra *Inválido*, e os olhos de Hana se arregalam — só por um segundo, vejo uma expressão de alarme em seu rosto —, mas ela se controla muito bem. Concluo falando de ontem à noite, de ter saído para encontrá-la e alertar quanto à batida, do cachorro, e de Alex ter me salvado. Quando descrevo o esconderijo no abrigo, fico nervosa de novo — não falo dos beijos, mas não consigo deixar de pensar neles —, mas Hana está boquiaberta outra vez, e obviamente chocada, então acho que não percebe.

Sua única resposta ao fim da história é:

— Então você esteve lá? Foi até lá ontem à noite?

Sua voz está estranha e trêmula, e temo que ela recomece a chorar. Ao mesmo tempo, sinto uma enorme onda de alívio. Ela não vai ter um ataque em relação a Alex ou ficar com raiva por eu não ter contado antes.

Confirmo com a cabeça.

Ela balança a cabeça, encarando-me como se nunca tivesse me visto antes.

— Não posso acreditar. Não posso acreditar que saiu durante uma batida... Por

mim.

— É, bem... — Mexo-me pouco à vontade. Parece que estou falando há horas e que Hana e Alex me encararam o tempo todo. Minhas bochechas estão ardendo.

Nesse instante, ouço uma batida alta à porta que dá para a loja, e Jed me chama:

— Lena? Você está aí?

Gesticulo freneticamente para Alex. Hana o empurra para trás da porta no mesmo instante em que Jed começa a empurrá-la pelo outro lado. Ele consegue abri-la apenas alguns centímetros antes que ela bata no engradado dos potes de geleia de maçã.

Naqueles poucos centímetros, posso ver um dos olhos de Jed piscando para mim, em tom de reprovação.

— O que está fazendo aí?

Hana aparece e acena.

— Oi, Jed — diz ela, alegre, mais uma vez entrando sem qualquer esforço no modo alegria em público. — Só vim entregar uma coisa a Lena, e aí começamos a fofocar.

— Temos clientes — diz Jed, mal-humorado.

— Saio em um segundo — digo, tentando imitar o tom de Hana. O fato de Jed e Alex estarem separados por apenas alguns centímetros de compensado é assustador.

Jed resmunga e recua, voltando a fechar a porta. Hana, Alex e eu nos olhamos em silêncio. Nós três exalamos ao mesmo tempo, um suspiro coletivo de alívio.

Quando Alex fala novamente, é um sussurro.

— Trouxe algumas coisas para sua perna — diz ele. Ele coloca a mochila no chão, retirando, em seguida, água oxigenada, pomada antibactericida, gazes, esparadrapo e bolas de algodão. Ele se ajoelha diante de mim. — Posso? — diz ele. Dobro a barra da calça, e ele começa a desenrolar as tiras da camiseta. Não acredito que Hana está ali, vendo um garoto, um Inválido, tocar minha pele. Sei que ela jamais teria esperado por isso e desvio o olhar, envergonhada e orgulhosa ao mesmo tempo.

Hana inspira de repente quando o curativo improvisado deixa minha perna. Sem querer, fiquei de olhos bem-fechados o tempo todo.

— Caramba, Lena — diz ela. — Aquele cachorro pegou você com vontade.

— Ela vai ficar bem — diz Alex, e a confiança tranquila em sua voz faz uma onda de calor se espalhar por todo o meu corpo. Abro um olho e dou uma olhada na panturrilha. Meu estômago se revira. Parece que um pedaço enorme de minha perna foi arrancado. Alguns centímetros quadrados de pele simplesmente sumiram.

— Talvez você devesse ir ao hospital — diz Hana, apreensiva.

— E dizer o que a eles? — Alex retira a tampa da água oxigenada e começa a molhar as bolas de algodão. — Que ela se machucou durante uma batida policial em uma festa clandestina?

Hana não responde. Ela sabe que não posso ir ao médico. Eu seria presa nos laboratórios ou jogada nas Criptas antes de terminar de falar meu nome.

— Não está doendo tanto assim — digo, o que é mentira.

Hana me lança de novo aquele olhar, como se não nos conhecêssemos, e percebo

que ela está de fato, e possivelmente pela primeira vez, impressionada comigo. Admirada, até.

Alex espalha uma camada espessa de pomada e depois começa uma luta com a gaze e o esparadrapo. Não preciso perguntar onde conseguiu tantos suprimentos. Outro benefício de ter livre acesso aos laboratórios, presumo.

Hana se ajoelha.

— Você está fazendo errado — diz ela, e é um alívio ouvir seu tom normal e mandão. Quase rio. — Minha prima é enfermeira. Eu faço.

Ela praticamente tira Alex do caminho com uma cotovelada. Ele se afasta e levanta as mãos, em rendição.

— Sim, senhora — diz ele, piscando para mim.

E então começo a rir. Sou tomada por acessos de risada e preciso cobrir a boca com as mãos para não gritar ou ofegar e nos denunciar. Por um instante Hana e Alex simplesmente me encaram, espantados, mas em seguida olham-se e abrem um sorriso bobo.

Sei que estamos pensando a mesma coisa.

É uma loucura. É uma besteira. É perigoso. Mas de algum jeito, estar nesse depósito abafado, cercados por caixas de macarrão com queijo, latas de beterraba e talco de bebê, faz de nós um time.

Somos nós contra eles, três contra muitos milhares. Mas, por algum motivo, e apesar de ser absurdo, naquele instante me sinto muito bem em relação às nossas chances.

dezesseis

Infelicidade é submissão; portanto, felicidade é liberdade.
A maneira de se encontrar a felicidade é através da cura.
Portanto, é somente através da cura que se pode encontrar
a liberdade.

— *Vai doer? Dúvidas comuns e respostas sobre a intervenção*, Associação dos Cientistas Americanos, Cartilha da Agência Oficial do Governo dos EUA, 9ª edição.

Depois disso encontro um meio de ver Alex quase todo dia, mesmo quando preciso trabalhar na loja. Às vezes, Hana vai conosco. Passamos bastante tempo na enseada Back, geralmente à noite, depois que todos já foram embora. Já que Alex está registrado como curado, não é tecnicamente ilegal que passemos algum tempo juntos, mas se alguém soubesse *quanto* tempo passamos juntos — ou nos visse rindo, mergulhando, fazendo guerra de água ou apostando corrida perto dos paludes —, certamente desconfiaria. Então, quando andamos pela cidade, tomamos o cuidado de ficar afastados; Hana e eu em uma calçada, Alex em outra. Além disso, procuramos pelas ruas mais vazias, os parques degradados, as casas abandonadas — lugares nos quais não seremos vistos.

Voltamos às casas em Deering Highlands. Finalmente entendo como Alex conseguiu encontrar o abrigo na noite da batida e como percorria os corredores tão bem na escuridão. Há anos ele passa algumas noites por mês nas casas abandonadas; ele gosta de dar um tempo do barulho e da confusão de Portland. Ele não diz, mas sei que ocupar essas casas abandonadas deve fazer com que ele se lembre da Selva.

Uma casa em particular se torna nossa favorita: rua Brooks, trinta e sete, uma antiga casa colonial onde morava uma família de simpatizantes. Como muitas outras casas em Deering Highlands, a propriedade foi fechada e isolada desde a grande investida que esvaziou a área, mas Alex nos mostra uma forma de entrarmos por uma placa solta que cobre uma das janelas do primeiro andar. É estranho: apesar de o lugar ter sido saqueado, alguns dos móveis maiores e dos livros continuam ali, e se não fosse pelas manchas negras de fumaça subindo pelas paredes e pelo teto, parece que os donos poderiam voltar a qualquer instante.

Na primeira vez em que visitamos essa casa, Hana caminha à nossa frente, chamando pelos cômodos escuros:

— Olá! Olá!

Estremeço no escuro e no frio repentinos. Após o sol ofuscante na rua, o ambiente

causa um choque. Alex me puxa para perto dele. Finalmente estou me acostumando a seu toque e não me encolho ou olho por cima do ombro cada vez que ele se inclina para um beijo.

— Quer dançar? — provoca ele.

— Ora — respondo, e o afasto.

É estranho conversar em voz alta em um lugar tão silencioso. A voz de Hana chega até nós, soando distante, e me pergunto quão grande é a casa e quantos quartos tem, todos cobertos pela mesma camada espessa de poeira e imersos nas sombras.

— Estou falando sério — diz ele, e abre os braços. — É o lugar perfeito.

Estamos no meio do que deve ter sido uma bela sala. É enorme — maior que todo o primeiro andar do apartamento de Carol e William. O teto se perde na escuridão e um lustre gigantesco pende sobre nós, piscando vagamente devido aos feixes limitados de luz do sol que vazam pelas janelas lacradas. Prestando atenção, é possível escutar os ratos se movendo dentro das paredes. Mas, de alguma forma, não é nojento nem assustador. De alguma forma, é legal e me faz pensar em florestas e em ciclos infinitos de crescimento, morte e renascimento — como se, na verdade, estivéssemos escutando a casa se dobrando à nossa volta, centímetro por centímetro.

— Não tem música — digo.

Alex dá de ombros, pisca e estende a mão.

— Música não é tão importante — responde.

Permito que ele me puxe para perto, de modo que ficamos colados. Ele é tão mais alto do que eu que minha cabeça mal alcança seus ombros, e posso sentir seu coração batendo no peito, que é todo o ritmo de que precisamos.

A melhor parte da casa número trinta e sete da rua Brooks é o jardim nos fundos. Um enorme gramado descuidado passa por entre árvores antigas, tão grossas, nodosas e tortas que seus galhos se juntam no alto e formam uma tenda. A luz do sol passa pelas copas e dá à grama um tom branco pálido. O jardim inteiro parece tão fresco e quieto quanto a biblioteca da escola. Alex traz um cobertor e o deixa dentro da casa. Sempre que voltamos, nós o estendemos na grama e ficamos os três deitados ali, às vezes durante horas, conversando sobre qualquer assunto e rindo. Às vezes, Hana ou Alex compram comida para um piquenique, e, certa ocasião, consegui pegar três latas de refrigerante e uma caixa inteira de chocolates da loja de meu tio, e ficamos totalmente alucinados com a quantidade de açúcar que consumimos e brincamos como crianças — pega-pega, pique-esconde e cabra-cega.

Alguns dos troncos são tão largos quanto quatro caçambas de lixo juntas, e tiro uma foto de Hana, rindo, tentando abraçar um deles. Alex diz que as árvores devem estar aqui há centenas de anos, o que faz com que Hana e eu nos calemos. Isso significa que elas estavam aqui *antes* — antes de as fronteiras serem fechadas, antes de os muros serem erguidos, antes de a doença ser empurrada para a Selva. Quando ele diz isso, algo dói em minha garganta. Eu queria poder saber como era o mundo naquela época.

Durante quase todo o tempo, no entanto, Alex e eu ficamos sozinhos, e Hana nos dá

cobertura. Após semanas e semanas sem vê-la, de repente estou indo para a casa de Hana todos os dias — e, às vezes, duas vezes em um dia (quando encontro Alex e, depois, quando *de fato* vou ver Hana). Felizmente, minha tia não se intromete. Acho que ela presume que brigamos e agora estamos recuperando o tempo perdido, o que não deixa de ser verdade e me serve muito bem. Estou mais feliz do que me lembro de jamais ter sido. Estou mais feliz do que jamais sonhei. E quando digo a Hana que nunca poderei retribuir sua ajuda, ela simplesmente sorri e diz:

— Você já retribuiu.

Não sei ao certo o que ela quer dizer com isso, mas estou feliz por tê-la novamente comigo.

Quando Alex e eu estamos sozinhos, não fazemos muita coisa — apenas nos sentamos e conversamos —, mas, mesmo assim, o tempo parece voar, rápido como fogo em mato seco. Em um minuto, são três horas da tarde. No que parece o minuto seguinte, eu juro, a luz está sumindo do céu e já é quase hora do toque de recolher.

Alex me conta histórias de sua vida: de seus "tios" e um pouco do trabalho que eles fazem, embora ainda seja bastante vago em relação aos objetivos dos simpatizantes e dos Inválidos e o que eles estão fazendo para atingi-los. Tudo bem. Não sei se quero saber. Quando ele fala sobre a necessidade de resistência, há uma dureza em sua voz e raiva contida em suas palavras. Nesses momentos, e apenas por alguns segundos, ainda tenho medo dele, ainda ouço a palavra *Inválido* ressoando em meu ouvido.

Mas, em geral, Alex me fala de assuntos normais, de uma torta salgada que sua tia prepara ou de como seu tio sempre fica um pouquinho bêbado quando está junto de Alex e repete as mesmas histórias sobre o passado. Ambos foram curados, e quando pergunto se seus tios não são mais felizes agora, ele dá de ombros e diz:

— Eles sentem falta da dor também.

Isso me parece inacreditável, e ele me olha de esguelha e diz:

— É nesse momento que você realmente perde as pessoas, sabe? Quando a dor passa.

Mas, principalmente, ele fala da Selva e das pessoas que moram lá, e deito a cabeça em seu peito, fecho os olhos e sonho com aquilo: com uma mulher que todos chamam de Caitlin Louca, que faz enormes sinos de vento com sucata e latas amassadas; com o Vovô Jones, que deve ter, no mínimo, noventa anos e ainda caminha pelo bosque todos os dias, à procura de frutas silvestres e animais para comer; com acampamentos e noites dormidas sob as estrelas e com ficar acordada até tarde para cantar, conversar e comer enquanto o céu noturno fica nebuloso por causa da fumaça.

Sei que ele ainda vai à Selva algumas vezes e que a considera seu verdadeiro lar. Ele quase afirma isso quando lhe digo uma vez que lamentava não poder ir à sua casa e ver seu apartamento na rua Forsyth, onde ele mora desde que começou a faculdade — se algum de seus vizinhos me visse entrando no prédio com ele, seria nosso fim. Mas ele me corrige rapidamente:

— Aquela não é minha casa.

Ele admite que ele e outros Inválidos encontraram um modo de entrar e sair da Selva, mas quando peço detalhes, ele se cala.

— Um dia, quem sabe, você verá. — Isso é tudo o que ele diz, e fico ao mesmo tempo apavorada e empolgada.

Pergunto-lhe sobre meu tio, que escapou antes que pudesse ser julgado, e Alex franze o rosto e balança a cabeça.

— Quase ninguém usa o nome verdadeiro na Selva — diz ele, dando de ombros. — Mas ele não me parece familiar.

Alex explica que há milhares e milhares de assentamentos por todo o país. Meu tio pode ter ido a qualquer lugar, norte, sul ou oeste. Ao menos sabemos que não foi para o leste, pois teria ido parar no oceano. Alex me conta que nos Estados Unidos há pelo menos tantos quilômetros quadrados de áreas selvagens quanto de cidades reconhecidas. Isso é tão incrível para mim que por um tempo não consigo acreditar, e quando conto a Hana, ela também não acredita.

Alex também é um bom ouvinte e consegue ficar em silêncio durante horas enquanto falo como foi crescer na casa de Carol e como todos pensam que Gracie não consegue falar e só eu sei a verdade. Ele ri alto quando descrevo Jenny, com seu olhar convencido, o rosto de velha e o hábito de me olhar de cima como se *eu* tivesse nove anos.

Com ele sinto-me à vontade para falar de minha mãe e de como era quando ela estava viva e éramos só nós três — ela, Rachel e eu. Falo das festas e da maneira como minha mãe costumava cantar músicas de ninar, apesar de eu só conseguir lembrar alguns fragmentos das canções. Talvez seja a maneira como ele me ouve, tão quieto, e me encara com seus olhos brilhantes e carinhosos, sem nunca me julgar. Certa vez, falo até as últimas palavras de minha mãe, e ele simplesmente fica acariciando minhas costas quando de repente sinto que estou prestes a chorar. A sensação passa. O calor de suas mãos a afasta de mim.

E, é claro, nós nos beijamos. Beijamos tanto que, quando não estamos nos beijando, tudo parece estranho, como se eu estivesse acostumada a respirar através dos seus lábios.

Lentamente, conforme vamos ficando mais à vontade, também começo a explorar outras partes de seu corpo. A estrutura delicada de suas costelas sob a pele, seu peito e seus ombros, que parecem pedra esculpida, os suaves pelos claros em suas pernas, a maneira como sua pele sempre cheira um pouco como o mar — tudo lindo e estranho. Mais louco ainda é que também deixo que ele me olhe. No começo, permito apenas que ele puxe a manga de minha blusa para o lado e beije minha clavícula e meus ombros. Depois, deixo que ele tire minha blusa, me deite ao sol e simplesmente me olhe. Na primeira vez, tremo. Sinto constantemente o impulso de cruzar os braços e cobrir os seios, esconder-me. De repente, percebo como fico pálida ao sol e quantas pintas cobrem meu corpo e tenho certeza de que ele está me olhando e pensando em como sou errada ou deformada.

Mas ele simplesmente fala baixinho:

— Linda.

E quando seus olhos encontram os meus, sei que ele realmente, verdadeiramente, está sendo sincero.

Naquela noite, pela primeira vez na vida, coloco-me diante do espelho do banheiro e não vejo uma menina como outra qualquer. Pela primeira vez, com o cabelo penteado para trás, a camisola escorregando por um ombro e os olhos brilhando, acredito no que Alex disse. Sou linda.

Mas não apenas eu. *Tudo* parece lindo. A *Shhh* diz que o *delíria* altera a percepção, compromete a capacidade de raciocinar com clareza e impede julgamentos corretos. Mas ela não diz o seguinte: o amor transforma o mundo inteiro em algo maior. Mesmo o lixo, brilhando no calor, um amontoado enorme de sucata, plásticos derretidos e sujeira, parece estranho e milagroso, como um mundo alienígena transportado para a Terra. À luz da manhã, as gaivotas empoleiradas no teto da prefeitura parecem ter sido cobertas com uma tinta branca espessa; quando elas se destacam sob o céu azul-claro, penso que nunca vi nada tão intenso, claro e bonito. Tempestades são incríveis: cacos de vidros caindo, o ar cheio de diamantes. O vento sussurra o nome de Alex e o oceano repete; as árvores balançando me fazem pensar em dança. Tudo o que vejo e toco me faz lembrar dele, e, então, tudo o que vejo e toco é perfeito.

A *Shhh* também não menciona que o tempo começa a fugir de você.

O tempo pula. Salta. Escoa como água através dos dedos. Toda vez que vou até a cozinha e vejo que o calendário avançou mais um dia, recuso-me a acreditar. Uma sensação nauseante cresce em meu estômago, pesada como chumbo, e parece piorar a cada dia.

Trinta e três dias até a intervenção.

Trinta e dois dias.

Trinta dias.

E, enquanto isso, instantes, momentos, meros segundos; Alex passando sorvete de chocolate em meu nariz depois que reclamei do calor; o zumbido pesado das abelhas voando sobre nós no jardim; uma linha perfeita de formigas marchando silenciosamente pelos restos de nosso piquenique; os dedos de Alex em meu cabelo; a curva de seu cotovelo sob minha cabeça; Alex sussurrando "Queria que você pudesse continuar comigo" quando mais um dia se esgota no horizonte, vermelho, cor-de-rosa e dourado; observar o céu, inventando formatos para as nuvens — uma tartaruga de chapéu, uma toupeira carregando uma abobrinha, um peixinho perseguindo um coelho, que corre para se salvar.

Instantes, momentos, meros segundos: tão frágeis, lindos e indefesos quanto uma borboleta voando contra o vento forte.

dezessete

Houve muita discussão na comunidade científica sobre se o desejo é sintoma de um sistema infectado com amor deliria nervosa *ou uma precondição para a doença propriamente dita. Concorda-se unanimemente, no entanto, que o amor e o desejo vivem uma relação simbiótica, o que significa que um não pode existir sem o outro. O desejo é inimigo do contentamento; desejo é doença, um cérebro febril. Quem pode ser considerado saudável desejando? A própria palavra querer sugere uma falta, um empobrecimento, e é isso o que o desejo é: um empobrecimento do cérebro, um defeito, um erro. Felizmente, agora isso pode ser corrigido.*

— *As raízes e repercussões do* amor deliria nervosa *no funcionamento cognitivo,* Dr. Phillip Berryman, 4ª edição.

Agosto se acomoda em Portland, soprando seu ar quente e fedido em cima de tudo. As ruas são insuportáveis durante o dia, o sol é implacável e as pessoas invadem os parques e as praias, desesperadas por sombras ou brisas. Fica mais difícil ver Alex. A praia em East End — normalmente vazia — está quase sempre cheia, mesmo à noite, depois que saio do trabalho. Vou encontrá-lo duas vezes, e está perigoso demais para conversarmos ou fazermos sinais um para o outro, exceto por um rápido aceno de cabeça aceitável entre dois estranhos. Então, estendemos nossas toalhas na areia, a cinco metros de distância. Ele põe os fones de ouvido e eu finjo ler. Sempre que nossos olhos se encontram, meu corpo inteiro se acende como se ele estivesse deitado a meu lado, acariciando minhas costas, e, apesar de ele manter a expressão séria, percebo por seus olhos que está sorrindo. Nada nunca foi tão doloroso ou delicioso quanto estar tão perto dele e não poder fazer nada: é como tomar sorvete muito rápido em um dia quente e ficar com dor de cabeça por isso. Começo a entender o que Alex disse sobre os "tios" — sobre como eles sentiam falta até mesmo da dor após a intervenção. De algum jeito, a dor só deixa a situação melhor, mais intensa, mais valiosa.

Como as praias estão fora de cogitação, ficamos na casa trinta e sete da rua Brooks. O jardim está sofrendo com o calor. Não chove há mais de uma semana, e os raios de sol — que em julho desciam suavemente através das copas das árvores, como passos levíssimos — agora cortam como adagas a tenda de galhos, deixando a grama marrom. Até as abelhas parecem inebriadas no calor, circulando lentamente, colidindo, batendo nas flores ressecadas antes de caírem no chão e voltarem a voar, entorpecidas.

Em uma tarde, Alex e eu estamos deitados no cobertor. Estou de costas na grama, e o céu parece se desfazer em tons cambiantes de azul, verde e branco. Alex está de bruços

e parece nervoso com algo. Ele não para de acender fósforos, observando-os queimar e soprando-os somente quando o fogo está quase em seus dedos. Penso no que ele me disse aquela vez no abrigo: em sua raiva ao vir para Portland e em como ele costumava queimar coisas.

Há tanto que não sei a seu respeito — tanto passado e história enterrados em algum lugar dentro dele. Alex teve de aprender a escondê-los ainda mais do que a maioria de nós. Em algum lugar, imagino, ele preserva uma espécie de núcleo. Algo que brilha como um carvão sendo lentamente comprimido até formar um diamante, sufocado por camadas e mais camadas de solo.

Há tanto que não perguntei, tantos assuntos sobre os quais nunca falamos. Porém, sob outros aspectos, sinto que *realmente* o conheço e que sempre o conheci, sem precisar que ele me conte nada.

— Deve estar agradável na Selva agora — digo de repente, só por falar. Alex se vira para mim, e gaguejo rapidamente: — Quer dizer... deve ser mais fresco do que aqui. Por causa de todas as árvores e sombras.

— E é. — Ele se apoia em um cotovelo. Fecho os olhos e vejo pontos de cor e de luz dançando atrás das pálpebras. Por um segundo, Alex não diz nada, mas posso sentilo me olhando. — Poderíamos ir lá — diz ele, afinal.

Imagino que ele esteja brincando, então começo a rir. No entanto, ele fica quieto, e quando abro os olhos, vejo que seu rosto está completamente sério.

— Você não está falando sério — digo, mas um poço profundo de medo já se abriu dentro de mim, e sei que Alex está. De algum jeito, sei também que é por isso que ele passou o dia tão estranho: ele sente falta da Selva.

— Poderíamos ir, se você quiser. — Ele me olha por mais um instante e, então, volta à posição em que estava antes. — Poderíamos ir amanhã. Depois de seu turno.

— Mas como nós... — começo a dizer.

Ele me interrompe.

— Deixe isso comigo. — Por um instante seus olhos parecem mais escuros e profundos do que nunca, como túneis. — Quer ir?

Parece errado falar sobre isso tão casualmente, deitada em um cobertor, então me sento. Atravessar a fronteira é uma ofensa capital, punida com morte. E, mesmo sabendo que Alex ainda faz isso algumas vezes, eu não tinha me dado conta até agora da dimensão do risco.

— Não tem como — digo, quase em um sussurro. — É impossível. A cerca, os guardas, as *armas*...

— Já disse. Deixe comigo. — Ele também se senta, estende a mão e afaga meu rosto rapidamente, sorrindo. — Tudo é possível, Lena — diz ele, uma de suas expressões preferidas. O medo retrocede. Sinto-me bastante segura com ele. Não consigo acreditar que algo ruim possa acontecer quando estamos juntos. — Algumas horas — acrescenta. — Só para você conhecer.

Desvio o olhar.

— Não sei.

Minha garganta parece ressecada; as palavras arranham-na ao saírem.

Alex se inclina para a frente, me dá um rápido beijo no ombro e se deita de novo.

— Não tem problema — diz ele, erguendo um dos braços para proteger os olhos do sol. — Achei que você talvez estivesse curiosa, só isso.

— Estou curiosa. Mas...

— Lena, tudo bem se você não quiser ir. Sério. Foi só uma ideia.

Faço que sim com a cabeça. Apesar de minhas pernas estarem grudentas de suor, abraço-as junto ao peito. Sinto-me incrivelmente aliviada, mas também decepcionada. De repente, eu me lembro da vez em que Rachel me desafiou a mergulhar de costas no píer da praia de Willard. Fiquei na ponta do píer, tremendo, assustada demais para pular. Depois de um tempo, ela me liberou do desafio, abaixando-se para sussurrar *Tudo bem, Lena-Loo. Você não está pronta.* Tudo o que eu queria era me afastar do píer, mas, enquanto voltávamos para a praia, eu sentia vergonha e mal-estar.

E só então percebo:

— Eu quero ir — solto.

Alex tira o braço de cima do rosto.

— Sério?

Concordo com a cabeça, com medo de repetir as palavras. Temo que, se abrir a boca, eu recue.

Alex se senta lentamente. Achei que ele fosse ficar mais animado, mas ele não sorri. Apenas morde a parte interna do lábio e desvia o olhar.

— Significa quebrar o toque de recolher.

— Significa quebrar *muitas* regras.

Então, ele me olha com o rosto tão cheio de preocupação que faz algo doer dentro de mim.

— Ouça, Lena... — Ele olha para baixo e reorganiza o montinho de fósforos que fez, colocando-os cuidadosamente lado a lado. — Talvez não seja uma ideia tão boa. Se formos pegos... Quer dizer, se *você* for pega... — Ele respira fundo. — Quer dizer, se alguma coisa acontecer com você, eu jamais me perdoaria.

— Confio em você — digo, e estou sendo cento e cinquenta por cento sincera.

Ele ainda não olha para mim.

— É, mas... A pena por atravessar... — Ele respira fundo outra vez. — A pena por atravessar é... — No último segundo, ele não consegue dizer *morte*.

— Ei. — Cutuco-o gentilmente. É incrível como podemos nos sentir tão protegidos por alguém e, ao mesmo tempo, sentir que morreríamos ou faríamos de tudo apenas pela chance de também proteger essa pessoa. — Eu conheço as regras. Vivo aqui há mais tempo que você.

Ele então sorri e me cutuca de volta.

— De jeito nenhum.

— Nascida e criada aqui. Você é um transplantado. — Cutuco-o de novo, um pouco

mais forte, e ele ri e tenta pegar meu braço. Encolho-me, dando risadinhas, e ele se estica para fazer cócegas em minha barriga. —Caipira! — grito, enquanto ele me agarra e tenta me segurar no cobertor, rindo.

— Patricinha — diz ele, vindo para cima de mim e me beijando. Tudo se desfaz: calor, explosões de cor, leveza.

* * *

Concordamos em nos encontrar na enseada Back na noite seguinte, uma quarta-feira; como só volto a trabalhar no sábado, deve ser relativamente fácil convencer Carol a me deixar dormir na casa de Hana. Alex me passa alguns dos pontos principais do plano. Atravessar a fronteira não é *impossível*, mas praticamente ninguém se arrisca. Acho que toda essa história de pena de morte não é um grande atrativo.

Não vejo como conseguiremos passar pela cerca elétrica, mas Alex me explica que apenas alguns trechos dela são realmente eletrificados. Estender a corrente de eletricidade por quilômetros e quilômetros seria algo caro demais, então relativamente poucos segmentos da cerca estão realmente "ligados": o restante é tão perigoso quanto a cerca ao redor do parquinho em Deering Oaks. Mas, contanto que todos *acreditem* que a estrutura inteira está ligada a uma potência suficiente para fritar uma pessoa como um ovo em uma frigideira, a cerca cumpre muito bem seu propósito.

— É tudo apenas um truque — diz Alex, acenando vagamente. Presumo que ele se refira a Portland, às leis, talvez ao país inteiro. Quando ele fica sério, uma pequena ruga se forma entre as suas sobrancelhas, uma pequena vírgula, e é a coisa mais fofa que já vi. Tento me manter concentrada.

— Ainda não consigo entender como você sabe tudo isso — digo. — Quer dizer, como vocês descobriram? Foram jogando pessoas na cerca para descobrir em quais lugares elas fritavam?

Alex sorri brevemente.

— Segredo. Mas posso dizer que houve alguns experimentos baseados na observação de animais selvagens. — Ele ergue as sobrancelhas. — Já comeu castor frito?

— Eca.

— Ou gambá frito?

— Agora você só está *tentando* me deixar com nojo.

Há mais de nós do que você imagina: essa é outra das expressões preferidas de Alex, constantemente repetida. Há simpatizantes por todos os lados, não curados *e* curados, trabalhando como reguladores, policiais, funcionários do governo, cientistas. É assim que passaremos pelas guaritas, ele me diz. Uma das simpatizantes mais ativas de Portland foi pareada com o guarda noturno da extremidade norte da ponte Tukey, exatamente por onde atravessaremos. Alex e ela desenvolveram um sinal. Nas noites em

que quer atravessar, ele deixa um folheto em sua caixa de correio, como aqueles papéis xerocados idiotas distribuídos por restaurantes e lavanderias. Esse faz propaganda de um exame oftalmológico gratuito com o Dr. Silva (o que me parece bastante óbvio, mas Alex diz que os resistentes e os simpatizantes vivem sob tanto estresse que precisam se permitir piadinhas internas), e sempre que ela o encontra, certifica-se de colocar uma dose extragrande de Valium no café que prepara para o marido tomar durante o trabalho.

— Coitado — diz Alex, sorrindo. — Não importa quanto café ele tome, simplesmente não consegue ficar acordado. — Dá para perceber o quanto a resistência é importante para Alex, e o quanto ele se orgulha por ela estar ali, saudável, forte, estendendo seus tentáculos por toda Portland. Tento sorrir, mas minhas bochechas parecem rígidas. Ainda me espanta saber que tudo o que aprendi é tão errado, e ainda é difícil pensar em simpatizantes e resistentes como aliados, e não como inimigos.

No entanto, atravessar a fronteira me tornará uma deles, sem sombra de dúvida. Ao mesmo tempo, não posso considerar seriamente a possibilidade de desistir agora. *Quero* ir; e, para ser sincera, tornei-me uma simpatizante há muito tempo, quando Alex me perguntou se eu queria encontrá-lo na enseada Back e eu disse sim. Parece que tenho apenas memórias difusas da menina que eu era antes — a menina que sempre fazia o que mandavam, nunca mentia, e contava os dias até a intervenção com ansiedade, e não pavor e medo. A menina que tinha medo de tudo e de todos. A menina que tinha medo de si mesma.

Quando volto da loja para casa no dia seguinte, faço questão de perguntar a Carol se posso usar seu celular. Então, envio uma mensagem para Hana: *Dormir aí hj, c/ A?* Este tem sido nosso código ultimamente sempre que preciso que Hana me dê cobertura. Dissemos a Carol que temos passado muito tempo com Allison Doveney, que acabou de se formar conosco. Os Doveney são ainda mais ricos que a família de Hana, e Allison é uma idiota arrogante. Inicialmente, Hana protestou contra usarmos Allison como o misterioso "A", dizendo que não queria nem pensar em *fingir* que passaria algum tempo com ela, mas eu a convenci. Carol jamais ligaria para os Doveney para me procurar. Ela se sentiria intimidada demais e provavelmente envergonhada — minha família é impura, marcada pela deserção do marido de Marcia e, claro, por minha mãe, e o Sr. Doveney é o presidente e fundador da filial de Portland da ASD, América Sem *Deliria*. Allison Doveney não suportava olhar para mim quando estudávamos juntas, e na época do primário depois que minha mãe morreu, ela pediu para trocar de mesa, para ficar ainda mais longe de mim, dizendo à professora que eu tinha cheiro de algo em decomposição.

A resposta de Hana é quase imediata: *Blz. Até mais.*

Fico imaginando o que Allison pensaria se soubesse que a tenho utilizado como disfarce para encontrar meu namorado. Teria um ataque, com certeza, e esse pensamento me faz sorrir.

Um pouco antes das oito horas desço as escadas com a mochila pendurada visivelmente em meu ombro. Até deixei um pedaço do pijama para fora. Preparei a

mochila exatamente como faria se realmente estivesse indo para a casa de Hana. Quando Carol me lança um sorriso breve e deseja que eu me divirta, sinto uma leve pontada de culpa. Minto com muita frequência e facilidade agora.

Mas não é o suficiente para me conter. Quando estou na rua, sigo em direção a West End, caso Jenny ou Carol estejam me observando da janela. Somente quando chego à rua Spring mudo meu trajeto em direção à avenida Deering e sigo para a casa na rua Brooks. A caminhada é longa, e chego a Deering Highlands com os últimos raios de luz no céu. Como sempre, as ruas daqui estão desertas. Passo pelo portão enferrujado que cerca a propriedade, afasto as ripas de madeira soltas que cobrem uma das janelas do térreo e entro na casa.

A escuridão me surpreende, e por um instante fico ali, piscando até meus olhos se acostumarem à pouca luz. O ar parece grudento e rançoso, e a casa cheira a bolor. Várias formas começam a surgir, e vou até o sofá com manchas de mofo na sala. As molas estão arrebentadas e metade do estofamento foi arrancada, provavelmente por ratos, mas dá para perceber que ele deve ter sido bonito — elegante, até.

Pego o relógio na mochila e programo o alarme para onze e meia. Será uma longa noite. Então, estico-me no sofá cheio de calombos, ajeitando a mochila sob a cabeça. Não é o travesseiro mais confortável do mundo, mas vai servir.

Fecho os olhos e deixo que os ruídos dos ratos e os grunhidos baixos e misteriosos nas paredes me embalem.

* * *

Acordo na escuridão após um pesadelo com minha mãe. Sento-me ereta e por um segundo de pânico não sei onde estou. As molas estragadas rangem embaixo de mim, e então lembro: a casa na rua Brooks. Procuro meu despertador e vejo que já são onze e vinte. Sei que deveria me levantar, mas ainda me sinto grogue por causa do calor e do sonho, e por mais alguns instantes fico ali, respirando profundamente. Estou suando; o cabelo gruda em minha nuca.

Meu sonho foi o mesmo de sempre, mas, dessa vez, ao contrário: eu estava boiando no oceano, balançando as pernas e os braços para me manter na superfície, vendo minha mãe na beira de um penhasco a centenas e centenas de metros acima de mim — tão distante que não pude identificar suas feições, apenas linhas embaçadas de sua silhueta, emolduradas contra o sol. Eu tentava alertá-la, levantar os braços e acenar para que voltasse, para que se afastasse da beirada, porém, quanto mais eu me esforçava, mais a água parecia me arrastar e me deter, com a consistência de cola, travando meus braços e se infiltrando em minha garganta para deter minhas palavras. E, o tempo todo, grãos de areia flutuavam a meu redor como neve, e eu sabia que a qualquer segundo ela cairia e esmagaria a cabeça nas pedras escarpadas que emergiam da água como unhas afiadas.

E então ela estava caindo, movendo os braços, um ponto negro crescendo cada vez

mais contra o sol ofuscante, e eu tentava gritar, mas não conseguia, e, à medida que a figura aumentava, eu percebia que não era minha mãe caindo na direção das pedras.

Era Alex.

Foi então que acordei.

Finalmente me levanto, ligeiramente tonta, tentando ignorar a sensação de pavor. Cambaleio lentamente até a janela e fico aliviada quando estou fora da casa, apesar de correr mais perigo quando estou nas ruas. Mas ao menos há um pouco de brisa. A atmosfera na casa estava sufocante.

Alex já está esperando por mim quando chego à enseada Back, agachado nas sombras projetadas por um grupo de árvores próximas ao antigo estacionamento. Está tão bem-escondido que quase tropeço nele. Estende a mão e me faz abaixar também. Ao luar, seus olhos parecem brilhar, como os de um gato.

Ele gesticula silenciosamente para o outro lado da enseada, até a linha de luzes brilhando pouco antes da fronteira: as guaritas. De longe, parecem uma linha de lanternas brancas e luminosas penduradas para um piquenique noturno — quase alegres. Seis metros após as guaritas está a cerca e, além da cerca, a Selva. As luzes nunca me pareceram tão estranhas quanto agora, dançando e oscilando ao vento. Fico feliz pelo acordo que Alex e eu fizemos de não nos falarmos até atravessarmos a fronteira. O nó em minha garganta já dificulta minha respiração, quanto mais uma conversa.

Atravessaremos a cerca no final da ponte Tukey, na extremidade nordeste da enseada: se estivéssemos nadando, seria uma reta diagonal desde nosso ponto de encontro. Alex aperta minha mão três vezes. É nosso sinal para avançarmos.

Sigo-o enquanto percorremos o perímetro da enseada, com cuidado para evitar o terreno pantanoso; parece enganosamente grama, sobretudo no escuro, mas é possível ser sugado quase até o joelho antes de se perceber a diferença. Alex segue de sombra em sombra, movendo-se em silêncio pela grama. Em alguns lugares, ele parece desaparecer completamente diante de meus olhos, parece se derreter na escuridão.

Ao contornarmos o lado norte da enseada, os postos de guarda começam a ficar mais bem-definidos — tornando-se realmente construções, guaritas pequenas de concreto com vidro à prova de balas.

Suor surge em minhas mãos, e o nó em minha garganta parece quadruplicar o tamanho, até que eu me sinta estrangulada. De repente, percebo quão idiota é nosso plano. Cem — mil! — coisas podem dar errado. O guarda na guarita número vinte e um pode não ter tomado seu café ainda — ou não o suficiente para apagar — ou o remédio pode não ter funcionado. E, mesmo que ele esteja dormindo, Alex pode estar enganado quanto a quais partes da cerca não são eletrificadas; ou a prefeitura pode ter ativado toda a sua extensão apenas por hoje à noite.

Tenho tanto medo que acho que estou prestes a desmaiar. Quero chamar a atenção de Alex e gritar que precisamos voltar, cancelar todo o plano, mas ele continua se movendo depressa à minha frente, e gritar ou fazer qualquer barulho certamente atrairá a atenção dos guardas. E os guardas fazem os reguladores parecerem criancinhas brincando de

polícia e ladrão. As patrulhas de reguladores usam cassetetes e cachorros; guardas têm fuzis e gás lacrimogêneo.

Finalmente, chegamos à parte norte da enseada. Alex se abaixa atrás de uma das árvores maiores e espera que eu o alcance. Agacho-me a seu lado. Esta é minha última oportunidade para dizer que quero voltar, mas não consigo falar, e quando tento balançar a cabeça negativamente, nada acontece. Sinto como se estivesse de volta ao meu sonho, sendo sugada pela escuridão, debatendo-me como um inseto preso em um pote de mel.

Talvez Alex perceba o quanto estou assustada. Ele se inclina para a frente e leva um momento tentando encontrar minha orelha. Sua boca esbarra uma vez em meu pescoço e passa levemente por minha bochecha — o que, apesar do pânico, me faz tremer de prazer — e, então, chega ao lóbulo de minha orelha.

— Vai ficar tudo bem — sussurra, fazendo com que eu me sinta ligeiramente melhor. Nada ruim vai acontecer enquanto eu estiver com Alex.

Então nos levantamos outra vez. Avançamos em intervalos, indo silenciosamente de uma árvore para outra e parando enquanto Alex presta atenção e se certifica de que nada mudou, não houve gritos ou ruídos de passos se aproximando. Os momentos de exposição — entre os esconderijos — se tornam mais longos à medida que a quantidade de árvores diminui, e o tempo todo nos aproximamos da linha onde a faixa de grama e de vegetação desaparece de vez e precisaremos nos mover em um espaço aberto, completamente vulneráveis. É uma distância de apenas quinze metros entre o último arbusto e a cerca, mas para mim é como se fosse um lago de fogo.

Do outro lado de uma estrada destruída da época em que Portland ainda não era enclausurada encontra-se a cerca em si: erguendo-se prateada ao luar, como uma enorme teia de aranha. Um lugar onde bichos grudam, ficam presos, são comidos. Alex me disse para levar o tempo necessário, para me concentrar antes de passarmos pelo arame farpado no topo da cerca, mas não consigo deixar de me imaginar sendo perfurada por todas aquelas pontas afiadas.

Então, de repente, vamos — fora da proteção limitada oferecida pelas árvores, movendo-nos rapidamente pelo cascalho e xisto da estrada velha. Alex vai na frente, quase completamente curvado, e eu o sigo inclinando-me ao máximo, mas isso não me faz sentir menos exposta. O medo grita, atingindo-me por todos os lados; nunca vivi algo parecido. Não sei se o vento aumenta naquele segundo ou se é apenas o pânico me dominando, mas meu corpo inteiro parece gelo.

A escuridão parece ganhar vida por todos os lados, cheia de sombras confusas e formas maliciosas e ameaçadoras, prontas para se tornar um guarda a qualquer instante, e imagino o silêncio de repente pontuado por gritos, suspiros, buzinas, tiros. Imagino uma dor pungente e luzes brilhantes. O mundo parece se transformar em uma série de imagens desconexas: um círculo branco e radiante de luz cercando a guarita vinte e um, que se expande consideravelmente, como se sentisse fome e estivesse prestes a nos engolir; dentro dela, um guarda jogado em uma cadeira, dormindo de boca aberta; Alex

se virando para mim, sorrindo — é possível que ele esteja *sorrindo?* —, pedras dançando sob os meus pés. Tudo parece distante, tão irreal e sem substância quanto uma sombra projetada por uma chama. Mesmo *eu* não pareço real e não consigo sentir minha respiração ou meus movimentos, apesar de certamente estar fazendo ambos.

E então, de repente, chegamos à cerca. Alex corre e pula, e por um segundo para no ar. Quero gritar: *Pare! Pare!* Imagino o estalo e os chiados enquanto seu corpo se liga a cinquenta mil volts de eletricidade, mas ele monta na cerca, que balança em silêncio: morta e fria, exatamente como ele disse.

Eu deveria subir atrás dele, mas não consigo. Não naquele momento. Uma sensação de admiração me invade, afastando lentamente o medo. Tenho pavor da cerca desde que era bebê. Nunca estive a menos de um metro e meio dela. Todo mundo sempre foi alertado a respeito, essa ordem foi impregnada em nós. Disseram que iríamos fritar; disseram que faria nossos corações enlouquecerem e nos mataria instantaneamente. Agora, estendo o braço e ponho a mão na cerca, passo os dedos ao longo dela. Morta, fria, inofensiva, o mesmo tipo de cerca que a prefeitura usa em parques e em pátios escolares. Naquele instante, realmente percebo quão profundas e complexas são as mentiras, como elas se espalham por Portland como esgotos, cobrindo tudo e enchendo a cidade com o fedor: a cidade inteira construída dentro de um perímetro de mentiras.

Alex escala rapidamente; já chegou à metade da cerca. Olha por cima do ombro e vê que ainda estou ali como uma idiota, sem me mexer. Ele mexe a cabeça para mim como se dissesse: *O que você está fazendo?*

Volto a colocar a mão na cerca e a recolho imediatamente: um choque me atinge de repente, mas não tem nada a ver com a voltagem que deveria estar pulsando ali. Algo acaba de me ocorrer.

Eles mentiram a respeito de tudo — da cerca, da existência dos Inválidos, de um milhão de outras coisas. Disseram que as batidas eram para nossa própria proteção. Disseram que os reguladores só estavam interessados em manter a paz.

Disseram que o amor era uma doença. Disseram que ele acabaria nos matando.

Pela primeira vez percebo que isso também pode ser mentira.

Alex balança cuidadosamente para a frente e para trás na cerca, fazendo-a balançar um pouco. Olho para cima e ele gesticula para mim outra vez. Não estamos seguros. Está na hora de avançar. Estico o braço, apoio o corpo na cerca e começo a escalar. Estar na cerca é, sob alguns aspectos, ainda pior do que estar em meio ao cascalho. Ao menos lá tínhamos mais controle — poderíamos ver se aparecesse um guarda patrulhando, poderíamos voltar correndo para a enseada e torcer para que ele nos perdesse de vista na escuridão e entre as árvores. Seria uma pequena esperança, mas, ainda assim, era algo. Aqui, estamos de costas para as guaritas, e eu me sinto um alvo móvel gigantesco com uma grande placa às costas dizendo ATIRE EM MIM.

Alex chega ao topo antes de mim, e vejo-o passar lentamente, muito lentamente, por cima das espirais de arame farpado. Ele ultrapassa e desce com cuidado alguns centímetros pelo outro lado, parando então para esperar por mim. Sigo exatamente seus

movimentos. Estou tremendo agora, por causa do medo e do esforço, mas consigo atravessar o topo da cerca e, então, desço do outro lado. Meus pés tocam o chão. Alex segura minha mão e me puxa rapidamente para o bosque, para longe da fronteira.

Para a Selva.

dezoito

Mary, traga seu guarda-chuva —
O sol brilha neste belo, belo dia
Mas as cinzas que chovem eternamente
Deixarão seu cabelo cinza.

Mary, mantenha seus remos firmes
Veleje pela enchente crescente
Mantenha sua vela pronta
Marés vermelhas são iguais a sangue.

— "Miss Mary" (cantiga de roda datada da época do ataque), *Cantigas e além: uma história das brincadeiras.*

As luzes da guarita desaparecem imediatamente como se tivessem sido fechadas em um cofre. Árvores nos cercam, folhas e arbustos me empurram de todos os lados, roçando em meu rosto, pernas e ombros como milhares de mãos sombrias, e por todos os lados começa uma estranha cacofonia, seres se agitando, corujas piando e animais se movendo no mato. O ar tem um cheiro tão forte de flores e de vida que parece ter textura, como uma cortina que pudesse ser aberta. A escuridão é total. Não consigo nem ver Alex à minha frente agora, apenas sinto sua mão puxando a minha.

Penso que posso estar ainda mais assustada agora do que durante a travessia e puxo a mão de Alex, torcendo para que ele me entenda e pare.

— Um pouco mais adiante — surge sua voz na escuridão diante de mim.

Ele me puxa. Mas avançamos lentamente, e ouço gravetos se quebrando e galhos de árvores se agitando, e sei que Alex está tateando o caminho, tentando liberar nossa passagem. Parece que percorremos centímetros, mas é incrível a rapidez com que perdemos de vista a fronteira e tudo o que havia no outro lado, como se jamais tivessem existido. Atrás de mim há escuridão. É como estar debaixo da terra.

— Alex... — começo a falar. Minha voz soa estranha e sufocada.

— Pare — diz ele. — Espere.

Ele solta minha mão, e eu dou um gritinho sem querer. Então, suas mãos buscam meus braços, e sua boca esbarra em meu nariz ao me beijar.

— Está tudo bem — diz ele em um tom de voz quase normal agora, o que me faz imaginar que estamos seguros. — Não vou a lugar nenhum. Só preciso encontrar a porcaria da lanterna, tudo bem?

— Sim, tudo bem.

Esforço-me para respirar normalmente, sentindo-me idiota. Fico imaginando se

Alex está arrependido de me trazer aqui. Não fui exatamente uma Miss Coragem.

Como se pudesse ler minha mente, Alex me dá outro beijo, dessa vez no canto dos lábios. Acho que os olhos dele também não se ajustaram à escuridão.

— Você está indo muito bem — diz ele.

Então, ouço-o se mexendo entre os galhos à minha volta, praguejando em voz baixa, um monólogo que não consigo acompanhar direito. Um minuto depois ele faz um ruído rápido e animado, e, um segundo depois, um largo feixe de luz corta a escuridão em direção ao alto, iluminando o bosque denso e o mato à nossa volta.

— Achei — diz Alex, sorrindo, mostrando-me a lanterna. Ele direciona a luz para uma caixa de ferramentas enferrujada e meio enterrada no chão. — Deixamos aqui, para quem atravessa — explica ele. — Está pronta?

Confirmo com um aceno de cabeça. Sinto-me muito melhor agora que conseguimos ver por onde estamos indo. Os galhos acima de nós formam um toldo que lembra a abóbada da catedral St. Paul, onde eu costumava me sentar durante o catecismo para ouvir sermões sobre átomos, probabilidades e ordens divinas. As folhas sussurram e se sacodem ao nosso redor, formando padrões inquietos em tons de verde e preto, dançando enquanto incontáveis bichos que não podemos ver correm e pulam de galho em galho. De vez em quando, a luz da lanterna de Alex é refletida, por um breve segundo, em um par de olhos arregalados e brilhantes que nos observa solenemente através da densa folhagem antes de voltar a desaparecer na escuridão. É incrível. Nunca vi nada parecido — toda essa vida surgindo por todos os lados, crescendo, como se a cada segundo ela se expandisse e se levantasse, e não sei explicar, mas ela me faz sentir pequena e um pouco tola, como se eu estivesse invadindo a propriedade de alguém muito mais velho e mais importante.

Alex caminha com mais firmeza agora, às vezes levantando um galho para que eu passe por baixo ou partindo outros que bloqueiam nossa passagem, mas não seguimos nenhuma trilha que eu possa ver, e após quinze minutos começo a temer que estejamos simplesmente andando em círculos ou penetrando cada vez mais na floresta sem qualquer destino. Estou quase lhe perguntando se sabe aonde estamos indo quando percebo que, às vezes, ele hesita e ilumina os troncos que nos cercam como silhuetas altas e fantasmagóricas. Alguns deles, vejo, estão marcados com uma faixa de tinta azul.

— A tinta... — digo.

Alex me olha por cima do ombro.

— Nosso mapa — diz ele, voltando a andar. E acrescenta: — Ninguém quer se perder por aqui, acredite.

Então, de repente, as árvores simplesmente acabam. Em um momento, estávamos no meio da floresta, cercados por todos os lados, e, no seguinte, estamos em uma estrada pavimentada, uma faixa desgastada de concreto iluminada pelo luar, lembrando uma língua manchada.

A estrada é cheia de buracos, rachaduras e deformações, então precisamos contornar montes enormes de pedaços de concreto. Ela sobe uma ladeira longa e pouco íngreme, e

então desaparece do outro lado do cume, onde há outra margem escura de árvores.

— Dê-me sua mão — diz Alex.

Ele está sussurrando novamente, e, mesmo sem saber o motivo, fico satisfeita. Por algum motivo, sinto como se houvesse acabado de entrar em um cemitério. Em ambos os lados da estrada há enormes clareiras, cobertas por um mato alto até a cintura que canta e sussurra ao vento, e algumas árvores finas e jovens, que parecem frágeis e expostas no meio daquele espaço aberto. Parece haver também algumas toras, enormes toras de madeira empilhadas, e objetos que parecem metálicos, brilhantes e luminosos na grama.

— O que é isto? — sussurro para Alex, mas, depois que pergunto, um pequeno grito se forma em minha garganta, e vejo, e entendo.

No meio de um dos matagais sussurrantes há um grande caminhão azul, perfeitamente intacto, como se alguém tivesse vindo até aqui só para fazer um piquenique.

— Isto *era* uma rua — diz Alex. Sua voz ficou tensa. — Destruída durante a *blitz*. Há milhares e milhares como esta por todo o país, bombardeadas, totalmente destruídas.

Estremeço. Não foi à toa que tive a sensação de andar por um cemitério. Estou em um, de certa forma. A *blitz* foi uma campanha que durou um ano e aconteceu muito antes de eu nascer, quando minha mãe ainda era um bebê. O objetivo era se livrar de todos os Inválidos e quaisquer resistentes que não quisessem deixar suas casas e se mudar para uma comunidade aprovada pelo governo. Uma vez, minha mãe disse que todas as suas primeiras lembranças estavam encobertas pelo ruído de bombas e pelo cheiro de fumaça. Ela disse que durante anos o cheiro pairou sobre a cidade e que a cada vez que o vento levantava uma camada de cinzas.

Continuamos andando. Sinto que poderia chorar. Estar aqui, ver isto, é completamente diferente de tudo o que aprendi nas aulas de história: pilotos sorridentes fazendo um sinal positivo com o polegar, pessoas comemorando perto das fronteiras porque, enfim, estávamos a salvo, casas incineradas de maneira organizada, sem bagunça, como se simplesmente tivessem sido apagadas de uma tela de computador. Nos livros de história não havia pessoas morando nessas casas; elas eram sombras, fantasmas, irreais. Mas, enquanto Alex e eu caminhamos de mãos dadas pela estrada bombardeada, entendo que não foi nada assim. Houve tumulto, fedor, sangue e o cheiro de pele queimando. Houve pessoas: pessoas paradas ou comendo, falando ao telefone, fritando ovos ou cantando no chuveiro. Sou dominada por uma tristeza por tudo o que se perdeu e preenchida pela raiva por aqueles que provocaram essa situação. Minha gente — ou, pelo menos, minha *antiga* gente. Já não sei quem sou ou qual é o meu lugar.

Isso não é inteiramente verdade. Alex. Sei que meu lugar é ao lado de Alex.

Um pouco adiante passamos por uma casa branca e bem-conservada no meio de um campo. De algum jeito, escapou ilesa da *blitz* e, além de uma janela que se soltou e agora está pendurada em um ângulo estranho, balançando levemente ao vento, poderia ser qualquer casa em Portland. Parece bem estranha ali, no meio de todo aquele vazio,

cercada por fragmentos das casas vizinhas destruídas. Parece minúscula ali, sozinha como uma ovelha perdida no pasto errado.

— Alguém mora ali agora? — pergunto a Alex.

— Às vezes pessoas se abrigam lá, quando está chovendo ou faz muito frio. Mas só os nômades, os Inválidos que ficam se mudando de um lugar para outro. — Ele para novamente por uma fração de segundo antes de dizer *Inválidos*, fazendo uma careta como se a palavra deixasse um gosto ruim em sua boca. — Mas costumamos ficar longe daqui. As pessoas dizem que os bombardeios podem recomeçar para concluir o serviço. Mas, em geral, é apenas superstição. As pessoas acham que a casa dá azar. — Ele dá um sorriso tenso. — Mas ela foi completamente garimpada. Camas, cobertores, roupas, tudo. Foi de onde peguei minhas louças.

Mais cedo Alex me contara que tinha seu próprio canto especial na Selva, mas quando insisti que me desse detalhes, ele se fechou e disse que eu precisaria esperar para ver. Ainda é estranho pensar em pessoas vivendo aqui, no meio desta vastidão, precisando de louças, cobertores e outras coisas normais assim.

— Por aqui.

Alex me puxa para fora da estrada e me leva outra vez na direção do bosque. Na verdade, fico feliz por voltar às árvores. Havia um peso naquele estranho espaço aberto, com sua casa solitária, o caminhão enferrujado e construções destruídas, como um corte profundo na superfície do planeta.

Dessa vez seguimos por uma trilha razoavelmente clara. Ainda há árvores marcadas com faixas de tinta azul, mas Alex não parece precisar consultá-las. Andamos rapidamente, um atrás do outro. As árvores foram aparadas aqui, e boa parte da vegetação rasteira foi limpa, então a caminhada é muito mais fácil. A terra sob meus pés foi comprimida ao longo do tempo pela pressão de dezenas de pés. Meu coração começa a bater com força contra minhas costelas. Posso sentir que estamos nos aproximando.

Alex se vira para me encarar tão de repente que quase nos atropelamos. Ele desliga a lanterna e na escuridão repentina vultos estranhos parecem se erguer, tomar forma e se movimentar.

— Feche os olhos — diz ele, e sinto que está sorrindo.

— Que diferença faz? Não consigo enxergar nada.

Posso praticamente ouvi-lo revirar os olhos.

— Vamos, Lena.

— Tudo bem.

Fecho os olhos, e Alex pega minhas mãos entre as suas. Em seguida, ele me puxa por mais uns seis metros, murmurando coisas como "Cuidado, tem uma pedra" ou "Um pouquinho para a esquerda". O tempo todo uma sensação nervosa e agitada cresce em mim. Paramos finalmente, e Alex solta minhas mãos.

— Chegamos — diz ele. Posso ouvir a animação em sua voz. — Pode abrir os olhos.

Obedeço, e por um instante não consigo falar. Abro a boca diversas vezes e preciso

fechá-la novamente quando tudo o que sai é um ruído agudo.

— E então? — Alex se inquieta a meu lado. — O que você achou?

Finalmente, gaguejo:

— É... É *real*.

Alex ri.

— Claro que é real.

— Quer dizer, é incrível.

Dou alguns passos à frente. Agora que estou aqui, não sei exatamente como imaginei a Selva, mas, como quer que fosse, não era assim. Uma longa e ampla clareira corta o bosque, ainda que em alguns pontos as árvores comecem a se reagrupar, empurrando galhos esguios em direção ao céu, que se estende acima de nós como um toldo vasto e brilhante, com a lua luminosa enorme e inchada no centro. Rosas silvestres margeiam uma placa amassada tão apagada que se tornou quase ilegível. Consigo apenas identificar as palavras ASSENTAMENTO MÓVEL DE CREST VILLAGE. A clareira está ocupada por dezenas de *trailers* e outras residências mais criativas: lonas esticadas entre árvores, cobertores e cortinas de banheiro usados como porta; caminhonetes enferrujadas com barracas montadas na caçamba; vans antigas com tecidos esticados nas janelas para preservar a privacidade. A clareira está marcada por buracos onde fogueiras foram acesas durante o dia — agora, muito depois de meia-noite, elas ainda continuam ativas, soltando fios de fumaça e cheiro de madeira queimada.

— Viu? — Alex sorri e abre os braços. — O ataque não acabou com tudo.

— Você não me contou. — Começo a avançar em direção ao centro da clareira, contornando diversos troncos dispostos em círculo, como uma sala de estar ao ar livre. — Você não me contou que era assim.

Ele dá de ombros, trotando a meu lado como um cachorro feliz.

— É o tipo de coisa que você precisa ver com os próprios olhos. — Ele chuta um pouco de terra em uma fogueira quase apagada. — Parece que chegamos tarde demais para a festa de hoje.

Ao avançarmos pela clareira, Alex aponta para cada "casa" e me fala um pouco sobre as pessoas que moram nelas, sempre sussurrando para não acordarmos ninguém. Conheço algumas histórias, outras são totalmente novas. Nem estou tão concentrada, mas fico feliz por ouvir sua voz, baixa, firme, familiar e reconfortante. Apesar de o local não ser tão grande — talvez tenha uns trinta quilômetros —, sinto como se o mundo tivesse se aberto de repente, revelando camadas e profundezas que eu jamais imaginaria.

Nenhuma parede. Em lugar nenhum. Portland, em comparação, parece minúscula, um pontinho.

Alex para na frente de um *trailer* cinza desbotado. Não há janelas, que foram substituídas por quadrados de tecidos multicoloridos bem esticados.

— E, hum, eu moro aqui.

Alex aponta desajeitado para o *trailer*. É a primeira vez em que ele parece nervoso esta

noite, o que me deixa nervosa. Engulo um impulso repentino e cem por cento inadequado de gargalhar histericamente.

— Uau! É... É...

— Não parece grande coisa visto de fora — Alex me interrompe. Ele desvia o olhar, mordendo o canto dos lábios. — Você quer, hum, entrar?

Concordo, com a certeza de que, se tentasse falar agora, soltaria apenas barulhos agudos de novo. Já estive sozinha com ele inúmeras vezes, mas isto parece diferente. Aqui, não há olhos esperando para nos flagrar, não há vozes esperando para gritar conosco, não há mãos prontas para nos separar — apenas quilômetros e quilômetros de espaço. É maravilhoso e aterrorizante ao mesmo tempo. Tudo pode acontecer aqui, e quando ele se curva para me beijar, é como se o peso da escuridão aveludada à nossa volta, o suave sussurro das árvores e o ruído dos passos de animais que não podemos ver pulassem em meu peito, fazendo-me sentir como se eu me dissolvesse e me expandisse pela noite. Quando ele recua, leva alguns segundos para recobrar o fôlego.

— Vamos — diz ele, e apoia o ombro na porta do *trailer* até abri-la.

Dentro do *trailer* é muito escuro. Só consigo distinguir alguns contornos, e quando Alex fecha a porta atrás de nós, mesmo isso desaparece, sugado pela escuridão.

— Não tem eletricidade aqui — diz Alex. Ele está se movendo, esbarrando em objetos e praguejando baixinho de vez em quando.

— Você tem velas? — pergunto.

O *trailer* tem um cheiro estranho, como folhas de outono que caíram dos galhos. É agradável. Há outros aromas também — o marcante odor cítrico de produtos de limpeza, e, muito fraco, um cheiro de gasolina.

— Algo ainda melhor.

Ouço ruídos; uma borrifada de água me atinge. Solto um gritinho.

— Desculpe, desculpe — diz Alex. — Faz tempo que não venho aqui. Cuidado. — Mais ruídos. E, então, lentamente, o teto sobre minha cabeça treme levemente e se dobra e, de repente, o céu aparece em toda a sua enormidade. A lua está quase exatamente acima de nós, enchendo o *trailer* de luz, coroando tudo em prata. Percebo, agora, que o "teto" é, na verdade, uma enorme lona de plástico, uma versão maior do tipo de coisa que seria usada para cobrir uma churrasqueira. Alex está de pé em cima de uma cadeira, enrolando a lona, e a cada centímetro um pouco mais do céu é revelado, fazendo com que tudo no *trailer* pareça brilhar ainda mais intensamente.

O ar fica preso em minha garganta.

— É lindo.

Alex me olha por cima do ombro e sorri. Ele continua enrolando a lona, parando de vez em quando para mover a cadeira e começar de novo.

— Um dia, uma tempestade levou metade do teto. Eu não estava aqui, felizmente. — Ele também está brilhando, com os braços e ombros banhados em prata. Exatamente como na noite das batidas, penso nas imagens dos anjos na igreja, com suas asas nas costas. — Decidi que era melhor me livrar do teto inteiro. — Ele termina o trabalho e

salta da cadeira com agilidade, virando-se para mim, sorrindo. — É minha própria casa conversível.

— É incrível — digo, com sinceridade. O céu parece tão próximo! Tenho a sensação de que poderia esticar o braço e tocar a lua com os dedos.

— Agora, vou pegar as velas.

Alex passa por mim em direção à área da cozinha e começa a remexer em algumas coisas. Consigo ver os objetos maiores agora, ainda que os detalhes estejam perdidos na escuridão. Há um pequeno forno a lenha no canto. No canto oposto, há uma cama de solteiro. Meu estômago se revira brevemente quando a vejo, e milhares de lembranças me inundam ao mesmo tempo: Carol sentada em minha cama, falando, com sua voz comedida, das expectativas de um marido e uma mulher; Jenny colocando a mão no quadril e dizendo que não vou saber o que fazer quando chegar a hora; histórias cochichadas sobre Willow Marks; Hana se perguntando em voz alta no vestiário como deve ser o sexo, enquanto eu chiava para que ela se calasse, olhando por cima do ombro para ter certeza de que ninguém estava ouvindo.

Alex encontra algumas velas e começa a acendê-las, uma a uma, e os espaços do *trailer* vão surgindo enquanto ele as espalha cuidadosamente pelo *trailer*. O que mais me impressiona são os livros: formas protuberantes que na escuridão pareciam parte da mobília agora se apresentam como enormes pilhas de livros — mais livros do que jamais vi em qualquer lugar, exceto na biblioteca. Há três prateleiras de livros em uma parede. Mesmo a geladeira, cuja porta foi retirada, está cheia de livros.

Pego uma vela e observo os títulos. Não reconheço nenhum.

— O que são estes? — pergunto.

Alguns parecem tão velhos e rachados que fico com medo de tocá-los e eles se desfazerem. Repito os nomes que leio nas lombadas, pelo menos aqueles que consigo decifrar: Emily Dickinson, Walt Whitman, William Wordsworth.

Alex olha para mim.

— Isso é poesia — diz ele.

— O que é poesia?

Nunca ouvi essa palavra antes, mas gosto de como ela soa. Parece, de alguma forma, elegante e simples, como uma bela mulher rodopiando em um vestido longo.

Alex acende a última vela. Agora o *trailer* foi tomado por uma acolhedora luz bruxuleante. Ele se junta a mim diante da prateleira e se abaixa, à procura de algo. Retira um livro e se levanta, entregando-o para que eu o examine.

Famosas poesias de amor. Meu estômago se revira quando vejo esta palavra — *amor* — impressa com tanta clareza na capa de um livro. Alex está me olhando atentamente, então, para disfarçar meu desconforto, abro o livro e examino a lista de autores, relacionados nas primeiras páginas.

— Shakespeare? — Este nome eu reconheço das aulas de saúde. — O cara que escreveu *Romeu e Julieta*? O conto de alerta?

Alex ri.

— Não é um conto de alerta — diz ele. — É uma incrível história de amor.

Penso naquele primeiro dia no laboratório: a primeira vez em que vi Alex. Parece que foi há uma vida. Lembro-me de minha mente expelindo a palavra *lindo*. Lembro-me de ter pensado em algo relacionado a sacrifício.

— Eles baniram a poesia há anos, logo depois que descobriram a cura. — Ele pega o livro novamente e o abre. — Quer ouvir um poema?

Faço que sim com a cabeça. Ele tosse e limpa a garganta, e então endireita os ombros e move o pescoço, como se estivesse prestes a entrar em um jogo de futebol.

— Vá em frente — digo, rindo. — Você está enrolando.

Ele limpa a garganta de novo e começa a ler:

— "Se te comparo a um dia de verão..."

Fecho os olhos e ouço. A sensação que tive antes, de estar cercada por calor, incha e cresce dentro de mim como uma onda. Poesia é diferente de qualquer escrita que já vi antes. Não entendo tudo, apenas pedaços de imagens e frases que parecem incompletas, todas flutuando juntas como fitas coloridas ao vento. Percebo que isso me faz lembrar a música que me hipnotizou há quase dois meses na fazenda. Tem o mesmo efeito, e me faz sentir feliz e triste ao mesmo tempo.

Alex acaba de ler. Quando abro os olhos, ele está me encarando.

— O quê? — pergunto. A intensidade de seu olhar quase me arranca o fôlego, como se ele estivesse olhando para *dentro* de mim.

Ele não me responde diretamente. Avança algumas páginas no livro, mas não desvia o olhar. Mantém os olhos fixos em mim o tempo todo.

— Quer ouvir outro? — Ele não me espera responder antes de começar a recitar: — "Como a amo? Deixe-me contar..."

Aí está essa palavra outra vez: *amor*. Meu coração para quando ele a pronuncia e, em seguida, bate em um ritmo acelerado.

— "Eu a amo ao largo e ao fundo que minh'alma alcança..."

Sei que ele está apenas repetindo as palavras de outra pessoa, mas, ainda assim, elas parecem vir dele. Seus olhos estão dançando com a luz; em cada um, vejo um ponto brilhante de uma chama refletida.

Ele dá um passo adiante e beija minha testa suavemente.

— "Eu a amo até o ponto de qualquer necessidade..."

Parece que o chão está balançando — como se eu estivesse caindo.

— Alex... — começo a dizer, mas a palavra fica presa em minha garganta.

Ele beija minhas bochechas — beijos leves e deliciosos, mal tocando minha pele.

— "Eu a amo livremente..."

— Alex — repito, um pouco mais alto. Meu coração está batendo tão depressa que acho que vai explodir contra as minhas costelas.

Ele recua e dá um sorriso pequeno e torto.

— Elizabeth Barrett Bowning — diz ele, passando um dedo ao longo de meu nariz. — Não gosta?

A maneira como ele diz, tão baixa e séria, ainda me olhando nos olhos, faz com que eu sinta como se ele, na verdade, estivesse perguntando outra coisa.

— Não. Quer dizer, sim. Quer dizer, gosto, mas...

A verdade é que não tenho certeza do que quero dizer. Não consigo pensar ou falar com clareza. Uma única palavra gira dentro mim, uma tempestade, um furacão, e preciso apertar os lábios para impedir que ela cresça até minha língua e escape. *Amor, amor, amor, amor*. Uma palavra que nunca pronunciei, *para* ninguém, uma palavra na qual eu sequer me permitia pensar.

— Você não precisa explicar.

Alex dá mais um passo para trás. Novamente tenho a sensação perturbadora de que estamos falando sobre outra coisa. Eu o decepcionei de alguma forma. O que quer que tenha acabado de se passar entre nós — e alguma coisa aconteceu, mesmo que eu não saiba ao certo o que foi, como ou por que —, deixou-o triste. Posso ver em seus olhos, apesar de Alex ainda estar sorrindo, e quero pedir desculpas ou abraçá-lo e pedir que ele me beije. Mas ainda tenho medo de abrir a boca — medo de que a palavra saia em disparada, e apavorada com o que pode vir depois.

— Venha cá — continua Alex, repousando o livro e me oferecendo sua mão. — Quero mostrar uma coisa.

Ele me leva até a cama, e, mais uma vez, uma onda de timidez me domina. Não sei ao certo o que ele espera, e quando ele se senta, continuo de pé, insegura.

— Está tudo bem, Lena — diz ele. Como sempre, relaxo ao ouvi-lo dizer meu nome. Ele deita na cama, e eu faço o mesmo, de modo que ficamos lado a lado. A cama é estreita. Só tem espaço suficiente para nós dois.

— Viu? — diz Alex, inclinando o queixo para cima.

No alto, as estrelas brilham e piscam: milhares e milhares delas, tantos milhares que parecem flocos de neve rodopiando na escuridão. Não consigo resistir, fico sem ar. Acho que nunca vi tantas estrelas. O céu parece tão próximo — tão esticado sobre nossas cabeças, acima do *trailer* sem teto — que parece que estamos caindo nele, parece que, se pulássemos da cama, o céu nos pegaria, nos seguraria e nos empurraria de volta como se fosse um trampolim.

— O que achou? — pergunta Alex.

— Eu amei. — A palavra escapa, e, instantaneamente, o peso em meu peito se dissipa. — Eu amei — repito, testando. Uma palavra fácil de falar, depois que se fala. Curta, direta. Rola pela língua. É incrível que eu nunca a tenha dito antes.

Posso perceber que Alex está feliz. O sorriso em sua voz aumenta.

— A falta de encanamento é meio chata — diz ele. — Mas você precisa admitir que a vista é incrível.

— Gostaria que pudéssemos ficar aqui — digo, mas rapidamente gaguejo: — Quer dizer, não de verdade. Não para sempre, mas... *Você* entendeu.

Alex coloca o braço embaixo de meu pescoço, e então me aproximo e apoio a cabeça entre seu ombro e seu peito, onde ela se encaixa perfeitamente.

— Fico feliz que você tenha visto — diz ele.

Por algum tempo ficamos deitados em silêncio. Seu peito sobe e desce com a respiração, e logo o movimento começa a me embalar no sono. Meus membros parecem impossivelmente pesados, e as estrelas parecem se rearranjar formando palavras. Quero continuar olhando, ler seus significados, mas minhas pálpebras também estão muito pesadas: é impossível, impossível, manter meus olhos abertos.

— Alex?

— Oi?

— Diga aquele poema outra vez.

Minha voz não parece minha; as palavras parecem vir de um lugar distante.

— Qual? — sussurra Alex.

— O que você sabe de cor. — Flutuando; estou flutuando.

— Sei muitos de cor.

— Então, qualquer um.

Ele respira profundamente e começa:

— "Carrego seu coração comigo. Carrego em meu coração. Nunca estou sem ele..."

Ele continua falando; as palavras se derramam em mim, tal como a luz do sol atravessa a superfície da água e penetra as profundezas, iluminando a escuridão. Mantenho os olhos fechados. É incrível, mas ainda consigo ver as estrelas: galáxias inteiras florescendo do nada — sóis cor-de-rosa e roxos, vastos oceanos prateados, milhares de luas brancas.

Parece que só dormi cinco minutos quando Alex me balança gentilmente. O céu continua negro, e a lua, alta e clara, mas, pelo aspecto das velas à nossa volta, percebo que dormi pelo menos uma hora.

— É hora de ir — diz ele, tirando fios de cabelo de minha testa.

— Que horas são? — Minha voz está rouca de sono.

— Um pouco antes das três. — Alex se levanta e então estende a mão para mim e me levanta. — Precisamos atravessar a cerca antes que a Bela Adormecida acorde.

— Bela Adormecida? — Balanço a cabeça, confusa.

Alex ri baixinho.

— Depois de poesia — diz ele, inclinando-se para me beijar —, passaremos aos contos de fadas.

Então, atravessamos novamente o bosque, a trilha esburacada que passa pelas casas bombardeadas e a floresta. Durante todo o tempo tenho a sensação de que não acordei realmente. Não estou assustada nem nervosa quando escalamos a cerca. Passar pelo arame farpado é infinitamente mais fácil na segunda vez, e sinto que as sombras têm texturas e nos protegem como uma capa. O guarda na guarita vinte e um continua exatamente na mesma posição — cabeça inclinada para trás, pés sobre a mesa, boca aberta —, e logo estamos contornando a enseada. Em seguida, deslizamos silenciosamente pelas ruas em direção a Deering Highlands, e, então, me ocorre um pensamento muito estranho, algo entre pavor e desejo: talvez tudo seja um sonho e,

quando eu acordar, ainda estarei na Selva. Talvez eu acorde e descubra que sempre estive lá e que tudo em Portland — os laboratórios, o toque de recolher e a intervenção — foi um pesadelo longo e estranho.

Rua Brooks, número trinta e sete: entramos pela janela e, imediatamente, o calor e o cheiro de mofo nos atingem, como uma onda. Só passei algumas horas na Selva e já estou com saudade — o vento através das árvores, que soa exatamente como o oceano, os aromas incríveis de plantas brotando, coisas invisíveis se movendo — toda aquela vida, crescendo e se expandindo em todas as direções, além e além...

Sem muros...

Então, Alex me leva até o sofá, me cobre com uma colcha, me dá um beijo e deseja boa-noite. Ele estará no turno da manhã nos laboratórios e mal terá tempo de voltar para casa, tomar banho e chegar ao trabalho no horário. Ouço seus passos desaparecendo na escuridão.

Então, durmo.

* * *

Amor: uma única palavra, algo delicado, uma palavra que não é mais larga ou longa que uma lâmina. É o que ela é: uma lâmina, uma navalha. Ela corre pelo centro de sua vida, cortando tudo em duas partes. Antes e depois. O restante do mundo cai em ambos os lados.

Antes e *depois* — e *durante*, um momento que não é mais largo ou longo que uma lâmina.

dezenove

Viver livre ou morrer.

— Antigo ditado, origem desconhecida, listado na
Compilação Abrangente de Palavras e Ideias Perigosas,
www.capip.gov.org.

Uma das coisas mais estranhas a respeito da vida é que ela continua, cega e inconsciente, mesmo enquanto mundos particulares — pequenas esferas — estão girando e se transformando, até mesmo se desfazendo. Um dia, você tem pais; no dia seguinte, é órfão. Um dia, você tem um lugar e um caminho. No dia seguinte, está perdido em uma selva.

E, ainda assim, o sol nasce, as nuvens se acumulam e flutuam, as pessoas fazem compras, dão descarga, abrem e fecham cortinas. É quando você percebe que a maior parte das coisas — a vida, o implacável mecanismo da existência — não gira em torno de você. Sequer o inclui. Ela seguirá em frente mesmo depois de você pular de um abismo. Mesmo depois de você morrer.

Quando caminho para o centro de Portland pela manhã, é isso o que mais me surpreende — quão normal tudo parece. Não sei o que eu estava esperando. Não achei realmente que os prédios cairiam durante a noite e que as ruas se derreteriam formando montes de borracha, mas, mesmo assim, é um choque ver um rio de pessoas carregando maletas, comerciantes abrindo suas lojas e um carro solitário tentando passar por uma rua lotada.

Parece absurdo que eles não *saibam*, que não tenham sentido nenhuma mudança ou tremor enquanto minha vida virou de ponta-cabeça. Voltando para casa, sinto-me paranoica, como se alguém pudesse identificar o cheiro da Selva em mim ou pudesse perceber, só de olhar para meu rosto, que atravessei a fronteira. Minha nuca coça como se estivesse sendo cutucada por galhos, e não paro de puxar a mochila para conferir se há folhas ou qualquer coisa agarrada nela — não que isso seja importante, pois há árvores em Portland. Mas ninguém nem mesmo olha para mim. É pouco antes das nove horas, e a maioria das pessoas está se apressando para não chegar atrasada ao trabalho. Um borrão infinito de pessoas normais, seguindo rotinas normais, olhando para a frente sem prestar atenção à menina baixinha e comum que passa por eles carregando uma mochila pesada.

A menina baixinha e comum que guarda dentro de si um segredo ardente como fogo.

É como se minha noite na Selva tivesse apurado minha visão. Apesar de tudo parecer o mesmo na superfície, de alguma forma parece diferente — inconsistente,

quase como se eu pudesse passar a mão através dos prédios, do céu e até mesmo das pessoas. Lembro-me de quando era muito nova e observei Rachel construir um castelo de areia na praia. Ela deve ter trabalhado nele durante horas, utilizando copos e potes diferentes para moldar as torres. Quando ficou pronto, estava perfeito, como se tivesse sido feito de pedra. Mas, quando a maré subiu, bastaram duas ou três ondas para derrubá-lo por completo. Lembro-me de que fiquei aos prantos, e minha mãe comprou um sorvete para mim e me fez dividi-lo com Rachel.

É assim que Portland parece hoje de manhã: algo que corre o risco de se dissolver.

Fico pensando no que Alex sempre diz: *Há mais de nós do que você imagina*. Dou uma olhada discreta em todos que passam, pensando que talvez eu consiga perceber algum sinal secreto em seu rosto, alguma marca da resistência, mas todos parecem os mesmos: preocupados, apressados, irritados, distraídos.

Quando chego em casa, Carol está na cozinha lavando a louça. Tento passar por ela, mas ela me chama. Paro com um pé na escada. Ela aparece no corredor, secando as mãos em um pano de prato.

— Como foi lá na casa de Hana? — pergunta. Ela passa os olhos por todo o meu rosto, investigando, como se buscasse sinais de algo. Luto contra outra onda de paranoia. Ela não tem como saber onde eu estive.

— Foi legal — digo, dando de ombros, tentando soar casual. — Mas não dormi muito.

— Hum... — Carol continua me olhando intensamente. — O que vocês fizeram?

Ela nunca pergunta sobre a casa de Hana, não faz perguntas há anos. *Algo está errado*, penso.

— Você sabe, o de sempre. Vimos tevê. Hana tem, tipo, uns sete canais. — Não consigo perceber se minha voz soa estranha e aguda ou se é apenas minha imaginação.

Carol desvia o olhar, contraindo a boca para cima, como se tivesse engolido um pouco de leite azedo sem querer. Dá para perceber que ela está tentando encontrar um modo de dizer alguma coisa desagradável; Carol faz essa cara de leite azedo sempre que precisa dar uma notícia ruim. *Ela sabe sobre Alex, ela sabe, ela sabe*. As paredes me pressionam, e o calor é sufocante.

Então, para minha surpresa, ela curva a boca em um sorriso, se aproxima e toca meu braço.

— Sabe, Lena... Não vai ser assim por muito tempo.

Consegui passar vinte e quatro horas sem pensar na intervenção, mas agora aquele número terrível e cada vez menor volta à minha mente, encobrindo todo o restante. Dezessete dias.

— Eu sei — consigo dizer. Agora minha voz, *definitivamente*, soa estranha.

Carol assente e mantém o meio-sorriso estranho estampado no rosto.

— Sei que é difícil acreditar, mas você não sentirá falta dela depois que tudo isso acabar.

— Eu sei — digo, como se houvesse um sapo moribundo em minha garganta.

Carol continua assentindo vigorosamente. Parece que sua cabeça está presa a um ioiô. Tenho a sensação de que ela quer dizer mais alguma coisa, algo que vai me confortar, mas, obviamente, ela não consegue pensar em nada, porque ficamos ali paradas por quase um minuto.

Finalmente, digo:

— Vou subir. Banho.

Preciso reunir toda a minha força de vontade para soltar essas palavras. *Dezessete dias*, isso continua atravessando minha mente, como um alarme.

Carol parece aliviada por eu ter rompido o silêncio.

— Tudo bem — diz ela. — Tudo bem.

Começo a subir as escadas, dois degraus de cada vez. Mal posso esperar para me trancar no banheiro. Apesar de provavelmente estar fazendo mais de trinta graus dentro de casa, quero ficar embaixo de uma corrente de água bem quente, derretendo-me em vapor.

— Ah, Lena — Carol grita, quase como se aquilo só tivesse lhe ocorrido agora. Viro-me, mas ela não está olhando para mim. Está inspecionando a borda gasta de um de seus panos de prato. — Você deveria vestir alguma coisa legal. Um vestido ou aquelas calças brancas bonitas que você ganhou no ano passado. E arrume o cabelo. Use o secador.

— Por quê?

Não estou gostando do jeito como ela evita me olhar, principalmente porque sua boca está entortando outra vez.

— Convidei Brian Scharff para vir aqui hoje — diz ela casualmente, como se isso fosse algo cotidiano e normal.

— Brian Scharff? — repito, estupidamente. O nome parece estranho em minha boca e deixa um gosto metálico.

Carol levanta a cabeça e olha para mim.

— Não *sozinho* — diz ela, rapidamente. — É claro que não estará sozinho. A mãe dele também virá. E eu estarei aqui, obviamente. Além disso, Brian passou pela intervenção no mês passado. — Como se fosse *esse* o problema.

— Ele vem aqui? Hoje?

Preciso apoiar a mão na parede. De algum jeito, consegui me esquecer completamente de Brian Scharff, aquele nome impresso em um papel.

Carol deve achar que estou nervosa por conhecê-lo, porque sorri para mim.

— Não se preocupe, Lena. Vai ficar tudo bem. Nós cuidaremos da conversa. Só achei que vocês deveriam se conhecer, considerando que... — Ela não conclui a frase. Não precisa.

Considerando que fomos pareados. Considerando que vamos nos casar. Considerando que dividirei minha cama com ele e acordarei a seu lado todos os dias de minha vida, e terei de permitir que ele coloque as mãos em mim, e terei de me sentar diante dele ao jantar, comendo aspargos enlatados, e ouvi-lo tagarelar incansavelmente

sobre encanamento ou carpintaria ou qualquer que seja o trabalho atribuído a ele.

— Não! — deixo escapar.

Carol parece espantada. Ela não está acostumada a ouvir essa palavra, certamente não de mim.

— Como assim, *não?*

Passo a língua nos lábios. Sei que contrariá-la é perigoso, e sei que é errado. Mas não posso conhecer Brian Scharff. Não vou. Não vou ficar ali fingindo que gosto dele ou ouvindo Carol falar sobre onde moraremos daqui a alguns anos, enquanto Alex está em outro lugar — esperando que eu o encontre, tamborilando os dedos na mesa enquanto ouve música, respirando ou fazendo qualquer coisa.

— Quer dizer... — Luto para encontrar uma desculpa. — Quer dizer... Quer dizer, não poderíamos marcar outro dia? Não estou me sentindo muito bem. — Isso, pelo menos, é verdade.

Carol franze o rosto para mim.

— É apenas uma hora, Lena. Se você consegue dar um jeito de dormir na casa de Hana, consegue fazer isso.

— Mas... Mas... — Fecho uma das mãos, apertando as unhas na palma até começar a sentir dor, o que me dá algo em que me concentrar. — Mas eu quero que seja uma surpresa.

A voz de Carol fica mais forte.

— Não há nada *surpreendente* nisso, Lena. É a ordem natural das coisas. Esta é sua vida. Ele é seu par. Você vai conhecê-lo e vai gostar dele, e ponto. Agora, suba e vá tomar banho. Eles vão chegar à uma hora.

Uma hora. Alex sai do trabalho ao meio-dia hoje; eu iria encontrá-lo. Combinamos um piquenique na casa da rua Brooks, como sempre fazemos quando ele sai do turno da manhã, e passaríamos a tarde toda juntos.

— Mas... — começo a protestar, sem nem saber ao certo o que dizer.

— Nada de "mas". — Carol cruza os braços e me olha com severidade. — Suba.

Nem sei como chego lá em cima; estou tão furiosa que mal enxergo. Jenny está ali, mascando chiclete, usando um dos maiôs antigos de Rachel. É grande demais para ela.

— Qual é o seu problema? — pergunta quando passo direto por ela.

Não respondo. Vou direto para o banheiro e ligo a água no jato mais forte possível. Carol detesta quando desperdiçamos água, e, normalmente, tomo banhos muito rápidos, mas hoje eu não me importo. Sento-me no vaso e enfio os dedos na boca, mordendo para não gritar. A culpa é toda minha. Tenho ignorado a data da intervenção e evitado sequer pensar no nome de Brian Scharff. E Carol tem toda razão: esta é minha vida, a ordem natural das coisas. Não há como mudá-la. Respiro profundamente e me ordeno que pare de ser infantil. Todos precisam crescer em algum momento; e o meu será no dia três de setembro.

Começo a me levantar, mas uma imagem de Alex na noite anterior — tão perto de mim, dizendo aquelas palavras estranhas e maravilhosas: *Eu a amo ao largo e ao fundo que*

minh'alma alcança — me derruba novamente, e caio com um baque sobre o vaso.

Alex rindo, respirando, vivendo — afastado, longe de mim. Ondas de náusea me dominam, e eu me curvo, colocando a cabeça entre os joelhos, resistindo.

A doença, digo a mim mesma. *A doença está progredindo. Tudo vai melhorar após a intervenção. É essa a* ideia.

Mas não adianta. Quando finalmente consigo entrar no chuveiro, tento me perder no ritmo da água batendo nos azulejos, mas imagens de Alex passam por minha mente: ele me beijando, acariciando meu cabelo, seus dedos dançando em minha pele — dançando, bruxuleando como a luz de uma vela prestes a se apagar. A pior parte é que nem tenho como contar a Alex que não poderei encontrá-lo. É perigoso demais ligar para ele. Meu plano era ir aos laboratórios e avisá-lo pessoalmente, mas, quando desço, vestida e de banho tomado, e vou até a porta, Carol me detém.

— Aonde você pensa que vai? — indaga, severamente.

Posso perceber que ela ainda está brava por nossa discussão — brava e provavelmente ofendida. Sem dúvida, acha que eu deveria estar soltando fogos porque finalmente fui pareada. E ela tem o direito de pensar assim: há alguns meses eu *estaria* soltando fogos.

Volto o olhar para o chão, tentando soar tão doce e calma quanto possível.

— Pensei em dar uma volta antes que Brian chegue. — Tento forçar um clima. — Estou um pouco nervosa.

— Você já tem passado muito tempo fora de casa — rebate Carol. — E só vai ficar suada e suja outra vez. Se está procurando algo para fazer, pode me ajudar a arrumar o armário.

Não há como desobedecer à minha tia, então sigo-a até o andar de cima e me sento no chão enquanto ela me entrega toalhas velhas, e eu as examino à procura de buracos, manchas e defeitos, dobro e redobro panos, conto guardanapos. Estou tão irritada e frustrada que fico tremendo. Alex não vai saber o que aconteceu comigo. Ele vai se preocupar. Ou, pior, vai pensar que o estou evitando de propósito. Talvez pense que ir à Selva me assustou.

A violência que estou sentindo me apavora — quase louca, capaz de tudo. Quero subir pelas paredes, incendiar a casa, *fazer algo*. Diversas vezes me imagino pegando um dos panos de prato idiotas de Carol e estrangulando-a. É disso que todos os livros, a *Shhh*, os pais e os professores sempre me alertaram. Não sei quem está certo — se eles ou Alex. Não sei se esses sentimentos — essa *coisa* crescendo dentro de mim — são algo horrível e doentio ou o melhor que já me aconteceu.

Seja como for, não consigo contê-los. Perdi o controle. E o *verdadeiramente* doentio é que, apesar de tudo, estou feliz.

Quando dá meio-dia e meia Carol me leva até a sala, que obviamente foi limpa e arrumada. As ordens de remessa de meu tio, que geralmente ficam espalhadas por todos os lados, foram organizadas em uma pilha caprichada, e nenhum dos livros velhos de escola ou dos brinquedos quebrados que costumam entulhar o chão está visível. Ela me

faz sentar no sofá e começa a mexer em meu cabelo. Sinto-me como um troféu, mas sei que é melhor não reclamar. Se eu fizer tudo o que ela mandar — e se tudo correr bem —, talvez ainda tenha tempo de ir à casa na rua Brooks quando Brian for embora.

— Pronto — diz Carol, afastando-se e me examinando com um olhar crítico. — Melhor que isso não fica.

Mordo o lábio e viro o rosto. Não quero que ela perceba, mas suas palavras provocaram uma dor aguda. Por incrível que pareça, eu havia esquecido que devia ser banal. Estou tão acostumada com Alex me dizendo que sou linda... Estou tão acostumada a me *sentir* linda quando estou com ele... Um vazio se abre em meu peito. É assim que a vida será sem ele: tudo será comum outra vez. *Eu* serei comum outra vez.

Alguns minutos depois de uma da tarde ouço o portão da frente abrir e passos na entrada. Estive tão concentrada em Alex que não tive tempo de ficar nervosa com a chegada de Brian Scharff. Mas agora sinto o impulso de correr para a porta dos fundos ou fugir por uma janela. Pensar no que Carol faria se eu me jogasse de uma janela me provoca uma onda incontrolável de risos.

— Lena — chia ela no mesmo instante em que Brian e sua mãe começam a bater à porta da frente. — Controle-se.

Por quê? Fico tentada a retrucar. Ele não vai poder fazer nada, mesmo que me odeie. Está preso a mim, e eu estou presa a ele. Estamos presos.

Crescer é isso, eu acho.

Em minha imaginação, Brian Scharff era alto e gordo, um tipo grandão desajeitado. Na verdade, ele é apenas poucos centímetros mais alto que eu — o que é algo surpreendentemente baixo para um homem — e tão magro que tenho medo de quebrar seu punho quando nos cumprimentamos. Suas palmas estão encharcadas de suor, e ele mal aperta minha mão. É como segurar um lenço úmido. Depois, quando nos sentamos, seco as mãos disfarçadamente nas calças.

— Obrigada por virem — diz Carol, e se segue uma pausa longa e desconfortável. No silêncio, posso ouvir Brian respirando pelo nariz. Parece que tem um animal moribundo preso em sua cavidade nasal.

Devo estar encarando-a, porque a Sra. Scharff explica:

— Brian sofre de asma.

— Ah! — digo.

— As alergias agravam o problema.

— Hum... Ele é alérgico a quê? — pergunto, porque ela parece esperar que eu o faça.

— Poeira — responde ela, enfaticamente, como se estivesse esperando para dizer a palavra desde que atravessou a porta. Ela olha desanimada para a sala, que não está empoeirada, e Carol fica vermelha. — E pólen. Gatos e cachorros, é claro, e amendoim, frutos do mar, trigo, laticínios e alho.

— Não sabia que era possível ser alérgico a alho — digo. Não consigo segurar: simplesmente escapa.

— O rosto dele incha como uma sanfona.

A Sra. Scharff volta os olhos desdenhosos para mim, como se, de algum jeito, a culpa fosse minha.

— Ah... — digo novamente e, em seguida, outro silêncio desconfortável cai sobre nós. Brian não fala, mas respira mais alto que nunca.

Dessa vez, Carol me salva.

— Lena — diz ela —, talvez Brian e a Sra. Scharff queiram um pouco de água.

Nunca me senti tão agradecida por uma desculpa para sair de algum lugar. Levanto-me de um salto, quase derrubando um abajur com o joelho.

— Claro. Vou buscar.

— Certifique-se de que seja filtrada — a senhora Scharff chama minha atenção enquanto saio da sala. — E com pouco gelo.

Na cozinha, demoro bastante enchendo os copos — com água da pia, é claro — e permitindo que o ar frio do *freezer* refresque meu rosto. Da sala de estar posso ouvir o murmúrio baixo de conversa, mas não consigo identificar quem está falando ou o que está sendo dito. Talvez a Sra. Scharff tenha decidido repetir a lista de alergias de Brian.

Sei que preciso voltar em algum momento, mas meus pés simplesmente se recusam a andar na direção do corredor. Quando enfim os obrigo a agir, eles parecem ter se transformado em chumbo; mesmo assim, levam-me rápido demais até a sala. Não paro de ver uma série infinita de dias sem graça, dias com a cor de comprimidos amarelos e brancos, dias que devem ter o mesmo sabor amargo que um remédio deixa na boca. Manhãs e noites preenchidas pelo murmúrio silencioso de um umidificador de ar, pela respiração ruidosa de Brian e pelo *ping, ping, ping* de uma torneira vazando.

Não há solução. O corredor não dura para sempre, e entro na sala a tempo de ouvir Brian dizer:

— Ela não é tão bonita quanto nas fotos.

Brian e sua mãe estão de costas para mim, mas Carol fica boquiaberta quando me vê ali, e os Scharff se viram para me olhar. Pelo menos têm a decência de parecer envergonhados. Ele abaixa os olhos rapidamente, e ela fica ruborizada.

Nunca me senti tão envergonhada ou exposta. É ainda pior do que vestir aquela camisola quase transparente para a avaliação e ficar sob o brilho de lâmpadas frias. Minhas mãos tremem tanto que a água entorna pelas bordas dos copos.

— Aqui está a água. — Não sei onde encontro forças para contornar o sofá e colocar os copos na mesa de centro. — Com pouco gelo.

— Lena... — Minha tia começa a dizer algo, mas a interrompo.

— Desculpe. — Milagrosamente, consigo dar um sorriso. No entanto, só é possível sustentá-lo por uma fração de segundo. Minha mandíbula também está tremendo, e sei que posso chorar a qualquer momento. — Não estou me sentindo muito bem. Acho que vou lá fora respirar um pouco de ar fresco.

Não espero permissão. Viro-me e saio rapidamente pela porta da frente. Enquanto saio ao sol, ouço Carol se desculpando por mim.

— Ainda faltam algumas semanas para a intervenção — diz ela. — Então, precisam perdoá-la por ser tão sensível. Tenho certeza de que tudo vai dar certo...

As lágrimas caem quentes e rápidas assim que saio. O mundo começa a se derreter; cores e formas se embaralhando. O dia está completamente parado. O sol acabou de passar pelo meio do céu, um disco branco e liso, como um círculo de metal aquecido. Um balão vermelho está preso em uma árvore. Deve estar ali há algum tempo. Já está murcho, balançando ligeiramente, inerte e meio vazio, na ponta do barbante.

Não sei como poderei encarar Brian quando tiver que voltar para dentro de casa. Não sei como *algum dia* poderei encará-lo. Milhares de coisas terríveis passam por minha cabeça. Insultos que eu gostaria de lhe dizer: *Pelo menos não pareço uma tênia* ou *Você alguma vez já parou para pensar que pode ser alérgico à vida*?

Mas sei que não vou — não posso — dizer nada disso. Além do mais, o problema não é realmente que ele faça barulho para respirar ou que seja alérgico a tudo. O problema não é nem que ele não me ache bonita.

O problema é que ele não é Alex.

Atrás de mim, a porta se abre, rangendo. Brian diz:

— Lena?

Esfrego as mãos no rosto rapidamente para secar as lágrimas. A última coisa que eu quero é que Brian saiba que seu comentário idiota me chateou.

— Estou bem — respondo, sem me virar, pois tenho certeza de que meu rosto está péssimo. — Vou entrar em um segundo.

Ele deve ser burro ou teimoso, porque não me deixa sozinha. Em vez disso, fecha a porta atrás de si e desce o degrau da frente da casa. Ouço-o respirando pouco atrás de mim.

— Sua mãe disse que eu poderia ficar aqui com você — diz ele.

— Ela não é minha mãe — corrijo-o rapidamente.

Não sei por que parece tão importante explicar. Eu costumava gostar quando as pessoas pensavam que Carol era minha mãe. Significava que não conheciam a história verdadeira. Mas eu também costumava gostar de um monte de coisas que agora parecem ridículas.

— Ah, certo. — Brian deve saber algo sobre minha mãe verdadeira. Está na ficha que ele recebeu. — Desculpe, eu esqueci.

Claro que esqueceu, penso, mas não digo nada. Ao menos o fato de ele estar atrás de mim me deixou irritada demais para continuar triste. As lágrimas cessaram. Cruzo os braços e espero que ele entenda a indireta — ou se canse de olhar para minhas costas — e entre. Mas sua respiração barulhenta contínua permanece ali.

Conheço-o há menos de meia hora e já poderia matá-lo. Finalmente, canso-me de ficar em silêncio, viro-me e passo rapidamente por ele.

— Já estou bem melhor — digo. Não olho para ele enquanto volto para casa. — É melhor entrarmos.

— Espere, Lena. — Ele estende o braço e segura meu pulso. Acho que *segurar* não é

exatamente a palavra certa. Foi mais parecido com *esfrega suor em meu pulso*. Mas eu paro assim mesmo, apesar de ainda não conseguir olhar nos olhos dele. Em vez disso, mantenho os olhos fixos na porta de casa, percebendo pela primeira vez que a tela tem três buracos grandes perto do canto superior direito. Não é de se estranhar que a casa tenha passado este verão cheia de insetos. Gracie encontrou uma joaninha em nosso quarto outro dia. Ela a trouxe até mim, em suas mãozinhas. Ajudei-a a levar o bicho até a rua e soltá-la.

Sinto uma onda sufocante de tristeza que nada tem a ver com Alex, Brian ou algo do tipo. É apenas uma sensação que me ocorre de que o tempo está passando muito depressa, correndo. Um dia vou acordar e toda a minha vida terá passado, e ficarei com a impressão de que ela passou tão rápido quanto um sonho.

— Não tive a intenção de que você escutasse o que eu falei há pouco — diz ele. Fico imaginando se a mãe dele o obrigou a dizer isso. As palavras parecem exigir um tremendo esforço. — Foi grosseiro.

Como se eu já não tivesse sido completamente humilhada, agora ele tem que se *desculpar* por me chamar de feia. Minhas bochechas estão tão quentes que parecem prestes a derreter.

— Não se preocupe — falo, tentando livrar meu pulso de sua mão. Para minha surpresa ele não me solta, ainda que, tecnicamente, não devesse me tocar, de jeito nenhum.

— O que eu quis dizer foi...

Sua boca abre e fecha por um segundo. Ele não me olha nos olhos. Em vez disso, examina a rua atrás de mim, movendo os olhos de um lado para o outro, como um gato observando um passarinho. — O que eu quis dizer foi que você parecia mais feliz nas fotografias.

Isso é uma surpresa, e por um segundo não consigo pensar em uma resposta.

— Não pareço feliz agora? — pergunto, e então me sinto ainda mais envergonhada. É tão esquisito ter esta conversa com um estranho, sabendo que ele não será um estranho por muito tempo.

Mas a pergunta não parece incomodá-lo. Ele simplesmente balança a cabeça.

— Sei que você não está.

Brian solta meu pulso, mas já não estou tão desesperada para entrar. Ele ainda observa a rua atrás de mim, e eu olho melhor para seu rosto. Acho que ele poderia ser mais ou menos bonito. Não chega nem aos pés de Alex, claro: é muito pálido e tem traços ligeiramente femininos, com uma boca grande e arredondada e um nariz pequeno e cônico, mas os olhos são de um tom claro de azul, como o céu da manhã, e sua mandíbula é forte. E agora começo a me sentir culpada. Ele deve saber que estou infeliz porque fui pareada com ele. Ele não tem culpa por eu ter mudado — enxergado a luz ou contraído *deliria*, dependendo de a quem você pergunte. Talvez ambos.

— Desculpe-me — digo. — Não é por sua causa. Estou... Estou apenas assustada com a intervenção.

Penso em quantas noites me imaginei deitando na mesa de operação e esperando que a anestesia transformasse o mundo em uma neblina e que eu acordasse renovada. Agora, acordarei para um mundo sem Alex: acordarei na *neblina*, onde tudo será cinza, indistinto e irreconhecível.

Brian está me olhando, finalmente, com uma expressão que não consigo identificar de imediato. Então, percebo: pena. Ele está com pena de mim. E começa a falar aceleradamente:

— Ouça, provavelmente eu não deveria falar isso, mas, antes de minha intervenção, eu era como você. — Seus olhos voltam para a rua. O barulho da respiração sumiu. Ele fala com clareza, porém baixo, para que Carol e sua mãe não possam ouvi-lo pela janela aberta. — Eu não... não estava pronto. — Ele molha os lábios, e sua voz se transforma em um sussurro. — Tinha uma garota que, às vezes, eu via no parque. Ela cuidava dos primos e os levava aos brinquedos lá. Eu era capitão do time de esgrima do colégio, e era lá que treinávamos.

Você seria *o capitão da porcaria do time de esgrima*, penso, mas não digo em voz alta; dá para perceber que ele está tentando ser educado.

— Bem, nós conversávamos algumas vezes. Nada aconteceu — explica ele, rapidamente. — Apenas algumas conversas, aqui e ali. Ela tinha um sorriso bonito. E eu sentia... — Ele para.

Espanto e medo me varrem. Ele está tentando dizer que somos parecidos. De algum jeito, ele sabe sobre Alex — não sobre Alex especificamente, mas sobre *alguém*.

— Espere um segundo. — Minha mente está agitada. — Está tentando me dizer que antes da intervenção você estava... Você ficou doente?

— Só estou dizendo que entendo. — Seus olhos encontram os meus por uma fração de segundo, mas é tudo de que preciso. Tenho certeza agora. Ele sabe que fui infectada. Sinto-me aliviada e apavorada ao mesmo tempo; se ele consegue enxergar, outras pessoas também conseguirão. — O que quero dizer é que a cura funciona — continua ele, enfatizando a última palavra. Sei, agora, que ele está tentando ser gentil. — Estou muito mais feliz agora. Você também vai ficar, eu garanto.

Alguma coisa dentro de mim se quebra quando ele diz isso, e eu me sinto capaz de chorar outra vez. A voz dele é tranquilizadora. Não há nada neste momento que eu queira mais do que acreditar nele. Segurança, felicidade, estabilidade: o que eu sempre quis. E, agora, penso que talvez as últimas semanas realmente tenham sido apenas um delírio longo e estranho. Talvez depois da intervenção eu acorde como se estivesse saindo de uma febre alta, apenas com uma vaga lembrança de meus sonhos e uma enorme sensação de alívio.

— Amigos? — pergunta Brian, oferecendo-me a mão, e, dessa vez, não me encolho quando ele encosta em mim. Até o deixo segurar minha mão por mais alguns segundos.

Ele continua olhando para a rua, e, enquanto estamos ali, seu rosto se franze rapidamente.

— O que ele quer? — murmura ele e, em seguida, grita: — Está tudo bem. Ela é

meu par.

Viro-me a tempo de ver um borrão de cabelos castanhos e dourados — como a cor das folhas das árvores no outono — desaparecer na esquina. Alex. Solto a mão de Brian, mas é tarde demais. Ele já sumiu.

— Devia ser um regulador — diz Brian. — Estava ali parado, olhando.

A sensação de calma e tranquilidade que tive há um minuto desaparece imediatamente. Alex me viu — ele nos viu, de mãos dadas, e ouviu Brian dizer que eu era seu par. E eu deveria tê-lo encontrado há uma hora. Ele não sabe que não consegui sair de casa, que não consegui avisá-lo. Nem imagino o que ele está pensando de mim. Ou, na verdade, *imagino*.

— Você está bem? — Os olhos de Brian são tão claros que beiram o cinza. Uma cor doentia, nada como o céu, mas como mofo ou putrefação. Não posso acreditar que pensei sequer por um segundo que ele poderia ser atraente. — Você não parece bem.

— Estou bem. — Tento dar um passo em direção a casa e tropeço. Brian estende o braço para me ajudar, mas eu me esquivo. — Estou bem — repito, ainda que tudo à minha volta esteja se quebrando, se desfazendo.

— Está quente aqui — diz Brian. Não suporto olhar para ele. — Vamos entrar.

Ele põe uma das mãos em meu cotovelo e me ajuda a subir os degraus, passar pela porta e chegar à sala, onde Carol e a Sra. Scharff estão esperando por nós, sorrindo.

vinte

Ex rememdium salus.
"Da cura, a salvação."

— Impresso nas moedas e notas americanas.

Por algum milagre devo ter causado uma impressão boa o suficiente em Brian e na Sra. Scharff para satisfazer Carol, apesar de quase não ter falado pelo restante da visita (ou talvez *porque* quase não falei). Eles vão embora no meio da tarde, e embora Carol tenha insistido que eu a ajudasse em mais algumas tarefas e ficasse para o jantar — cada minuto que não posso correr até Alex é uma agonia, sessenta segundos de pura tortura —, ela promete que eu posso dar uma volta quando acabar de comer, antes do toque de recolher. Engulo os feijões cozidos e os *nuggets* de peixe tão depressa que quase vomito e, então, fico praticamente quicando na cadeira até minha tia me deixar sair. Sou liberada até da função de lavar a louça, mas estou brava demais com ela por me ter prendido aqui para sentir gratidão.

Vou, primeiro, à casa trinta e sete na rua Brooks. Não acho realmente que Alex estará lá esperando por mim, mas torço assim mesmo. Porém, os cômodos estão vazios, e o jardim também. Devo estar semidelirante a essa altura, porque procuro atrás das árvores e dos arbustos, como se de repente ele fosse aparecer ali, como fazia algumas semanas atrás em um dos jogos épicos de pique-esconde que nós dois e Hana fazíamos. Só de pensar nisso sinto uma dor aguda no peito. Há menos de um mês, agosto inteiro ainda se estendia diante de nós — longo, dourado e reconfortante, como o período infinito de um sono delicioso.

Bem, agora acordei.

Atravesso novamente a casa. Ver todas as nossas coisas espalhadas pela sala — cobertores, algumas revistas e livros, uma caixa de biscoitos, algumas latas de refrigerante e jogos de tabuleiro antigos, inclusive uma partida inacabada de palavras cruzadas, abandonada quando Alex começou a inventar palavras como *locéu* e *carovo* — me deixa arrasadoramente triste e me faz lembrar daquela única casa que sobreviveu à *blitz* e daquela rua rachada e bombardeada: um lugar onde todos seguiam estupidamente com seu dia a dia até o momento do desastre, e depois todo mundo dizia: "Como é que eles não sabiam o que estava prestes a acontecer?"

Burra, burra — por ser tão descuidada com nosso tempo, por acreditar que ainda tínhamos bastante.

Caminho até a rua, frenética e desesperada agora, mas sem saber ao certo o que fazer em seguida. Alex certa vez mencionou que morava em Forsyth — uma longa fileira de prédios cinzentos desbotados da universidade —, então vou para lá. Mas todos os

prédios parecem idênticos. Deve haver dezenas deles, centenas de apartamentos. Quero bater em todas as portas até encontrá-lo, mas isso seria suicídio. Depois que alguns estudantes me lançam olhares desconfiados — tenho certeza de que pareço um desastre, com o rosto vermelho, olhos arregalados e praticamente histérica —, entro em uma rua lateral. Para me acalmar, começo a recitar as preces elementares:

— H é de hidrogênio, um peso de um; quando há fissão, tão brilhante, tão quente é o sol comum...

Estou tão distraída voltando para casa que me perco no emaranhado de ruas que levam para fora do *campus* da Universidade de Portland. Chego a uma rua estreita sem saída que nunca vi antes e preciso voltar até a praça Monument. O Governador está lá, como sempre, com a mão vazia estendida, parecendo triste e desamparado aos resquícios de luz do anoitecer, como se fosse um mendigo, eternamente condenado a pedir esmolas.

Mas, ao vê-lo, tenho uma ideia. Procuro no fundo de minha bolsa um pedaço de papel e uma caneta e rabisco: *Deixe-me explicar, por favor. Meia-noite, na casa. 17/8*. Então, depois de verificar que ninguém está me olhando das poucas janelas ainda acesas com vista para a praça, subo na base da estátua e guardo o bilhete na pequena cavidade do punho do Governador. A chance de Alex pensar em procurar algo ali é uma em um milhão. Mas, ainda assim, há uma chance.

Naquela noite, quando estou saindo sorrateiramente do quarto, ouço um ruído atrás de mim. Quando me viro, Gracie está de novo sentada na cama, piscando para mim, com os olhos brilhando como os de um animal. Coloco um dedo na frente de meus lábios. Ela faz o mesmo, uma mímica inconsciente, e saio.

Quando estou na rua, olho por um instante em direção à janela. Por um segundo penso ver Gracie olhando para mim, com o rosto pálido como a lua. Talvez seja apenas uma ilusão de ótica provocada pelas luzes e sombras que passam silenciosamente pela lateral da casa. Quando olho de novo, ela não está lá.

* * *

A casa da rua Brooks está escura quando entro pela janela, e totalmente silenciosa. *Ele não está aqui,* penso. *Ele não veio* — mas um pedaço de mim se recusa a acreditar. Ele *deve* ter vindo.

Eu trouxe uma lanterna comigo, e começo a procurar pela casa, pela segunda vez no dia, recusando-me a chamá-lo por razões supersticiosas. De alguma forma, não consigo suportar. Se ele não responder, serei forçada enfim a aceitar que ele não recebeu meu bilhete — ou, pior, recebeu e decidiu não vir.

Na sala, paro de repente.

Todas as nossas coisas — os cobertores, os jogos, os livros — sumiram. O chão de madeira está vazio e exposto sob o brilho da lanterna. A mobília se revela fria e

silenciosa, despida de nossos toques pessoais, os agasalhos descartados e os frascos abertos de filtro solar. Há muito tempo não tenho medo desta casa ou de andar por seus cômodos à noite, mas, agora, volto a ter consciência dos espaços vazios e cavernosos a meu redor — cômodo após cômodo de objetos arruinados e apodrecidos, e roedores piscando para mim de cantos escuros —, e sinto um calafrio profundo percorrer meu corpo. Alex deve ter vindo, afinal, para recolher nossas coisas.

A mensagem é tão clara quanto qualquer bilhete. Ele não quer mais saber de mim.

Por um instante até me esqueço de respirar. E, então, vem a Frieza, em uma onda tão forte que me atinge no peito com um impacto físico, como se o mar quebrasse em minha cabeça na praia. Meus joelhos cedem, e eu fico agachada no chão, tremendo descontroladamente.

Ele se foi. Um som sufocado escapa de minha garganta e interrompe o silêncio subitamente. De repente, estou soluçando alto no escuro, deixando a lanterna cair no chão e se apagar. Penso em chorar tanto a ponto de inundar a casa e me afogar ou ser carregada por um rio de lágrimas até algum lugar distante.

Em seguida, sinto uma mão morna em minha nuca, mexendo em uma mecha embolada de meu cabelo.

— Lena.

Eu me viro, e Alex está ali, inclinando-se para mim. Não consigo identificar sua expressão, mas, na pouca luz, ela parece dura, dura e imóvel, como se fosse feita de pedra. Por um segundo, receio estar sonhando, mas então ele me toca de novo e sua mão é sólida, quente e firme.

— Lena — repete ele, mas parece não saber o que dizer além disso. Levanto-me, desajeitada, secando o rosto com meu antebraço.

— Você recebeu meu bilhete.

Tento engolir as lágrimas, mas acabo apenas soluçando diversas vezes.

— Bilhete? — pergunta Alex.

Eu queria estar segurando ainda a lanterna para ver melhor o rosto dele. Ao mesmo tempo, morro de medo disso e da distância que eu talvez encontre ali.

— Deixei um bilhete no Governador — digo. — Queria que você viesse me encontrar aqui.

— Não peguei — diz ele. Acho que ouço uma frieza em sua voz. — Eu só vim...

— Pare.

Não posso deixar que ele continue. Não posso permitir que diga que veio empacotar tudo e que não quer me ver de novo. Isso me mataria. *Amor, a mais mortal das coisas mortais.*

— Ouça — digo, soluçando. — Ouça, sobre hoje... Não foi minha ideia. Carol disse que eu tinha que conhecê-lo, e não consegui avisar a você. E, então, estávamos lá, e eu estava pensando em você e na Selva e em como tudo mudou tanto e em como não há mais tempo, não há mais tempo para nós, e por um segundo, por um único segundo, desejei que as coisas pudessem voltar a ser como antes. — O que eu falo não faz

sentido, e eu sei disso. A explicação que repassei mentalmente tantas vezes está saindo toda enrolada, as palavras saltam umas sobre as outras. As desculpas parecem irrelevantes: enquanto falo, percebo que só uma coisa realmente importa. Alex e eu não temos mais tempo. — Mas juro que não desejei de verdade. Se nunca tivéssemos nos conhecido, eu não poderia ter... Eu não sabia o que nada *significava* antes de conhecer você, não realmente.

Alex me puxa para junto dele e me abraça. Enterro o rosto em seu peito. Ele parece encaixar com tanta precisão, tão exatamente, que é como se nossos corpos tivessem sido projetados um para o outro.

— Psiu — sussurra ele em meu cabelo.

Ele me aperta com tanta força que machuca um pouco, mas não me importo. É bom, como se eu pudesse tirar os pés do chão e não mexer um músculo, e, ainda assim, ele me seguraria. — Não estou bravo com você, Lena.

Afasto-me minimamente. Sei que, mesmo no escuro, meu rosto deve estar horrível. Meus olhos estão inchados e meu cabelo, grudado no rosto. Felizmente, ele continua me abraçando.

— Mas você... — Engulo em seco e respiro fundo. — Você levou tudo embora. Todas as nossas coisas.

Ele desvia o olhar por um segundo. Seu rosto está imerso nas sombras. Quando ele fala, sua voz soa alta demais, como se ele precisasse expulsar as palavras para conseguir dizê-las.

— Sempre soubemos que isso aconteceria. Sabíamos que não teríamos muito tempo.

— Mas... Mas... — Não preciso dizer que estávamos fingindo. Que agíamos como se nada fosse mudar nunca.

Ele segura meu rosto com as duas mãos e limpa minhas lágrimas com os polegares.

— Não chore, tudo bem? Não chore mais. — Ele beija levemente a ponta de meu nariz e, depois, pega uma de minhas mãos. — Quero mostrar uma coisa para você. — Há uma pequena falha em sua voz, e penso em coisas se desfazendo, desmoronando.

Ele me leva até a escada. Bem acima de nós o teto está podre em alguns pontos, o que permite que a luz prateada marque cada degrau. A escadaria deve ter sido magnífica em alguma época, subindo majestosamente antes de se dividir em duas partes, levando a corredores em ambos os lados.

Não fui ao segundo andar desde a primeira vez em que Alex me trouxe aqui com Hana, quando decidimos explorar cada cômodo da casa. Nem pensei em verificar o segundo andar quando estive aqui antes. É ainda mais escuro que o térreo, se é que é possível, e mais quente, com uma bruma negra e flutuante.

Alex segue pelo corredor, passando por uma fileira de portas idênticas de madeira.

— Por aqui.

Acima de nós, ouço um ruído incessante de asas batendo: morcegos, perturbados pelo som da voz dele. Solto um pequeno grito de medo. Ratos, tudo bem. Ratos voadores, nem tanto. Esse é mais um motivo pelo qual tenho permanecido no térreo.

Durante nossa primeira exploração, entramos no que deve ter sido a suíte principal — um quarto enorme, com as hastes quebradas de uma enorme cama com dossel ainda disposta no centro do cômodo —, olhamos para a escuridão acima e vimos dezenas e dezenas de formas escuras e silenciosas agrupadas nas vigas de madeira, como botões negros horríveis de flor pendurados de um caule, prontos para cair. Quando nos movemos, vários deles abriram os olhos e pareceram piscar para mim. O chão estava sujo de cocô de morcego, com um cheiro doce enjoativo.

— Aqui — diz Alex, e, apesar de não ter certeza, acho que ele para em frente à porta da suíte principal. Tremo. Não tenho a menor vontade de rever o Quarto dos Morcegos. Mas Alex é enfático, então permito que ele abra a porta e entro primeiro.

Assim que entramos no quarto, fico sem fôlego e paro tão repentinamente que ele esbarra em mim. O quarto está incrível; transformado.

— E então? — Há uma nota de ansiedade na voz de Alex. — O que você acha?

Não consigo responder de imediato. Alex afastou a cama velha para um dos cantos e lavou o chão até ficar perfeitamente limpo. As janelas — ou o que restava delas — estão abertas, trazendo para o ar um cheiro de gardênias e damas-da-noite, aromas que flutuam pelo vento, vindos do jardim. Ele arrumou nossos cobertores e livros no centro do quarto, onde abriu um saco de dormir, cercando a área com dezenas e dezenas de velas presas em curiosos castiçais improvisados, como xícaras e canecas velhas ou latas vazias de Coca-Cola, como na casa dele na Selva.

Mas a melhor parte é o teto: isto é, a falta de teto. Ele deve ter quebrado a madeira apodrecida do telhado, e, agora, um enorme pedaço do céu mais uma vez se estende acima de nossas cabeças. Há menos estrelas visíveis em Portland que do outro lado da fronteira, mas ainda é lindo. E o que é melhor, os morcegos — afugentados de seu poleiro — se foram. Muito acima de nós, lá fora, vejo diversas formas escuras voando de um lado para o outro na frente da lua, mas, contanto que fiquem no céu aberto, elas não me incomodam.

De repente me dou conta: ele fez isso para mim. Mesmo depois do que aconteceu hoje, ele veio aqui e fez isto para mim. Sou dominada por um sentimento de gratidão, e também por outro, que provoca uma pontada de dor. Não mereço tudo isso. Não mereço Alex. Viro-me para ele e nem consigo falar; seu rosto está iluminado por uma chama, e ele parece brilhar, transformando-se em fogo. Ele é a imagem mais bonita que já vi.

— Alex... — começo a dizer, mas não consigo concluir. De repente, estou quase com medo dele, apavorada diante de sua completa e absoluta perfeição.

Ele se inclina para a frente e me beija. E quando está encostado em mim, tão perto, com a suavidade de sua camiseta tocando meu rosto e o cheiro de protetor solar e de grama em sua pele, ele parece menos assustador.

— É muito perigoso voltarmos à Selva. — A voz dele está rouca, como se tivesse gritado com alguém durante muito tempo, e um músculo se contrai com força em sua mandíbula. — Então, eu trouxe a Selva até aqui. Achei que você fosse gostar.

— Gostei. Eu... Eu amei.

Aperto as mãos contra o peito, desejando que, de algum jeito, eu pudesse estar ainda mais próxima dele. Detesto pele. Detesto ossos e corpos. Quero me enrolar dentro dele e ser carregada ali para sempre.

— Lena. — Diferentes expressões passam por seu rosto tão depressa que mal consigo identificá-las, e sua mandíbula continua movendo-se sem parar. — Sei que não temos muito tempo, como você disse. Quase não temos tempo...

— Não. — Enterro meu rosto em seu peito, abraço-o e o aperto. Inimaginável, incompreensível: uma vida sem ele. A ideia me arrasa, o fato de que ele está quase chorando me arrasa; ele ter feito isso por mim, ele acredita que eu valho todo esse trabalho, e isso me mata. Ele é meu mundo, e meu mundo é ele, e sem ele não há mundo. — Não vou fazer a intervenção. Não vou levar isso adiante. Não posso. Quero ficar com você. *Preciso* ficar com você.

Alex segura meu rosto e se curva para fitar meus olhos. Seu rosto parece radiante agora, cheio de esperança.

— Você não tem que levar a intervenção adiante — diz ele. Suas palavras saem atrapalhadas. Ele, obviamente, vem pensando nisso há muito tempo e apenas tentou não dizer. — Lena, você não precisa fazer nada. Poderíamos fugir. Para a Selva. Simplesmente fugir e nunca mais voltar. Mas... Lena, não *poderíamos* voltar jamais. Você sabe disso, não é? Eles nos matariam ou nos prenderiam para sempre.... Mas, Lena, poderíamos *fugir*.

Eles nos matariam. Claro, ele tem razão. Uma vida fugindo: foi isso o que acabei de dizer que quero. Dou um passo para trás, sentindo-me tonta de repente.

— Espere — digo. — Espere um segundo.

Ele me solta. A esperança em seu rosto acaba de uma vez, e por um instante ficamos olhando um para o outro.

— Você não falou sério — diz ele, finalmente. — Não estava falando sério.

— Não, eu falei sério, mas...

— Mas você está com medo.

Alex caminha até a janela e observa a noite, recusando-se a olhar para mim. Suas costas parecem assustadoras de novo: tão sólidas e impenetráveis, uma parede.

— Não estou com medo. Eu só estou... — Combato uma sensação sombria. Não sei o que estou. Quero Alex e quero minha vida antiga, quero paz e felicidade, e sei que não posso viver sem ele: tudo ao mesmo tempo.

— Não tem problema. — A voz dele está abatida. — Não precisa se explicar.

— Minha mãe — digo. Alex se vira, parecendo espantado. Estou tão surpresa quanto ele. Eu não imaginava que diria essas palavras até elas saírem. — Não quero ser como ela. Você não entende? Vi o que aconteceu com ela, vi como ela ficou... Isso a matou, Alex. Ela me abandonou, abandonou minha irmã, abandonou tudo. E tudo por essa coisa, essa coisa dentro dela. *Não* serei como ela.

Nunca falei sobre isso, e estou surpresa com a dificuldade. Agora preciso me virar,

sentindo mal-estar e vergonha porque as lágrimas começaram de novo.

— Porque ela não foi curada? — Alex pergunta com um tom delicado.

Por um instante, não consigo falar, apenas me permito chorar, agora em silêncio, torcendo para que ele não perceba. Quando consigo controlar minha voz, digo:

— Não é só isso.

Então, tudo volta de repente, os detalhes, as informações que nunca compartilhei com ninguém antes:

— Ela era tão diferente de todo mundo! Eu sabia disso, que *ela* era diferente, que nós éramos, mas no início não era algo assustador. Parecia nosso segredinho delicioso. Meu, dela e de Rachel também, como se estivéssemos em um casulo. Era... era incrível. Mantínhamos todas as cortinas abaixadas, para que ninguém nos visse. Fazíamos uma brincadeira em que minha mãe se escondia no corredor e Rachel e eu tentávamos passar em disparada e, então, ela saltava para nos pegar; ela chamava isso de brincar de duende. E sempre terminava em uma guerra de cócegas. Ela estava sempre rindo. Nós estávamos sempre rindo. Às vezes, quando éramos muito barulhentas, ela colocava as mãos sobre nossa boca e ficava tensa por um segundo, escutando. Acho que tentava ouvir movimentações dos vizinhos, para se certificar de que nenhum deles tinha se alarmado. Mas ninguém nunca apareceu.

Não consigo me virar para Alex, então continuo falando:

— Às vezes, ela fazia panquecas de mirtilo no jantar, como um agrado. Ela mesma colhia os mirtilos. E estava sempre cantando. Tinha uma voz linda, simplesmente maravilhosa, como mel...

Minha voz se quebra, mas não consigo parar agora. As palavras saem em uma torrente.

— Ela também costumava dançar. Já contei isso para você. Quando eu era pequena, subia nos pés dela, ela me abraçava, e nos movíamos lentamente pelo quarto enquanto ela contava as batidas e tentava me ensinar o ritmo. Eu era péssima, desajeitada, mas ela sempre dizia que eu era linda. — Lágrimas molham o chão ao redor de meus pés. — Nem sempre era bom, não o tempo todo. Às vezes, eu acordava no meio da noite para ir ao banheiro e a ouvia chorando. Ela sempre tentava abafar o som com o travesseiro, mas eu sabia. Era assustador quando ela chorava. Eu nunca tinha visto um adulto chorar, sabe? E a maneira como ela fazia, uivando... Como um animal. E havia dias em que ela sequer saía da cama. Ela chamava aqueles momentos de dias negros.

Alex se aproxima de mim. Estou tremendo tanto que mal consigo ficar em pé. Meu corpo inteiro parece querer expelir algo, cuspir fora algo das profundezas de meu peito.

— Eu costumava rezar para que Deus a curasse de seus dias negros. Para que a mantivesse... Para que a mantivesse segura para mim. Eu queria que ficássemos juntas. Às vezes, as orações pareciam funcionar. Na maior parte do tempo, era bom. Era mais do que bom. — Mal consigo pronunciar essas palavras. Preciso forçá-las em um sussurro baixo. — Não entende? Ela abandonou tudo isso. Ela abriu mão por... Por essa *coisa*. Amor. *Amor deliria nervosa*... o que quer que seja. Ela abriu mão de *mim*.

— Sinto muito, Lena — Alex sussurra atrás de mim. Dessa vez ele se aproxima. Começa a traçar círculos longos e lentos em minhas costas. Eu me recosto nele.

Mas ainda não acabei. Limpo as lágrimas energicamente e respiro fundo.

— Todo mundo pensa que ela se matou porque não aguentaria passar pela intervenção de novo. Ainda tentavam curá-la, sabe? Seria sua quarta vez. Após a segunda, recusaram-se a anestesiá-la porque achavam que a anestesia estava interferindo na atuação da cura. Cortaram o *cérebro* dela, Alex, e ela estava *acordada*.

A mão dele se enrijece temporariamente, e eu sei que ele está tão furioso quanto eu. Em seguida, os círculos recomeçam.

— Mas sei que não foi por isso. — Balanço a cabeça. — Minha mãe era corajosa. Não tinha medo da dor. Esse era o problema, na verdade. Não tinha medo. Não queria ser curada; não queria deixar de amar meu pai. Lembro que ela me disse isso uma vez, pouco antes de morrer. "Estão tentando tirá-lo de mim", ela disse. E sorria de um modo bastante triste. "Estão tentando tirá-lo, mas não podem." Ela usava um broche dele pendurado no pescoço. Mantinha-o escondido quase sempre, mas, naquela noite, ele estava exposto, e ela o olhava fixamente. Era um objeto estranho, longo e prateado, uma espécie de adaga, com duas joias brilhantes no cabo, como olhos. Meu pai o usava na manga da camisa. Depois que ele morreu, ela usava aquilo todos os dias e não tirava nem para tomar banho...

De repente, percebo que Alex tirou a mão e deu dois passos para trás; viro-me e vejo que ele está me encarando, pálido e chocado, como se tivesse acabado de ver um fantasma.

— O quê? — Pergunto-me se é possível que eu o tenha ofendido de alguma forma. Algo na maneira como ele está me encarando faz um medo bater em meu peito, uma inquietação frenética. — Eu disse algo errado?

Ele balança a cabeça, um movimento quase imperceptível. Seu corpo permanece tão tenso quanto um fio esticado entre dois postes.

— Qual era o tamanho? Quer dizer, do pingente. — Sua voz soa estranhamente aguda.

— A questão não é o pingente, Alex, a questão é que...

— Qual era o tamanho? — repete ele, mais alto e mais forte.

— Não sei. Do tamanho de um polegar, talvez. — Estou completamente espantada com o comportamento de Alex. Ele está com uma expressão extremamente agoniada, como se tentasse engolir um porco-espinho inteiro. — Era de meu avô antes, feito sob medida, uma recompensa por algum serviço especial para o governo. Único. Pelo menos era o que meu pai sempre dizia.

Alex fica quieto por um minuto. Ele se vira, e, com seu perfil tão rígido e sério e a lua brilhando no céu, parece feito de pedra. Mas fico feliz por ele não estar me encarando. Estava começando a me deixar nervosa.

— O que você vai fazer amanhã? — pergunta enfim, lentamente, como se cada palavra fosse um esforço.

É algo estranho para se perguntar no meio de uma conversa completamente diferente, e começo a me irritar.

— Você estava me *ouvindo?*

— Lena, por favor. — Ali está: a mesma nota sufocada, engasgada. — Responda. Você vai trabalhar?

— Só no sábado. — Esfrego os braços. O vento vindo de fora está frio. Fico com os braços e as pernas arrepiados. O outono está se aproximando. — Por quê?

— Você precisa me encontrar. Tenho... Tenho algo para lhe mostrar.

Alex se volta para mim de novo, com os olhos tão selvagens e pretos e uma expressão tão diferente que dou um passo para trás.

— Você precisa explicar melhor. — Tento rir, mas sai apenas um ruído gorgolejado. *Estou com medo*, quero dizer. *Você está me assustando.* — Pode me dar pelo menos uma dica?

Alex respira fundo, e por um instante acho que não vai me responder.

Mas ele responde.

— Lena — diz ele, afinal —, acho que sua mãe está viva.

vinte e um

LIBERDADE NA ACEITAÇÃO;
PAZ NA CLAUSURA;
FELICIDADE NA RENÚNCIA

— Palavras gravadas no alto dos portões das Criptas.

Quando eu estava no quarto ano da escola, fiz um passeio com a turma até as Criptas. Era obrigatório haver pelo menos uma visita ao lugar durante o ensino fundamental, como parte da educação governamental anticrime e antirresistência. Não lembro muito da visita, exceto de uma sensação de pavor completo, uma vaga impressão de frio e de corredores de concreto enegrecido, cobertos de mofo e umidade, e pesadas portas eletrônicas. Para ser sincera, acho que consegui bloquear quase toda a lembrança. O propósito da visita era nos traumatizar para que andássemos na linha, e eles, definitivamente, acertaram a parte referente a *traumatizar*.

Algo de que me lembro é sair das Criptas para o sol brilhante de um belo dia de primavera com uma sensação poderosa, completa, de alívio — e também de confusão, ao perceber que, para sair das Criptas, precisávamos descer diversas escadas até o térreo. Durante todo o tempo em que estivemos lá dentro, mesmo enquanto subíamos, eu tive a impressão de estar enterrada, presa diversos andares abaixo da superfície. Era desse nível a escuridão do lugar, o quanto ele era apertado e malcheiroso: como ser trancada em um caixão com corpos em decomposição. Também me lembro de que, assim que saímos, Liz Billmun começou a chorar e a soluçar ali mesmo, enquanto uma borboleta voava a seu redor, e ficamos todas chocadas, pois Liz Billmun era muito durona e um pouco maldosa, e não havia chorado nem quando quebrou o tornozelo em uma aula de educação física.

Naquele dia, jurei que nunca mais, em hipótese alguma, voltaria às Criptas, por motivo nenhum. Mas na manhã seguinte à minha conversa com Alex, estou diante dos portões, andando de um lado para o outro, envolvendo a barriga com um braço. Não consegui engolir nada hoje de manhã, exceto a lama preta e espessa que meu tio chama de café, uma decisão da qual já estou arrependida. Sinto como se um ácido estivesse corroendo minhas entranhas.

Alex está atrasado.

No alto, o céu está carregado com enormes nuvens negras de chuva. Está prevista uma tempestade para mais tarde, o que parece adequado. Para além do portão, ao fim de uma pequena estrada pavimentada, o prédio das Criptas se ergue negro e imponente. Com o céu escuro ao fundo, parece o cenário de um pesadelo. Uma dúzia de janelinhas — como os vários olhos de uma aranha — se espalha pela fachada de pedra. Um

pequeno campo cerca as Criptas desse lado, terminando nos portões. Lembro-me do local como um pasto, mas, na verdade, é apenas um gramado bem-aparado, e careca em alguns pontos. Mesmo assim, o verde vívido da grama — onde a vegetação consegue de fato predominar acima da sujeira — parece deslocado. Isso parece um lugar onde nada deveria florescer ou crescer, onde o sol jamais deveria brilhar: um lugar na beira, no limite; um lugar completamente removido do tempo, da felicidade e da vida.

Suponho que, tecnicamente, ele *fica* na beira, considerando que se situa exatamente na fronteira leste, cercado pelo rio Presumpscot, por trás, e além dele, pela Selva. A cerca elétrica (ou "não tão elétrica") some em um dos lados das Criptas e recomeça no outro, fazendo o prédio parecer uma ponte que é parte da cerca.

— Oi.

Alex vem pela calçada, com os cabelos se agitando. O vento está definitivamente frio hoje. Eu devia ter usado um casaco mais pesado. Alex também parece sentir frio. Ele mantém os braços cruzados na frente do corpo. É claro que usa apenas uma camisa fina de linho — o uniforme oficial dos guardas do complexo de laboratórios. E está com o distintivo pendurado no pescoço também. Não o vejo com aquilo desde o primeiro dia em que nos falamos. Está usando até mesmo calças jeans mais bonitas, escuras e com bainhas que não estão totalmente rasgadas ou pisadas. Tudo faz parte do plano: para entrarmos, ele precisa convencer os administradores da prisão de que se trata de um assunto oficial. Encontro conforto no fato de que ele ainda usa os tênis surrados com os cadarços pintados. De algum jeito, esse pequeno detalhe familiar possibilita que eu esteja aqui com ele, fazendo isto. Tenho algo em que me concentrar e me apoiar, um pequeno momento de normalidade em um mundo que de repente se tornou irreconhecível.

— Desculpe o atraso — diz ele, parando a muitos centímetros de mim. Vejo a preocupação em seus olhos, mesmo que ele consiga manter o rosto sereno. Há guardas circundando o pátio depois do portão. Não é lugar para nos tocarmos ou revelarmos qualquer familiaridade.

— Tudo bem.

Minha voz falha. Tenho a impressão de que estou com febre. Desde que Alex e eu nos falamos ontem à noite, sinto minha cabeça girando e meu corpo ora ardendo, ora gelado. Mal consigo raciocinar. É um milagre que eu tenha conseguido sair de casa hoje. É um milagre que eu sequer tenha vestido calças e um milagre duplo que eu tenha me lembrado de calçar sapatos.

Minha mãe pode estar viva. Minha mãe pode estar viva. É a única ideia em minha mente, que suplantou a possibilidade de qualquer outro pensamento racional.

— Está pronta para isto?

Ele mantém a voz baixa e neutra, caso os guardas o escutem, mas consigo detectar uma nota de preocupação abaixo da superfície.

— Acho que sim — digo. Tento sorrir, mas meus lábios parecem rachados, secos como pedra. — Pode nem ser ela, não é? Você pode estar enganado.

Alex assente, mas dá para ver que ele tem certeza de que não se enganou. Tem certeza

de que minha mãe está aqui — neste *lugar*, neste túmulo acima da terra —, e que esteve aqui o tempo todo. A ideia é avassaladora. Não posso pensar muito na possibilidade de que ele esteja certo. Preciso me concentrar, direcionar toda a minha energia para simplesmente me manter de pé.

— Vamos — diz ele.

Alex caminha diante de mim, como se estivesse me guiando em um assunto oficial. Mantenho os olhos fixos no chão. Estou quase feliz pelo fato de a presença dos guardas exigir que Alex me ignore. Não sei se conseguiria lidar com uma conversa agora. Milhares de sentimentos se agitam dentro de mim, milhares de perguntas passam por minha cabeça, milhares de esperanças e de desejos suprimidos, há muito enterrados, mas não posso me segurar em nada, em nenhuma teoria ou explicação que faça qualquer sentido.

Alex se recusou a me dizer qualquer coisa após a declaração de ontem à noite.

— Você precisa ver — repetia ele estupidamente, como se só soubesse falar isso. — Não quero alimentar suas esperanças em vão. — E então pediu que eu o encontrasse nas Criptas. Acho que devo ter ficado em estado de choque. Durante todo o tempo não parei de me parabenizar por não ter tido um ataque, por não ter gritado, chorado ou exigido uma explicação, porém, mais tarde, quando cheguei em casa, percebi que não me lembrava de ter voltado e que não me mantive alerta a reguladores ou patrulhas. Devo ter marchado a passos pesados pelas ruas, cega a tudo mais.

Mas agora entendo a razão de existir choque, torpor. Sem torpor, eu provavelmente não teria conseguido me levantar e me vestir hoje de manhã. Não teria conseguido chegar até aqui, e não estaria avançando cuidadosamente agora, parando a uma distância respeitosa enquanto Alex mostra a identificação a um guarda em um portão e gesticula para mim.

Alex se lança em uma explicação provavelmente ensaiada.

— Houve um... *incidente* na avaliação dela — diz ele, com a voz fria.

Ele e o guarda estão me encarando: o guarda, desconfiado; Alex, com o máximo possível de desprendimento. Seu olhar é duro, sem qualquer traço de calor, e fico nervosa ao saber que ele consegue fazer isso tão bem: tornar-se outra pessoa, alguém sem qualquer ligação comigo.

— Nada muito severo — continua Alex —, mas seus pais e meus superiores acham que ela poderia se beneficiar de um pequeno lembrete sobre os perigos da desobediência.

O guarda se vira para mim. Seu rosto é rechonchudo e vermelho, e a pele ao lado dos olhos é protuberante e inchada, como se ele fosse uma massa fermentada durante o crescimento. Imagino seus olhos logo sendo totalmente cobertos pela carne.

— Que espécie de incidente? — indaga ele, estalando uma bola de chiclete. Ele desloca seu enorme fuzil automático para o outro ombro.

Alex se inclina para a frente, de modo que fica separado por apenas alguns centímetros do guarda do outro lado do portão. Ele diminui a voz, mas ainda consigo

ouvir.

— Sua cor preferida é a do nascer do sol — diz Alex.

O guarda me encara por mais uma fração de segundo e acena para que entremos.

— Afastem-se enquanto abro o portão — diz ele, antes de desaparecer em uma guarita semelhante àquelas que existem nos laboratórios em que Alex trabalha, e após alguns segundos os portões eletrônicos vibram e se abrem para dentro. Alex e eu começamos a atravessar o pátio, em direção à entrada do prédio. A cada passo, a silhueta enorme da construção cresce ainda mais. O vento aumenta, empurrando poeira pelo jardim sombrio e soprando uma sacola plástica pela grama; o ar está preenchido com o tipo de eletricidade que sempre surge antes de uma tempestade, o tipo de energia louca e vibrante que faz parecer que algo grandioso pode acontecer a cada segundo, como se o mundo inteiro pudesse se desfazer de repente no caos. Eu daria tudo para que Alex se virasse, sorrisse para mim e me estendesse sua mão. Claro, ele não pode, então segue rapidamente, com as costas eretas, olhando para a frente.

Não sei ao certo quantas pessoas estão confinadas nas Criptas. Alex estima que sejam mais ou menos três mil. Quase não há crimes em Portland — graças à cura —, mas, de vez em quando, pessoas roubam, vandalizam ou resistem aos procedimentos policiais. E há também os resistentes e os simpatizantes. Se não são executados no ato, são enviados para apodrecer nas Criptas.

O complexo também funciona como manicômio de Portland, e embora a criminalidade seja baixa, temos nossa cota de loucos apesar da cura, assim como o mundo inteiro. Alex diria que é *por causa* da cura que temos nossos loucos, e é verdade que intervenções prematuras ou fracassadas podem provocar problemas mentais ou alguma forma de dano cerebral. Além disso, algumas pessoas simplesmente nunca mais são as mesmas após a intervenção. Ficam catatônicas, com olhos sempre fixos, babando, e se suas famílias não tiverem dinheiro para mantê-las, são jogadas nas Criptas também, para mofar e morrer.

Duas portas duplas enormes dão entrada às Criptas. Pequenos painéis de vidro, provavelmente à prova de balas e marcados com poeira e pedaços de insetos esmagados, oferecem uma visão borrada do corredor longo e escuro no interior e de diversas luzes elétricas piscando. Um aviso impresso, desgastado pela chuva e pelo vento, está preso à porta. TODOS OS VISITANTES DEVEM SE CONDUZIR DIRETAMENTE À RECEPÇÃO E À SEGURANÇA.

Alex para por uma fração de segundo.

— Pronta? — pergunta ele, sem olhar para trás.

— Pronta — consigo dizer, engasgada.

O cheiro que nos atinge quando entramos quase me joga para trás — pela porta e pelo tempo, de volta ao quarto ano da escola. É o cheiro de milhares de corpos suados muito próximos uns dos outros, sob um odor pungente e ofensivo de desinfetantes industriais. Acima de tudo, há o cheiro de *umidade* — corredores que nunca ficam realmente secos, canos com vazamentos, mofo crescendo pelas paredes e em todos os

lugares escondidos que visitantes nunca podem ver. A recepção fica à nossa esquerda, e a mulher que está no posto, atrás de outro painel de vidro à prova de balas, usa uma máscara cirúrgica. Não a culpo.

Estranhamente, quando nos aproximamos de sua mesa, ela levanta os olhos e se dirige a Alex pelo nome.

— Alex — diz ela, acenando ligeiramente. E então vira os olhos para mim. — Quem é essa?

Alex repete a história sobre o incidente nas avaliações. Ele, obviamente, é bastante conhecido pela guarda, porque a trata por seu primeiro nome algumas vezes, e não vejo nenhum crachá. Ela digita nossos nomes em um computador da idade da pedra que está na mesa e acena para que passemos para a segurança. Alex cumprimenta também os funcionários desse setor, e eu o admiro por sua calma. Estou tendo muita dificuldade para desafivelar o cinto e passar pelo detector de metais, de tanto que minhas mãos tremem. Os guardas nas Criptas parecem cinquenta por cento maiores que as pessoas normais, com mãos do tamanho de raquetes de tênis e ombros largos como barcos. E todos carregam armas. Armas *grandes*. Estou fazendo o possível para não parecer completamente aterrorizada, mas é difícil manter a calma quando é preciso ficar praticamente só de roupa íntima na frente de gigantes equipados com armas automáticas.

Finalmente, passamos pela segurança. Alex e eu nos vestimos de novo em silêncio, e eu fico surpresa — e feliz — quando consigo amarrar meus cadarços.

— Somente alas um a cinco — grita um dos guardas quando Alex gesticula para que eu o siga pelo corredor. As paredes são pintadas com um tom doentio de amarelo. Em uma casa, um berçário bem iluminado ou um escritório, esse tom poderia ser alegre, mas, sob as luzes frias que acendem e apagam constantemente, marcada por anos e anos de água, marcas de mãos, insetos esmagados e não quero nem saber o quê, a cor parece incrivelmente depressiva, como um grande sorriso de alguém com dentes pretos e podres.

— Pode deixar — diz Alex. Presumo que isso significa que algumas áreas são proibidas a visitantes.

Sigo Alex por um corredor estreito, depois por outro. Os corredores estão vazios, e ainda não passamos por nenhuma cela, embora, à medida que vamos virando em curvas e em esquinas, ruídos e gemidos estridentes começam a flutuar em nossa direção, assim como estranhos barulhos de animais, balidos, mugidos e crocitos, como se um bando de pessoas estivesse imitando os sons de um celeiro. Devemos estar perto da ala psiquiátrica. No entanto, não passamos por nenhum outro guarda, enfermeira ou paciente. Tudo está tão parado que é quase assustador: e silencioso, também, exceto por esses sons terríveis que parecem sair das paredes.

Parece seguro conversar, então pergunto a Alex:

— Como todos conhecem você aqui?

— Venho muito — diz ele, como se esta fosse uma resposta satisfatória. Pessoas não "vão muito" às Criptas. Não é exatamente um programa que seja do mesmo nível da

praia. Não chega nem ao nível de um banheiro público.

Parece que ele não vai dar maiores detalhes, e estou prestes a exigir uma explicação mais completa quando ele expele o ar preso na boca e diz:

— Meu pai está aqui. É por isso que venho.

Realmente não achei que algo ainda pudesse me surpreender a esta altura ou penetrar a neblina em meu cérebro, mas isso consegue.

— Achei que você tivesse dito que seu pai estava morto.

Alex me contou há muito tempo que o pai tinha morrido, mas se recusou a entrar em detalhes. "Ele nunca soube que teve um filho", essa foi a única informação que Alex deu, e eu concluí que seu pai havia morrido antes que ele nascesse.

À minha frente, os ombros de Alex sobem e descem: um pequeno suspiro.

— E está — diz ele, virando abruptamente à direita em um corredor curto que leva a uma pesada porta de ferro. Nela, há outra placa, onde se lê PERPÉTUOS. Abaixo desta palavra alguém escreveu em caneta HA HA.

— O que você está...

Estou mais confusa do que nunca, mas não tenho tempo para terminar de formular a pergunta. Alex passa pela porta, e o cheiro que nos recebe — de vento, grama e coisas frescas — é tão inesperado e bem-vindo que paro de falar, respirando profunda e longamente. Sem perceber, eu estava respirando pela boca.

Estamos em um pequeno jardim, cercado pelas paredes cinzentas e manchadas das Criptas. A grama aqui é incrivelmente viçosa, chegando quase a meus joelhos. Uma única árvore torta se ergue à nossa esquerda, e um pássaro canta em seus galhos. O lugar é surpreendentemente agradável, pacífico e bonito — estranho estar no meio de um pequeno jardim enquanto se está enclausurado atrás das grossas paredes de pedra da prisão, como estar exatamente no centro de um furacão e encontrar paz e silêncio no meio de tanto estrago barulhento.

Alex se afastou diversos passos. Está de pé, cabeça curvada e olhos voltados para o chão. Também deve ter consciência da paz aqui, da tranquilidade que parece pairar como um véu, cobrindo tudo com suavidade e descanso. O céu acima de nós está mais escuro do que quando entramos nas Criptas: contrastando com todo o cinza e as sombras, a grama é vívida e elétrica, como se estivesse iluminada por dentro. Vai chover a qualquer momento. Precisa chover. Tenho a sensação de que o mundo está prendendo a respiração antes de um suspiro gigante, equilibrando-se, hesitando, prestes a soltar.

— Aqui. — A voz de Alex soa surpreendentemente alta e me espanta. — Bem aqui. — Ele aponta para uma chapa de pedra torta no chão. — É aqui que meu pai está.

A grama está cheia de dezenas dessas pedras, que, à primeira vista, pareciam arranjadas de forma natural e aleatória. Então percebo que foram colocadas deliberadamente na terra. Algumas delas estão cobertas por marcas pretas desbotadas, a maioria ilegível, apesar de em uma das pedras eu reconhecer a palavra RICHARD e, em outra, MORREU.

Túmulos, percebo, e o propósito do jardim se torna claro. Estamos no meio de um

cemitério.

Alex está olhando para um pedaço grande de concreto, liso como uma tábua, afundado na terra em frente a seus pés. Nele, toda a escrita está visível, palavras cuidadosamente impressas com o que parece tinta preta, com as bordas ligeiramente borradas, como se alguém sempre reescrevesse por cima das letras. WARREN SHEATHES, DESCANSE EM PAZ.

— Warren Sheathes — digo. Quero pegar a mão de Alex, mas acho que não é seguro. Há algumas janelas cercando o jardim no térreo, e apesar de estarem cobertas de sujeira alguém poderia passar a qualquer momento, olhar e nos flagrar. — Seu pai?

Alex responde afirmativamente com um aceno e balança os ombros com um movimento repentino, como se tentasse espantar o sono.

— É.

— Ele estava aqui?

Um dos cantos da boca de Alex se ergue em um sorriso, mas o restante do rosto permanece duro como pedra.

— Durante catorze anos.

Ele desenha lentamente com o pé um círculo na terra, o primeiro sinal físico de desconforto ou distração que ele apresenta desde que chegamos. Nesse instante, fico maravilhada diante dele: desde que nos conhecemos, ele não fez nada além de me apoiar, me confortar e me ouvir, e, nesse tempo todo, vinha carregando também o peso dos próprios segredos.

— O que aconteceu? — pergunto em voz baixa. — Quer dizer, o que ele...? — Paro. Não quero forçar o assunto.

Alex me olha rapidamente e desvia o olhar.

— O que ele fez? — diz ele. A rigidez voltou à sua voz. — Não sei. O que todas as pessoas que vão parar na Ala Seis fazem. Pensou por si próprio. Defendeu aquilo em que acreditava. Recusou-se a ceder.

— Ala Seis?

Alex evita meus olhos cuidadosamente.

— A ala morta — diz ele, também em voz baixa. — Para prisioneiros políticos, na prática. São mantidos em confinamento solitário. E ninguém nunca é solto. — Ele gesticula ao redor, para outras pedras na grama, dezenas de túmulos improvisados. — Nunca — repete ele, enquanto penso na placa na porta: PERPÉTUOS, HA HA.

— Sinto muito, Alex. — Daria tudo para tocá-lo, mas o melhor que posso fazer é aproximar-me, de modo que nossa pele fique separada por apenas alguns centímetros.

Ele me olha então, com um sorriso triste.

— Ele e minha mãe tinham apenas dezesseis anos quando se conheceram. Você acredita? Ela só tinha dezoito anos quando eu nasci. — Ele se agacha e passa o polegar no nome do pai. De repente, entendo que o motivo pelo qual ele vem aqui com frequência é para continuar escurecendo as letras do nome do pai para não desbotarem, para manter algum registro dele. — Queriam fugir juntos, mas ele foi pego antes que

pudessem pensar em um plano. Eu nunca soube que ele havia sido preso. Só pensei que estivesse morto. Minha mãe achou que seria melhor para mim, e ninguém na Selva sabia o suficiente para desmenti-la. Acho que para minha mãe era mais fácil acreditar que ele realmente *havia* morrido. Ela não queria pensar nele apodrecendo neste lugar. — Alex continua passando o dedo nas letras, de um lado para o outro. — Meus tios me contaram a verdade quando completei quinze anos. Queriam que eu soubesse. Vim aqui para conhecê-lo, mas... — Acho que vejo Alex tremer, um movimento duro repentino dos ombros e das costas. — Enfim, era tarde demais. Ele estava morto havia alguns meses e enterrado aqui, onde seus restos não *contaminariam* nada.

Sinto enjoo. As paredes parecem se fechar a nosso redor, ficando mais altas e estreitas; o céu parece cada vez mais remoto, um ponto que não para de diminuir. *Nunca sairemos daqui*, penso, mas então respiro fundo, tentando manter a calma.

Alex se ajeita.

— Pronta? — pergunta ele, pela segunda vez hoje de manhã.

Confirmo com um aceno de cabeça, mesmo não tendo certeza de que estou pronta. Ele se permite um breve sorriso, e vejo, por um segundo, um pouco de calor iluminar seus olhos. Então, fica sério de novo.

Olho uma última vez para o túmulo antes de entrarmos. Tento pensar em alguma prece, ou algo apropriado para dizer, mas nada me ocorre. Os estudos dos cientistas não são realmente claros em relação ao que acontece quando morremos: supostamente, nos dissipamos na matéria celestial que é Deus e somos absorvidos por Ele, apesar de também se dizer que os curados vão para o céu e vivem eternamente em perfeita ordem e harmonia.

— Seu nome — falo e viro-me para Alex. Ele já passou por mim, dirigindo-se à porta. — Alex Warren.

Ele balança a cabeça quase imperceptivelmente.

— Um nome que me foi dado — diz ele.

— Seu nome verdadeiro é Alex Sheathes — digo, e ele assente.

Ele tem um nome secreto, exatamente como eu. Ficamos ali por mais um instante, olhando um para o outro, e nesse instante sinto entre nós uma ligação tão forte que é como se conquistasse existência física e se tornasse uma mão a nosso redor, segurando-nos juntos, protegendo-nos. É disso que as pessoas falam quando se referem a Deus: esse sentimento de ser segurado, compreendido e protegido. Sentir-me assim parece o mais próximo de rezar; então, sigo Alex de volta para dentro, prendendo a respiração quando reencontramos aquele fedor horrível.

Sigo-o por uma série de corredores sinuosos. A sensação de quietude e de paz que tive no pátio é substituída quase imediatamente por um medo tão cortante quanto uma lâmina cravando-se em meu âmago, penetrando profundamente até que eu mal consiga respirar ou continuar andando. Em alguns momentos os lamentos se tornam mais altos, quase febris, e preciso cobrir os ouvidos; então, voltam a ficar mais fracos. Em um momento, passamos por um homem com um jaleco branco de laboratório manchado

com o que parece sangue; ele está conduzindo um paciente em uma coleira. Nenhum dos dois nos olha enquanto passamos.

Fazemos tantas curvas que começo a me perguntar se Alex está perdido, principalmente porque os corredores estão ficando cada vez mais sujos e as luzes, menos numerosas, até que caminhamos por um ambiente escuro e sombrio, com apenas uma lâmpada para iluminar seis metros de um corredor de pedras enegrecidas. De vez em quando, vários letreiros brilhantes de neon aparecem na escuridão, como se surgissem do próprio ar: ALA UM, ALA DOIS, ALA TRÊS, ALA QUATRO. Mas Alex continua andando, e quando passamos pelo corredor que leva à Ala Cinco, chamo-o, convencida de que ele se confundiu ou se perdeu.

— Alex — digo, mas a palavra me sufoca, pois naquele momento chegamos a um pesado par de portas marcado por uma pequena placa tão mal-luminada que quase não consigo ler. Mesmo assim, ela parece brilhar tão claramente quanto mil sóis.

Alex se vira, e para minha surpresa não há nada de sereno em seu rosto. Sua mandíbula está contraída, e os olhos, cheios de dor, e percebo que ele se odeia por estar ali, por ser a pessoa que precisa dizer, a pessoa que vai me mostrar aquilo.

— Desculpe, Lena — diz ele. No alto, a placa arde na escuridão: ALA SEIS.

vinte e dois

Humanos, não regulamentados, são cruéis e caprichosos; violentos e egoístas; desgraçados e briguentos. Apenas quando seus instintos e emoções básicas são controlados é que eles podem ser felizes, generosos e bons.

— Shhh.

Sinto um pavor repentino de avançar. Aquela coisa no fundo de meu estômago se aperta como um punho, dificultando minha respiração.

Não posso continuar. Não quero saber.

— Talvez não devêssemos — digo. — Ele disse... disse que não podíamos.

Alex estende o braço como se pensasse em me tocar, mas então se lembra de onde estamos e força os braços a ficarem abaixados.

— Não se preocupe — diz ele. — Tenho amigos aqui.

— Provavelmente, nem é ela. — Minha voz se ergue um pouco, e temo que eu talvez tenha um colapso. Umedeço os lábios, tentando manter a compostura. — Provavelmente, é apenas um grande engano. Nem deveríamos ter vindo. Quero ir para casa. — Sei que pareço uma criança dando um ataque de birra, mas não consigo evitar. Atravessar estas portas duplas parece algo absolutamente impossível.

— Lena, por favor. Você precisa confiar em mim. — Então, ele de fato estende o braço, apenas por um segundo, tocando em meu antebraço. — Tudo bem? Confie em mim.

— Eu confio em você, mas... — O ar, o fedor, a escuridão e a sensação pútrida ao redor: tudo me faz querer correr. — Se ela *não estiver* aqui... Bem, isso é ruim. Mas, se *estiver*... Acho... Acho que pode ser ainda pior.

Alex me observa atentamente por um segundo.

— Você precisa saber, Lena — diz ele afinal, com firmeza, e tem razão.

Concordo com a cabeça. Ele dá um sorriso ligeiro, estende o braço e abre as portas da Ala Seis.

Entramos em um vestíbulo que se parece exatamente com o que eu imaginava que seria uma cela nas Criptas: as paredes e o chão são de concreto, e qualquer que seja a cor com a qual foram pintados, desbotaram até um tom de cinza sujo e úmido. Há uma única lâmpada no alto, que mal projeta luz suficiente para iluminar o pequeno espaço. Em um dos cantos, um banco está ocupado por um guarda. Esse guarda tem um tamanho normal — é até magro, com marcas de acne e cabelos que parecem espaguete cozido demais. Assim que Alex e eu passamos pela porta, o guarda toca em sua arma, como reflexo, aproximando-a do corpo e apontando o cano ligeiramente para nós.

Alex enrijece a meu lado. De repente, sinto-me muito alerta.

— Não podem ficar aqui — diz o guarda. — Área restrita.

Pela primeira vez desde que entramos nas Criptas, Alex parece pouco à vontade. Ele mexe em seu distintivo, nervoso.

— Pensei... pensei que Thomas estaria aqui.

O guarda se levanta. Surpreendentemente, não é muito mais alto do que eu — é, com certeza, mais baixo que Alex —, mas, dentre todos os guardas que vi hoje, é o que mais me assusta. Há algo estranho em seus olhos, uma insensibilidade e uma dureza que lembram uma cobra. Nunca me apontaram uma arma antes, e ao olhar para o túnel longo e escuro do cano tenho a impressão de que vou desmaiar.

— Ah, ele está aqui, está aqui sim. Agora, está *sempre* aqui.

O guarda sorri sem qualquer humor, e seus dedos dançam no gatilho. Quando fala, seus lábios se curvam para cima, revelando uma boca cheia de dentes tortos e amarelados.

— O que você sabe sobre Thomas?

O recinto assume o silêncio e a carga do ar lá fora e me faz pensar na espera pelo estrondo de um trovão. Alex se permite um pequeno sinal de nervosismo: ele abre e fecha as mãos, apoiadas nas coxas. Quase consigo vê-lo raciocinar, tentar descobrir o que responder. Ele deve saber que mencionar Thomas foi uma ideia ruim — até eu ouvi o desprezo e a desconfiança na voz do guarda ao pronunciar o nome.

Após o que parece um longo tempo — mas que provavelmente foram apenas alguns segundos —, a expressão vazia e oficial volta a seu rosto.

— Ouvimos falar que tinha acontecido alguma espécie de problema, só isso.

A declaração é vaga o bastante, e é uma suposição razoável. Alex gira o distintivo nos dedos com tranquilidade. O guarda vê o objeto, e percebo que relaxa. Ainda bem que não tenta olhar melhor. Alex só tem Nível Um de acesso aos laboratórios, o que significa que mal pode entrar no almoxarifado, quanto mais desfilar por áreas restritas, ali ou em qualquer outro lugar de Portland, como se fosse dono delas.

— Vocês demoraram muito — diz o guarda, secamente. — Thomas já saiu há meses. Melhor para o DIC, suponho. Não é o tipo de coisa que gostaríamos de expor. — DIC é o Departamento de Informações Controladas (ou, se você tiver o cinismo de Hana, o Departamento de Idiotas Corruptos ou o Departamento de Implementação de Censura), o que me faz sentir calafrios nos braços. Algo muito errado aconteceu na Ala Seis para que o DIC fosse envolvido.

— Sabe como é... — diz Alex. Ele se recuperou do deslize temporário; a confiança e a calma voltam à sua voz. — É impossível conseguir uma resposta prática de qualquer pessoa por lá. — Outra declaração vaga, mas o guarda simplesmente concorda com a cabeça.

— Nem me fale. — Em seguida, aponta para mim com a cabeça. — Quem é ela?

Posso senti-lo olhando para a pele não marcada de meu pescoço, notando que não tenho a cicatriz da intervenção. Como muitas pessoas, ele se retrai inconscientemente —

apenas alguns centímetros, mas o suficiente para que a antiga sensação de humilhação, a sensação de que, de algum jeito, sou *errada*, me invada. Volto o olhar para o chão.

— Ela não é ninguém — diz Alex, e mesmo sabendo que ele *precisa* dizer isso, meu peito dói. — Preciso mostrar as Criptas para ela, só isso. Um processo de reeducação, se é que você me entende.

Prendo a respiração, certa de que a qualquer instante o guarda vai nos expulsar, quase desejando que o faça. Ainda assim... Logo atrás do banco do guarda há uma única porta de metal, grossa e pesada, protegida por um teclado eletrônico. Parece o cofre do Banco Central Savings no centro da cidade. Vindo dela, posso ouvir barulhos distantes — acho que são ruídos humanos, apesar de ser difícil afirmar.

Minha mãe pode estar atrás daquela porta. Pode estar lá *dentro*. Alex tinha razão. Preciso saber.

Pela primeira vez começo a entender, de verdade, o que Alex me disse ontem à noite: durante todo esse tempo minha mãe podia estar viva. Enquanto eu respirava, ela também respirava. Enquanto eu dormia, ela dormia em outro lugar. Enquanto eu estava acordada, pensando nela, ela poderia estar pensando em mim. É demais: milagroso e, ao mesmo tempo, absurdamente doloroso.

Alex e o guarda se encaram por um minuto. Alex continua girando o distintivo em um dedo, enrolando e desenrolando a corrente. Os movimentos parecem acalmar o guarda.

— Não posso deixá-los entrar — diz ele, mas, desta vez, soa simpático. Ele abaixa a arma e volta a se sentar no banco. Exalo rapidamente; sem querer, estava prendendo a respiração.

— Só está fazendo seu trabalho — diz Alex, mantendo a voz neutra. — Então você é o substituto de Thomas?

— Isso. — O guarda desvia o olhar para mim, e novamente posso sentir que ele está observando meu pescoço não marcado. Preciso me conter para não cobrir a pele com uma das mãos. No entanto, ele deve ter concluído que não somos encrenqueiros, pois olha de novo para Alex e diz: — Frank Dorset. Fui transferido da Três em fevereiro, depois do incidente.

Algo na maneira como ele diz *incidente* envia calafrios por minha coluna.

— Dureza, não é? — Alex se apoia na parede, o retrato da casualidade. Só eu consigo detectar a tensão em sua voz. Ele está enrolando. Não sabe o que fazer ou como entraremos.

Frank dá de ombros.

— Aqui em cima é mais silencioso, com certeza. Ninguém entra, ninguém sai. Pelo menos, *quase* ninguém. — Ele sorri de novo, mostrando aqueles dentes horrorosos, mas os olhos mantêm o estranho aspecto insensível, como se houvesse uma cortina sobre eles. Fico imaginando se isso foi um efeito colateral da cura ou se ele sempre foi assim.

Ele inclina a cabeça para trás, encarando Alex através de olhos semicerrados, e sua semelhança com uma cobra se torna ainda mais acentuada.

— Então, como ficou sabendo sobre Thomas?

Alex mantém sua atuação despreocupada, sorrindo e rodando o distintivo.

— Boatos aqui e ali — diz ele, dando de ombros. — Sabe como é...

— Sei como é — diz Frank. — Mas o DIC não ficou muito feliz. Trancou-nos por alguns meses. O que exatamente você ouviu, afinal?

Percebo que esta é uma pergunta importante, algum tipo de teste. *Tenha cuidado*, digo mentalmente para Alex, como se talvez ele pudesse me ouvir.

Alex hesita por um segundo antes de falar:

— Ouvi que ele talvez nutrisse simpatia pelo outro lado.

De repente, tudo faz sentido: Alex ter dito "tenho amigos aqui", o fato de que parece que ele já teve acesso à Ala Seis antes. Um dos guardas devia ser simpatizante, ou talvez um membro ativo da resistência. A frase constante de Alex se repete em minha cabeça: *há mais de nós do que você imagina.*

Frank relaxa a olhos vistos. Aparentemente, foi a resposta certa. Ele parece decidir que Alex é, afinal, confiável. E então alisa o cano da arma — que está repousada casualmente entre os seus joelhos — como se fosse um animal de estimação.

— Isso mesmo. Foi um choque para mim. Claro, eu mal o conhecia; às vezes o encontrava na sala de descanso, e uma ou duas vezes quando eu ia mijar, mas é só. Ele costumava ficar na dele. Acho que faz sentido. Devia falar bastante com os Inválidos.

Esta é a primeira vez que ouço alguém de um cargo oficial reconhecer que há pessoas vivendo na Selva, e inspiro rapidamente. Sei que deve ser doloroso para Alex estar ali, falando de forma casual sobre um amigo que foi pego por ser simpatizante. O castigo deve ter sido rápido e severo, principalmente por ele fazer parte da folha de pagamento do governo. Talvez tenha sido enforcado, fuzilado, eletrocutado ou jogado em uma das celas para apodrecer — se o tribunal tiver sido misericordioso e votado contra um veredito de morte por tortura. Se é que *houve* um julgamento.

Incrivelmente, a voz de Alex não se altera.

— Qual foi a pegada?

Frank continua massageando a arma, e algo nesse movimento — suave, quase como se ele tentasse despertá-la — me provoca náuseas.

— Não foi exatamente uma pegada. — Ele tira o cabelo da frente do rosto e revela uma testa suja, brilhando com suor. É muito mais quente aqui do que nas outras alas. O ar deve ficar preso nestas paredes, apodrecendo e supurando como tudo neste lugar. — Parece que ele sabia algo sobre a fuga. Era o responsável pela inspeção das celas. E o túnel simplesmente não apareceu da noite para o dia.

— A fuga? — As palavras escapam de minha boca antes que eu consiga evitá-las. Meu coração começa a bater violentamente no peito. Ninguém nunca escapou das Criptas, nunca.

Por um instante a mão de Frank pousa na arma e os dedos executam novamente uma dança no gatilho.

— Claro — continua ele, mantendo os olhos em Alex, como se eu nem estivesse ali.

— Você deve ter ouvido algo sobre ela.

Alex dá de ombros.

— Um pouco disso, um pouco daquilo. Nada confirmado.

Frank ri. É um som terrível. Lembro-me de quando vi duas gaivotas brigando no ar por um resto de comida, berrando enquanto mergulhavam no ar.

— Ah, está confirmado, sim — diz ele. — Foi em fevereiro. Recebemos o alarme de Thomas, aliás. Claro, se ele participou do plano, ela deve ter conseguido uma vantagem de seis ou sete horas.

Quando diz a palavra *ela*, as paredes parecem desabar a meu redor. Dou um passo rápido para trás, esbarrando em uma parede. *Poderia ser ela*, penso, e por um segundo terrível e cheio de culpa fico decepcionada. Então, lembro-me de que ela pode nem estar aqui — e, em todo caso, poderia ter sido qualquer pessoa que escapou, qualquer mulher simpatizante ou rebelde. Mesmo assim, a tonteira não passa. Fico ansiosa, cheia de medo e de um desejo desesperado, tudo ao mesmo tempo.

— Qual é o problema dela? — pergunta Frank. Sua voz soa distante.

— Ar — consigo dizer. — É o ar aqui dentro.

Frank ri novamente, soltando aquele cacarejo desagradável.

— Acha que é ruim aqui? — comenta o guarda. — É um paraíso em comparação às celas.

Ele parece ter prazer com isto, e penso em um debate que tive com Alex há algumas semanas, quando ele argumentava contra a utilidade da cura. Eu disse que, sem amor, também não haveria ódio; sem ódio, não haveria violência. *Ódio não é o mais perigoso*, dissera ele. *É a indiferença.*

Alex volta a falar. Sua voz é baixa e ainda soa casual, mas possui um traço de força: o tipo de voz que um vendedor de rua assume quando quer nos convencer a comprar uma caixa de frutas amassadas ou um brinquedo quebrado. *Tudo bem, vamos fazer um acordo, sem problema, pode confiar.*

— Olhe, deixe-nos entrar por um minuto. É só isso: um minuto. Você está vendo que ela já está aterrorizada. Precisei vir até aqui para isto, durante minha folga; eu queria ir ao píer, talvez pescar um pouco. A questão é que se eu a levar para casa e ela não estiver alinhada... Bem, você sabe, provavelmente eu vou ter que trazê-la aqui outra vez. E só tenho alguns dias de folga, e já estamos quase no fim do verão...

— Por que tudo isso? — diz Frank, apontando para mim com a cabeça. — Se ela está causando problemas, há uma maneira fácil de consertá-la.

Alex dá um sorriso tenso.

— O pai dela é Steven Jones, comissário dos laboratórios. Ele não quer antecipar a intervenção, não quer problemas, violência ou complicação. Não passa uma boa impressão, entende?

É uma mentira ousada. Frank poderia muito bem solicitar minha identidade, então Alex e eu estaríamos ferrados. Não sei ao certo qual seria o castigo por entrar nas Criptas mediante falsas alegações, mas não pode ser bom.

Frank parece interessado em mim pela primeira vez. Olha-me da cabeça aos pés, como se estivesse analisando uma fruta no supermercado para ver se está madura, e por um instante não diz nada.

Então, finalmente, ele se levanta, acomodando a arma no ombro.

— Vamos — diz ele. — Cinco minutos.

Enquanto ele mexe no teclado, digitando um código e colocando a mão em uma espécie de tela para reconhecimento de impressões digitais, Alex pega meu cotovelo.

— Vamos — diz ele, em uma voz grosseira, como se meu faniquito o tivesse irritado. Mas seu toque é gentil, e sua mão morna é reconfortante. Gostaria que ele pudesse mantê-la ali, mas após somente um segundo ele me solta. Posso ler uma súplica, em alto e bom som, em seus olhos: *Seja forte. Estamos quase lá. Seja forte só mais um pouquinho.*

As trancas na porta se soltam com um clique. Frank apoia o ombro nela e faz força, abrindo-a apenas o suficiente para que passemos para o corredor do outro lado. Alex vai na frente, depois eu, depois Frank. A passagem é tão estreita que precisamos andar enfileirados, e é ainda mais escura do que o restante das Criptas.

Mas é o cheiro o que realmente me atinge: um fedor horrível, pútrido, supurado, como os Lixões perto do porto — o lugar onde são descartadas as entranhas dos peixes — em um dia extremamente quente. Até Alex pragueja e tosse, cobrindo o nariz com a mão.

Atrás de mim, imagino Frank sorrindo.

— A Ala Seis tem seu próprio perfume especial — diz ele.

Enquanto andamos, ouço o cano da arma bater em sua coxa. Fico preocupada com a possibilidade de eu desmaiar e quero me apoiar nas paredes, mas elas estão cobertas de fungo e umidade. Em ambos os lados, as portas metálicas trancadas das celas aparecem a intervalos, cada qual com apenas uma janela imunda do tamanho de um prato. Através das paredes ouvimos gemidos baixos em uma vibração constante. É pior, de certa forma, que os berros e gritos de antes: este é o som de pessoas que há muito abdicaram da esperança de que alguém as ouça, um som reflexivo que tem como único objetivo preencher o tempo, o espaço e a escuridão.

Acho que vou passar mal. Se Alex estiver certo, minha mãe está aqui, atrás de uma dessas portas terríveis — tão perto que, se eu pudesse rearranjar as partículas e derreter as pedras, poderia estender o braço e tocá-la. Estou mais perto dela do que jamais pensei estar novamente.

Sou invadida por pensamentos e desejos conflitantes: *minha mãe não pode estar aqui; preferia que ela estivesse morta; quero vê-la viva.* E também por aquela outra palavra, abrindo caminho sob todos os meus pensamentos: *fuga, fuga, fuga.* Uma possibilidade fantástica demais para sequer ser contemplada. Se minha mãe fosse a pessoa que escapou, eu saberia. Ela teria vindo atrás de mim.

A Ala Seis consiste em apenas um corredor comprido. Pelo que consigo ver, há cerca de quarenta portas, quarenta celas diferentes.

— Aqui estamos — diz Frank. — O *grand tour*. — Ele bate a uma das primeiras portas. — Aqui está seu amigo Thomas, se quiser cumprimentá-lo. — Então ri outra vez, aquele cacarejo horroroso.

Penso no que ele disse quando chegamos ao vestíbulo: *agora, está* sempre *aqui*.

À nossa frente, Alex não responde, mas acho que o vejo dar de ombros.

Frank cutuca minhas costas com força, usando o cano da arma.

— Então, o que achou?

— Horrível — respondo, rouca. Minha garganta parece ter sido envolvida por arame farpado. Frank parece satisfeito.

— Melhor ouvir e fazer o que mandam — diz ele. — Não adianta nada acabar como *esse* cara.

Paramos na frente de uma das celas. Frank acena com a cabeça para a pequena janela, e dou um passo hesitante à frente, encostando o rosto no vidro. Está tão sujo que é quase opaco, mas se eu forçar os olhos consigo identificar algumas formas na escuridão da cela: uma cama com um colchão velho e sujo, um vaso sanitário, um balde que parece ser o equivalente humano a uma vasilha de água para cachorros. A princípio, penso que há um amontoado de farrapos no canto, até perceber que aquilo é o "cara" a quem Frank se referiu: um montinho imundo e encolhido de pele, osso e cabelos emaranhados. Está imóvel, e sua pele é tão suja que se mistura ao cinza das paredes de pedra. Se não fosse pelos olhos, rolando continuamente para um lado e para o outro, como se buscasse insetos no ar, nem daria para saber que ele estava vivo. Nem daria para saber se ele era *humano*.

O pensamento me ocorre de novo: *preferia que ela estivesse morta*. Não neste lugar. Em qualquer lugar, menos aqui.

Alex continuou pelo corredor, e ouço-o arquejar. Levanto os olhos. Ele está completamente parado, e sua expressão me deixa com medo.

— O quê? — pergunto.

Por um instante, ele não responde. Está olhando fixamente para algo que não consigo ver — uma porta, imagino, mais adiante no corredor. Em seguida, vira-se para mim de repente, com um movimento de cabeça rápido e duro.

— Não — diz ele, com a voz rouca. O medo aumenta, me domina.

— O que foi? — pergunto de novo.

Avanço pelo corredor até ele. De repente, Alex parece estar muito longe, e quando Frank fala atrás de mim, sua voz também soa distante.

— Era aí que ela estava — diz. — Número cento e dezoito. A administração ainda não liberou a verba para ajeitarmos as paredes, então, por enquanto, deixamos assim mesmo. Não temos muito dinheiro para melhorias...

Alex me observa. Todo o controle e a confiança desapareceram. Seus olhos ardem em fúria, ou talvez dor; sua boca está retorcida em uma careta. Minha cabeça parece cheia de ruídos.

Alex levanta a mão como se estivesse pensando em conter meu avanço. Nossos

olhos se encontram por apenas um segundo e algo passa entre nós — um alerta, ou talvez um pedido de desculpas —, e então passo por ele para a cela cento e dezoito.

Em quase todos os aspectos, ela é idêntica às celas que eu vi através das pequenas janelas das portas: um chão de cimento; um vaso enferrujado, um balde cheio de água no qual diversas baratas passeiam lentamente; uma pequena cama de ferro com um colchão fino como papel, que alguém arrastou para o centro da cela.

Mas as paredes...

As paredes estão cobertas — *cheias* — de rabiscos. Não. Não são rabiscos. Estão cheias de uma única palavra de quatro letras, registrada repetidas vezes, em cada superfície disponível.

Amor.

Letras enormes, com os cantos ligeiramente riscados; escritas em um estilo cursivo gracioso e com letras de forma; raspadas, arranhadas e esculpidas, como se as paredes lentamente se derretessem em poesia.

E, no chão, caída junto a uma parede, uma corrente simples de prata com um pingente: uma adaga com rubis incrustados, cuja lâmina foi gasta e reduzida a um cotoco. O pingente de meu pai. O colar de minha mãe.

Minha *mãe.*

Todo esse tempo, durante cada longo segundo em que acreditei que ela estivesse morta, minha mãe estava aqui: arranhando, esculpindo, rasgando, presa entre paredes de pedra como um segredo há muito enterrado.

De repente, sinto-me como se estivesse de volta em meu sonho, em cima de um penhasco enquanto o chão sólido se desintegra abaixo de mim, transformando-se na areia de uma ampulheta, fugindo sob meus pés. Sinto-me como quando percebo que todo o chão desapareceu e que estou de pé em uma fatia fina de ar, pronta para cair.

— É horrível, sabe? Veja o que a doença fez com ela. Quem sabe quantas horas ela passou arranhando essas paredes, como um rato — diz Frank.

Frank e Alex estão atrás de mim. As palavras do guarda parecem abafadas por uma camada de tecido. Dou um passo adiante e entro na cela, de repente hipnotizada pelo brilho de luz que se estende como um longo dedo dourado a partir de um espaço aberto na parede. As nuvens devem estar se separando lá fora: através do buraco, do outro lado da fortaleza de pedra, vejo o azul luminoso do rio Presumpscot e folhas voando e se chocando, uma avalanche de verde, de sol e do perfume de seres selvagens, vivos. A Selva.

Tantas horas, tantos dias, repetindo essas mesmas quatro letras sem parar: aquela palavra estranha e aterrorizante, a palavra que a confinou aqui por mais de dez anos.

E, no fim, a palavra que a ajudou a escapar. Na parte inferior de uma parede, ela escreveu a palavra tantas vezes e com letras tão grandes — AMOR, cada letra do tamanho de uma criança — e entalhada tão profundamente na pedra que o *O* formou um túnel, e ela fugiu.

vinte e três

Comida pro corpo, leite pros ossos,
Gelo pra um corte, pedras no bucho.

— Provérbio popular.

Mesmo depois que os portões de ferro se fecham atrás de nós e as Criptas se afastam, a sensação de estar enclausurada não desaparece. Ainda há uma pressão forte e terrível em meu peito, e preciso lutar para respirar direito.

Um velho ônibus da prisão, com o motor barulhento, nos leva da fronteira para Deering. De lá, Alex e eu andamos de volta ao centro de Portland, ficando em lados opostos da calçada. De vez em quando, ele vira a cabeça para mim, abrindo e fechando a boca, como se estivesse pronunciando uma série de palavras inaudíveis. Sei que está preocupado comigo, e provavelmente espera que eu tenha uma crise, mas não consigo encará-lo ou falar com ele. Mantenho o olhar fixo à minha frente, mantenho os pés avançando. Fora a dor terrível no peito e no estômago, meu corpo parece entorpecido. Não consigo sentir o chão abaixo de mim ou o vento passando pelas árvores e batendo em meu rosto; não consigo sentir o calor do sol, que, superando todas as expectativas, atravessou as terríveis nuvens negras e acendeu o mundo com uma estranha cor esverdeada, como se tudo estivesse submerso em água.

Quando eu era pequena e minha mãe morreu — quando pensei que ela tivesse morrido —, lembro-me de sair para minha primeira corrida e me perder no final da rua Congress, onde eu havia passado a vida inteira brincando. Virei uma esquina e me vi na frente de uma lavanderia e, de repente, não conseguia lembrar onde eu estava ou se minha casa ficava à esquerda ou à direita. Nada parecia igual. Tudo parecia uma réplica pintada, frágil e distorcida, como se eu estivesse em um quarto dos espelhos em um parque de diversões, vendo o reflexo de meu mundo normal.

É assim que me sinto agora, de novo. Perdida, encontrada e perdida novamente, tudo ao mesmo tempo. E agora sei que em algum lugar neste mundo, nas terras selvagens do outro lado da cerca, minha mãe está viva, respirando, suando, movendo-se e pensando. Fico imaginando se ela pensa em mim, e a dor se aprofunda, fazendo-me perder completamente o fôlego, e preciso parar de andar e me curvar, com a mão na barriga.

Ainda estamos fora da península, não longe do número trinta e sete na rua Brooks, onde as casas são separadas por amplos trechos de mato alto e por jardins abandonados cheios de lixo. Mesmo assim, há pessoas na rua, inclusive um homem que identifico imediatamente como um regulador: mesmo agora, antes do meio-dia, ele tem um megafone pendurado no pescoço e um cassetete preso à cintura. Acho que Alex também

o vê. Ele se mantém a alguns metros de mim, examinando a rua, tentando parecer despreocupado, mas murmura para mim:

— Consegue se mexer?

Preciso lutar contra a dor. Ela se irradia por todo o meu corpo agora, latejando até a cabeça.

— Acho que sim — consigo dizer.

— Beco. À sua esquerda. Vá.

Endireito minhas costas o máximo possível — pelo menos o suficiente para chegar ao beco entre dois edifícios maiores. Na metade do beco há algumas caçambas de metal, dispostas lado a lado e cheias de moscas. O cheiro é nojento, como estar nas Criptas, mas afundo entre elas, grata pelo esconderijo e pela chance de me sentar. Assim que começo a descansar, a dor latejante em minha cabeça retrocede. Encosto-me nos tijolos e sinto o mundo balançando, como um navio solto do atracadouro.

Alex se junta a mim instantes depois, agachando à minha frente e afastando os cabelos que cobrem meu rosto. É a primeira vez que ele consegue me tocar durante o dia.

— Sinto muito, Lena — diz ele, e sei que está sendo sincero de verdade. — Pensei que você gostaria de saber.

— Doze anos — digo, simplesmente. — Durante doze anos achei que ela estivesse morta.

Por algum tempo ficamos em silêncio. Alex traça círculos em meus ombros, braços e joelhos — em qualquer lugar que consiga alcançar, na verdade, como se estivesse desesperado para manter contato físico comigo. Gostaria de poder fechar os olhos e virar poeira, sentir meus pensamentos se dispersarem como flocos de dentes-de-leão flutuando ao vento. Mas suas mãos sempre me trazem de volta: ao beco, a Portland e ao mundo que de repente não faz mais sentido.

Ela está em algum lugar, respirando, com sede, comendo, andando, nadando. Impossível, agora, pensar em prosseguir com minha vida, impossível imaginar dormir, amarrar os cadarços para correr, ajudar Carol com a louça e até passar o tempo na casa com Alex quando sei que ela vive: que está em algum lugar, orbitando tão longe de mim quanto uma constelação distante.

Por que ela não me procurou? O pensamento passa tão rápido e claro quanto uma corrente elétrica, trazendo a dor ardente de volta. Fecho os olhos com força, abaixo a cabeça e rezo para que ela passe. Mas não sei para quem rezar. De repente, não consigo lembrar nenhuma palavra, não consigo pensar em nada além de estar em uma igreja quando era pequena e observar o sol brilhando e depois sumindo atrás dos vitrais, e ver toda aquela luz morrer, deixando para trás nada além de painéis inexpressivos de vidro colorido baratos e que aparentam não ter substância.

— Ei... Olhe para mim.

Abrir os olhos requer um esforço enorme. Alex parece embaçado, apesar de estar ajoelhado a não mais do que trinta centímetros de distância.

— Você deve estar com fome — diz ele, suavemente. — Vamos para casa, tudo bem? Está se sentindo bem para andar?

Ele recua um pouco, dando-me espaço para eu me levantar.

— Não. — A resposta sai com mais ênfase do que eu pretendia, e Alex parece espantado.

— Não está se sentindo bem?

Uma pequena ruga aparece entre suas sobrancelhas.

— Não. — Esforço-me para manter a voz em um volume normal. — Quero dizer que não posso ir para casa. De jeito nenhum.

Alex suspira e esfrega a testa.

— Poderíamos ir para Brooks um pouco, passar algum tempo na casa. E quando você estiver melhor...

Interrompo-o.

— Você não entende. — Um grito começa a crescer dentro de mim, como um inseto preto arranhando minha garganta. Tudo em que consigo pensar é: *eles sabiam*. Todos eles sabiam: Carol, tio William, talvez até Rachel, e ainda assim me deixaram acreditar que ela estava morta. Eles me deixaram acreditar que ela me havia abandonado. Que eu não valia a pena. De repente, sou tomada por uma raiva ardente, uma chama: se eu os vir, se for para casa, não vou conseguir me conter. Vou queimar a casa, ou arrebentá-la tábua por tábua. — Quero fugir com você. Para a Selva. Como conversamos.

Penso que Alex vai ficar feliz, mas, em vez disso, ele parece apenas cansado. Desvia o olhar, estreitando os olhos.

— Lena, foi um dia muito longo. Você está exausta. Está com fome. Não está pensando com clareza...

— Eu *estou* pensando com clareza. — Levanto-me, para não parecer tão indefesa. Estou com raiva de Alex também, mesmo sabendo que a culpa não é dele. Mas a fúria chicoteia dentro de mim, descontrolada, ganhando força. — Não posso ficar aqui, Alex. Não mais. Não depois... não depois daquilo. — Sinto espasmos na garganta enquanto engulo novamente o grito. — Eles sabiam, Alex. Eles sabiam e nunca me contaram.

Ele também se levanta — lentamente, como se sentisse dor.

— Você não tem certeza disso — diz ele.

— Eu *tenho* — insisto, e é verdade.

Eu tenho certeza, dentro de mim. Penso em minha mãe inclinada acima de mim, na brancura pálida e flutuante de seu rosto interrompendo meu sono, em sua voz — *Eu amo você. Lembre-se disso. Eles não podem nos tirar isso* — cantada muito baixinho em meu ouvido, no triste sorrisinho dançando em seus lábios. Ela também sabia. Sabia que viriam buscá-la e que a levariam para aquele lugar horrível. E, apenas uma semana depois, sentei-me, com um vestido preto que provocava coceira, diante de um caixão vazio, com um monte de cascas de laranja para chupar, tentando conter as lágrimas enquanto todos em quem eu acreditava construíam a meu redor uma superfície sólida e lisa de mentiras ("Ela era doente"; "É isso o que a doença faz"; "Suicídio"). *Eu* fui

enterrada naquele dia.

— Não posso ir para casa, e não vou — continuo. — Vou com você. Podemos fazer nossa casa na Selva. Outras pessoas fazem isso, não é? Outras pessoas *fizeram*. Minha mãe... — Quero dizer *Minha mãe vai fazer*, mas minha voz falha com a palavra.

Alex me observa atentamente.

— Lena, se fugirmos, se realmente fugirmos, não será como é para mim agora. Você entende isso, certo? Não vai poder ir e voltar. *Nunca* poderá voltar. Seu número será invalidado. Todo mundo saberá que você é uma resistente. Todo mundo vai procurá-la. Se alguém encontrar você... Se algum dia você for capturada... — Alex não conclui a frase.

— Não me importo — retruco. Não consigo mais controlar minha irritação. — Foi você quem sugeriu, não foi? E então? Agora que estou pronta você volta atrás?

— Só estou tentando...

Interrompo Alex de novo, falando rápido, no embalo da raiva, do desejo de rasgar, machucar e destruir.

— Você é igualzinho a todos os outros. É tão ruim quanto eles. Fala, fala, fala... É tão fácil para vocês. Mas quando chega a hora de fazer algo, quando é hora de me *ajudar*...

— Estou *tentando* ajudar — diz Alex, com uma voz firme. — É muito sério. Você entende isso? É uma decisão importante, você está irritada e não sabe o que está dizendo. — Ele também está se irritando. Seu tom faz algo doloroso correr por mim, mas eu não consigo parar de falar. Destruir, destruir, destruir: quero quebrar tudo; Alex, a mim, a nós, a cidade inteira, o mundo inteiro.

— Não me trate como se eu fosse uma criança — digo.

— Então pare de agir como uma — responde ele imediatamente. Percebo que Alex se arrepende assim que as palavras saem de sua boca. Ele se afasta um pouco, respira e então diz, em tom de voz normal: — Ouça, Lena. Sinto muito. Sei que você teve... Quer dizer, com tudo o que aconteceu hoje... Não posso imaginar o que você está sentindo.

É tarde demais. Lágrimas começam a borrar minha visão. Viro-me para o lado e começo a arranhar o muro. Arranco um pedacinho minúsculo de tijolo. Vê-lo caindo me faz lembrar minha mãe e aquelas paredes estranhas e assustadoras, e as lágrimas vêm mais depressa.

— Se você se importasse comigo, me levaria embora daqui — digo. — Se você realmente se importasse comigo, me levaria agora mesmo.

— Eu me importo com você — diz Alex.

— Não se importa. — Agora sei que *estou* sendo infantil, mas não posso evitar. — Ela também não se importava. Não se importava nem um pouco.

— Isso não é verdade.

— Então, por que ela não me procurou? — Continuo sem olhar para ele, apoiando a mão na parede, sentindo que ela também pode desaparecer a qualquer instante. — Onde ela está agora? Por que não veio me procurar?

— Você sabe por quê — diz ele, com mais firmeza. — Sabe o que teria acontecido se ela fosse capturada outra vez, se fosse pega com você. Seria o fim de vocês duas.

Sei que ele tem razão, mas isso não melhora nada. Continuo teimando, não consigo me conter.

— Não é isso. Ela não se importa, e você não se importa. Ninguém se importa. — Levo o antebraço ao rosto e esfrego o nariz.

— Lena. — Alex segura meus cotovelos e me vira para olhar para ele. Quando me recuso a encará-lo, ele levanta meu queixo, forçando-me a olhar para ele. — Magdalena — diz ele, usando meu nome completo pela primeira vez desde que nos conhecemos. — Sua mãe amava você. Entende? Ela amava você. Ainda ama. Queria que você estivesse em segurança.

Sinto uma onda de calor. Pela primeira vez na vida não sinto medo dessa palavra. Algo parece se abrir dentro de mim, se espreguiçar, como um gato tentando se aquecer ao sol, e quero muito que ele a repita.

Sua voz é infinitamente suave. Seus olhos são carinhosos e cheios de luz, como o sol se derretendo feito manteiga pelas árvores em uma noite morna de outono.

— E eu também amo você. — Seus dedos contornam minha mandíbula e tocam brevemente meus lábios. — Você deveria saber. Você precisa saber.

É então que acontece.

Ali, entre duas caçambas de lixo nojentas em um beco sujo, com o mundo inteiro sucumbindo a meu redor, ouvindo Alex dizer essas palavras, todo o medo que carreguei desde que aprendi a me sentar, a levantar e a respirar — desde que me disseram que, no fundo, havia algo errado comigo, algo podre e doente, algo que precisava ser suprimido; desde que me disseram que eu estava sempre a um passo de ser arruinada — se desfaz de uma vez. Aquilo — meu âmago mais profundo, o mais íntimo de meu ser — aumenta e se desdobra ainda mais, subindo como uma bandeira: fazendo com que eu me sinta mais forte do que nunca.

Abro a boca e digo:

— Eu também amo você.

* * *

É estranho, mas depois desse momento no beco, de repente entendo o que meu nome representa, a razão por que minha mãe me chamou de Magdalena e o significado da antiga história bíblica sobre José ter abandonado Maria Magdalena. Entendo que ele abriu mão dela por um motivo. Ele a deixou para que ela pudesse ser salva, embora tenha sido um grande sofrimento perdê-la.

Ele abriu mão dela por amor.

Acho, talvez, que minha mãe sabia, mesmo quando nasci, que um dia precisaria fazer o mesmo. Acho que isso faz parte de amar alguém: saber abrir mão de algo. Às vezes,

saber abrir mão da *pessoa amada*.

Alex e eu conversamos sobre tudo que deixarei para trás quando fugir com ele para a Selva. Ele quer ter certeza de que sei o que estamos fazendo. Entrar na padaria no final do dia e comprar pães de cheddar e salgados murchos; sentar no píer e ver as gaivotas gritando e voando em círculos; fazer longas corridas pelas fazendas, com o orvalho brilhando na grama, como se cada folha fosse revestida de vidro; o ritmo constante do mar batendo em Portland como um coração; as ruas estreitas de pedra no porto antigo; as lojas cheias de roupas maravilhosas que nunca poderei comprar.

Lamento apenas por Hana e Grace. Por mim, o restante de Portland pode desaparecer: as torres falsas esguias e brilhantes, as fachadas neutras das lojas e as pessoas obedientes e sem expressão, abaixando a cabeça para receber mais mentiras, como animais se oferecendo para o abate.

— Se fugirmos juntos, seremos só você e eu — Alex repete constantemente, como se precisasse se certificar de que eu entendo, como se precisasse ter certeza de que *eu* tenho certeza. — Sem volta. Nunca.

E eu digo:

— É só isso o que eu quero. Só você e eu. Sempre.

E é verdade. Nem sinto medo. Agora que sei que o terei — que temos um ao outro —, sinto como se nunca mais voltasse a ter medo.

Decidimos sair de Portland dentro de uma semana, exatamente nove dias antes de minha intervenção. Fico nervosa com a ideia de adiar nossa fuga por tanto tempo — sinto-me tentada a correr até a fronteira e passar por cima da cerca em plena luz do dia —, mas, como sempre, Alex me acalma e explica a importância da espera.

Nos últimos anos, ele fez a travessia apenas algumas vezes. É perigoso demais ir e voltar com muita frequência. No entanto, na próxima semana, Alex vai atravessar duas vezes antes de nossa fuga — um risco quase suicida, mas ele me convence de que é necessário. Quando tivermos saído e ele começar a faltar ao trabalho e às aulas, Alex também será invalidado — apesar de, tecnicamente, sua identidade nunca ter sido válida de verdade, considerando que foi criada pela resistência.

E quando formos invalidados, seremos apagados do sistema. Deletados. *Blip!* Será como se nunca tivéssemos existido. Pelo menos podemos contar com o fato de que não seremos perseguidos na Selva. Não haverá patrulhas. Ninguém virá nos procurar. Se quiserem nos caçar, precisariam admitir que saímos de Portland, que isso é possível e que os Inválidos existem.

Não seremos nada além de fantasmas, traços, lembranças — e, em breve, enquanto os curados mantêm os olhos concentrados firmemente no futuro e na longa sequência de dias pela frente, não seremos nem isso.

Como Alex não poderá voltar a Portland, precisamos levar o máximo possível de comida, roupas para o inverno e quaisquer outras provisões imprescindíveis. Os Inválidos nos assentamentos são muito bons em compartilhar suprimentos. Mesmo assim, o outono e o inverno na Selva são sempre difíceis, e após anos morando em

Portland, Alex não tem exatamente muita experiência como caçador-coletor.

Combinamos de nos encontrar na casa à meia-noite para continuar planejando. Levarei os primeiros pertences que quero trazer comigo: meu álbum de fotos, um envelope com bilhetes que Hana e eu trocamos nas aulas de matemática do segundo ano do ensino médio e toda comida que eu conseguir extraviar do depósito da Stop-N-Save.

São quase três horas quando Alex e eu nos separamos e volto para casa. As nuvens praticamente se dissiparam, e o céu está entremeado no meio delas, um tom azul-claro como seda desbotada e desgastada. O ar está morno, mas o vento carrega um aroma outonal de frio e fumaça. Logo os verdes intensos da paisagem queimarão e se tornarão vermelhos e laranja fortes; e depois esses também se queimarão, dando lugar à frieza rígida e negra do inverno. E eu terei ido embora — partido para algum lugar entre as árvores trêmulas e esguias cobertas de neve. Mas Alex estará comigo, e viveremos em segurança. Caminharemos de mãos dadas, nos beijaremos em plena luz do dia, nos amaremos o quanto quisermos e ninguém vai tentar nos separar.

Apesar de tudo o que aconteceu hoje, estou mais calma do que nunca, como se as palavras que Alex e eu dissemos um para o outro tivessem me envolvido em uma névoa protetora.

Há mais de um mês não corro com regularidade. Tem feito muito calor, e até pouco tempo atrás Carol ainda me proibia. Mas, assim que chego em casa, ligo para Hana e peço para me encontrar na pista, no lugar de onde costumamos começar, e ela apenas ri.

— Estava prestes a ligar para você e fazer a mesma pergunta — diz ela.

— Mentes brilhantes... — comento.

Sua risada se perde por um segundo no zumbido que soa no fone quando, escondido em algum lugar de Portland, um censor sintoniza em nossa conversa por um momento. O velho olho giratório, sempre rodando, sempre vigilante. Sinto raiva por um segundo, mas ela logo desaparece. Em breve, sumirei de uma vez do mapa, para sempre.

Eu queria sair de casa sem ver Carol, mas ela me intercepta quando estou na porta. Como sempre, ela está na cozinha, repetindo infinitamente seu ciclo de cozinhar e limpar.

— Por onde andou o dia inteiro? — pergunta ela.

— Com Hana — respondo automaticamente.

— E vai sair outra vez?

— Só para uma corrida.

Há algumas horas pensei que, se algum dia a visse novamente, eu pularia em cima dela ou a mataria. Mas agora, olhando para ela, sinto-me completamente entorpecida, como se ela fosse um outdoor colorido ou uma desconhecida em um ônibus.

— O jantar é às sete e meia — diz ela. — Gostaria que você estivesse em casa para arrumar a mesa.

— Estarei em casa — respondo. Ocorre-me que esse torpor, esse sentimento de separação, deve ser o que ela e todos os curados experimentam o tempo todo: como se

houvesse um painel de vidro espesso e isolante entre você e o mundo todo. Quase nada o atravessa. Quase nada importa. Dizem que o objetivo da cura é a felicidade, mas agora entendo que isso não é verdade e que nunca foi. Ela tem a ver com o medo: medo da dor, medo de se ferir, medo, medo, medo, uma existência animal e cega debatendo-se entre paredes, movendo-se entre corredores cada vez mais estreitos, apavorados, entorpecidos e idiotas.

Pela primeira vez na vida realmente sinto pena de Carol. Tenho apenas dezessete anos e já sei algo que ela não sabe: sei que a vida não é vida se você apenas passar batido por ela. Sei que o propósito — o único propósito — é encontrar o que importa e se ater a isso, lutar por isso e se recusar a soltá-lo.

— Tudo bem. — Carol fica ali, um pouco desconfortável, como sempre faz quando quer dizer algo importante mas não se lembra exatamente como. — Duas semanas até sua cura — diz ela, afinal.

— Dezesseis dias — digo, mas, em minha cabeça, estou contando: sete dias.

Sete dias até estar livre, longe de todas essas pessoas e de suas vidas superficiais e desapegadas, passando umas pelas outras, deslizando, deslizando, deslizando da vida para a morte. Para eles, quase não há diferença entre as duas condições.

— É normal se sentir nervosa — diz ela.

É isso o que é tão difícil que ela está tentando dizer, as palavras de conforto que ela precisou se esforçar tanto para lembrar. Pobre tia Carol: uma vida de louças, latas de feijões-verdes e dias que escorrem eternamente de um para outro. Nesse momento me ocorre quão envelhecida ela parece. Seu rosto tem rugas profundas, e há mechas grisalhas no cabelo. Apenas seus olhos me convenceram de que ela não envelhece: aqueles olhos fixos e velados que todos os curados têm, como se estivessem sempre perdidos em um ponto distante. Deve ter sido bonita quando jovem, antes de ser curada — é pelo menos tão alta e provavelmente tão magra quanto minha mãe, e me vem à mente uma imagem das duas adolescentes como parênteses escuros e esbeltos separados por um oceano prateado, jogando água uma na outra e rindo. São essas as coisas das quais não se abre mão.

— Ah, não estou nervosa — digo. — Acredite em mim. Mal posso esperar.

Só mais sete dias.

vinte e quatro

O que é a beleza? A beleza não é mais que um truque; uma ilusão; a influência de partículas agitadas e de elétrons colidindo em seus olhos, debatendo-se em seu cérebro como um monte de crianças ansiosas prestes a serem liberadas para o recreio. Você se deixará ser iludido? Você se deixará ser enganado?

— "Sobre beleza e falsidade",
A nova filosofia, Ellen Dorpshire.

Hana já está lá quando chego, apoiada na cerca de arame que contorna a pista, com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados para o sol. Seus cabelos estão soltos e caindo pelas costas, quase brancos naquela luz. Paro a cinco metros dela, desejando que pudesse memorizá-la exatamente assim e reter aquela imagem precisa em minha mente para sempre.

Ela abre os olhos e me vê.

— Nem começamos a correr ainda — diz ela, afastando-se da cerca e dando uma olhada teatral no relógio — e você já está em segundo lugar.

— Está me desafiando? — digo, andando mais três metros até ela.

— Apenas um fato — diz ela, sorrindo. Seu sorriso treme um pouco quando me aproximo. — Você parece diferente.

— Estou cansada — digo. Parece estranho nos cumprimentarmos sem um abraço nem nada, apesar de sempre ter sido assim entre nós, de sempre ter *precisado* ser assim. Parece estranho eu nunca ter dito a Hana o quanto ela significa para mim. — Tive um dia longo.

— Quer conversar?

Ela estreita os olhos e me encara. O verão a deixou bronzeada. As sardas em seu nariz se multiplicaram como uma constelação entrando em colapso. Realmente acho que ela pode ser a menina mais bonita de Portland, talvez do mundo inteiro, e sinto uma dor aguda atrás das costelas ao pensar que ela vai envelhecer e se esquecer de mim. Um dia ela mal pensará no tempo que passamos juntas — e, quando o fizer, o passado parecerá distante e levemente ridículo, como a lembrança de um sonho cujos detalhes já começaram a se esvanecer.

— Depois que corrermos, talvez — é a única resposta em que consigo *pensar*. É preciso seguir em frente: é a única maneira. É preciso seguir em frente, independentemente do que aconteça. É a lei universal.

— Quer dizer, depois que você comer um pouco de poeira — diz ela, inclinando-se

para a frente e alongando as pernas.

— Você tira muita onda para alguém que passou o verão inteiro deitada.

— Olha quem fala! — Ela levanta a cabeça e pisca para mim. — Não acho que o que você e Alex têm feito conta como exercício.

— *Shhh.*

— Relaxe, relaxe. Não tem ninguém por aqui. Eu chequei.

Tudo parece tão normal — tão deliciosa e maravilhosamente normal — que uma alegria me cobre da cabeça aos pés e me deixa tonta. As ruas estão pintadas pelo sol dourado e por sombras, e o ar carrega cheiro de sal, frituras e um ligeiro odor de algas na praia. Quero guardar este momento comigo para sempre, mantê-lo seguro como se fosse meu coração: minha antiga vida, meu segredo.

— Peguei — digo, dando um tapinha no ombro de Hana. — Está com você.

E então saio correndo enquanto ela grita e pula para tentar me alcançar, e contornamos a pista em direção ao píer sem hesitar ou discutir sobre a rota. Minhas pernas estão fortes, firmes; a mordida que levei na noite da batida cicatrizou completamente, deixando apenas uma marca vermelha fina parecida com um sorriso na panturrilha. O ar fresco entra e sai de meus pulmões, doendo, mas é uma dor boa: que me faz lembrar como é bom respirar, sentir dor, sentir algo. O sal faz meus olhos arderem, e eu pisco várias vezes sem saber se estou suando ou chorando.

Não é a corrida mais rápida que já fizemos, mas acho que pode estar entre as melhores. Mantemos exatamente o mesmo ritmo, correndo quase ombro a ombro, dando uma volta do velho porto até Eastern Promenade.

Estamos mais lentas do que no começo do verão, com certeza. Após mais ou menos quatro quilômetros, começamos a desacelerar, e por um acordo silencioso cruzamos o gramado e vamos para a praia até a areia, rindo.

— Dois minutos — diz Hana, engasgando. — Eu só preciso de dois minutos.

— Patético — digo, apesar de estar tão agradecida pela pausa quanto ela.

— Você também — diz ela, jogando um punhado de areia em mim.

Caímos de costas na areia, com braços e pernas abertos, como se fôssemos fazer desenho de anjos. A areia está surpreendentemente fresca e um pouco úmida em minha pele. Deve ter chovido mais cedo, afinal, talvez quando Alex e eu estávamos nas Criptas. Pensar de novo naquela cela minúscula e nas palavras gravadas nas paredes, com o sol entrando pelo *O* como se passasse por um telescópio, produz aquele aperto em meu peito outra vez. Mesmo agora, neste segundo, minha mãe está em algum lugar lá fora — se mexendo, respirando, existindo.

Bem, logo estarei lá fora também.

Há apenas algumas pessoas na praia, a maioria famílias passeando, e um senhor andando lentamente perto da água, apoiando a bengala na areia. O sol está afundando muito além das nuvens e a baía tem um tom cinza-escuro, levemente tingida de verde.

— Mal posso acreditar que em apenas algumas semanas não teremos mais que nos preocupar com o toque de recolher — diz Hana, antes de virar a cabeça para olhar para

mim. — Menos de três semanas, para você. Dezesseis dias, certo?

— É. — Não gosto de mentir para Hana, então me sento e abraço meus joelhos.

— Acho que vou passar minha primeira noite inteira fora de casa após a cura. Só porque posso. — Hana se apoia nos cotovelos. — Podemos fazer isso juntas, você e eu. — Há um tom de súplica em sua voz. Sei que deveria dizer apenas *é, pode ser* ou *parece ótimo*. Sei que fingir que a vida continuará normalmente faria com que ela se sentisse melhor, faria com que eu me sentisse melhor.

Mas não consigo forçar as palavras. Em vez disso, começo a tirar grãos de areia de minhas coxas com o polegar.

— Ouça, Hana. Preciso falar uma coisa. Sobre a intervenção...

— O que tem?

Hana estreita os olhos e me encara. Ela sentiu um tom de seriedade em minha voz que a deixou preocupada.

— Prometa que não vai ficar chateada, tudo bem? Não vou conseguir... — Contenho-me antes de dizer que *não vou conseguir ir embora se você estiver chateada comigo*. Estou indo rápido demais.

Hana se senta, levantando a mão e forçando uma risada.

— Deixe-me adivinhar... Vai abandonar o navio com Alex, fugir, chutar o balde e dar uma de Inválida para cima de mim — diz ela em tom de brincadeira, mas há certa tensão em sua voz, um toque de carência. Ela quer que eu a contradiga.

Não digo nada. Por um instante simplesmente olhamos uma para a outra, e toda a luz e a energia de seu rosto escoam de repente.

— Você não está falando sério — diz ela, afinal. — Não pode estar falando sério.

— Eu preciso, Hana — respondo, em voz baixa.

— Quando? — Ela morde o lábio e desvia o olhar.

— Decidimos hoje. De manhã.

— Não. Quero dizer *quando*. Quando vocês vão?

Hesito por apenas um segundo. Depois de hoje de manhã, sinto como se não soubesse muito do mundo ou de mais nada. Mas sei que Hana nunca, nunca me trairia — pelo menos não agora, não até enfiarem agulhas em seu cérebro e a desmontarem, despedaçarem-na. Entendo agora que é isso o que a cura faz, afinal: fratura as pessoas, separa-as de si mesmas.

Até lá — até a pegarem — será tarde demais.

— Sexta-feira — digo. — Daqui a uma semana.

Ela expira com força, e o ar assobia ao passar entre os seus dentes.

— Não pode estar falando sério — repete ela.

— Não tem nada para mim aqui — digo.

Ela então me encara. Seus olhos estão enormes, e percebo que a magoei.

— *Eu* estou aqui.

De repente, vejo a solução — simples, ridiculamente simples. Quase solto uma gargalhada.

— Venha conosco — disparo. Hana examina a praia ansiosamente, mas todo mundo já se dispersou: o senhor idoso já está na metade da praia e não pode nos ouvir. — Estou falando sério, Hana. Você poderia vir conosco. Você adoraria a Selva. É incrível. É cheia de grandes assentamentos...

— Você já foi? — ela me interrompe com um tom cortante.

Ruborizo, percebendo que não contei a ela sobre minha noite com Alex na Selva. Sei que ela também verá isso como uma traição. Eu costumava contar tudo para ela.

— Só uma vez — digo. — E apenas por algumas horas. É incrível, Hana. Não é nem um pouco como imaginamos. E a travessia... O fato de que é possível atravessar... Tão diferente do que nos disseram. *Mentiram* para nós, Hana.

Paro, temporariamente sobrecarregada. Hana olha para baixo, mexendo na costura do short.

— Poderíamos ir — digo, mais suavemente. — Nós três, juntos.

Por um longo tempo Hana não diz nada. Olha para o oceano, estreitando os olhos. Enfim, ela balança a cabeça, um movimento quase imperceptível, lançando-me um sorriso triste.

— Vou sentir sua falta, Lena — diz ela, e meu coração aperta.

— Hana... — digo, mas ela me interrompe.

— Ou talvez não sinta. — Ela se levanta, sacudindo a areia do short. — É uma das promessas da cura, certo? Sem dor. Pelo menos não essa.

— Você não precisa fazer a intervenção. — Levanto-me, cambaleante. — Vamos para a Selva.

Ela solta uma risada vazia.

— E deixar tudo isto para trás?

Ela gesticula ao redor. Posso perceber que está brincando, mas só em parte. No fim das contas, apesar de toda a conversa, das festas escondidas e da música proibida, Hana não quer desistir desta vida, deste lugar: do único lar que conhecemos. Claro, ela *tem* uma vida aqui: uma família, um futuro, um bom par. Eu não tenho nada.

Os cantos da boca de Hana estão tremendo e ela abaixa a cabeça, chutando a areia. Quero fazer com que se sinta melhor, mas não consigo pensar em nada para dizer. Sinto uma dor horrível no peito. Parece que, enquanto estamos ali, vejo toda a minha vida com Hana, toda a nossa amizade, sucumbindo: festas do pijama com vasilhas proibidas de pipoca à meia-noite; todas as vezes em que ensaiamos para o Dia da Avaliação, quando Hana roubava um par de óculos antigo do pai e batia na escrivaninha com uma régua sempre que eu errava uma resposta, e sempre começávamos a engasgar de tanto rir na metade da entrevista; a vez em que ela deu um soco no rosto de Jillian Dawson quando ela disse que meu sangue era doente; tomar sorvete no píer e sonhar com nossos pares e nossas casas idênticas, uma ao lado da outra. Tudo ia sendo sugado para o nada, como areia sendo levada por uma onda.

— Sabe que isso não tem a ver com você — digo. Preciso forçar as palavras pelo nó em minha garganta. — Você e Gracie são as únicas pessoas que importam para mim.

E nada... — Interrompo-me. — Tudo mais não é nada.

— Eu sei — diz ela, mas continua não olhando para mim.

— Eles... Eles levaram minha mãe, Hana.

Não pretendia contar a ela, a princípio. Não queria falar sobre isso. Mas as palavras escapam.

Ela me olha intensamente.

— Do que você está falando?

Conto a ela a história das Criptas. Por incrível que pareça, consigo me controlar. Conto tudo em detalhes. A Ala Seis e a fuga, a cela, as palavras. Hana me ouve em um silêncio imóvel. Nunca a vi tão quieta e séria.

Quando termino, Hana está pálida. Está exatamente como quando éramos pequenas e ficávamos acordadas à noite, tentando assustar uma à outra com histórias de fantasmas. De certa maneira, acho que a história de minha mãe *é* uma história de fantasma.

— Sinto muito, Lena — diz ela, com um tom que não chega a um sussurro. — Não sei o que dizer. Sinto muito mesmo.

Aceno com a cabeça, olhando para o oceano. Pergunto-me se o que aprendemos sobre as outras partes do mundo — as partes não curadas — está certo, se realmente são tão selvagens, devastadas, brutais e cheias de dor como sempre nos disseram. Tenho quase certeza de que isso também é uma mentira. É mais fácil, em muitos sentidos, imaginar um lugar como Portland — um lugar com as próprias paredes, barreiras e meias-verdades, um lugar onde o amor ainda tenta existir, mas de forma imperfeita.

— Você entende por que preciso ir embora — digo. Não é exatamente uma pergunta, mas ela assente.

— Entendo. — Hana balança levemente os ombros, como se tentasse despertar de um sonho. Em seguida, vira-se para mim. Apesar de estar com os olhos tristes, ela consegue sorrir. — Você, Lena Haloway — diz ela —, é uma lenda.

— Até parece. — Reviro os olhos, mas me sinto melhor. Ela me chamou pelo sobrenome de minha mãe, então sei que entende. — Um conto de alerta, talvez.

— Estou falando sério. — Ela afasta o cabelo do rosto e me olha atentamente. — Eu me enganei, sabe? Lembra o que eu disse no começo do verão? Pensei que você tivesse medo. Achei que fosse medrosa demais para se arriscar. — O mesmo sorriso triste passa por seus lábios mais uma vez. — No fim das contas, você é mais corajosa que eu.

— Hana...

— Está tudo bem. — Ela acena com a mão, me interrompendo. — Você merece. Você merece *mais*.

Não sei exatamente o que responder. Quero abraçá-la, mas, em vez disso, abraço minha própria cintura. O vento que vem do mar está gelado.

— Vou sentir sua falta, Hana — digo, após um minuto.

Ela dá alguns passos em direção à água e chuta a areia com a ponta do tênis. Os grãos parecem pairar no ar por uma fração de segundo em um arco antes de se espalhar.

— Bem, você sabe onde estarei.

Ficamos ali por um tempo, ouvindo a água recuando, as ondas se agitando e carregando pequenos pedaços de pedra: pedras transformadas em areia ao longo de milhares e milhares de anos. Talvez um dia tudo isso vire água. Talvez, um dia, tudo se transforme em poeira.

Então Hana se vira e diz:

— Vamos. Aposto corrida com você até a trilha.

E sai correndo antes que eu possa concordar.

— Não é justo! — grito atrás dela, mas não me esforço muito para alcançá-la. Deixo-a alguns passos à minha frente e tento memorizá-la exatamente como ela é: correndo, rindo, bronzeada, feliz, linda e minha; cabelos louros brilhando como uma tocha nos últimos raios de sol, como um sinal de que há coisas boas pela frente, dias melhores no futuro de nós duas.

* * *

Amor, a mais mortal das coisas mortais: mata quando você tem e quando você não tem.

Mas não é exatamente assim.

O condenador e o condenado. O executor; a lâmina; a prorrogação do último minuto; o suspiro e o céu acima de você, e o *obrigada, obrigada, obrigada, Deus*.

Amor: ele vai matá-lo e salvá-lo, ao mesmo tempo.

vinte e cinco

Devo partir e viver ou ficar e morrer.

— *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, conto de alerta
impresso em *100 citações para conhecer antes dos testes*,
The Princeton Review.

Está frio quando sigo para a casa trinta e sete na rua Brooks à meia-noite e pouco, e preciso fechar o casaco de nylon até o queixo. As ruas estão escuras e silenciosas como sempre. Não há qualquer barulho de movimento, qualquer cortina balançando nas janelas, qualquer sombra surgindo nas paredes me assustando, qualquer par de olhos de gato brilhando nos becos, patinhas de ratos arranhando o chão ou passos distantes de reguladores fazendo suas rondas. É como se todos já estivessem preparados para o inverno — como se toda a cidade já estivesse abaixo de zero. É um pouco assustador, na verdade. Penso de novo na casa que, de algum jeito, sobreviveu à *blitz* e permanece em pé na Selva, perfeitamente preservada, mas vazia, onde flores silvestres crescem em todos os cômodos.

Fico aliviada quando viro a esquina e vejo a cerca enferrujada ao redor da casa trinta e sete, e sinto uma enorme onda de felicidade quando penso que Alex está em um dos quartos escuros, com uma expressão solene, preparando uma mochila com cobertores e comida enlatada. Só agora percebi que, em algum momento durante o verão, comecei a pensar na casa da rua Brooks como meu lar. Ajeito minha mochila nos ombros e corro para o portão.

Mas ele tem algo de errado: forço-o algumas vezes, mas ele não abre. A princípio, acho que está preso. Depois percebo que alguém passou um cadeado. Que parece novo. Com um brilho marcante sob o luar.

A casa trinta e sete da rua Brooks está trancada.

Fico tão surpresa que não consigo nem mesmo sentir medo ou desconfiança. Penso apenas em Alex, em onde está e se ele é responsável pelo cadeado. Talvez, penso, ele tenha trancado a casa para proteger nossos pertences. Ou talvez eu tenha chegado cedo demais, ou talvez tarde demais. Estou prestes a pular o portão quando Alex se materializa da escuridão à minha direita, saindo silenciosamente das sombras.

— Alex!

Mesmo tendo passado apenas algumas horas longe dele, fico tão feliz em vê-lo — e logo ele será aberta e completamente meu — que me esqueço de abaixar a voz ao correr até ele.

— Shhh. — Ele me abraça quando eu praticamente pulo em cima dele e cambaleia um pouco para trás. Inclino a cabeça para olhar para ele e vejo que está sorrindo e sei

que está tão feliz quanto eu. Ele beija a ponta de meu nariz. — Ainda não estamos seguros.

— É, mas em breve estaremos. — Fico na ponta dos pés e beijo-o suavemente. Como sempre, a pressão de seus lábios nos meus parece apagar tudo o que existe de ruim no mundo. Preciso me obrigar a me afastar dele, e dou um tapa em seu braço. — Obrigada por me dar uma chave, aliás.

— Uma chave? — Alex franze a testa, confuso.

— Para o cadeado. — Tento apertá-lo, mas ele dá um passo para trás, balançando a cabeça, com o rosto de repente pálido e apavorado. E nesse segundo eu entendo, nós dois entendemos, e Alex abre a boca, mas parece levar uma eternidade, e percebo por que consigo vê-lo tão claramente, emoldurado em luz, paralisado como um cervo diante dos faróis de um caminhão (*os reguladores estão usando holofotes hoje*), e uma voz explode na noite:

— Parados! Os dois! Mãos na cabeça!

Ao mesmo tempo, a voz de Alex finalmente me alcança, urgente:

— Corra, Lena, vá!

Ele já está recuando pela escuridão, mas meus pés levam mais tempo para se mover, e, quando consigo, correndo cegamente e sem rumo pela primeira rua que encontro, a noite já ganhou vida, cheia de sombras móveis — tentando me agarrar, gritando, puxando meu cabelo —, aparentemente centenas, descendo pela colina e se materializando do chão, das árvores, do ar.

— Peguem-na! Peguem-na!

Meu coração está explodindo no peito e não consigo respirar; nunca tive tanto medo; vou morrer de susto. Mais e mais sombras se transformam em pessoas: todas me agarrando, berrando, segurando armas brilhantes de metal, pistolas e cassetetes e latas de gás lacrimogêneo. Desvio e me esquivo de mãos ásperas, corro para a colina que vai dar na rua Brandon, mas não adianta. Um regulador me agarra por trás sem muita firmeza. Mal consigo me livrar de suas garras e já estou tentando me livrar de alguém de uniforme, sentindo outras mãos me segurando. O medo se tornou uma sombra agora, um cobertor: sufocando-me e tornando impossível respirar.

Um carro de patrulha ganha vida a meu lado, suas luzes giratórias iluminam tudo apenas por um segundo, e o mundo à minha volta pisca em preto, branco, preto, branco, avançando em impulsos, em câmera lenta.

Uma face contorcida em um grito horrível; um cachorro saltando da esquerda, mostrando os dentes; alguém gritando:

— Derrubem-na! Derrubem-na!

Não consigo respirar, não consigo respirar, não consigo respirar.

Um assobio agudo, um grito; um cassetete momentaneamente paralisado no ar.

Um cassetete caindo; um cachorro pulando e rosnando; uma dor absurda me atravessando como calor.

Em seguida, a escuridão.

* * *

Quando abro os olhos, o mundo parece ter se quebrado em mil pedaços. Tudo o que vejo são pequenos cacos de luz, nebulosos, girando como se tivessem sido sacudidos em um caleidoscópio. Pisco diversas vezes e, lentamente, os cacos se reviram e se rearranjam em um lustre em forma de sino e em um teto creme com uma grande mancha de infiltração em forma de coruja. Meu quarto. Casa. Estou em casa. Por um segundo, sinto alívio: meu corpo está pinicando, como se eu tivesse sido espetada por agulhas em toda a pele, e tudo o que eu quero é deitar de novo em meus travesseiros macios, afundar na escuridão inconsciente do sono e esperar a dor aguda em minha cabeça se dissipar. E então eu me lembro: o cadeado, o ataque, a multidão de sombras. E Alex.

Não sei o que aconteceu com Alex.

Balanço meus braços, tentando me sentar, mas uma dor agonizante passa de minha cabeça para o pescoço e me força a deitar outra vez, sem ar. Fecho os olhos e ouço a porta do quarto se abrir: vozes chegam mais altas, vindas do andar de baixo. Minha tia está falando com alguém na cozinha, um homem cuja voz não reconheço. Um regulador, provavelmente.

Passos atravessam o quarto. Mantenho os olhos fechados, fingindo dormir, enquanto alguém se inclina sobre mim. Sinto uma respiração morna fazer cócegas na lateral de meu pescoço.

E mais passos sobem as escadas, e ouço a voz de Jenny, um sussurro, na porta:

— O que *você* está fazendo aqui? Tia Carol mandou você ficar longe. Desça antes que eu conte a ela.

O peso sai da cama, e passos leves se afastam em direção ao corredor. Abro os olhos, muito pouco, apenas o suficiente para ver Gracie se desviar de Jenny, que está na porta. Provavelmente, veio ver como estou. Fecho os olhos de novo quando Jenny dá alguns passos hesitantes até a cama.

E então ela gira de repente, como se estivesse ansiosa para sair do quarto. Ouço-a gritar:

— Continua dormindo!

A porta se fecha novamente, mas não antes que eu possa ouvir, da cozinha, com total clareza:

— Quem foi? Quem a infectou?

Dessa vez obrigo-me a sentar, apesar da dor que me apunhala na cabeça e no pescoço e da terrível sensação de desequilíbrio que acompanha cada um de meus movimentos. Tento me levantar, mas descubro que minhas pernas não me sustentam. Em vez disso, vou ao chão e engatinho até a porta. Mesmo apoiada nas mãos e nos joelhos, o esforço é exaustivo, e deito no chão, tremendo, enquanto o quarto continua balançando para a frente e para trás, como uma diabólica gangorra.

Felizmente, com a cabeça no chão é mais fácil escutar a conversa no andar de baixo, e ouço minha tia dizendo:

— Vocês devem pelo menos ter visto quem era.

Nunca a ouvi tão histérica.

— Não se preocupe — diz o regulador. — Vamos encontrá-lo.

Isso, pelo menos, é um alívio. Alex deve ter escapado. Se os reguladores tivessem alguma noção de quem estava comigo na rua — se sequer suspeitassem —, já estaria preso. Rezo em silêncio, agradecendo por Alex ter conseguido o milagre de se salvar.

— Não fazíamos ideia — diz Carol, ainda com a voz trêmula, desesperada, tão diferente de seu tom comedido de sempre. E agora entendo: ela não está simplesmente histérica. Está apavorada. — Você precisa acreditar que não fazíamos ideia de que ela havia sido infectada. Não houve sinais. O apetite era o mesmo. Ela saía para trabalhar na hora certa. Não teve mudanças de humor...

— Provavelmente, estava fazendo o possível para esconder os sinais — interrompe o regulador. — Os infectados muitas vezes agem assim.

Quase ouço o desgosto em sua voz quando pronuncia a palavra *infectados*, como se na verdade estivesse dizendo *barata* ou *terrorista*.

— O que fazemos agora?

A voz de Carol está mais fraca agora. Ela e o regulador devem estar indo para a sala.

— Estamos enviando chamadas o mais rápido possível — responde ele. — Com alguma sorte, antes do fim da semana...

As vozes se tornam indecifráveis, um murmúrio baixo. Apoio a testa na porta por um minuto, concentrando-me em inspirar e expirar, em respirar apesar da dor. Então, eu me levanto com cuidado. A tontura ainda é intensa, e preciso me apoiar na parede assim que levanto, tentando analisar minhas opções. Preciso descobrir o que aconteceu exatamente. Preciso saber há quanto tempo os reguladores vigiavam a casa da rua Brooks e preciso ter certeza absoluta de que Alex está seguro.

Preciso falar com Hana. Ela vai me ajudar. Ela vai saber o que fazer. Puxo a maçaneta da porta antes de perceber que ela foi trancada pelo lado de fora.

Claro. Sou uma prisioneira agora.

Enquanto estou ali, com a mão na maçaneta, ela começa a mexer e rodar. Viro o mais rápido possível e mergulho de volta na cama — até *isso* machuca — no mesmo instante em que a porta se abre e Jenny entra.

Não fecho os olhos rápido o bastante. Ela grita para o corredor:

— Ela está acordada.

Jenny segura um copo de água, mas parece relutante em entrar no quarto. Fica na porta, olhando para mim.

Não quero falar com Jenny, mas estou absolutamente desesperada para beber água. Minha garganta arde como se eu tivesse engolido uma lixa.

— É para mim? — digo, gesticulando para o copo. Minha voz está rouca.

Jenny faz que sim com a cabeça, com os lábios tensos em uma linha branca e fina. Pela primeira vez ela não tem nada a dizer. Avança de repente, coloca o copo na mesinha ao lado da cama e sai tão rapidamente quanto entrou.

— Tia Carol disse que ajudaria.

— Ajudaria o quê?

Bebo um gole longo e revigorante, e a queimação em minha garganta e em minha cabeça parece acalmar.

Jenny dá de ombros.

— A infecção, eu acho.

Isso explica por que ela está perto da porta e não quer se aproximar de mim. Estou doente, infectada, suja. Ela está com medo de pegar a doença.

— Sabe que você não vai ficar doente só por chegar perto, não é? — digo.

— Eu sei — responde ela rapidamente, na defensiva, mas permanece parada onde está, olhando-me com cautela.

Sinto-me absurdamente cansada.

— Que horas são? — pergunto.

— Duas e meia — responde ela.

Isso me surpreende. Relativamente pouco tempo se passou desde que fui encontrar Alex.

— Por quanto tempo eu dormi?

Ela dá de ombros novamente.

— Você estava inconsciente quando eles a trouxeram para casa — diz ela, tranquilamente, como se isso fosse um acontecimento natural da vida ou algo que *eu* fiz, e não culpa de um bando de reguladores que marretaram minha cabeça. Essa é a ironia. Ela está me olhando como se eu fosse a louca, a perigosa. Enquanto isso, o cara lá embaixo que quase fraturou meu crânio e espalhou meu cérebro no chão é o herói.

Não aguento olhar para ela, então me viro para a parede.

— Onde está Grace?

— Lá embaixo — diz ela. Um pouco do tom resmungão normal volta à sua voz. — Tivemos que colocar sacos de dormir na sala.

É claro que querem manter Grace longe de mim: a jovem e impressionável Grace, cuidadosamente protegida da prima louca e doente. E eu me *sinto* doente, com ansiedade e desgosto. Penso em minha ideia de queimar a casa toda. Sorte de tia Carol eu não ter fósforos. Do contrário, talvez fizesse mesmo isso.

— Então, quem foi? — A voz de Jenny se transforma em um sussurro sinuoso, como uma cobrinha colocando a língua em minha orelha. — Quem a infectou?

— Jenny.

Viro a cabeça, surpresa por ouvir a voz de Rachel. Ela está na porta, observando-nos com uma expressão completamente indecifrável.

— Tia Carol precisa de você — diz ela para Jenny, que corre ansiosa para a porta, lançando um último olhar para mim, com uma expressão de medo e fascinação.

Fico imaginando se fiquei assim há tantos anos, quando Rachel contraiu *delíria* e precisou ser presa ao chão por quatro reguladores antes que conseguissem arrastá-la para os laboratórios.

Rachel caminha até a cama, olhando-me com a mesma expressão indecifrável.

— Como está se sentindo? — pergunta ela.

— Ótima — respondo sarcasticamente, mas ela só pisca para mim.

— Tome.

Ela coloca dois comprimidos brancos na mesa.

— O que são? Tranquilizantes?

Suas pálpebras tremem.

— Analgésico.

Um pouco de irritação invadiu sua voz, e fico satisfeita. Não gosto que ela esteja ali, serena e desapegada, avaliando-me como se eu fosse um bicho empalhado.

— Então... Carol ligou para você?

Estou pensando se devo confiar nela em relação ao analgésico, mas decido arriscar. Minha cabeça está me matando, e a esta altura não sei se um tranquilizante seria muito pior. Não tenho muito como tentar fugir nestas condições, mesmo. Engulo os dois comprimidos com um grande gole de água.

— Ligou. Eu vim na mesma hora. — Ela se senta na cama. — Eu estava dormindo, sabia?

— Desculpe o inconveniente, mas eu não pedi para ser abatida e arrastada até aqui.

Nunca falei assim com Rachel, e vejo que ela se surpreende. Ela esfrega a testa cansada e por um segundo vejo uma imagem da Rachel que eu conhecia — minha irmã mais velha, que me torturava com cócegas, fazia tranças em meu cabelo e reclamava porque eu sempre ganhava as maiores bolas de sorvete.

E então o vazio volta, como um véu. É incrível como sempre aceitei que a maioria dos curados parece passar pelo mundo como se estivesse envolvida em uma espessa capa de sono. Talvez porque eu também estivesse dormindo. Só quando Alex me acordou eu pude ver o mundo com clareza.

Por algum tempo, Rachel não diz nada. Eu também não tenho o que dizer, então simplesmente ficamos ali, sentadas. Fecho os olhos, esperando a dor começar a sumir, tentando identificar palavras no emaranhado de vozes lá embaixo, o som de passos e de exclamações abafadas e a televisão ligada na cozinha, mas não consigo identificar nenhuma conversa específica.

Finalmente, Rachel pergunta:

— O que aconteceu hoje, Lena?

Quando abro os olhos, vejo que ela está me encarando outra vez.

— Acha que vou contar para você?

Ela balança minimamente a cabeça.

— Sou sua irmã.

— Como se isso significasse algo para você.

Ela se encolhe um pouco, apenas uma fração de centímetro. Quando fala de novo, sua voz está dura.

— Quem era ele? Quem infectou você?

— Esta é a pergunta da noite, não é? — Rolo para longe dela, sentindo frio. — Se você veio para me interrogar, está perdendo seu tempo. É melhor voltar para casa.

— Vim porque estou preocupada — diz ela.

— Com o quê? Com a família? Com nossa reputação? — Continuo olhando para a parede, teimosa, puxando o cobertor fino até o pescoço. — Ou talvez esteja preocupada com a possibilidade de que todos pensem que você sabia? Talvez ache que será rotulada como uma simpatizante?

— Não seja difícil. — Ela suspira. — Estou preocupada com você. Eu me *importo*, Lena. Quero que fique segura, quero que seja *feliz*.

Viro a cabeça para olhar para ela, sentindo uma onda de raiva — e, mais profundo que isso, ódio. Odeio-a; odeio-a por ter mentido para mim. Odeio-a por fingir que se importa e por sequer usar esta palavra em minha presença.

— Você é uma mentirosa — disparo. E então: — Você sabia sobre nossa mãe.

Dessa vez o véu cai. Ela inclina o corpo para trás.

— Do que você está falando?

— Você sabia que ela não... que ela não tinha se matado. Sabia que eles a levaram.

Rachel estreita os olhos.

— Eu realmente não faço ideia do que você está falando, Lena.

E posso perceber, nesse instante, que, pelo menos quanto a isso, estou errada. Rachel não sabe. Nunca soube. Sinto-me inundada ao mesmo tempo de alívio e pesar.

— Rachel — digo, mais delicadamente. — Ela estava nas Criptas. Esteve presa nas Criptas o tempo todo.

Rachel me encara por um longo segundo, boquiaberta. Em seguida, levanta-se abruptamente, alisando a frente das calças como se estivesse limpando farelos invisíveis.

— Ouça, Lena... Você bateu a cabeça com muita força. — De novo, ela fala como se, de algum jeito, eu tivesse sido a responsável. — Está cansada. Está confusa.

Não a corrijo. Não adianta. É tarde demais para Rachel. Ela sempre existirá atrás de uma parede. Ela sempre estará dormindo.

— Você deve tentar dormir um pouco — diz ela. — Vou trazer mais água.

Ela pega o copo e vai para a porta, apagando a luz ao sair. Então, para por um instante, de costas para mim. A luz do corredor parece difusa em volta dela e esconde suas feições, transformando-a em uma sombra, uma silhueta.

— Sabe, Lena — diz ela, afinal, virando-se para mim —, as coisas vão melhorar. Sei que você está irritada. Sei que pensa que não entendemos. Mas eu *entendo*. — Ela fica em silêncio, olhando para o copo vazio. — Eu era como você. Eu lembro: esses sentimentos, essa raiva e paixão, a sensação de que não se pode viver sem isso e de que é preferível morrer. — Ela suspira. — Mas acredite em mim, Lena. É tudo parte da doença. É uma doença. Em alguns dias você vai ver. Isso tudo parecerá um sonho para você. Foi como um sonho para mim.

— E você está mais feliz agora? Está feliz por ter feito a intervenção? — pergunto.

Talvez ela interprete minha pergunta como um sinal de que estou ouvindo e

prestando atenção no que ela diz. De qualquer forma, Rachel sorri.

— Muito mais — responde ela.

— Então você não é como eu — sussurro, em tom feroz. — Não é nem um pouco como eu.

Rachel abre a boca para dizer algo, mas naquele instante Carol surge na porta. Seu rosto está vermelho e o cabelo está bagunçado em ângulos estranhos, mas, quando fala, ela soa calma.

— Está tudo bem — diz ela para Rachel, em voz baixa. — Tudo foi resolvido.

— Graças a Deus — diz Rachel. E, então, com um tom sombrio: — Mas ela não irá espontaneamente.

— E alguma vez eles vão? — Carol pergunta secamente. Em seguida, desaparece outra vez.

O tom de voz de Carol me assustou. Tento me levantar, apoiada nos cotovelos, mas meus braços parecem ter se transformado em gelatina.

— O que foi resolvido? — pergunto, surpresa ao perceber que minha voz soa arrastada.

Rachel me olha por um segundo.

— Eu falei... Queremos que você fique segura — diz ela, secamente.

— O que vocês resolveram? — O pânico está me preenchendo, agravado pelo peso que parece me dominar. Preciso lutar para manter os olhos abertos.

— Sua intervenção. — É a voz de Carol. Ela voltou ao quarto. — Conseguimos antecipá-la. Será domingo de manhã. Depois disso, esperamos, você vai ficar bem.

— Impossível. — Estou engasgando. Faltam menos de quarenta e oito horas para a manhã de domingo. Não há tempo para alertar Alex, não há tempo para planejar nossa fuga. Não há tempo para nada. — Não farei a intervenção. — A voz nem parece minha: é apenas um longo gemido.

— Um dia você vai entender — diz Carol. Tanto ela quanto Rachel estão vindo em minha direção, e então vejo que estão segurando, estendido entre si, um pedaço de corda de nylon. — Um dia você vai nos agradecer.

Tento me debater, mas meu corpo está impossivelmente pesado e minha visão começa a se turvar. Minha mente fica enevoada; o mundo se torna nebuloso. Penso: *Então ela* estava *mentindo em relação ao analgésico* — e depois penso: *Isso dói* quando algo afiado é cravado em meus pulsos. E depois não penso mais nada.

vinte e seis

eis o segredo mais profundo que ninguém conhece
(é a raiz da raiz e o botão do botão e o céu do céu
de uma árvore chamada vida; que cresce
mais alto que a alma pode esperar ou a mente esconder)
e essa é a maravilha que mantém as estrelas separadas

eu carrego seu coração (eu o carrego em meu coração)

— "eu carrego seu coração comigo (eu o carrego",
m poema de e.e. cummings
banido e listado na Compilação Abrangente
de Palavras e Ideias Perigosas,
www.capip.gov.org.

Quando acordo novamente, é porque alguém está repetindo meu nome. Enquanto me esforço para voltar à consciência, vejo mechas de cabelo louro, como uma auréola, e por um instante de confusão penso que talvez eu tenha morrido. Talvez os cientistas estivessem errados e o paraíso não seja apenas para os curados.

Então as feições de Hana entram em foco, e percebo que ela está inclinada acima de mim.

— Está acordada? — indaga ela. — Consegue me ouvir?

Eu gemo, e ela se afasta um pouco e expira.

— Graças a Deus — diz ela. Hana fala em um sussurro e parece assustada. — Você estava tão imóvel que por um instante pensei que você... que eles... — Ela para. — Como está se sentindo?

— Péssima — resmungo em voz alta e rouca, e Hana franze o rosto e olha por cima do ombro. Percebo uma sombra se movendo fora do quarto. Claro. A visita está sendo monitorada. Ou isso, ou alguém foi colocado em guarda permanente diante da porta. Provavelmente, ambos.

Minha dor de cabeça está um pouco melhor, pelo menos, apesar de agora haver uma dor aguda em meus ombros. Ainda estou muito grogue e tento me endireitar antes de me lembrar de Carol, Rachel e da corda de nylon e de perceber que meus braços estão esticados para o alto, presos à cabeceira da cama, como uma verdadeira prisioneira. A raiva volta em ondas, seguida de pânico ao lembrar o que Carol disse: minha intervenção foi antecipada para a manhã de domingo.

Viro a cabeça para um lado. A luz do sol entra através das persianas estreitas de

plástico, que foram abaixadas nas janelas, iluminando partículas de poeira no quarto.

— Que horas são? — Tento me sentar e solto um grito de dor quando a corda se enterra ainda mais em meus pulsos. — Que dia é hoje?

— Shhh... — Hana me empurra de volta na cama, segurando-me enquanto me debato. — Hoje é sábado. Três horas.

— Você não entende. — Cada palavra agride minha garganta. — Eles vão me levar para o laboratório amanhã. Anteciparam minha intervenção...

— Eu sei. Eles me disseram. — Hana está me encarando atentamente, como se tentasse me comunicar algo importante. — Eu vim assim que pude.

Mesmo o breve esforço me deixou exausta. Afundo nos travesseiros. Meu braço esquerdo está completamente dormente por ter passado a noite inteira levantado, e o torpor passa por mim, lançando calafrios por minhas entranhas. Não há esperança. Não há nenhuma esperança. Perdi Alex para sempre.

— Como você soube? — pergunto a Hana.

— Todo mundo está falando disso. — Ela se levanta, anda até a bolsa e remexe um pouco até puxar uma garrafa de água. Então volta e se ajoelha perto da cama, colocando-se cara a cara comigo. — Beba isto — diz ela. — Fará com que se sinta melhor.

Ela precisa segurar a garrafa em minha boca como se eu fosse uma criança. É um pouco embaraçoso, mas já passei da fase de me importar.

A água alivia um pouco a queimação em minha garganta. Ela tem razão: de fato me sinto ligeiramente melhor.

— As pessoas sabem...? Estão falando...? — Passo a língua pelos lábios e lanço um olhar para trás de Hana. A sombra está ali; ao se mexer, identifico a ponta de um avental listrado vermelho e branco. Passo a falar em sussurro. — Estão dizendo quem...?

Hana diz, alto demais:

— Não seja teimosa, Lena. Eles vão descobrir quem infectou você mais cedo ou mais tarde. É melhor nos contar logo quem foi.

Esse discurso é para Carol, obviamente. Ao falar, Hana dá uma piscadela e balança a cabeça de leve. Então Alex *está* seguro. Talvez haja esperança, afinal.

Mexo a boca sem falar nada: *Alex*. Então aponto o queixo para ela, torcendo para que entenda que quero que vá encontrá-lo e conte o que aconteceu.

Seus olhos estremecem, e o pequeno sorriso desaparece dos lábios. Sei que ela está prestes a me dar uma notícia ruim. Ainda pronunciando as palavras em alto e bom som, diz:

— Não é apenas teimosia, Lena. É egoísmo. Se você contar para eles, talvez entendam que eu não tive nada a ver com isso. Não gosto de ser vigiada vinte e quatro horas por dia.

Meu coração se aperta: é claro que alguém está vigiando Hana. Devem suspeitar que ela esteja envolvida de alguma forma ou que, ao menos, tenha informações.

Talvez seja egoísmo, mas nem consigo sentir pena dela ou lamentar o problema que causei. Só consigo sentir uma decepção amarga. Ela não terá como falar com Alex sem

levar toda a força policial de Portland até ele. E se descobrirem que ele está se fazendo passar por curado e ajudando a resistência... Bem, duvido que se deem o trabalho de fazer um julgamento. Vão direto para a execução.

Hana deve ter visto o desespero em meu rosto.

— Sinto muito, Lena — diz ela, sussurrando agora. — Sabe que eu ajudaria, se pudesse.

— É, bem, não pode. — Assim que as palavras saem de minha boca, eu me arrependo. Hana está péssima, quase tão mal quanto eu estou me sentindo. Seus olhos estão inchados e o nariz, vermelho, como se ela tivesse chorado recentemente, e é óbvio que correu mesmo até aqui assim que soube. Está usando tênis, uma saia plissada e a blusa grande que costuma usar para dormir, como se tivesse vestido as primeiras roupas que encontrou no chão.

— Desculpe — digo, mais suavemente. — Sabe que eu não quis dizer isso.

— Tudo bem.

Ela sai da cama e começa a andar de um lado para o outro, como sempre faz quando está pensando. Por um segundo, uma pequena fração de segundo, quase desejo jamais ter conhecido Alex. Gostaria de voltar ao começo do verão, quando tudo era tão claro, simples e fácil, ou voltar ainda mais, para o final do outono, quando Hana e eu dávamos nossos pulos em volta do Governador e estudávamos para as provas de matemática no chão do quarto dela e os dias avançavam rumo à minha intervenção como peças de dominó caindo em fila.

O Governador. Onde Alex me viu pela primeira vez; onde deixou um bilhete para mim.

Então, de repente, tenho um ideia.

Esforço-me para manter um tom de voz casual.

— Então, o que aconteceu com Allison Doveney? — digo. — Não quis se despedir?

Hana se vira para me encarar. Allison Doveney era nosso código, o nome pelo qual chamávamos Alex sempre que precisávamos falar dele por telefone ou e-mail. Ela franze as sobrancelhas.

— Não consegui entrar em contato com ela — diz, cuidadosamente. O olhar em seu rosto diz *já expliquei isso*.

Ergo as sobrancelhas para ela, como se dissesse *confie em mim*.

— Seria bom vê-la antes da intervenção amanhã. — Torço para que Carol esteja escutando e interprete isso como um sinal de que já me conformei com os novos planos. — As coisas vão mudar depois da cura.

Hana dá de ombros e abre os braços. *O que quer que eu faça?*

Suspiro e, aparentemente, mudo de assunto.

— Você se lembra das aulas do Sr. Raider? No quinto ano? Como costumávamos passar bilhetinhos o dia inteiro?

— Lembro — diz Hana, cautelosamente.

Ela ainda parece confusa. Posso perceber que está começando a se preocupar que a

pancada em minha cabeça tenha afetado minha capacidade de pensar com clareza.

Suspiro de novo, de forma exagerada, como se apenas recordar todos os bons momentos que compartilhamos estivesse me deixando nostálgica.

— Lembra quando ele nos pegou e nos fez sentar em cantos opostos da sala? Então, sempre que queríamos falar algo, nós nos levantávamos para apontar o lápis e deixávamos um bilhetinho naquele vaso vazio no fundo da sala. — Forço uma risada. — Um dia, acho que apontei o lápis dezessete vezes. E ele nunca percebeu, nem uma vez.

Uma breve luz se acende nos olhos de Hana, e ela fica completamente parada e alerta, como um cervo tentando ouvir o som de predadores pouco antes de correr, e então ri e diz:

— Sim, eu me lembro. Pobre Sr. Raider. Tão sem noção.

Apesar do tom despreocupado, Hana se senta na cama de Grace, inclinando-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e me encarando com atenção. Agora sei que ela sabe o que *realmente* estou dizendo quando falo de Allison Doveney e das aulas do Sr. Raider: ela precisa entregar um bilhete a Alex.

Mudo de assunto outra vez.

— Lembra quando fizemos aquela corrida longa pela primeira vez? Depois, minha perna parecia gelatina. E a primeira vez em que corremos de West End até o Governador? E eu saltei e bati na mão dele como se estivéssemos comemorando.

Hana franze de leve os olhos para mim.

— Há anos nós abusamos dele — diz ela, cheia de cautela, e sei que não está entendendo muito bem o que quero dizer, não ainda.

Tomo cuidado para não permitir que a tensão e o entusiasmo invadam minha voz.

— Sabe, alguém me disse que ele segurava algo antes. Quer dizer, o Governador. Uma tocha, um pergaminho ou algo do tipo. Agora ele só tem aquele buraquinho na mão fechada. — Pronto: falei. Hana respira fundo, e sei que agora ela entendeu, mas, só para garantir, digo: — Você me faz um favor? Faz essa corrida para mim hoje? Uma última vez?

— Não seja melodramática, Lena. A cura atua em seu cérebro, e não em suas pernas. Você ainda poderá correr depois da intervenção.

Hana responde com desenvoltura, exatamente como deveria, mas está sorrindo agora, assentindo para mim. *Sim, eu faço. E escondo o bilhete lá.* A esperança pulsa por mim, um brilho cálido aliviando parte da dor.

— É, mas vai ser *diferente* — resmungo. O rosto de Carol aparece na porta por um momento, que está parcialmente aberta. Parece satisfeita. Deve achar que me conformei com a intervenção, afinal. — Além disso, algo pode dar errado.

— Nada vai dar errado. — Hana se levanta e me olha por um instante. — Eu prometo — diz ela, devagar, conferindo um peso a cada palavra — que tudo dará perfeitamente certo.

Meu coração para por um instante. Dessa vez *ela* está *me* passando uma mensagem, e

sei que não está falando da intervenção.

— É melhor eu ir embora — diz ela, andando até a porta, praticamente inquieta.

Percebo que, se o plano der certo — se Hana, de algum jeito, conseguir transmitir um recado a Alex e ele, de algum jeito, conseguir me tirar desta casa transformada em prisão —, esta será realmente a última vez em que verei Hana.

— Espere — chamo quando ela está quase na porta.

— O quê?

Hana se vira. Seus olhos estão brilhando; ela está animada, pronta para ir. Por um instante, parada sob a luz difusa do sol ainda passando pelas persianas, ela parece reluzir como se estivesse acesa por uma chama interna. E agora sei por que inventaram palavras para o amor, por que precisaram fazer isso: é o único modo que quase consegue descrever o que sinto nesse momento, um misto desconcertante de dor, prazer, medo e alegria, tudo correndo intensamente dentro de mim ao mesmo tempo.

— O quê? — Hana repete, impaciente, agitando-se um pouco no mesmo lugar. Sei que está ansiosa para sair e colocar o plano em ação. *Eu amo você*, penso, mas o que digo, engasgando um pouco, é:

— Boa corrida.

— Ah, vai ser — diz ela e, então, simplesmente desaparece.

vinte e sete

Aquele que tenta alcançar o sol pode cair.
Mas também pode voar.

— Antigo ditado, origem desconhecida, listado na
Compilação Abrangente de Palavras e Ideias Perigosas,
www.capip.gov.org.

Já vi o tempo se estender como círculos se expandindo na superfície da água; também já o vi correr tão acelerado e com tanta força que me deixou tonta. Mas até hoje nunca o vi fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Os minutos parecem inchar a meu redor e me sufocar com sua lentidão. Observo a luz se mover um centímetro de cada vez no teto. Luto contra a dor na cabeça e nas costas. A dormência se espalha do braço esquerdo para o direito. Uma mosca voeja pelo quarto, zumbindo e batendo nas persianas, sem parar, tentando sair. Ela acaba caindo, exausta, atingindo o chão com um minúsculo ruído.

Sinto muito, amiguinha. Sei como você está se sentindo.

Ao mesmo tempo, fico apavorada ao ver quantas horas se passaram desde a visita de Hana. Cada hora me aproxima da intervenção, de perder Alex, mas, mesmo enquanto cada minuto parece demorar uma hora, cada hora parece voar em um minuto. Gostaria que existisse algum jeito de saber se Hana conseguiu esconder um bilhete no Governador. E, mesmo que tenha conseguido, há somente uma chance mínima de que Alex pense em procurar notícias minhas ali — um fio de esperança, a ponta de uma ponta.

Mas ainda tenho esperança.

Nem pensei nos outros obstáculos para minha fuga — como o fato de que estou amarrada como um pedaço de salame ou o fato de que Carol, tio William, Rachel ou Jenny estão sempre estacionados na porta do quarto. Pode ser negação, teimosia ou loucura, mas preciso acreditar que Alex virá me salvar — como em um daqueles contos de fada que ele me contou quando voltamos da Selva, em que o príncipe resgata a princesa de uma torre isolada, derrotando dragões e combatendo florestas de espinhos venenosos só para chegar até ela.

No fim da tarde Rachel entra com um prato de sopa quente. Ela se senta em minha cama sem dizer nada.

— Mais analgésico? — pergunto em tom sarcástico, enquanto ela me oferece uma colherada.

— Está se sentindo melhor depois de dormir, não é? — retruca ela.

— Estaria me sentindo melhor se não estivesse amarrada.

— É para seu próprio bem — diz ela, fazendo outro gesto para minha boca com a

colher.

A última coisa que quero é a comida que Rachel me oferece, mas, se Alex vier me salvar (*quando; quando ele vier; tenho que acreditar*), precisarei ter forças. Além disso, se Carol e Rachel realmente acreditarem que desisti da ideia de resistir, talvez afrouxem as cordas ou parem de vigiar a porta do quarto, dando-me uma oportunidade para escapar.

Então, tomo um longo gole de sopa, forço um sorriso tenso e digo:

— Nada mal.

Rachel sorri para mim.

— Pode tomar o quanto quiser — diz ela. — Precisa estar bem para amanhã.

Amém, irmã, penso, e então esvazio o prato todo e peço para repetir.

Mais minutos: um longo arrastar, como um peso me puxando. Então, de repente, a luz no quarto assume a cor suave do mel, e depois o amarelado irregular da manteiga, e em seguida começa a desaparecer completamente das paredes, como água escoando pelo ralo. Não achei mesmo que Alex apareceria antes do anoitecer — isso teria sido suicídio —, mas, ainda assim, sinto uma dor latejante no peito. Quase não há mais tempo.

No jantar, há mais sopa, com pedaços de pão encharcado. Dessa vez é Carol quem traz a refeição enquanto Rachel fica na porta. Carol solta minhas mãos brevemente depois que imploro para que me deixe usar o banheiro, mas ela insiste em me acompanhar e em ficar ali enquanto uso o vaso, o que é mais do que humilhante. Minhas pernas não estão firmes, e a dor de cabeça piora quando me levanto. Há sulcos profundos em meus pulsos — a corda de nylon me marcou —, e meus braços são como pesos mortos, pendendo sem vida de meus ombros. Quando Carol tenta me prender novamente, considero resistir — apesar de ela ser mais alta que eu, com certeza sou mais forte —, mas penso melhor. A casa está cheia de gente, inclusive meu tio, e, até onde eu sei, pode haver ainda reguladores lá embaixo. Eles me prenderiam e me sedariam em poucos minutos, e não posso me dar o luxo de ser dopada outra vez. Preciso estar acordada e alerta esta noite. Se Alex não vier, precisarei bolar um plano meu.

Apenas uma coisa é certa: não farei a intervenção amanhã. Prefiro morrer.

Concentro-me então em deixar meus músculos o mais tensos possível enquanto Carol me amarra. Quando relaxo de novo, sobra um pequeno espaço, apenas uma fração de centímetro. Talvez o suficiente para que eu tenha chance de me livrar das algemas improvisadas. Mais boas notícias: à medida que o dia foi passando, todo mundo ficou mais relaxado com a guarda constante do quarto, exatamente como eu esperava. Rachel abandona o posto por cinco minutos para ir ao banheiro; Jenny passa quase todo o tempo explicando a Grace as regras de um jogo que ela inventou; Carol se ausenta durante meia hora para lavar a louça. Depois do jantar, tio William assume. Fico feliz. Ele trouxe um rádio portátil. Espero que cochile como sempre faz depois de comer.

E, então, talvez — apenas talvez — eu consiga sair daqui.

Às nove horas toda a luz do quarto já se apagou, e fico na escuridão, com sombras cobrindo as paredes como se fossem cortinas. A lua está grande e clara, entrando pelas

persianas e deixando tudo ligeiramente iluminado com um brilho prateado. Tio William continua na porta, ouvindo rádio em volume baixo, um ruído estático indecifrável. Barulhos passam pelo chão — água correndo na cozinha e no banheiro do andar de baixo, vozes murmurando e pés se arrastando —, as últimas tosses e balanços antes que a casa se cale para a noite, como uma pessoa em convulsão prestes a morrer. Jenny e Grace ainda não podem dormir no quarto comigo. Presumo que todos estejam se arrumando para dormir na sala.

Rachel entra uma última vez, trazendo um copo de água. É difícil perceber na escuridão, mas o líquido parece suspeitamente embaçado, como se tivesse algo dissolvido nele.

— Não estou com sede — digo.

— Só alguns goles.

— Sério, Rachel. Não estou com sede.

— Não seja difícil, Lena. — Ela senta na cama e força a água em meus lábios. — Você foi tão boa o dia inteiro.

Não tenho escolha senão tomar alguns goles — sentindo um gosto forte de remédio. Definitivamente, a água foi batizada com algo — mais remédios para dormir, sem dúvida. Mantenho a água na boca, recusando-me a engolir, e, assim que ela se levanta e se volta para a porta, viro a cabeça e solto a água no travesseiro e em meu cabelo. É um pouco nojento, mas é melhor que a alternativa. Meu travesseiro fica molhado, amenizando temporariamente a dor em meus ombros.

Rachel hesita na porta, como se estivesse tentando pensar em algo profundo para dizer. Mas só o que consegue é:

— Até amanhã.

Não se eu puder evitar, penso, mas não digo nada. Então, ela me deixa, fechando a porta ao sair.

E então fico na escuridão total, acompanhada apenas pelo passar das horas e pelos minutos correndo. Enquanto estou aqui, com nada para fazer além de pensar — a casa se acalma e se cala a meu redor —, o medo retorna, uma névoa terrível. Digo a mim mesma que ele precisa vir — *precisa* —, mas o relógio avança, aterrorizando-me, e a rua lá fora está silenciosa, exceto por um ou outro latido de cachorro.

Para impedir que minha mente circule infinitamente em torno da mesma pergunta (*Alex vem ou não?*), tento pensar em todas as maneiras de me matar a caminho do laboratório. Se houver algum trânsito na rua Congress, eu me atiro na frente de um dos caminhões. Ou talvez possa fugir até as docas. Não deve ser muito difícil se afogar, principalmente se eu ainda estiver com as mãos amarradas. Na pior das hipóteses, posso tentar chegar ao telhado dos laboratórios, como aquela menina de anos atrás, e mergulhar do céu como uma pedra, cortando as nuvens.

Penso na imagem que foi mostrada em todas as televisões naquele dia, o pequeno rastro de sangue, a estranha expressão de paz no rosto dela. Agora entendo. Parece doentio, mas elaborar esses planos faz eu me sentir melhor e afasta as terríveis ondas de

ansiedade e medo dentro de mim. Prefiro morrer em meus próprios termos a viver como eles. Prefiro morrer amando Alex a viver sem ele.

Por favor, Deus, faça com que ele venha me buscar.

Nunca mais pedirei nada.

Abrirei mão de qualquer coisa e de tudo o que tenho.

Apenas faça com que ele venha, por favor.

À meia-noite o medo de repente se transforma em desespero. Se ele não vier, preciso fugir sozinha.

Mexo as mãos nas algemas, tentando aumentar aquela fração de espaço. A corda corta profundamente minha pele, e preciso morder o lábio para não gritar no escuro. Não importa o quanto eu puxe, mexa e gire, a corda se recusa a ceder, mas continuo tentando, até sentir o suor escorrer por meu cabelo, e começo a me preocupar com a possibilidade de atrair alguém para o quarto se continuar me debatendo. Algo molhado desce por meu antebraço, e quando estico a cabeça para trás vejo uma linha espessa e escura de sangue riscando minha pele, como uma cobra preta horrível: toda essa luta abriu um talho em minha pele.

Lá fora, as ruas estão silenciosas como sempre e, naquele instante, sei que não há esperança: não conseguirei escapar sozinha. Acordarei amanhã, minha tia, Rachel e os reguladores me levarão até o centro da cidade, e minha única chance de escapar será o oceano ou o telhado dos laboratórios.

Penso nos olhos cor de mel de Alex, na suavidade de seu toque e em dormir com um toldo de estrelas em cima de nossa cabeça, como se elas estivessem ali só para nós. Agora, após tantos anos, entendo o que era a Frieza e de onde ela vinha — essa sensação de que tudo está perdido, e não vale nada, e não tem significado. Finalmente, o frio e o desespero ficam misericordiosos, caindo sobre mim como um véu escuro, e, milagre dos milagres, eu durmo.

* * *

Acordo algum tempo depois na escuridão arroxeada com a sensação de que há alguém no quarto e de que minhas amarras se afrouxaram um pouco. Por um segundo meu coração se agita e penso *Alex*, mas olho e vejo Gracie empoleirada na cabeceira da cama, soltando as cordas que me prendem ao apoio. Ela está puxando, forçando, e vez ou outra se inclinando para a frente para morder o nylon, parecendo um animal silencioso e diligente roendo uma cerca.

De repente, a corda estala e estou livre. A dor em meus ombros é agonizante; em meus braços, sinto milhares de alfinetadas. Mas, mesmo assim, naquele momento de liberdade, eu poderia gritar e pular de alegria. Deve ter sido como minha mãe se sentiu quando o primeiro fragmento de luz do sol penetrou a fissura em suas paredes de pedra.

Sento-me, esfregando os pulsos. Gracie fica apoiada na cabeceira, olhando para mim, e inclino-me para envolvê-la em um grande abraço. Ela está com cheiro de sabonete de maçã e um pouco de suor. Sua pele está quente, e não consigo pensar em como devia estar nervosa ao subir escondida para o quarto. Fico surpresa por quão magra e frágil ela está, tremendo levemente em meus braços.

Mas ela não é frágil — nem um pouco. Gracie é forte, percebo, talvez mais forte que qualquer um de nós. Acho que ela tem colocado em prática a própria versão da resistência há algum tempo, e perceber que ela é uma resistente nata me faz sorrir com o rosto no meio de seu cabelo. Ela vai ficar bem. Vai ficar mais do que bem.

Afasto-me um pouquinho para sussurrar em seu ouvido.

— Tio William ainda está lá fora?

Gracie confirma com um aceno e então põe as duas mãos no lado da cabeça, indicando que ele está dormindo.

Inclino-me para a frente outra vez.

— Tem algum regulador na casa?

Gracie confirma novamente, levantando dois dedos, e meu estômago se embrulha. Não apenas um regulador, mas dois.

Levanto-me, testando as pernas, que estão com cãibras após quase dois dias imobilizadas. Caminho nas pontas dos pés até a janela e abro as persianas o mais silenciosamente possível, consciente de que tio William está dormindo a apenas três metros de mim. O céu lá fora está roxo-escuro, cor de berinjela, e a rua está coberta por sombras, como se tivesse sido revestida de veludo. Tudo está parado e silencioso, mas no horizonte há um leve rubor, uma luz gradual: o amanhecer não está longe.

Abro a janela cuidadosamente, com um desejo repentino de sentir o cheiro do oceano. Lá está ele: o aroma de sal e maresia, um aroma misturado, em minha mente, à ideia de constante revolução, uma maré eterna. Então, sinto-me terrivelmente triste. Sei que não conseguirei encontrar Alex no meio desta cidade enorme e adormecida e não conseguirei chegar sozinha à fronteira. A melhor alternativa é tentar ir até os penhascos e caminhar para a água até que ela se feche sobre minha cabeça. Imagino se vai doer. Imagino se Alex estará pensando em mim.

Em algum lugar no meio da cidade um motor está funcionando, um rugido distante e grosseiro, como um animal ofegante. Em poucas horas o rubor da manhã afastará a escuridão, as formas se rearranjarão e as pessoas acordarão, bocejarão, farão café e se prepararão para o trabalho, tudo como sempre. A vida seguirá. Algo dói em meu âmago, algo antigo, profundo e mais forte do que palavras: o filamento que liga cada um de nós à raiz da existência, aquela coisa antiga se desenrolando, resistindo, agarrando-se desesperadamente, procurando um apoio, um modo de *ficar aqui, respirar, continuar*. Mas faço esse sentimento ir embora, faço-o se enrolar outra vez e me soltar.

Prefiro morrer do meu jeito a viver do seu.

O barulho do motor está mais alto agora, aproximando-se. E vejo uma motocicleta solitária, um pontinho escuro, subindo a rua. Por um segundo, paro, fascinada. Só vi

uma moto funcionando duas vezes e, apesar de tudo, acho linda — a maneira como ela costura pela rua, quase imperceptível, cortando o escuro como a cabeça negra lustrosa de uma lontra na água. E o motoqueiro, também, apenas uma forma escura nas costas do veículo como se fosse um líquido, uma sombra, curvado para a frente, apenas o topo da cabeça visível, aproximando-se, tomando forma em cada detalhe.

O topo da cabeça: como a cor das folhas no outono, queimando, queimando.

Alex.

Não consigo evitar: solto um pequeno grito de alegria.

Fora do quarto, ouço uma batida, como algo atingindo a parede. Ouço tio William murmurar:

— Droga!

Alex entra na via estreita que separa nossa casa — na verdade, só uma faixa de grama, uma árvore anêmica solitária e uma grade que bate na cintura — da casa vizinha. Aceno freneticamente para ele. Ele desliga o motor, levantando a cabeça para a casa. Ainda está muito escuro, então não sei se ele consegue me ver.

Arrisco chamar seu nome suavemente, para o quintal.

— Alex!

Ele vira a cabeça na direção de minha voz, com um sorriso se formando em seu rosto, abrindo os braços como se dissesse *Você sabia que eu viria, não é?*, e me lembro de como ele parecia na primeira vez em que o vi, na galeria no laboratório, todo brilho e luz, como uma estrela piscando na escuridão só para mim.

E, naquele segundo, estou tão preenchida de amor que é como se meu corpo se transformasse em um único feixe ardente de luz, subindo, subindo, subindo, para além do quarto, das paredes e da cidade: como se tudo tivesse ficado para trás, e Alex e eu estivéssemos sozinhos no ar, totalmente livres.

Então a porta do quarto se abre e William começa a berrar.

De repente, a casa se torna barulho e luz, passos e gritos. Tio William está na entrada, gritando para Carol, e é como em um daqueles filmes de terror, quando a fera adormecida acorda, mas, neste caso, a casa é a fera. Pés ressoam na escada — os reguladores, suponho — e, no fim do corredor, Carol sai rapidamente do quarto, com a camisola voando como uma capa e a boca aberta em um grito longo e indecifrável.

Empurro a tela com toda a minha força, mas ela está emperrada. Abaixo de mim, Alex também está gritando algo, mas não consigo entender com o ronco da motocicleta, que ganha vida outra vez.

— Parem ela! — Carol berra, e William volta à vida, voltando a se mexer, entrando no quarto. A dor queima meu ombro quando empurro a tela novamente e sinto-a dobrar para fora um pouco e depois resistir. Não dá tempo, não dá tempo, não dá tempo. A qualquer segundo William irá me agarrar, e será o fim.

Então, Gracie grita:

— Espere!

Todos congelam por um segundo. É a primeira e única vez em que Gracie falou

com eles em voz alta. William tropeça sozinho e encara a neta, boquiaberto. Carol para na entrada, e, atrás dela, Jenny esfrega os olhos como se estivesse convencida de que está sonhando. Até os reguladores — os dois — hesitam no alto da escada.

Aquele segundo é tudo de que preciso. Empurro mais uma vez a tela, que treme e sai, caindo na rua. E antes que eu possa pensar no que estou fazendo, ou na altura de dois andares até o chão, estou passando pela janela e soltando-a envolvida pelo ar como um abraço, então por um instante meu coração canta novamente e penso *Estou voando*.

Em seguida, atinjo o chão com tanta força que minhas pernas cedem e fico sem ar. Meu tornozelo esquerdo se torce e uma dor absurda passa por todo o meu corpo. Avanço engatinhando, rolando encostada à grade. Acima de mim, a gritaria começou de novo, e logo depois a porta da casa se abre de repente e dois homens aparecem na varanda.

— Lena!

É a voz de Alex. Levanto o olhar. Ele está inclinado sobre a grade, com a mão estendida. Ergo um braço e ele me pega pelo cotovelo, quase me arrastando por cima da grade; algumas pontas dela prendem minha camiseta, rasgando o tecido e ferindo minha pele. Não há tempo para ficar assustada. Na varanda, há uma explosão de estática. Um regulador está gritando no rádio. O outro está carregando uma arma. Estranhamente, em meio a todo o caos, penso em algo muito idiota: *Eu não sabia que reguladores podiam andar armados*.

— Vamos! — grita Alex.

Subo atrás dele na moto, abraçando-o firmemente na cintura.

A primeira bala ricocheteia na grade bem à nossa direta. A segunda atinge a calçada.

— Vai! — grito, e Alex arranca exatamente quando a terceira bala passa por nós, tão perto que posso sentir o ar vibrando.

Avançamos em disparada para o fim da via. Alex vira bruscamente para a direita, e alcançamos a rua tão inclinados que meu cabelo arrasta no asfalto. Meu estômago dá um salto enorme e penso *Está tudo acabado*, mas, por um milagre, a moto se ajeita e então aceleramos pela rua escura enquanto os gritos e o barulho dos tiros ficam para trás.

Mas o silêncio não dura. Ao virarmos na rua Congress ouço o barulho de sirenes, aumentando cada vez mais, um berro. Quero dizer para Alex ir mais rápido, mas meu coração está batendo tão forte que não consigo falar. Além disso, minha voz se perderia no vento que se agita à nossa volta, e sei que ele está indo o mais rápido que pode. Nos dois lados da rua as construções são um borrão cinzento e amorfo, como uma massa de metal derretido. A cidade nunca me pareceu tão alienígena, tão horrível e deformada. As sirenes são tão altas que o barulho é como uma lâmina fina, vibrando furiosamente através de mim. Luzes começam a piscar nos prédios à nossa volta à medida que as pessoas são acordadas. O horizonte tem um toque vermelho: o sol está nascendo, um tom enferrujado, cor de sangue velho, e sinto muito medo e agonia, uma sensação dilacerante pior que qualquer pesadelo que eu já tive.

Então, do nada, dois carros do pelotão se materializam no fim da rua, bloqueando

nosso avanço. Reguladores e policiais — dezenas deles, cabeças, braços e bocas berrantes — surgem pela rua. Vozes explodem, amplificadas e distorcidas por rádios e megafones.

— Parem! Parem! Parem ou atiramos!

— Segure-se! — Alex grita, e posso sentir seus músculos se contraindo.

No último segundo, ele vira o guidom para a esquerda e quase derrapamos para outro beco estreito, arranhando a parede de tijolos. Grito quando minha perna direita é espremida contra a parede. Minha canela fica ralada quando nos arrastamos durante vários segundos na fachada do prédio até Alex retomar o controle da moto e seguirmos adiante. Assim que saímos da rua, outras duas viaturas vêm correndo atrás de nós.

Estamos tão acelerados que meus braços tremem enquanto tento me segurar, e, naquele instante, tenho um momento de calma e de clareza ao perceber que jamais conseguiremos. Nós morreremos hoje à noite, fuzilados, esmagados ou explodidos em algum ato terrível de fogo e de metal retorcido, e quando nos enterrarem, estaremos tão derretidos e entrelaçados que não conseguirão separar nossos corpos; pedaços de Alex irão comigo e pedaços meus irão com ele. É estranho, mas esse pensamento nem me incomoda. Estou quase pronta para desistir, pronta para meu último suspiro, colada às costas dele, sentindo suas costelas e seu peito se moverem comigo pela última vez.

Mas Alex, obviamente, não está pronto para desistir. Ele corta pelo beco mais estreito que consegue encontrar, e dois dos carros que nos seguiam param de repente, esmagando um ao outro e bloqueando a entrada, forçando os outros carros a parar também. Buzinas disparam. O cheiro pungente de fumaça e de borracha queimada faz meus olhos lacrimejarem por um segundo, mas, então, seguimos em frente, avançando pela avenida Franklin.

Mais sirenes agora, ao longe: há reforços a caminho.

Mas a enseada aparece à nossa frente, estendendo-se — calma, lisa e cinza, como vidro ou metal. O céu arde em suas margens, um fogo crescente de tons cor-de-rosa e amarelo. Alex vira na via Marginal, e sinto meus dentes baterem enquanto passamos pelo asfalto velho e meu estômago subir e descer cada vez que passamos por mais um buraco. Estamos chegando perto. As sirenes gritam mais alto, como um enxame de vespas. Se conseguirmos chegar à fronteira antes que mais viaturas apareçam... Se, de algum jeito, passarmos pelos guardas e conseguirmos escalar a cerca...

Então, como um enorme inseto decolando, um helicóptero surge à nossa frente, lançando luzes em zigue-zague pela estrada escura, fazendo um barulho ensurdecedor com as hélices, fustigando o ar, açoitando-o.

Uma voz explode:

— Em nome do governo dos Estados Unidos da América, ordeno que parem e se rendam!

Blocos de mato alto clareado pelo sol surgem à nossa direita: chegamos à enseada. Alex faz a moto sair da estrada, para dentro do mato, e seguimos, meio acelerando, meio deslizando, pelo terreno pantanoso, fazendo uma diagonal em direção à fronteira. Lama

espirra em minha boca e nos olhos, fazendo-me engasgar, e tusso nas costas de Alex, sentindo-o inspirar junto a mim. O sol é um semicírculo agora, como uma pálpebra parcialmente aberta.

A ponte Tukey surge à nossa direita, preta, esquelética na escuridão parcial. À frente, as luzes nas guaritas ainda estão acesas. Mesmo ao longe, parecem pacíficas, como lanternas chinesas, como algo frágil e facilmente desmontável. Para além delas, a cerca; a borda das árvores, a segurança. Tão perto. Se ao menos tivéssemos tempo... Tempo...

Algo estoura; uma explosão na penumbra; a lama se ergue, formando um arco. Estão atirando outra vez, do helicóptero.

— Parem, desçam da moto e ponham as mãos na cabeça!

As viaturas chegaram à rua que contorna a enseada. Cada vez mais carros freiam, e policiais correm pelo mato em direção ao terreno pantanoso — centenas deles, mais do que jamais vi juntos, escuros e desumanos, como uma multidão de baratas.

Estamos novamente na faixa curta de grama que separa a água da velha estrada e das guaritas, passando em velocidade por um emaranhado de arbustos, sentindo o golpe dos galhos em minha pele.

E então, simplesmente, Alex para. Bato com força nele, mordendo a língua, e sinto gosto de sangue na boca. Acima de nós, a luz do helicóptero treme um pouco, tentando nos localizar, e então nos ilumina. Alex ergue os braços por cima da cabeça e salta da moto, virando-se para mim. Debaixo da sólida luz branca, sua expressão é indecifrável, como se naquele instante ele tivesse sido transformado em pedra.

— O que você está fazendo? — grito, em meio ao barulho das hélices, dos berros, das sirenes, e, embaixo de tudo isso, o constante e eterno resmungo da maré trazendo água de volta à enseada, sempre ali, sempre levando tudo embora, transformando tudo em poeira. — Ainda podemos conseguir.

— Escute. — Ele não parece estar gritando, mas, de algum jeito, ainda consigo ouvi-lo. É como se estivesse falando diretamente em meu ouvido, apesar de ainda estar ali, com os braços erguidos. — Quando eu disser para ir, você vai. Você precisa dirigir isso, tudo bem?

— O quê? Não posso...

— Cidadã 914-238-619-3216. Desça da moto e coloque as mãos na cabeça. Se não descer imediatamente, seremos forçados a atirar.

— Lena. — A maneira como ele diz meu nome me faz calar a boca. — Eletrificaram a cerca. Ela está ligada.

— Como você sabe?

— Apenas *escute*. — Desespero e pavor invadem a voz de Alex. — Quando eu disser para ir, você vai. E quando eu disser para pular, você pula. Você vai conseguir chegar até a cerca, mas terá apenas trinta segundos antes que a força volte, um minuto, no máximo. Precisará subir o mais rápido possível. E depois você corre, tudo bem?

Meu corpo inteiro gela.

— Eu? E você?

A expressão de Alex não muda.

— Estarei logo atrás de você — diz ele.

— Daremos dez segundos... nove... oito...

— Alex...

Sinto arrepios gelados subirem de minha barriga.

Alex sorri apenas por um segundo — a mais breve sugestão de sorriso, como se já estivéssemos salvos, como se ele estivesse se inclinando para afastar os cabelos de meus olhos ou beijar minha bochecha.

— Eu prometo que estarei logo atrás. — Sua expressão se enrijece novamente. — Mas você precisa jurar que não vai olhar para trás. Nem por um segundo. Jura?

— Seis... cinco...

— Alex, não posso...

— Jure, Lena.

— Três... dois...

— Tudo bem — digo, quase engasgando com as palavras. Lágrimas bloqueiam minha visão. Nenhuma chance. Não temos nenhuma chance. — Eu juro.

— Um.

Naquele segundo, explosões começam a acender à nossa volta, estrondos e fogo. Ao mesmo tempo, Alex grita:

— Vai!

Inclino-me para a frente e acelero, como o vi fazer. Sinto seus braços me envolverem no último segundo, tão fortes que poderiam me arrancar da moto se eu não estivesse segurando o guidom com tanta firmeza.

Mais tiros. Alex grita e solta um braço de minha cintura. Olho para trás e o vejo apertando o braço direito contra o peito. Subimos na estrada velha e há uma fila de guardas esperando para nos receber, apontando fuzis. Estão todos gritando, mas nem consigo ouvir: só escuto a velocidade do vento e o zumbido da eletricidade passando pela cerca, exatamente como Alex disse. Só vejo as árvores na Selva, surgindo verdes à luz da manhã, todas aquelas folhas largas e lisas, como mãos tentando nos alcançar.

Os guardas estão tão próximos que posso ver seus rostos, identificar suas expressões: dentes amarelados em um, uma verruga grande no nariz de outro. Mesmo assim, não paro. Passamos por eles com nossa moto e eles se espalham, caem para trás e pulam para não ser atropelados.

A cerca se ergue acima de nós: quatro metros, três metros, um metro e meio. Penso: *Vamos morrer.*

Então, a voz de Alex, clara, forte e incrivelmente calma — não sei ao certo se estou escutando-o ou se as palavras em meu ouvido são apenas minha imaginação. *Pule. Agora. Comigo.*

Solto o guidom e rolo para o lado enquanto a moto avança para a cerca. Sinto dor em todas as partes do corpo — meus ossos estão sendo arrancados dos músculos, meus músculos estão sendo arrancados da pele — enquanto bato em pedras afiadas, cuspindo

poeira, tossindo e lutando para respirar. Por um segundo o mundo inteiro fica preto.

E, então, tudo é cor, explosão e fogo. A moto atinge a cerca e uma explosão tremenda ecoa pelo ar. Fogo se lança para o alto, enormes línguas lambendo o céu que continua clareando. Por um instante a cerca produz um grito agudo e volta a silenciar, inerte. Sem dúvida, o impacto provocou um curto-circuito momentâneo.

É minha chance de subir, como Alex disse.

De algum jeito, encontro forças para me arrastar de joelhos até a cerca, arfando, vomitando poeira. Ouço gritos atrás de mim, mas tudo soa distante, como barulho embaixo d'água. Manco até a cerca e subo, centímetro por centímetro. Escalo o mais rápido possível, mas parece que estou me arrastando, progredindo muito pouco. Alex deve estar atrás de mim, pois o ouço gritar:

— Vá, Lena! Vá!

Concentro-me em sua voz: é o único som que me faz continuar. De algum jeito, milagrosamente, chego ao topo da cerca, passo pelos círculos de arame farpado como Alex me ensinou e me inclino para o outro lado, jogando-me da altura de seis metros, caindo com força na grama, quase inconsciente e incapaz de sentir mais dor. Faltam apenas alguns metros e serei sugada pela Selva; estarei além do escudo impenetrável de árvores entrelaçadas, vegetação e sombra. Espero Alex cair em seguida.

Mas ele não cai.

É quando faço o que jurei que não faria. De repente, toda a minha força voltou, motivada pelo pânico. Levanto-me, cambaleante, quando a cerca começa a zumbir outra vez.

E olho para trás.

Alex ainda está do outro lado, atrás de uma parede trêmula de fumaça e de fogo. Não se moveu um único centímetro desde que pulamos da moto; ele nem tentou.

Estranhamente, naquele momento penso no que eu disse há tantos meses, em minha primeira avaliação, quando me perguntaram sobre *Romeu e Julieta* e a única resposta em que consegui pensar foi *Lindo*. Eu quis explicar; quis falar algo sobre sacrifício.

A camiseta de Alex está vermelha, e por um segundo acho que é um truque de luz, mas então percebo que ele está ensopado, coberto de sangue: sangue fluindo de seu peito, como a cor que se ergue no céu trazendo mais um dia ao mundo. Atrás dele, vem aquele exército de homens, todos correndo em sua direção, com armas erguidas. Os guardas também estão vindo, cercando-o de ambos os lados, como se fossem rasgá-lo ao meio. O holofote do helicóptero está fixo em Alex. Ele está ali, branco, parado e imóvel sob o feixe de luz, e acho que nunca em toda a minha vida vi algo mais lindo do que ele.

Ele está me olhando através da fumaça, do outro lado da cerca. Não tira os olhos de mim. Seu cabelo é uma coroa de folhas, espinhos, chamas. Os olhos ardem com luz, mais luz do que todas as luzes de todas as cidades no mundo inteiro, mais luz do que poderíamos inventar se tivéssemos dez trilhões de anos.

E então ele abre a boca, formando uma última palavra.

A palavra é: *corra.*

Depois, aquele enxame de homens cai em cima dele. Ele é agarrado por braços e dentes vorazes e destruidores como um animal sendo atacado por abutres, encoberto por toda a escuridão.

* * *

Corro durante não sei quanto tempo. Horas, talvez, ou dias.

Alex me disse para correr. Então, corro.

Você precisa entender. Não sou ninguém especial. Sou apenas uma garota. Tenho um metro e cinquenta e oito e sou mediana em todos os aspectos.

Mas tenho um segredo. Você pode construir paredes até o céu, mas eu encontrarei uma maneira de voar por cima delas. Pode tentar me prender com cem mil braços, mas eu encontrarei um jeito de resistir. E há muitos de nós por aí, mais do que você imagina. Pessoas que se recusam a deixar de acreditar. Pessoas que se recusam a pôr os pés no chão. Pessoas que amam em um mundo sem muros, pessoas que amam em meio ao ódio, em meio à recusa, com esperança e sem medo.

Eu amo você. Lembre-se. Eles não podem tirar isso de nós.

agradecimentos

À minha editora maravilhosamente paciente e atenciosa, Rosemary Brosnan, que é parte mentora, parte chefe, parte terapeuta e inteira amiga.

A Elyse Marshall, assessora de imprensa extraordinária, pela imensidão de seu apoio.

Ao melhor agente no mundo, Stephen Barbara, por me aturar (não sei como você consegue).

A todos na Foundry Literary + Media, em particular Hannah Gordon e Stephanie Abou.

A Deirdre Fulton, por me deixar ficar um verão inteiro enquanto pesquisava para este livro.

A Arabica Coffee House em Portland, Maine, pelo café e pela torrada deliciosos, e pela proliferação de suas tomadas.

A Allison Jones, por seu entusiasmo, defesa e carinho em geral, e por vender pessoalmente *Antes que eu vá* para cada um dos habitantes de Williamsburg, Virgínia.

À minha tia Sandy, por anos de constante amor e apoio.

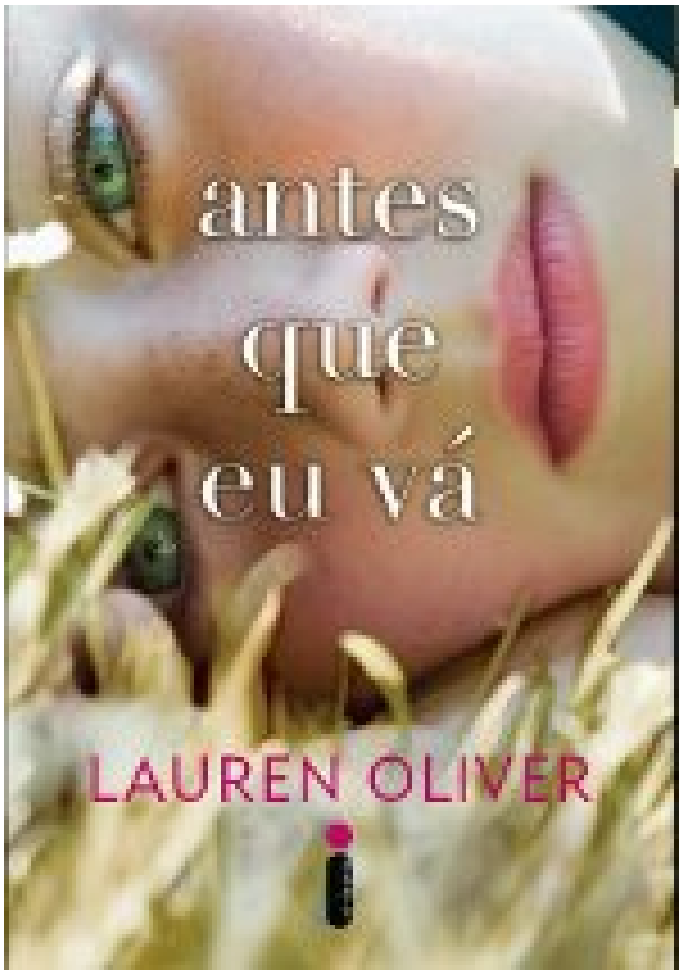
A todos os meus adoráveis amigos blogueiros, por fazerem com que meu trabalho valha a pena.

À minha família, como sempre, por me amar.

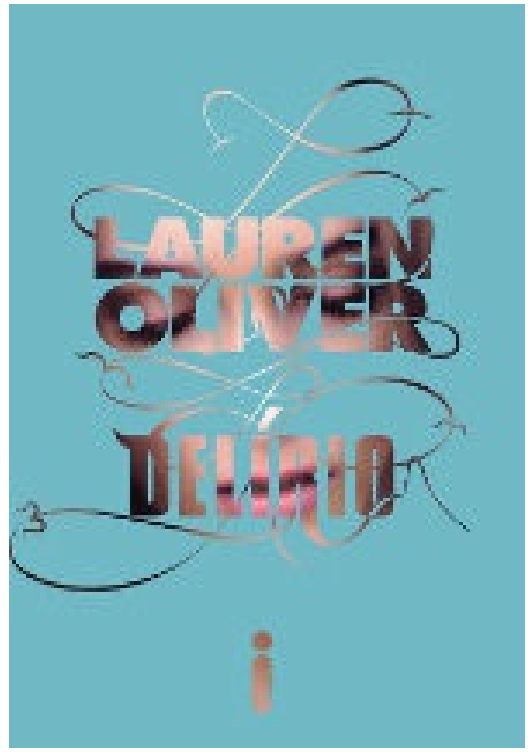
E a meus amigos, é claro, por serem como família.



LAUREN OLIVER foi assistente editorial numa grande editora nova-iorquina. Formada pela Universidade de Chicago e mestre em Fine Arts pela Universidade de Nova York, hoje se dedica integralmente a seus livros e a novos projetos editoriais — passa boa parte do tempo em trens, ônibus e aviões e escreve sem parar, no notebook ou em guardanapos. Vive no Brooklyn, que chama de "o lugar mais feliz da Terra", tem dez tatuagens, gosta de cozinhar, bebe café demais e sempre exagera no ketchup. Também é autora de *Antes que eu vá*.



Antes que eu vá



Delírio